

7

*ERA MONOGRÁFICA*

# Santa Vitória

(Campo Maior, Portalegre)

## O “Primeiro” Recinto de Fossos

António Carlos Valera  
Ana Catarina Basílio  
(Editores)

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA





# Santa Vitória

(Campo Maior, Portalegre)

O “Primeiro” Recinto de Fossos

António Carlos Valera

Ana Catarina Basílio

(Editores)

2023

**Título:** Santa Vitória (Campo Maior). O “primeiro” recinto de fossos.

**Série:** ERA MONOGRÁFICA

**Número:** 7

**Propriedade:** Era-Arqueologia S.A.

**Editor:** Núcleo de Investigação Arqueológica – NIA

**Local de Edição:** Lisboa

**Data de Edição:** 2023

**Capa:** foto de José Pedro Machado

**Contracapa:** fotografia de António Valera

**Participam neste volume:** Ana Catarina Basílio ([catarinasbasilio@gmail.com](mailto:catarinasbasilio@gmail.com), ICArEHB – U.Alg.), Ana Luísa Rodrigues ([alsr@ctn.tecnico.ulisboa.pt](mailto:alsr@ctn.tecnico.ulisboa.pt), C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), António Carlos Valera ([antoniovalera@era-arqueologia.pt](mailto:antoniovalera@era-arqueologia.pt), ERA Arqueologia; ICArEHB – U.Alg.), Dulce Russo ([dulcef@ctn.tecnico.ulisboa.pt](mailto:dulcef@ctn.tecnico.ulisboa.pt), C2TN/DECN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), Isabel Dias ([isadidas@ctn.tecnico.ulisboa.pt](mailto:isadidas@ctn.tecnico.ulisboa.pt), C2TN/DECN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), Katalin Gmélíng, M. ([gmeling.katalin@ek-cer.hu](mailto:gmeling.katalin@ek-cer.hu), Centre for Energy Research, Nuclear Analysis and Radiography Department, Budapest), Nelson Almeida ([nelsonjalmeida@gmail.com](mailto:nelsonjalmeida@gmail.com), Uniarq, Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; O Legado da Terra, Cooperativa de Responsabilidade Limitada), Pedro Braga (Era Arqueologia), Rosa Marques ([rmarques@ctn.tecnico.ulisboa.pt](mailto:rmarques@ctn.tecnico.ulisboa.pt), C2TN/DECN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), Tiago do Pereiro ([tiagopereiro@era-arqueologia.pt](mailto:tiagopereiro@era-arqueologia.pt), Era Arqueologia).

**ISBN:** 978-989-35314



## ÍNDICE

RESUMO / ABSTRACT	07
1. INTRODUÇÃO: RAZÕES PARA UM “REGRESSO” A SANTA VITÓRIA <i>António Carlos Valera</i>	09
<b>SANTA VITÓRIA E O PROEJECTO SANVIT</b>	
2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO <i>António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio</i>	17
3. O PROJECTO SANVIT E OS SEUS OBJECTIVOS <i>António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio</i>	21
<b>AS INTERVENÇÕES DE CAMPO</b>	
4. TRABALHOS DE LIMPEZA, DIAGNÓSTICO E MANUTENÇÃO <i>Pedro Braga, Ana Catarina Basílio, António Carlos Valera</i>	27
5. LEVANTAMENTO GEOFÍSICO POR MAGNETOMETRIA E A PLANTA DE SANTA VITÓRIA <i>Tiago do Pereiro, António Carlos Valera</i>	31

6. AS ESCAVAÇÕES REALIZADAS PELO PROJECTO SANVIT <i>António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio</i>	37
<b>ARTEFACTOS, FAUNAS E CRONOLOGIA</b>	
7. OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS DO RECINTO DE SANTA VITÓRIA: DINÂMICAS GERAIS E DISTRIBUIÇÕES CONTEXTUAIS DAS MATERIALIDADES <i>Ana Catarina Basílio, António Carlos Valera</i>	69
8. CARACTERIZAÇÃO COMPOSICIONAL DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO FOSSO 1 – RESULTADOS PRELIMINARES <i>Rosa Marques, Ana Luísa Rodrigues, Dulce Russo, Katalin Gméling M. Isabel Dias, António Valera, Ana Catarina Basílio</i>	89
9. OS DADOS ARQUEOFAUNÍSTICOS <i>Nelson Almeida</i>	97
10. CRONOLOGIA DOS RECINTOS DE SANTA VITÓRIA <i>Ana Catarina Basílio, António Carlos Valera</i>	123
<b>SANTA VITÓRIA NO CONTEXTO LOCAL E REGIONAL</b>	
11. CONTEXTUALIZANDO SANTA VITÓRIA: O LOCAL, O REGIONAL E... OS PERDIGÕES <i>António Carlos Valera, Ana Catarina Basílio</i>	129

## Resumo

A presente publicação monográfica apresenta os resultados do projecto “Santa Vitória. Temporalidades, Arquitecturas e Práticas Sociais num recinto de fossos – SANVIT” desenvolvido pela área de investigação (NIA) da Era Arqueologia, em parceria com a Câmara Municipal de Campo Maior e, numa fase inicial, com Direcção Regional de Cultura do Alentejo. São apresentados os objectivos do projecto, os quais foram orientados para uma caracterização das arquitecturas negativas do sítio e dos processos da sua colmatação, para a determinação dos níveis de interacção e para contextualização do sítio às escalas local e regional e sua comparação com as dinâmicas registadas num grande recinto de fossos como os Perdigões. A par procedeu-se a trabalho de diagnóstico, manutenção e definição de estratégias de conservação.

Os trabalhos decorreram entre 2018 e 2022, e tiveram um enquadramento geral na investigação que o NIA tem vindo a desenvolver sobre os recintos de fossos alentejanos, promovendo a reabilitação deste sítio, o primeiro recinto de fossos a ser identificado e escavado em Portugal, para o debate em torno da natureza, cronologia e papéis sociais deste tipo de contextos no âmbito da trajectória de complexificação social que decorreu entre meados do 4º e finais do 3º milénio a.C. no Sudoeste Peninsular.

## Abstract

This monographic publication presents the results of the project “Santa Vitória. Temporalities, Architectures and Social Practices in an enclosure of ditches – SANVIT” developed by the research area (NIA) of Era Arqueologia, in partnership with the Municipality of Campo Maior and, in an initial phase, the Direcção Regional de Cultura do Alentejo. The aim of the project is presented. It was oriented towards a characterization of the negative architectures of the site and the processes of their infilling, for the determination of the levels of interaction and for the contextualization of the site at the local and regional scales and its comparison with the recorded dynamics in a large ditched enclosure such as Perdigões. Alongside this, diagnostic and maintenance work was carried out and conservation strategies were defined.

The work took place between 2018 and 2022 and had a general framework in the research that the NIA has been developing on the Alentejo ditched enclosures. It aims to promote the rehabilitation of this site, the first ditch enclosure to be identified and excavated in Portugal, for the debate around the nature, chronology and social roles of these types of contexts within the trajectory of social complexity that took place between the middle of the 4th and the end of the 3rd millennium BC. in Iberian Southwest.



# 1

## INTRODUÇÃO: RAZÕES PARA UM “REGRESSO” A SANTA VITÓRIA.

António Carlos Valera

O conhecimento relativamente aos recintos de fossos da Pré-História Recente portuguesa tem sofrido um significativo incremento, constituindo-se mesmo como um dos aspectos mais revolucionários das últimas décadas, resultado de projectos de investigação (de que os Perdigões tem sido o expoente máximo) e de intervenções de minimização (Valera, 2012a; 2013a; 2015; Valera, Pereira, 2013; 2020).

Concentrando-se no interior alentejano (mas com pontuais ocorrências em todo o país), os recintos de fossos apresentam uma cronologia que vai desde meados do 4º ao final do 3º milénio a.C. (Valera, 2013b), ainda que a presença de fossos (não necessariamente de recintos) tenha sido pontualmente referenciada no Neolítico Antigo, enquadrando-se a grande maioria dos actualmente conhecidos entre o Neolítico Final e o Calcolítico Final / transição para a Idade do Bronze.

Fenómeno que não pode ser perspectivado como homogéneo, tem gerado um intenso debate sobre a natureza dos diferentes contextos, sendo por alguns autores designados como povoados (Morán, 2010; Grilo, 2007; Mataloto, Costeira, 2008; Rodrigues, 2015), enquanto outros argumentam em favor de outras interpretações, nomeadamente focando-se no seu desempenho enquanto centros de reunião e de gestão identitária e da ordem social e política (Márquez Romero, Jiménez Jáimez, 2010; Valera, 2013a; García Sanjuán, *et al.*, 2017), e onde se pode observar uma forte vinculação cosmogónica (Valera, 2008; 2013c; 2020a; Valera, Becker, 2011), concretamente numa orientação privilegiada de vários recintos, nas relações paisagísticas que estabelecem e nas práticas sociais que acolhem. Para tal muito tem concorrido a investigação desenvolvida pelo NIA-ERA na obtenção de plantas integrais, as quais têm vindo a documentar uma série de recorrências, quer de orientações a nascente e a eventos astronómicos concretos como os solstícios e equinócios, quer de desenhos arquitectónicos que evidenciam a componente simbólica, comunicacional e monumental de muitos destes recintos.

Um outro debate em aberto é o relativo à natureza dos preenchimentos das estruturas negativas, tanto no que respeita a fossos como a fossas, existindo abordagens que prestam particular atenção aos processos de colmatção destas estruturas, onde a acção antrópica intencional, ritualizada e significativa tem vindo a ser identificada em vários contextos.

Um terceiro aspecto que tem movido a investigação é da relação dos recintos de fossos com as práticas e contextos funerários. Para além da investigação desta temática nos Perdigões (Valera *et al.* 2014, 2020b; Evangelista, 2019), salientam-se as situações documentadas no Porto Torrão (Valera, 2010; Rodrigues, 2014), Alcalar (Morán, 2010) ou Bela Vista 5 (Valera, 2014), a par de várias outras conhecidas em diferentes áreas peninsulares. Esta relação tem vindo a ser documentada no interior dos próprios recintos (seja em estruturas especificamente funerárias, seja em fossos e fossas), na forma como estes se articulam com áreas de necrópole ou com monumentos espalhados na envolvente, construindo paisagens de forte carga simbólica (Valera, 2016).

Mais recentemente, a investigação realizada no Sul de Portugal sobre estes contextos tem-se centrado em questões relacionadas com a mobilidade humana e com a interacção, e de como estas variáveis se comportam nestes recintos e na definição da sua natureza, ou, em contrapartida, de como estes recintos conformam essas dinâmicas de movimentação de pessoas, animais e objectos (Valera, 2017; Valera *et al.*, 2020; Zalaite *et al.*, 2018).

Em suma, nas últimas décadas, as problemáticas em torno aos recintos de fossos constituíram-se como uma das temáticas de maior dinâmica da investigação da Pré-História Recente do actual território português, concretamente na sua metade meridional. Continuam a faltar, contudo, projectos de investigação programada orientados para esta temática. Se para um grande recinto como os Perdigões está a operar um programa de investigação consolidado, continuado e produtivo, para os pequenos recintos de curta duração o mesmo não se tem verificado. Uma investigação que permitisse a contrastação empírica com os grandes recintos e possibilitasse, através de abordagens biográficas, perceber a forma como estas distintas realidades se conformam e contribuem para uma mesma trajectória social, não tem sido desenvolvida (a investigação sobre sítios com fossos do Vale do Sorraia - Gonçalves *et al.*, 2021 - foca uma área já periférica à grande mancha de distribuição dos recintos alentejanos e, até ver, os sítios apresentam características muito específicas, algo diferenciadoras, tal como distintas são problemáticas que orientam os trabalhos). Foi, pois, para começar a ultrapassar esta insuficiência que este projecto foi delineado, procurando desenvolver um processo comparativo numa série de variáveis (arquitectura, temporalidade, preenchimento de estruturas negativas, interacção, mobilidade, práticas sociais presentes) entre o complexo de recintos dos Perdigões e o de Santa Vitória.

Amadurecida a ideia e estabelecido o objectivo, a escolha de Santa Vitória tornou-se óbvia por diferentes motivos. Primeiro por que Santa Vitória era um sítio classificado, “protegido” e propriedade pública, possibilitando o desenvolvimento da investigação sem os constrangimentos próprios de outras circunstâncias. Segundo, porque, tendo sido o primeiro recinto de fossos identificado em Portugal, já fora submetido a um processo de investigação nos anos 80 e 90 do século passado e alguma, pouca, informação estava disponível. Por último, a ligação da ERA Arqueologia a Campo Maior e a Santa Vitória. Nesta instituição, que liderou o projecto, estava um conjunto de arqueólogos que tinham precisamente iniciado a sua actividade em Campo Maior, colaborando nas escavações do Cabeço do Cubo e de Santa Vitória. Entre eles Miguel Lago que, conjuntamente com Ana Carvalho Dias, chegou a ser responsável por alguns dos trabalhos desenvolvidos neste recinto, sendo conhecedor do território e dos contextos intervencionados e das suas potencialidades, o que se revelava importante em face da falta de publicação dos trabalhos então desenvolvidos.

De facto, Santa Vitória foi submetido a um processo de investigação entre 1986 e 1994, ocorrendo ainda em 2005 uma intervenção de minimização de impactes que não revelou a presença de qualquer contexto arqueológico. A dinâmica de intervenções de campo no sítio, contudo, não foi acompanhada por uma diligência equivalente na publicação de resultados. Ainda hoje não há qualquer publicação específica sobre os contextos então escavados em Santa Vitória, estando apenas disponível uma tese de mestrado não publicada datada de 1996, a qual incide sobre a tipologia de um conjunto de materiais cerâmicos (Dias, 1996), sendo as descrições contextuais muito sumárias.

Apesar de Santa Vitória ser um sítio frequentemente referido entre a comunidade científica, existia um efectivo desconhecimento sobre os recintos, sobre os contextos intervencionados, sobre a sua natureza e mesmo sobre uma significativa parte da sua cultura material. Assim, o ultrapassar desta circunstância constituiu uma adicional motivação para o projecto.

Sabia-se da presença de pelo menos dois recintos definidos por fossos, dos quais apenas se conhecia a planta integral do interior (sinuosa, com um lobulado padronizado, que vinha sendo definida como uma característica própria de alguns recintos da bacia do Guadiana – Valera, 2012b), com uma única entrada orientada ao solstício de Verão, à imagem de outros recintos alentejanos (Valera, 2013c). Sobre o fosso exterior as informações eram praticamente inexistentes. Existiam relatos de que, relativamente ao fosso interior, os seus depósitos não estavam integralmente escavados e continham abundantes materiais arqueológicos, mas sem grande informação sobre essas mesmas materialidades (para além das cerâmicas). Dados sobre a natureza da formação destes contextos, nomeadamente sobre os processos de abertura do fosso e ritmos de colmatação também não estavam publicados. A própria cronologia não estava aclarada, não sendo conhecido com rigor o espectro cronológico abrangido pelo sítio (não existiam datações de radiocarbono publicadas). Apesar de tudo, era evidente que Santa Vitória tinha ainda um grande potencial por explorar, e que, sendo abordado no âmbito das actuais problemáticas investigadas neste tipo de contextos (e significativamente distintas das que presidiram aos trabalhos do século passado), poderia proporcionar relevante informação para a investigação dos recintos de fossos e das dinâmicas das sociedades neolíticas e calcolíticas em geral. Decidimos, assim, reactivar a investigação no sítio. Para tal contámos com a boa recepção da proposta por parte da entidade que o geria, a Direcção Regional de Cultura do Alentejo, e por parte da Câmara Municipal de Campo Maior.

Trata-se, contudo, e convém ter isto presente, de uma intervenção que partilhou das dificuldades que muitas outras enfrentam sempre que se volta a um sítio há muito intervencionado, pouco publicado e onde o acesso a informação é restrito. Assim, sobre os contextos anteriormente escavados apenas actuámos em termos de diagnóstico de conservação, manutenção e protecção de estruturas negativas. A informação mais específica a que tivemos acesso foi apenas a constante na tese de mestrado referida, a presente nos relatórios de escavação consultados na tutela e a representada na planta levantada pela ERA Arqueologia em 1998 para o então IPPC. Desta forma, o que aqui se reproduz são essencialmente as observações, os dados e as interpretações decorrentes dos trabalhos realizados no presente projecto, ainda que aqui e ali se utilize alguma da informação que conseguimos extrair da documentação consultada sobre as escavações antigas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**DIAS, A.C. (1996)** – *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Policopiado.

**EVANGELISTA, 2019**

Evangelista, L.S. (2019) – *Resting in peace or in pieces? Tomb 1 and the death management in the 3rd millennium BC at the Perdigões enclosure (Reguengos de Monsaraz, Portugal)*. Bar International Series 2955. Oxford. BAR Publishing.

**GARCÍA SANJUÁN et al., 2017**

García Sanjuán, L.; Scarre, C.; Wheatley, D. (2017) – The mega-site of Valencina de la Concepción (Seville, Spain): Debating settlement form, monumentality and aggregation in southern Iberian Copper Age Societies. *Journal of World Prehistory*. 30(3): 239–257.

**GRILLO, 2007**

Grilo, C. (2007) - O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja. *Vipasca*. II Série. 2: 95-106.

**GONÇALVES et al., 2021**

Gonçalves, V.; Sousa, A.C.; Texugo, A.; Pereira, A.R. (2021) – In the Sorraia river valley (Coruche, Portugal): settlement dynamics of ancient peasant societies on the left bank of the lower Tagus River (5500 to 1800 b.c.e.). *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. 31: 95-158.

**MÁRQUEZ ROMERO, JIMÉNEZ JÁIMEZ, 2010**

Márquez Romero, J.E e Jiménez Jáimez, V. (2010) – *Recintos de Fosos. Genealogía y significado de una tradición en la Prehistoria del suroeste de la Península Ibérica (IV-III milenios a.C.)*. Servicios de publicaciones de la Universidad de Málaga. Málaga.

**MATALOTO, COSTEIRA, 2008**

Mataloto, R.; Costeira, C. (2008) – O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(2): 5-27.

**MORÁN, 2010**

Morán, E. (2010) – O povoado calcolítico de Alcalar: organização do espaço e sequência ocupacional. V. Gonçalves, A.C. Sousa (Eds.), *Transformação e mudança no centro e sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.*. Cascais. CMC: 325-331.

**RODRIGUES, 2014**

Rodrigues, F. (2014) – Skeletons in the ditch: funerary activity in ditched enclosures of Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja). A.C. Valera (Ed.), *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices in Europe*. Oxford. British Archaeological Reports: 59-69.

**RODRIGUES, 2015**

Rodrigues, F. (2015) – *O sítio da Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora) e a emergência dos recintos de fossos no SW peninsular nos finais do 4º milénio A.N.E.*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Algarve. Policopiado.

**VALERA, 2008**

Valera, A.C. (2008) – Mapeando o Cosmos. Uma abordagem cognitiva aos recintos da Pré-História Recente. *Era Arqueologia*. 8: 112-127.

**VALERA, 2010**

Valera, A.C. (2010) – Gestão da morte no 3º milénio AC no Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): um primeiro contributo para a sua espacialidade. *Apointamentos de Arqueologia e Património*. 5: 57-62.

**VALERA, 2012a**

Valera, A.C. (2012a) – “Mind the gap”: Neolithic and Chalcolithic enclosures of South Portugal. Alex Gibson ed., *Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe*. BAR. International Series: 165-183.

**VALERA, 2012b**

Valera, A.C. (2012b) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Município de Almodôvar: 25-38.

**VALERA, 2013a**

Valera, A.C. (2013a) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Almadan*. Segunda Série, 18: 93-110.

**VALERA, 2013b**

Valera, A.C. (2013b) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. AAP: 335-343.

**VALERA, 2013c**

Valera, A.C. (2013c) – Breve apontamento sobre a dimensão cosmogónica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano. *Cadernos do Endovélico*. 1: 51-63.

**VALERA, 2014**

Valera, A.C. Coord. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Era Monográfica. 2. Lisboa. Nia-Era.

**VALERA, 2015**

Valera, A.C. (2015) – Social change in the late 3rd millennium BC in Portugal: The twilight of enclosures. H. Meller/R. Risch/R. Jung/H. W. Arz (eds.), *2200 BC – Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? 2200 BC – A climatic breakdown as a cause for the collapse of the old world?*. 7. Mitteldeutscher Archäologentag vom 23. Bis 26. Oktober 2014 in Halle (Saale). 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2013 in Halle (Saale). Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle 13,1–2 (Halle [Saale]).

**VALERA, 2016**

Valera, A.C. (2016) – Ditched enclosures and the ideologies of death in the Late Neolithic and Chalcolithic South Portugal. V. Ard, L. Pillot (Eds.), *Giants in the Landscape: monumentality and territories in the European Neolithic*. Proceedings of the XVII UISPP World Congress. Volume 3. Session A25d: 69-84.

**VALERA, 2017**

Valera, A.C. (2017) – The ‘Exogenous’ at Perdigões Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in Southwest Iberia. In: M. Bartlheim; P. Bueno Ramírez; M. Kunst, *Key resources and sociocultural developments in the Iberian Chalcolithic*, 201-224.

**VALERA, 2020a**

Valera, A.C. (2020a) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal. A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford. Oxbow: 239-250.

**VALERA, 2020b**

Valera, A.C. (Ed.) (2020) – *O Sepulcro 4 dos Perdigões. Um Tholos da segunda metade do 3º milénio AC.*, Perdigões Monográfica 2. Lisboa, NIA-ERA.

**VALERA, BECKER, 2011**

Valera, A.C. e Becker, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xanra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7:23-32.

**VALERA et al., 2014**

Valera, A.C.; Silva, A.M.; Cunha, C.; Evangelista, L.S. (2014) – Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). In A.C.Valera (ed) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*. Oxford: BAR International Series 2676, 37-57.

**VALERA, PEREIRO, 2013**

Valera, A.C.; Pereiro, T. do (2013) – Novos recintos de fossos no sul de Portugal: o Google Earth como ferramenta de prospecção sistemática. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. AAP: 345-350.

**VALERA, PEREIRO, 2020**

Valera, A.C.; Pereiro, T. do (2020). O recinto de fossos pré-Histórico de Borralhos (Serpa): aproximação à sua arquitectura através da prospecção geofísica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 17-28.

**ZALAITÉ et al., 2018**

Zalaite, I.; Maurer, A.F. ; Grimes, V. ; Silva, A.M. ; Ribeiro, S.; Santos J.F.; Dias, C.B.; Valera, A.C. (2018) – Diet and mobility of fauna from Late Neolithic–Chalcolithic site of Perdigões, Portugal. *Journal of Archaeological Science: Reports*, 19, p.674–685. doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.03.033



SANTA VITÓRIA  
E O  
PROJECTO SANVIT





# 2

## LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

António Carlos Valera  
Ana Catarina Basílio

O Recinto de Santa Vitória localiza-se administrativamente na freguesia de São João Baptista, no concelho de Campo Maior, distrito de Portalegre, junto à estrada Nacional 373 (km 10,6) que a partir de Campo Maior se dirige para Elvas. O marco geodésico de tipo bolembreano da Rede Geodésica Nacional existente no sítio arqueológico apresenta as seguintes coordenadas (sistema de referência PT-TM06/ETRS89): X: 90201.36, Y: -73222.12, Z: 313.56

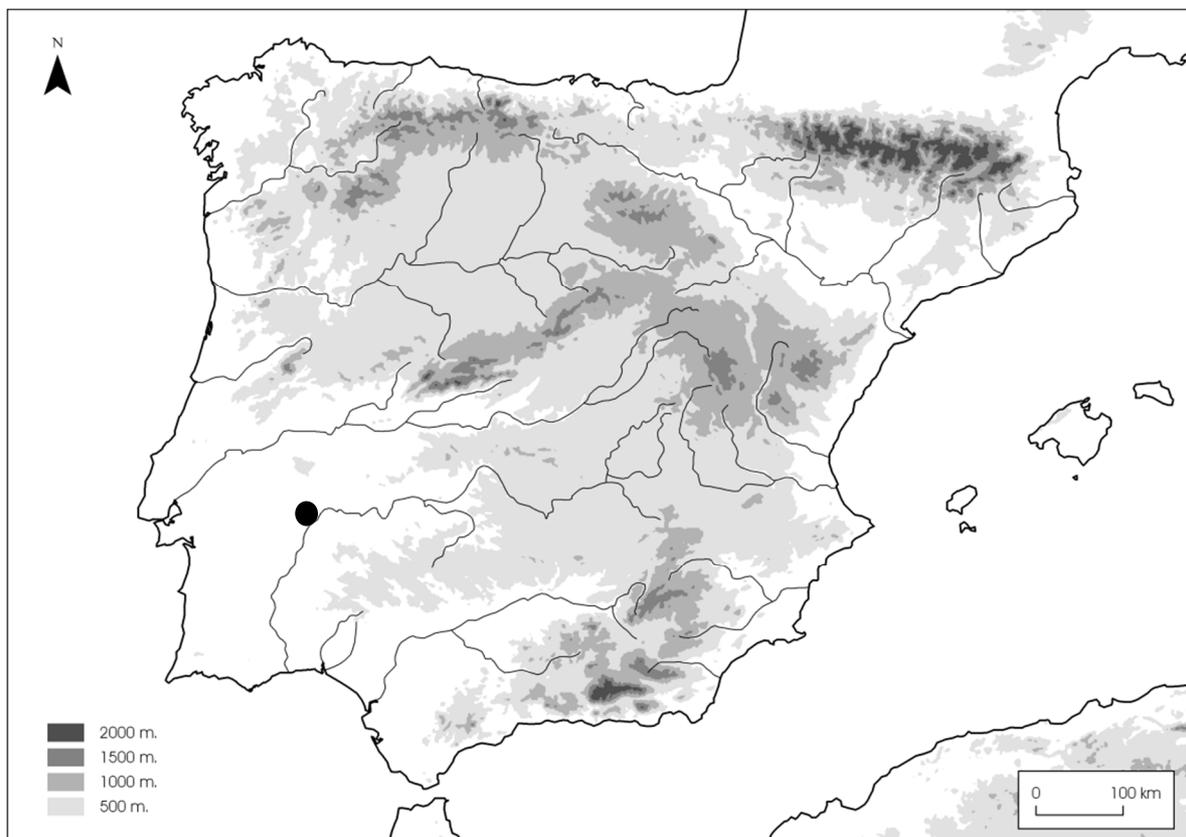


Figura 2.1 – Localização do Recinto de Santa Vitória na Península Ibérica.



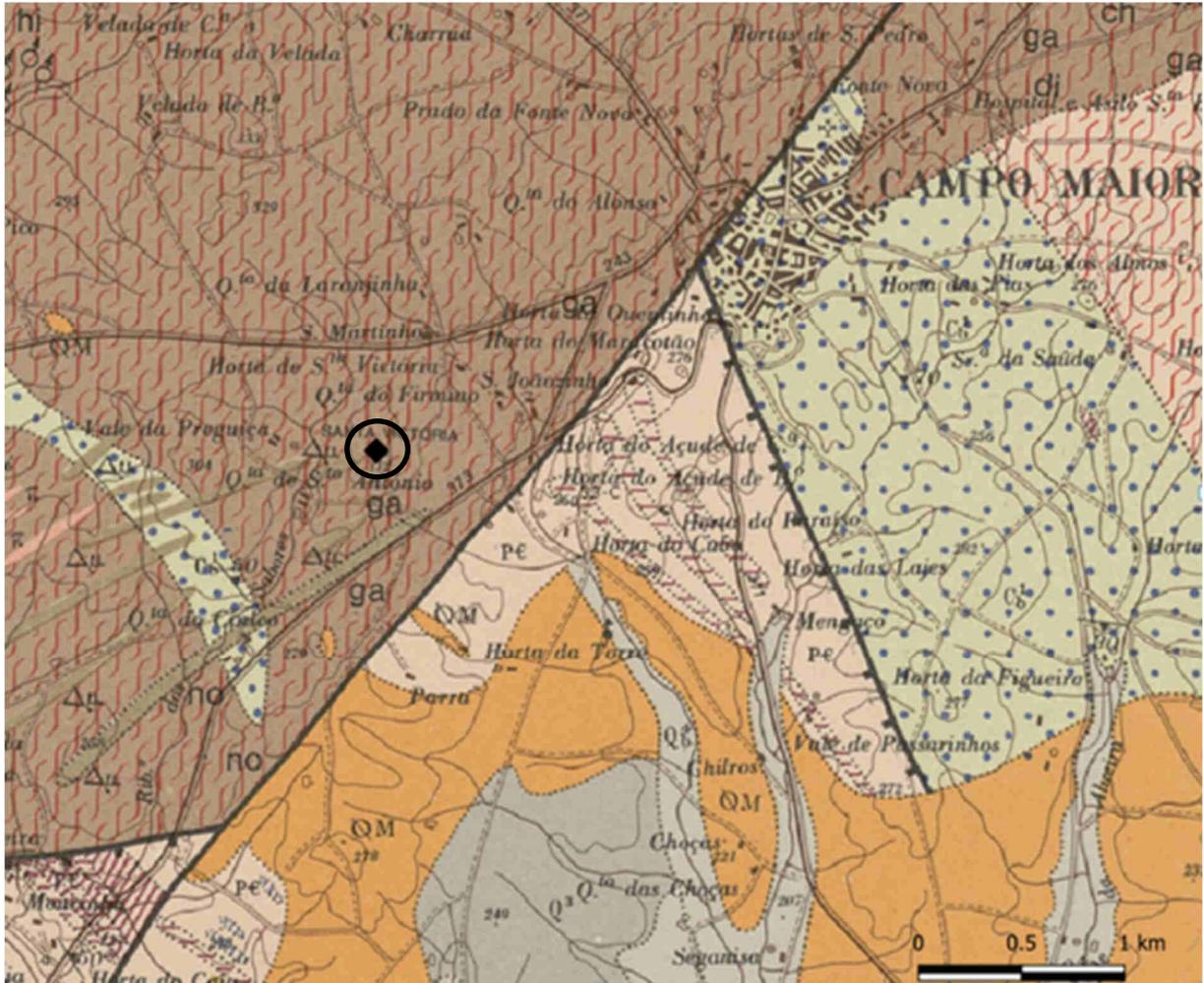


Figura 2.3 – Localização de Santa Vitória no contexto geológico local (Carta Geológica de Portugal, 1:50000, fl. 33C).

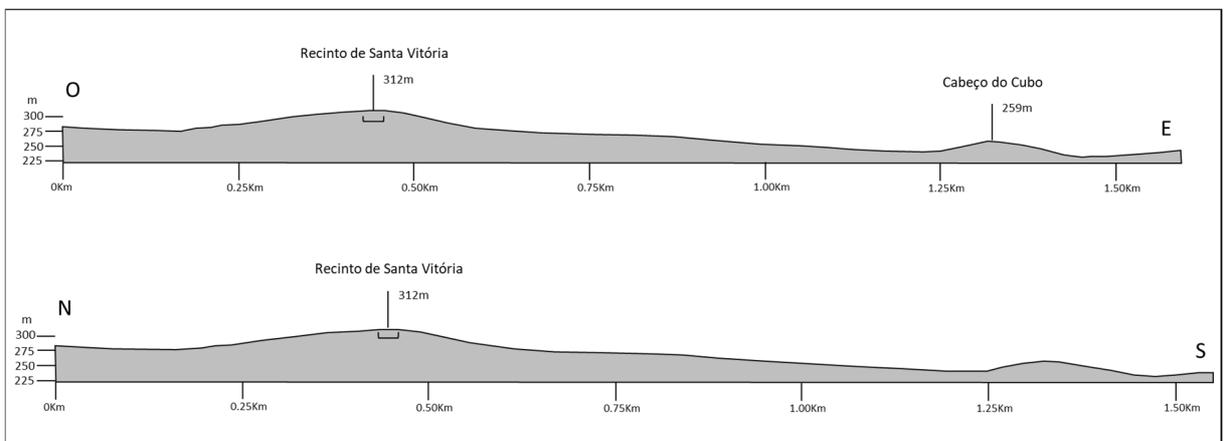


Figura 2.4 – Perfis topográficos da implantação do recinto de Santa Vitória.

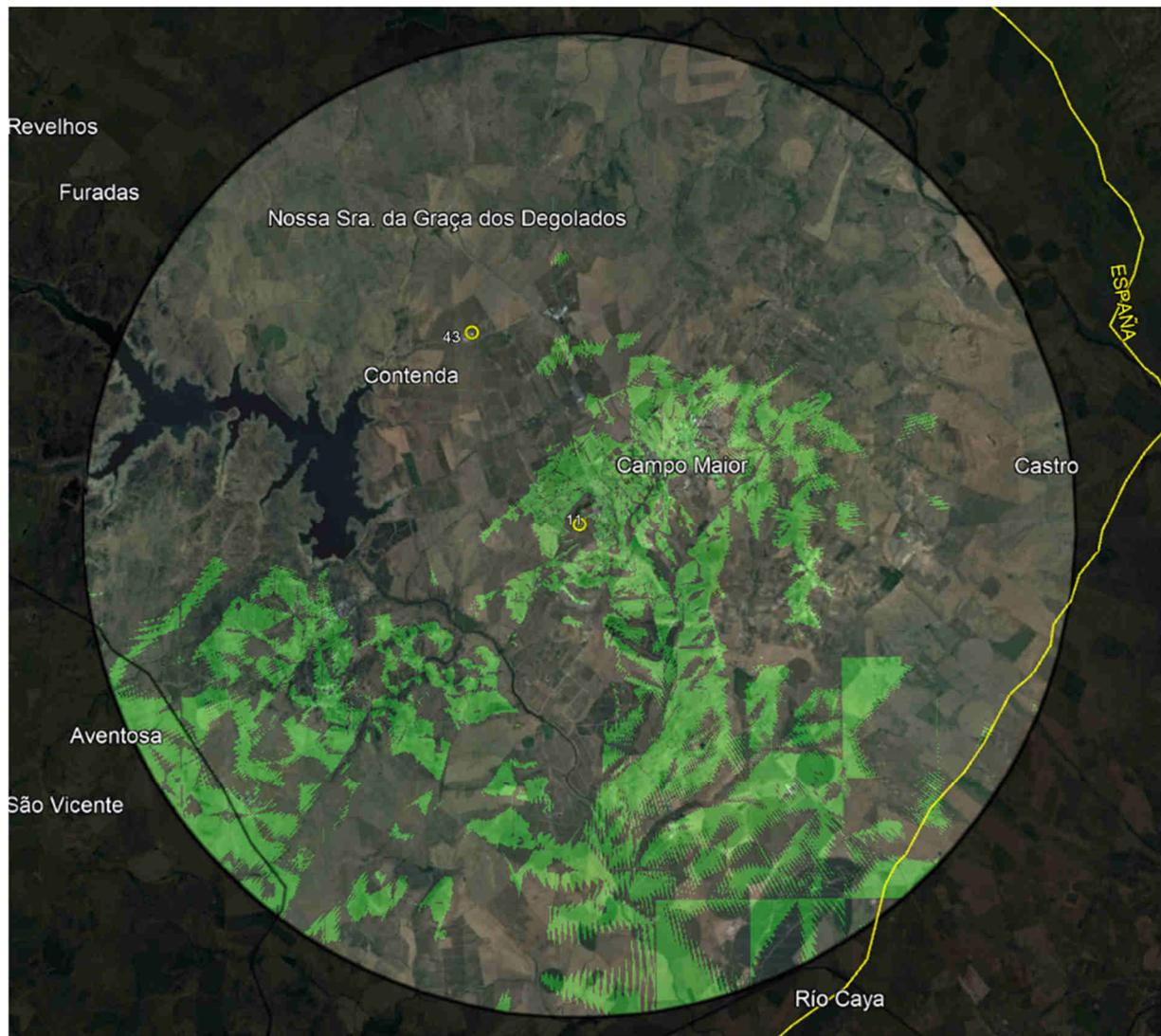


Figura 2.5 – Visibilidades a partir de Santa Vitória (11) a uma altura do solo de 4m determinadas no Google Earth (círculo com raio de 10km). Sublinhe-se a ausência de relação visual directa com o grande complexo de fossos do Monte da Contenda (43).

# 3

## O PROJECTO SANVIT E OS SEUS OBJECTIVOS

António Carlos Valera  
Ana Catarina Basílio

A presente monografia sintetiza o trabalho realizado no âmbito do projecto intitulado “Santa Vitória. Temporalidades, Arquitecturas e Práticas Sociais num recinto de fossos – SANVIT”. Trata-se de um projecto de investigação plurianual (PIPA) aprovado pela Direcção Geral do Património Cultural, com início a 1 de Junho de 2018 e conclusão a 31 de Maio de 2022. Foi desenvolvido pela ERA Arqueologia SA, no âmbito da sua área de investigação (NIA), e sob direcção de António Carlos Valera e Ana Catarina Basílio, tendo como parceiros a Direcção Geral de Cultura do Alentejo (há data de início entidade responsável pelo sítio) e a Câmara Municipal de Campo Maior.

Face à situação em que Santa Vitória e a sua investigação se encontravam à partida, o projecto visou a aplicação de um questionário científico que permitisse uma mais adequada caracterização do sítio e confrontar as dinâmicas sociais e as temporalidades de um pequeno recinto de fossos com as que têm vindo a ser registadas num grande complexo de recintos de fossos como os Perdigões. Pretendia-se obter informação sobre as suas arquitecturas, temporalidades e práticas sociais para que, por um lado, se pudesse caracterizar o sítio em função das actuais problemáticas que envolvem a investigação dos recintos de fossos (e que são substancialmente diferentes daquelas que presidiram aos trabalhos desenvolvidos no sítio no século passado) e, por outro, que permitisse a construção de um quadro comparativo para as dinâmicas diferenciadas que se observam nos grandes recintos de fossos. Procurou-se perceber como duas biografias aparentemente diferentes se enquadram dentro de um quadro de pressupostos partilhados, mas que se expressam de forma e com durabilidades distintas. Neste sentido, este projecto foi desenvolvido numa relação próxima com o projecto global de investigação dos Perdigões.

A investigação de duas décadas nos Perdigões tem permitido aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas e desempenhos sociais deste tipo de recintos de "longa duração". Contudo, não existem termos de comparação, por ausência de projectos de investigação programada com questionários adequados e orientados, com as dinâmicas de pequenos recintos, com expressões espaciais e temporais mais restritas, que permitam perceber os contrastes e interpretar-lhes e explicar-lhes as razões. Perceber as dinâmicas que geram estas disparidades de tamanho e duração, e muito provavelmente em muitas das práticas associadas a estes contextos, é uma das linhas prioritárias de investigação do fenómeno dos recintos de fossos no interior alentejano, já que o assunto nunca foi verdadeiramente investigado, antes tratado axiomáticamente com base em modelos hierarquizantes nunca empiricamente testados.

Santa Vitória apresentava-se como um sítio adequado a uma investigação com estes objectivos por razões de vária ordem. Por um lado, era um sítio com investigação prévia que permitia ter uma ideia seu potencial e realizar uma primeira estimativa das particularidades que o aproximavam e diferenciavam dos Perdigões. Por outro, era um sítio protegido, classificado e de propriedade pública que permitia o desenvolvimento de acções de investigação condicionadas pelos próprios ritmos da pesquisa e não por outros. Acresce que, sendo um sítio classificado e visitável, se encontra numa situação de algum abandono e em mau estado de apresentação pública, pelo que beneficiaria de um projecto de investigação que simultaneamente promovesse um diagnóstico do seu estado de conservação a par da reactivação do seu potencial científico. Este último ponto foi assumido como um dos importantes objectivos do projecto, procurando retirar o sítio do estado de letargia em que se encontra, conferindo-lhe um novo protagonismo junto da investigação dos recintos de fossos peninsulares (uma das mais dinâmicas linhas de investigação da Arqueologia Pré-Histórica Ibérica dos últimos anos) e junto do grande público.

O projecto assumiu, assim, os seguintes objectivos mais específicos:

- a) Procurar conhecer o desenho integral dos recintos de fossos presentes em Santa Vitória através da realização de prospecção geofísica com equipamento moderno e incorporando todo o conhecimento sobre este tipo de realidades que se tem obtido através desta abordagem em recintos alentejanos (e onde a equipa do projecto tinha já experiência ímpar em Portugal).
- b) Começar a construir um quadro cronológico que permita definir as temporalidades do sítio e das suas arquitecturas, procurando caracterizar o seu tempo global de vida e os seus ritmos internos.
- c) Caracterizar as práticas sociais que decorreram no interior e na periferia imediata dos recintos, nomeadamente ao nível dos processos arquitectónicos (como foram construídos os recintos e volumes de trabalho envolvidos), dos processos de colmatação das estruturas negativas (fossos e fossas), procurando discernir processos naturais de processos antrópicos e intencionais.
- d) Medir os níveis de interacção evidenciados pelo sítio, quer ao nível de materiais exógenos (identificados pela estilística e pelas matérias-primas), quer ao nível da mobilidade de animais e (se fosse caso disso) de humanos.
- e) Realizar a caracterização geral da cultura material, tanto por categorias artefactuais (que permite o acesso ao estilo e à tecnologia), como por agrupamentos contextuais (o que possibilita o acesso ao sentido. No âmbito deste objectivo procurou-se realizar, na medida do possível, uma compilação das informações originadas nas várias intervenções realizadas no sítio no século passado, e avaliar em que medida podem ser utilizadas nas respostas ao questionário que orienta o presente projecto (sendo de notar que não tivemos acesso a informação sobre essas intervenções para além da que conseguimos obter numa dissertação de mestrado sobre a cerâmica e nos relatórios de progresso consultados na tutela).
- f) Efectuar a contextulização na rede de povoamento e território, sobretudo no que poderia contribuir como elemento comparativo para a forma como os recintos dos Perdigões se articulam e relacionam com os elementos naturais e arquitecturas e lugares na construção de uma paisagem de sentido no vale da Ribeira de Vale do Álamo. Neste âmbito, particular atenção foi prestada às relações que pudessem ser descortinadas entre Santa Vitória e os vizinhos complexo de fossos do Monte da Contenda (Valera, *et al.*, 2015) e sítio do Cabeço do Cubo (Oliveira, Dias, 1982).

- g) Por último, uma tarefa que seria das primeiras a realizar, e que consistiu na avaliação do estado de conservação dos contextos anteriormente intervencionados e expostos aos elementos há mais de duas décadas, definindo um plano de intervenção para a sua conservação e protecção a entregar às entidades responsáveis.

Tabela 1 – Cronograma de concretização das tarefas do projecto.

Tarefas	2018	2019	2020	2021	2022
Limpeza e manutenção					
Avaliação de estado de Conservação					
Realização de geofísica					
Levantamento com drone					
Campanhas de escavação					
Estudos Arqueofaunísticos					
Estudos de Materiais Arqueológicos					
Estudos Arqueométricos					
Datações de radiocarbono					
Estudos isotópicos					
Amostragem para estudos micromorfológicos					
Acções de salvaguarda					
Integração contextual local					
Publicações / Congressos					
Divulgação pública					
Relatórios	Progresso	Progresso	Progresso	Progresso	Final

### 3.1 – A COMUNICAÇÃO AO LONGO DO PROJECTO

A par da concretização das acções conducentes à realização destes objectivos foi desenvolvido um plano de comunicação de resultados ao longo do projecto, o qual se traduziu na divulgação através das redes sociais (página do projecto: <https://www.facebook.com/SAVITAP.20>), de apresentações orais em reuniões científicas e em publicações preliminares de resultados.

Comunicações orais realizadas durante o projecto:

Basílio, A.C.; Valera, A.C. (2019) – Voltar a Santa Vitória com um novo olhar: interpretando os resultados das campanhas de 2018-2019. Comunicação apresentada ao workshop “Os recintos da Pré-História Recente: avanços no estudo das suas arquitecturas e especialidades”. Lisboa.

Valera, A.C.; Pereiro, T. (2019) – New images of Prehistoric ditched enclosures of Alentejo (South Portugal). Comunicação apresentada ao X Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Zafra.

Publicações realizadas durante o projecto:

Valera, A.C.; Basílio, A.C., Pereiro, T. do (2019) – O projecto SANVIT: um novo ciclo de investigação no recinto de Santa Vitória (campo maior). Os resultados da campanha de 2018. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 13: 9-18.

Almeida, N.; Basílio, A.C.; Valera, A.C. (2020) – The faunal record from Santa Vitória (Campo Maior): na initial appraisal based on the remains from 2018 and 2019 excavations. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 9-16.

Basílio, A.C.; Almeida, N.; Valera, A.C. (2021) – O recinto de fossos de Santa Vitória (Campo Maior): trabalhos de 2019 e 2020 (Projecto SANVIT). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 15: 9-27.

Valera, A.C.; Pereiro, T. (2022) – New images of Prehistoric ditched enclosures of Alentejo (South Portugal). *Actas do X Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Ayuntamiento de Zafra: 294-316.

### 3.2 – A EQUIPA DO PROJECTO

No projecto trabalhou um conjunto alargado de investigadores, com responsabilidades distribuídas pelas diferentes tarefas, assim como um conjunto de estudantes que participaram nos trabalhos de campo.

A responsabilidade da direcção do projecto foi de António Carlos Valera (Era Arqueologia / ICArHEB, Universidade do Algarve) e de Ana Catarina Basílio (ICArEHB, Universidade do Algarve). A realização da geofísica e interpretação do magnetograma foi da responsabilidade de Tiago do Pereiro (Era Arqueologia). A cargo de Nelson Almeida (UNIARQ, Universidade de Lisboa) ficou o estudo da fauna recolhida nas escavações do projecto, enquanto as análises isotópicas foram realizadas pelo laboratório Hércules da Universidade de Évora e Laboratório de Geologia Isotópica, respectivamente sob responsabilidade de Cristina Barroscas Dias e Anne-France Maurer no primeiro e José Francisco Santos e Sara Ribeiro no segundo. Ana Luísa Sebastião (C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa), Isabel Dias e Rosa Marques (C2TN/DECN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa) assumiram o estudo arqueométrico de cerâmicas e o diagnóstico de conservação foi realizado por Pedro Braga (Era Arqueologia). No trabalho de campo e tratamento de materiais colaboraram Juliana Ferraz (FLUP), Bruno Gambinhas (UE), Ricardo Arrimar (FLUP), Ethon Selby e Sarah Dalton (U. Bradford).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#### **VALERA, et al., 2015**

Valera, A.C.; Becker, H.; Costa, C. (2014) – Os recintos de fossos Pré-Históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21: 195-216.

#### **OLIVEIRA, DIAS, 1982**

OLIVEIRA, J.; DIAS, A. C. (1982) – Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo – Campo Maior. *Notícia da sua identificação*. *Clio*. 4: 137-142.

# AS INTERVENÇÕES DE CAMPO





# 4

## TRABALHOS DE LIMPEZA, DIAGNÓSTICO E MANUTENÇÃO

Pedro Braga  
Ana Catarina Basílio  
António Carlos Valera

Em estado de abandono há mais de duas décadas, o recinto de Santa Vitória apresentava-se, num estado deplorável no início do projecto, com grande parte da área coberta por giestas e silvas. As estruturas escavadas nas décadas de oitenta e noventa do século passado estavam expostas e não protegidas, com excepção de um pequeno troço do Fosso 2 e uma fossa (já tapada). Várias destas estruturas estavam preenchidas por vegetação e por lixo, nomeadamente a grande fossa 1, na qual se depositou entulho de material de construção, de electrodomésticos e o cadáver de animal. Na parte Este, à superfície, espalhavam-se centenas de restos de papel higiénico, embalagens de plástico, preservativos e até peças de roupa interior, reveladores da regular fruição deste local patrimonial.

A primeira tarefa passou, assim, por uma intensa desmatação (que foi manual na zona de implantação de estruturas e mecânica na área envolvente) e limpeza de superfície, a qual permitiu expor a totalidade da área e das estruturas anteriormente escavadas e proceder a um diagnóstico do estado de conservação das mesmas.



Figura 4.1 – Aspecto da situação inicial, com grande parte do sítio coberta por vegetação.



Figura 4.2 – O recinto de Santa Vitória antes e depois da limpeza inicial realizada em 2018.

Esse diagnóstico foi realizado pelo Departamento de Conservação e Restauro da ERA Arqueologia SA. E as suas principais conclusões foram as seguintes:

- Existências de estruturas negativas em parcialmente preenchidas por depósitos arqueológicos. Encontravam-se nesta situação os segmentos expostos do Fosso 2 e cerca de 2/3 do Fosso 1.
- Existência de estruturas negativas totalmente escavadas. Encontravam-se nesta situação cerca de 1/3 do Fosso 1 e as Fossas 1 a 17 e 19.
- Verificou-se que a natureza branda dos calços potenciou a sua erosão pelos agentes atmosféricos, como a chuva e o vento. A comparação das medidas longitudinais, realizadas em 2018 no Fosso 1 e algumas fossas, comparadas com as leituras obtidas no levantamento topográfico de 1998, revela perdas entre os 10 cm e os 30 cm nos casos mais graves. Quanto à superfície horizontal do afloramento esta encontrava-se revestida, em mais de 20 %, com um musgo fino. A sua erosão terá chagado até aos 3 cm, como se pôde observar no cimento que fixa as cavilhas que assinalam os vértices da quadrícula utilizada nas escavações, realizadas na década de 80 do século passado (Figura 4.3).
- A erosão das zonas não escavadas integralmente era muito menor quando comparada com as restantes estruturas já intervencionadas. A perda de material relacionou-se sobretudo com as estruturas deixadas em aberto, variando esta perda o nível de exposição do afloramento rochoso. O material erodido acumulou-se no interior dessas estruturas.



Figura 4.3 – Destacamentos nas paredes de estruturas negativas expostas (à esquerda); erosão superficial do substrato, visível no espaço sob os marcos de cimento da quadrícula dos anos 80 (à direita).

Em face da situação observada foi realizado um plano de conservação e restauro, o qual foi entregue ao Município de Campo Maior, e onde se estabeleciam as diretrizes técnicas para a realização futura desse trabalho. Contudo, ao longo do projecto, e durante as intervenções arqueológicas, foi sendo necessário realizar acções de manutenção através de desmatações mecânicas das áreas exteriores aos recintos e desmatações manuais nas estruturas e áreas internas dos recintos, uma vez que de um ano para o outro a vegetação voltava a crescer com intensidade.

Simultaneamente, nas campanhas de 2020 e 2021, procedeu-se à colmatação de várias das fossas escavadas no século XX com terra e coroamento por empedrados (permitindo a sua localização). Estas estruturas apresentavam um estado avançado de erosão e destacamento das paredes. Este preenchimento permitiu proteger estas estruturas até que eventuais decisões sobre trabalhos de conservação venham a ser tomadas no futuro. Foram sujeitas a este procedimento as fossas indicadas na Figura 4.5. As estruturas escavadas no âmbito do projecto foram protegidas com geotêxtil e terra.



Figura 4.4 – Aspecto final da colmatação das fossas que se encontravam em adiantado estado erosivo.

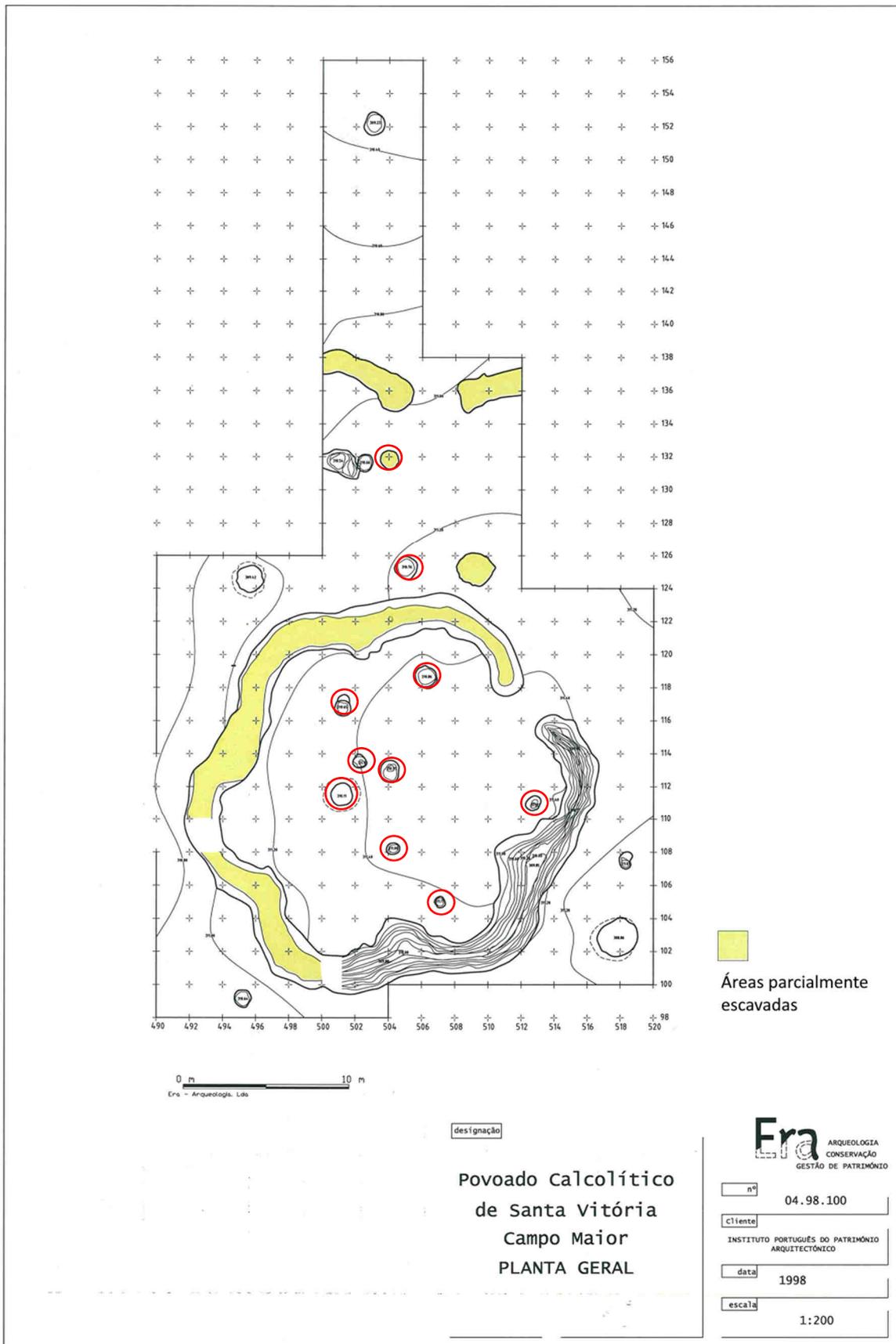


Figura 4.5 – Área e estruturas escavadas nas décadas de 80 e 90 do século XX. Levantamento realizado pela ERA Arqueologia em 1998 para o então Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – IPPC. A vermelho assinalam-se as fossas colmatas por razões de conservação.

# 5

## LEVANTAMENTO GEOFÍSICO POR MAGNETOMETRIA E A PLANTA DE SANTA VITÓRIA

Tiago do Pereira  
António Carlos Valera

Nas duas últimas décadas, a obtenção de plantas integrais ou parciais de recintos de fossos alentejanos tem-se revelado de extrema importância para a interpretação deste tipo de sítios, permitindo levantar uma série de linhas de inquérito e discutir aspectos centrais destas arquiteturas (Valera, Becker, 2011; Valera, Pereira, 2020; Valera 2012; 2013a; 2020). Trata-se de uma linha de investigação que tem vindo a ser paulatinamente desenvolvida pelo Núcleo de Investigação Arqueológica da ERA Arqueologia, sob responsabilidade de A.C. Valera e Tiago do Pereira. Neste âmbito, foram já realizados levantamentos geofísicos em quinze recintos de fossos do Alentejo, constituindo o maior *corpus* peninsular de magnetogramas para este tipo de sítio arqueológico e no qual se conta o obtido para Santa Vitória no âmbito do projecto SANVIT, já anteriormente publicado (Valera, *et al.*, 2019; Valera, Pereira, 2022). Os objectivos passavam por definir a planta do fosso externo, do qual se conhecia um pequeno troço com uma entrada do seu extremo Norte, e perceber se existiriam mais fossos e outras estruturas fora dos recintos.

### 5.1 – METODOLOGIA

Os trabalhos foram realizados com recurso ao magnetómetro Bartington 601/2, com dois sensores de 1m de comprimento separados por 1m. Cada um contém dois sensores verticais (axis fluxgate magnetometers) no topo e na base. Os detectores do topo rejeitam a larga escala do magnetismo atmosférico e isolem pequenas leituras causadas pelas anomalias arqueológicas, podendo identificar anomalias de 0.1nt (nano-tesla), considerando-se que o campo magnético terrestre normalmente apresenta leituras de 40,000nt (o.4 gauss), que podem variar durante o dia. Este equipamento permite detectar anomalias até cerca de 3m de profundidade (a média é 1m).

A recolha dos dados iniciou-se com a marcação no terreno de grelhas georreferenciadas, com quadrados de 30x30m. Estes quadrados foram divididos em 15 linhas de prospecção manual em modo zig-zag, permitindo a recolha de medidas a cada 0.125m com espaçamento entre linhas de 1m.

Os dados obtidos foram descarregados no final do levantamento e processados em software adequado (Geoplot 4.0). Nas tabelas 5.1 a 5.3 encontram-se descritos os principais passos de processamento, apresentação e interpretação utilizados.

Tabela 5.1 – Etapas seguidas no processamento de dados geofísicos.

Processamento de dados	
Zero Mean Transverse	Este processo define a média de fundo de cada linha dentro de cada quadrado para zero, eliminando efeitos de striping e descontinuidades de limites laterais no conjunto de dados.
Correção de Passo (Destagger)	Quando os dados do gradiómetro são recolhidos em forma de "zig-zag", por vezes ocorrem erros devido a uma pequena diferença no percurso das linhas. O resultado é um efeito escalonado que é particularmente perceptível em anomalias lineares. Este processo corrige esses erros.
Interpolação	Quando os dados geofísicos são apresentados numa escala de cinzentos, cada ponto de dados é representado como um pequeno quadrado. A confusão resultante pode, por vezes, ter uma aparência muito quadrangular. Este processo calcula e insere valores adicionais entre pontos de dados existentes. O processo pode ser realizado com pontos ao longo da linha (o eixo x) e / ou entre percursos (o eixo y) e resulta em uma imagem de escala de cinzentos mais suave.

Tabela 5.2 – Critérios de apresentação.

Apresentação	
XY Trace Plot	É uma representação dos dados em modo de linha gráfica em que cada linha sucessiva de dados é igualmente incrementada no eixo Y, para produzir um efeito de perfil empilhado. Esta exibição pode incorporar um algoritmo de remoção de linha oculta, que bloqueia as linhas atrás dos picos principais e pode ajudar à interpretação. A vantagem é permitir que toda a gama de dados seja visualizada e mostra a forma de anomalias individuais. O visor também pode ser modificado, alterando o ângulo de visão horizontal e o ângulo acima do plano.
Escala de Cinzentos	Este formato divide num determinado intervalo de leituras um número definido de classes. Cada classe é representada por uma tonalidade específica de cinza (intensidade do valor). Todos os valores acima do intervalo dado são alocados no mesmo tom (máxima intensidade), todos os valores abaixo do intervalo dado são representados pela Intensidade mínima.

Em certas circunstâncias podem ser atribuídas categorias de interpretações específicas a anomalias magnéticas (por exemplo, muro, fossa, fosso, etc.), sendo aplicadas quando apropriado.

Tabela 5.3 – Categorias específicas de interpretação de anomalias magnéticas.

Categorias de interpretação específicas	
Provável Arqueologia	Este termo é usado quando a forma, natureza e padrão da resposta é, claramente ou muito provavelmente, arqueológica. Essas anomalias, embora consideradas antrópicas, podem ser de qualquer cronologia.

Possível Arqueologia	Estas anomalias exibem uma força de sinal fraca e / ou uma definição fraca, ou padrões arqueológicos incompletos, reduzindo assim o nível de confiança na interpretação. Embora a interpretação arqueológica seja favorecida, pode ser o resultado de profundidade variável do solo, etc.
Industrial / Queimado	Fortes anomalias magnéticas que, devido à sua forma ou ao contexto em que são encontradas, sugerem a presença de fornos, lareiras, etc.
Limite de propriedade (provável/possível)	Estas anomalias correspondem a antigos limites de propriedades ou divisões de terrenos.
Agricultura	Anomalias lineares paralelas cujo espaçamento largo sugere cume e sulco para cultivo. Em alguns casos, a resposta pode ser o resultado de actividade agrícola.
Canais de Drenagem	Anomalias lineares debilmente magnéticas, muitas vezes aparecendo em série formando linhas paralelas.
Perturbação Magnética	Áreas amplas de anomalias dipolares fortes, comumente encontradas em materiais ferrosos ou queimados modernos (por exemplo, escombros de tijolos, tubagens, cabos).
Anomalias de Origem Incerta	Destacam-se da variação magnética de fundo sem forma e falta de padronização dando poucas pistas sobre a sua origem.

## 5.2 – OS RESULTADOS DA GEOFÍSICA

A prospecção abrangeu, de forma parcial, set quadrados de 30x30m em torno à área central do recinto interno, já exposta (Figura 5.1). Os resultados da prospecção foram fortemente perturbados pela existência de muito lixo, no-meadamente lixo metálico, que ao longo do tempo foi ficando integrado no terreno. Apesar da boa limpeza realizada à superfície, muito material metálico estava já enterrado, o que interferiu nos resultados, o mesmo acontecendo com a grande quantidade de pregos das quadrículas das escavações das décadas de oitenta e noventa do século passado, os quais ainda se encontram implantados no terreno.

Ainda assim, é possível perceber no magnetograma os contornos difusos de grande parte do Fosso 2, com excepção do quadrante sudeste, no qual a perturbação exercida pelo lixo e pelas escavações realizadas nas últimas décadas do século XX não permitem perceber a trajectória desta estrutura nesse ponto.

Apesar de difuso, é possível observar que o traçado do Fosso 2 é igualmente sinuoso, apresentando 10 lóbulos visíveis e sendo previsível a presença de 12, ou seja, do dobro dos apresentados pelo Fosso 1, relativamente ao qual se desenvolve de forma genericamente paralela, gerando uma planta global de tendência concêntrica. Os lóbulos apresentam-se com alguma regularidade no seu traçado, aproximando o desenho do traçado do fosso externo da presente no fosso externo.

Fora do Fosso 2 existem igualmente várias anomalias de tendência circular que corresponderão a possíveis estruturas de tipo fossa. Contudo, como se verá adiante (Capítulo 6), as sondagens realizadas em algumas dessas anomalias revelaram que, nesses casos concretos, não existiam estruturas arqueológicas, e que as anomalias se ficariam a dever a material magnético incorporado no solo de cobertura. Assim, a interpretação das inúmeras anomalias presentes no magnetograma terá que ser feita com cautela, assumindo que nem todas traduzem contextos arqueológicos.

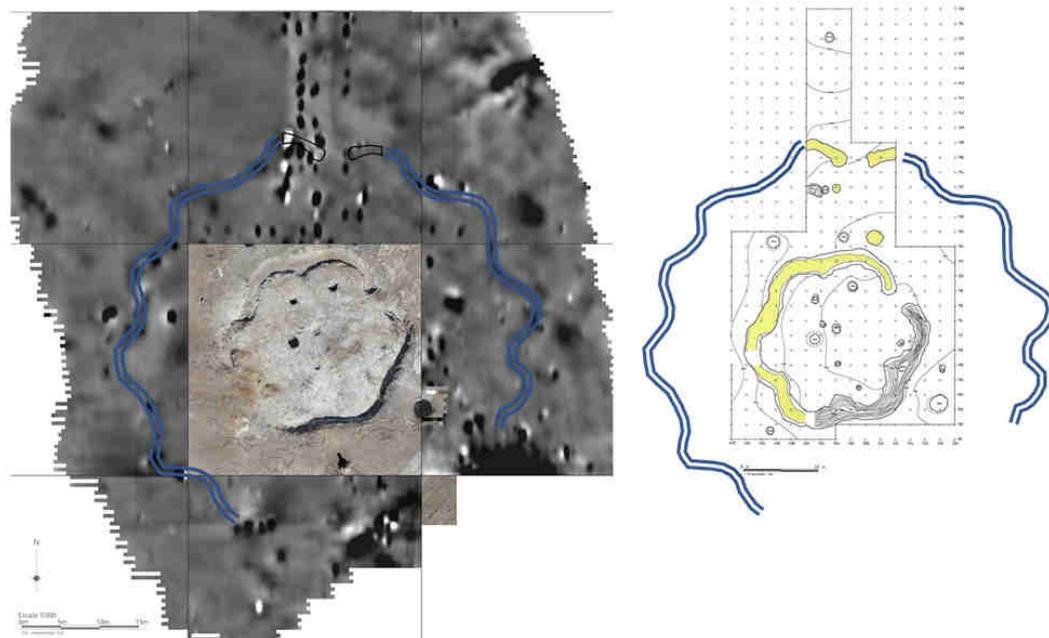
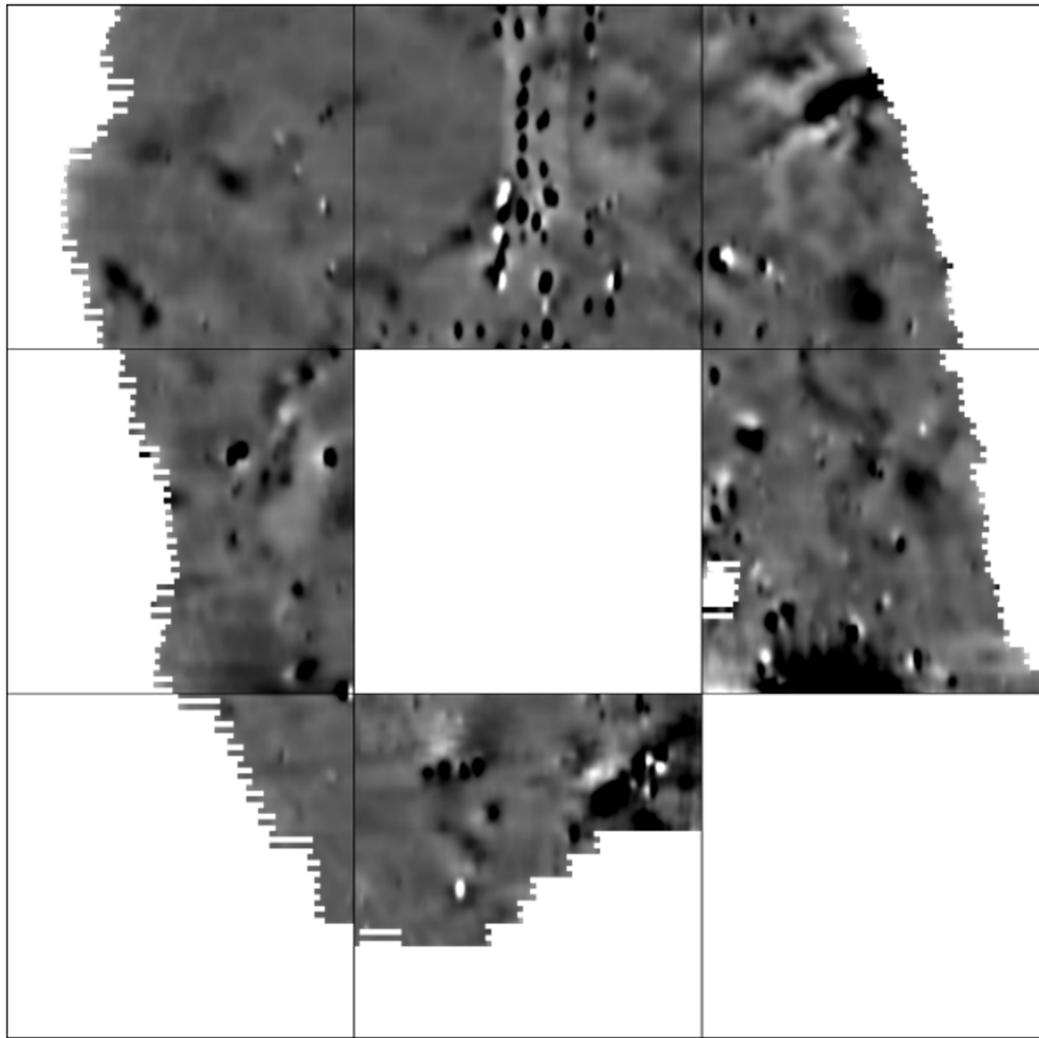


Figura 5.1 – Magnetograma e respectiva interpretação dos recintos de Santa Vitória.

### 5.3 – A PLANTA DE SANTA VITÓRIA

O recinto de Santa Vitória apresenta-se com uma planta composta por dois fossos circulares sinuosos de lóbulos bem padronizados em sequência, sem espaços entre si. O fosso interno (Fosso 1, definindo o Recinto 1) apresenta uma planta de seis lóbulos, um diâmetro máximo de 20m pelo interior e uma entrada orientada ao solstício de Verão (Valera, 2013b; 2020) e com uma largura de 2m. O fosso apresenta um perímetro de 69m, delimitando uma área de 283m<sup>2</sup> (0,03ha). O fosso externo (Fosso 2, definindo o Recinto 2) desenvolve-se a 10 ou 12,5m (conforme consideremos a curvatura mais interna ou mais externa da sinuosidade) do Fosso 1, apresentando um diâmetro máximo de cerca de 50m. Foram identificados 10 lóbulos, existindo provavelmente 12 (tendo em conta a invisibilidade registada no sector Sudoeste do magnetograma), que se desenvolvem de forma contínua sem espaços entre si, tal como nos lóbulos do Fosso 1, que duplica. Apenas se consegue identificar a porta já anteriormente conhecida, a qual tem cerca de 2,50m de largura e está orientada a Norte. O fosso apresenta um perímetro estimado de 178m, que delimitará uma área de 2036m<sup>2</sup> (0,2ha).

Relativamente a outro tipo de estruturas, foram identificadas dezanove fossas através de escavação arqueológica (Figura 5.2), dezoito das quais intervencionadas nas campanhas realizadas no século XX e apenas uma (Fossa 18) no âmbito do projecto SANVIT. Destas dezanove fossas, oito estão no interior do Recinto 1, nove no espaço entre o Recinto 1 e o 2, e apenas duas fora do Recinto 2. Naturalmente mais haverá nas áreas não intervencionadas arqueologicamente, algumas das quais estão representadas no magnetograma. Mas devido aos problemas acima referidos, a sua contabilidade não pode ser feita de forma consistente.

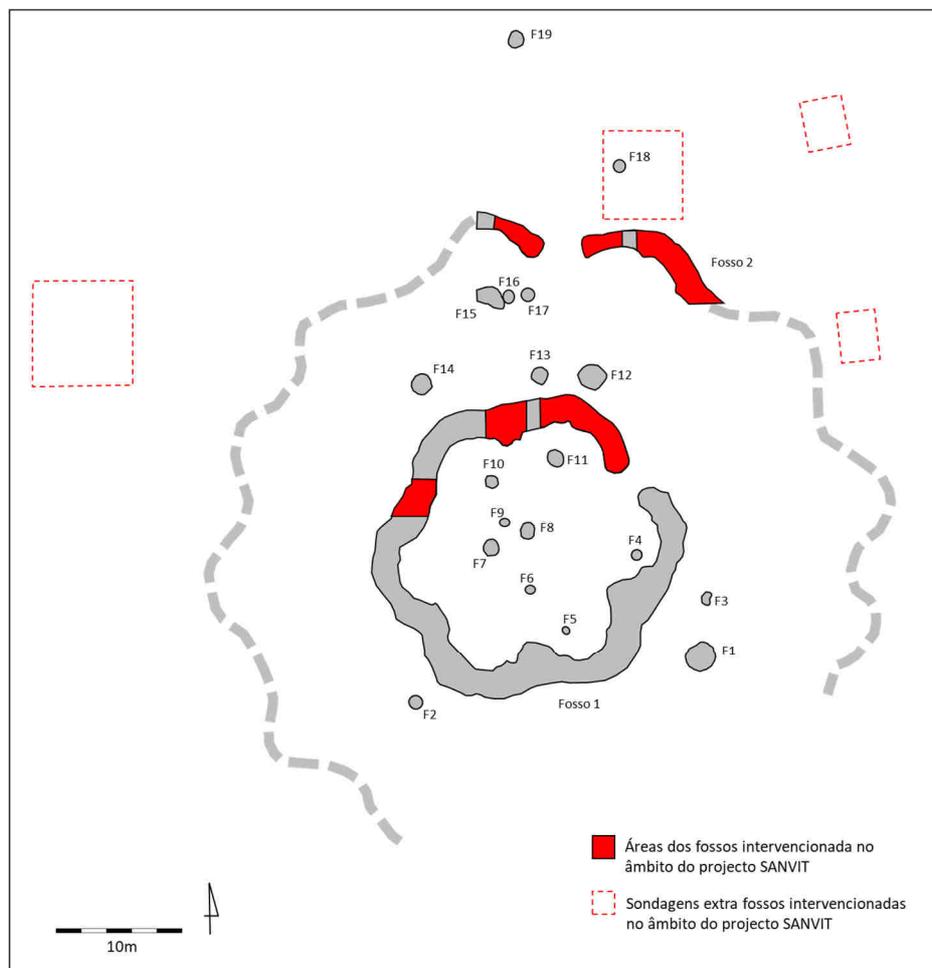


Figura 5.2 – Planta geral de Santa Vitória agregando os dados de escavação e geofísica, com estruturas referenciadas e áreas de intervenção no projecto SANVIT.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **VALERA, 2012**

Valera, A.C. (2012) – “Mind the gap”: Neolithic and Chalcolithic enclosures of South Portugal. Alex Gibson ed., *Enclosing the Neolithic. Recent studies in Britain and Europe*. BAR. International Series: 165-183.

### **VALERA, 2013a**

Valera, A.C. (2013a) – Recintos de fossos da Pré-História Recente em Portugal. Investigação, discursos, salvaguarda e divulgação. *Almadan*. Segunda Série, 18: 93-110.

### **VALERA, 2013b**

Valera, A.C. (2013b) – Breve apontamento sobre a dimensão cosmogónica dos recintos de fossos da Pré-História Recente no Interior Alentejano. *Cadernos do Endovélico*. 1: 51-63.

### **VALERA, 2020**

Valera, A.C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal. A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford. Oxbow: 239-250.

### **VALERA, BECKER, 2011**

Valera, A.C. e Becker, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospeção geofísica em Xancra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7:23-32.

### **VALERA et al., 2019**

Valera, A.C.; Basílio, A.C., Pereira, T. do (2019) – O projecto SANVIT: um novo ciclo de investigação no recinto de Santa Vitória (campo maior). Os resultados da campanha de 2018. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 13: 9-18.

### **VALERA, PEREIRO, 2020**

Valera, A.C.; Pereira, T. do (2020). O recinto de fossos pré-Histórico de Borrinhos (Serpa): aproximação à sua arquitectura através da prospeção geofísica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 17-28.

### **VALERA, PEREIRO, 2022**

Valera, A.C.; Pereira, T. (2022) – New images of Prehistoric ditched enclosures of Alentejo (South Portugal). *Actas do X Encontro de Arqueologia del Suroeste Peninsular*. Ayuntamiento de Zafra: 294-316.

# 6

## AS ESCAVAÇÕES REALIZADAS PELO PROJECTO SANVIT

António Carlos Valera  
Ana Catarina Basílio

As intervenções arqueológicas intrusivas realizadas no âmbito do projecto SANVITN visaram a obtenção de dados que permitissem responder aos objectivos genéricos estabelecidos (ver Capítulo 3). Para tal, estabeleceram-se como metas específicas a caracterização estrutural dos dois fossos conhecidos, a compreensão dos seus processos de enchimento, a caracterização das materialidades incorporadas nesses enchimentos, a obtenção de material para a realização de datações absolutas de radiocarbono, assim como intervencionar algumas estruturas de tipo fossa localizadas fora dos recintos. Estes trabalhos foram realizados ao longo de quatro campanhas, com a duração de três semanas cada, entre 2018 e 2021.

Assim, as escavações abrangeram seis sectores (Figura, 6.1). O Sector 1 corresponde às intervenções no Fosso 1, tendo sido divididas em três secções. Uma localizada do lado Oeste na zona de ligação entre dois lóbulos, numa estreita área em que o preenchimento do Fosso 1 não tinha sido intervencionada nas campanhas realizadas no século XX. As outras duas localizaram-se a Norte, no primeiro lóbulo à direita da entrada e na zona de ligação deste ao segundo lóbulo, área em que os depósitos já tinham sido escavados anteriormente até cerca de meio do enchimento do fosso. Desta forma, apenas numa área muito restrita foi possível escavar a totalidade dos depósitos do topo até à base do fosso, sendo que na maior parte área intervencionada foi apenas escavada a metade inferior da estratigrafia de preenchimento, factor limitador para a nossa análise dos processos que presidiram à colmatação desta estrutura.

O Sector 2 foi localizado a Norte, em torno à entrada do Fosso 2. Também foi dividido em secções, onde a primeira abrangeu a extremidade do fosso do lado Oeste da entrada, enquanto a segunda foi localizada na extremidade Este e as terceira e quarta abarcaram grande parte desse lóbulo e o princípio do seguinte. Em todas estas secções os enchimentos não tinham sido ainda intervencionados, com a excepção de um pequeno espaço do troço exposto a Este da entrada, pelo que a informação obtida se apresenta mais completa do que a relativa ao Fosso 1, permitindo a análise de todo o processo de colmatação.

Por último foram realizadas quatro sondagens, correspondentes aos Sectores 3 a 6, localizadas dispersas em zonas onde se observavam anomalias no magnetograma que poderiam corresponder a estruturas arqueológicas de tipo fossa (Figura 6.1).

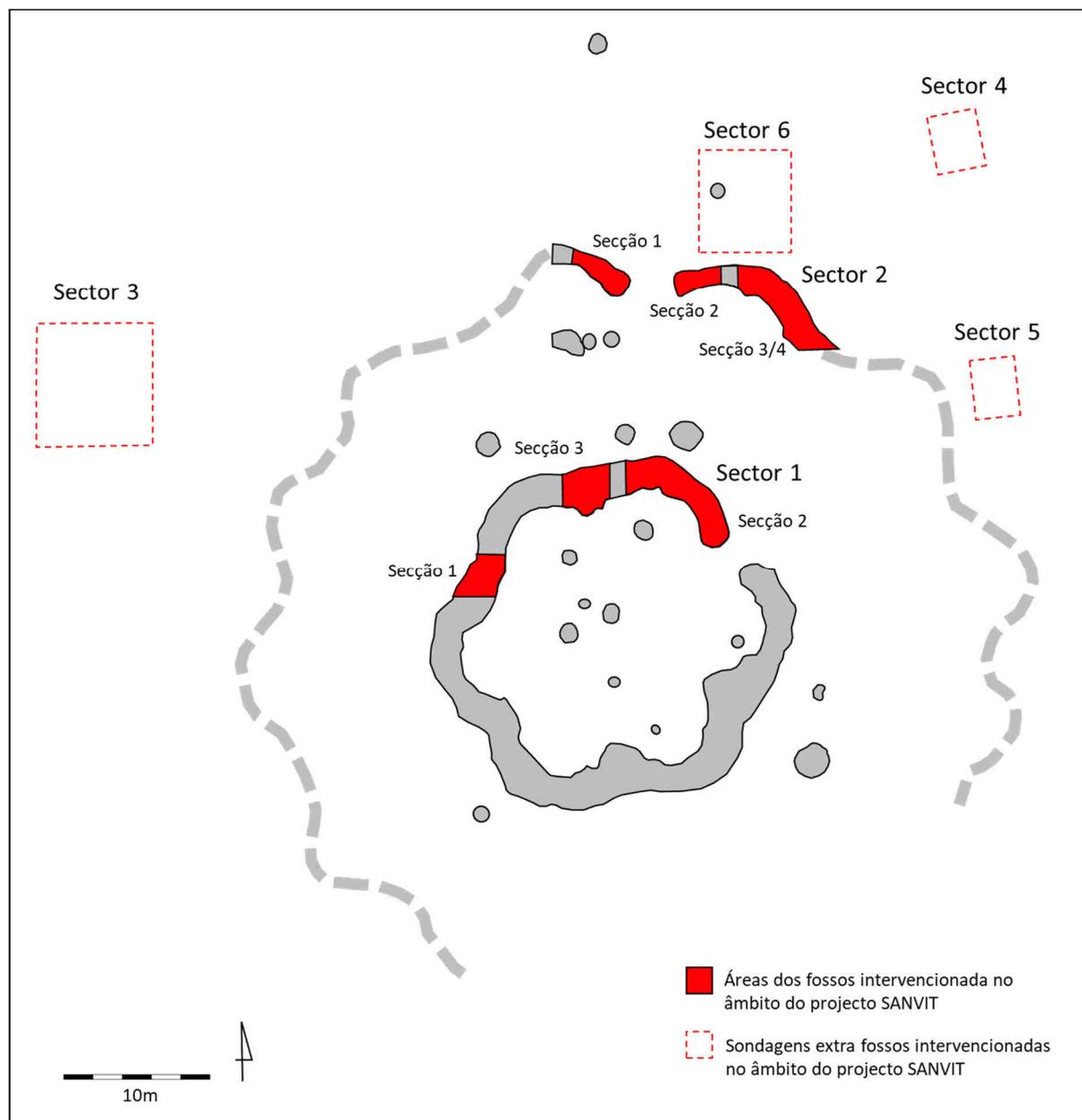


Figura 6.1 – Planta dos recintos de Santa Vitória com a localização dos Sectores (e respectivas secções) intervencionados no âmbito do projecto SANVIT.

## 6.1 – AS INTERVENÇÕES NO FOSSO 1 (SECTOR 1)

### 6.1.1 – FOSSO 1, SECÇÃO 1

A Secção 1 corresponde a uma sondagem de 5x3m localizada no lado Este do Fosso 1, no que aparentava ser a única área em os enchimentos desta estrutura não tinham sido intervencionados anteriormente. Esta zona apresentava ainda o enchimento de topo, parcialmente afectado pela exposição aos elementos durante as últimas décadas.

Descrevendo a sequência estratigráfica de colmatação do fosso, na sua base do fosso foi identificado um primeiro depósito, [121], esbranquiçado e muito solto, que inclui na sua composição inúmeros nódulos de calço. Corresponderá a um momento de desagregação do fundo do Fosso 1, tendo sido apenas recuperados escassos elementos faunísticos. Este depósito inicial era coberto pelo

[120], no qual se integrava um alinhamento de pedras de pequena e média dimensão, concentradas ao longo da parede Oeste (a externa) da estrutura (Figura 6.2). A escassa presença de materiais arqueológicos e a dimensão da área intervencionada não permitem esclarecer a natureza deste pequeno alinhamento, que encontra uma circunstância paralelizável na base do Fosso 6 dos Perdighões (Valera, 2018: 60, Figura 4.17 E).

Este aglomerado era coberto pelo depósito [119], diferenciado pela sua tonalidade alaranjada e reduzida compactação, o qual volta a incluir um aglomerado de pedras de maiores dimensões, que, ainda que apresentem uma tendência de concentração novamente associada à parede Oeste do fosso, aparecem mais distribuídos pela sondagem, ocupando uma área mais ampla no fosso. Para além destes elementos, foi individualizado um momento de derrube de caliços da parede do fosso [118], detectado no limite NE da área intervencionada, e que assenta directamente na [119] (Figura 6.3: A). Os dois contextos descritos – [118] e [119] – foram depois cobertos pelo depósito castanho claro com alguns caliços [117], que, por sua vez, se encontrava coberto pelo [116], mais escuro e com mais grãos de caliço misturados. Este último forneceu alguns fragmentos cerâmicos associados a elementos pétreos e no seu centro formou-se uma pequena depressão, preenchida por um depósito muito solto [115], que não atingia o corte Sul da estrutura, perlongando-se, no entanto, no sentido Norte. Incluía na sua composição fragmentos cerâmicos de média/grande dimensão.

Sobre a [116] identificou-se ainda um novo momento de erosão da parede Oeste da estrutura, formando um fino depósito [114]. Estas realidades - a [114], a [115] e a [116] – encontram-se cobertas pelo depósito [113], argiloso, de tonalidade alaranjada e incluindo pequenos grãos de granito. Era por sua vez coberto por um sedimento cinzento-escuro, mais compacto [112], sobre o qual se sedimentou uma camada castanha acinzentada igualmente compacta e novamente com grãos de caliço [111]. Neste momento regista-se uma alteração nos processos de colmatagem com a abertura no depósito [111] de um *recutting* [109], que foi preenchido por uma sequência de três níveis de deposição de material cerâmico, pequenos elementos pétreos e rara fauna (de cima para baixo, [107], [108] e [110], este último de coloração muito escura) (Figura 6.3: B).

A [111] e o último enchimento do *recutting* eram cobertos pela [106], depósito muito argiloso e compacto, castanho acinzentado e com grãos de caliço, no qual se definiu uma depressão central [103] preenchida pelo depósito igualmente argiloso e castanho-escuro [105], integrando algumas pedras, e com o qual confinava, do lado Sul, um depósito fino e arenoso [104].

A sequência terminava com o enchimento de topo [101], correspondente a um aglomerado pétreo numa matriz de sedimento castanho, granular e relativamente solto (Figura 6.3: C). Com 2 metros de extensão e planta irregular, este aglomerado de pedras extravasa os limites do interface do fosso [100] e, do lado Norte, encostava no depósito [102], que já se encontrava parcialmente escavado e não foi praticamente intervencionado, uma vez que se estendia para fora da área da sondagem. Integrava pedras de diversas dimensões, incluindo um grande dormente de mó manual. De um modo geral as pedras encontravam-se soltas, evidenciando perturbações recentes, pelo que a planimetria do aglomerado é pouco relevante e não permite grandes deduções sobre a sua natureza original.



Figura 6.2 – Base do enchimento do Fossa 1 (Secção 1). [121] à esquerda e [120] à direita.

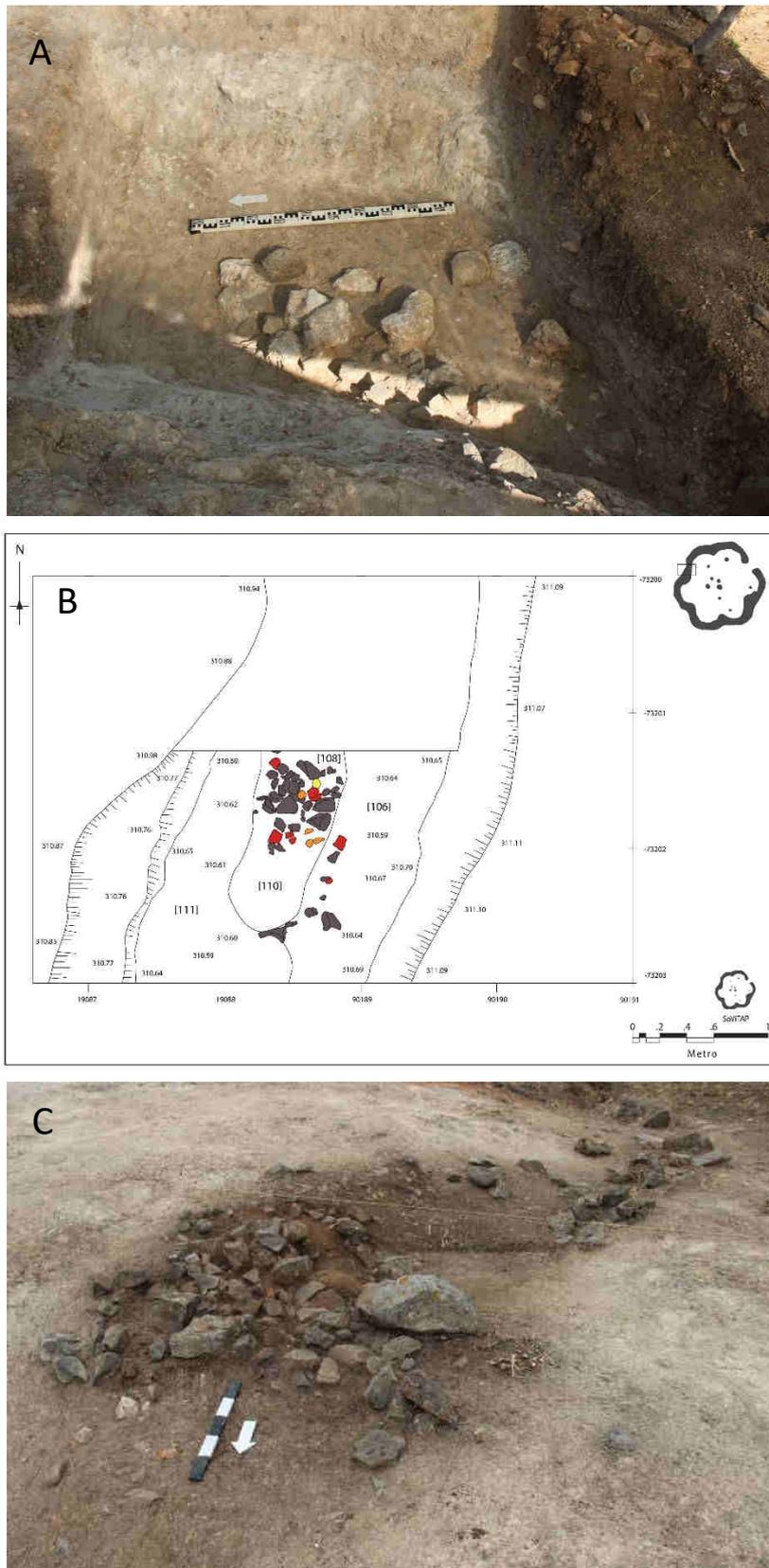


Figura 6.3 – A. Vista do aglomerado pétreo integrado no depósito [119] e do derrube de caliços [118]; B. Plano do *recutting* [109] ao nível do seu preenchimento pelos depósitos [108] e [110]; C. Aglomerado de pedras [101] no topo da colmatação do Fosso 1, Secção 1. D. Matriz de Harris da sequência estratigráfica da Secção 1 do Fosso 1.

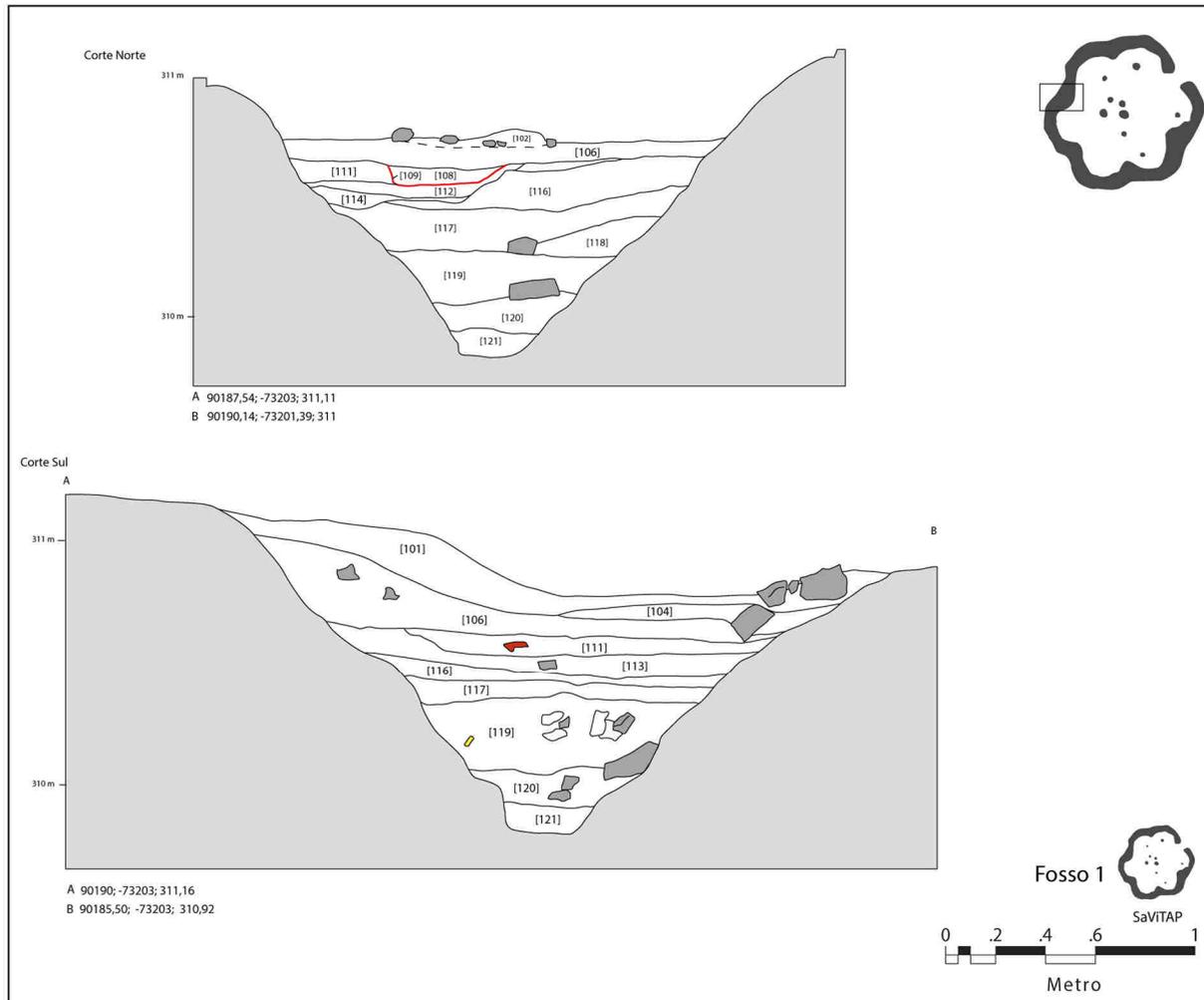


Figura 6.4 – Perfis estratigráficos Norte e Sul da Secção 1 do Fosso 1.

Esta sequência revela da base ao topo uma tendência para a horizontalidade dos depósitos e dos aglomerados pétreos que foram sendo registados (assim como do material arqueológico, sempre muito fragmentado e em reduzidas quantidades). De salientar os dois momentos de finas deposições de erosão da parede externa (Oeste) do fosso, que criam um contraste muito grande com os sedimentos feitos à base de terra com maior ou menor plasticidade, mas que ainda assim por vezes incorporam grão de caliço. Esta situação sugere um enchimento progressivo, em que o fosso vai sendo colmatado lentamente, permitindo momentos de erosão das paredes.

Existe, contudo, um momento em que se observa uma alteração nos processos de colmatação, o qual tem a ver com a abertura de um *recutting* no depósito [111], posteriormente à colmatação do qual se observa mais tarde uma nova depressão ([103] realizada na [106], o que revela uma intervenção antrópica distinta. É interessante verificar a distribuição vertical dos materiais cerâmicos também apresenta uma alteração precisamente a partir do preenchimento do *recutting* (Figura 6.5): o número de fragmentos cerâmicos aumenta a partir daí e é também a partir daí que começam a aparecer fragmentos de argila cozida, inexistentes na metade inferior da sequência. Se é certo que um aumento dos materiais da base para o topo pode ser considerado natural em face da secção do fosso ser em “V”, essa circunstância não justifica as discrepâncias evidenciadas e o carácter exclusivo das argilas na parte superior reforça a ideia de que, de facto, existe um momento de alteração do processo de enchimento, permitindo definir duas grandes fases.

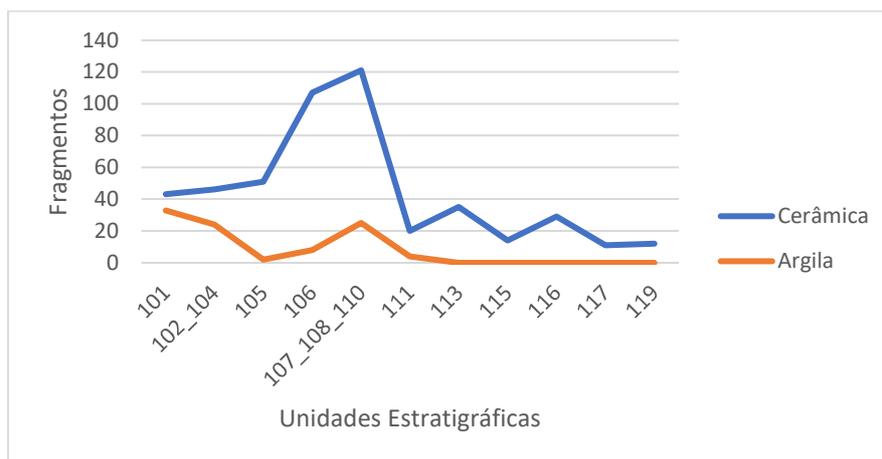


Figura 6.5 – Distribuição vertical por unidades estratigráficas (101 no topo, 119 na base) dos fragmentos cerâmicos e das argilas recolhidas na Secção 1 do Fosso 1.

### 6.1.3 – FOSSO 1, SECÇÃO 3

A Secção 3 do Fosso 1 foi implantada na área da junção dos dois primeiros lóbulos Norte do Fosso 1, usando a entrada desta estrutura como referência espacial. Desta forma, era possível intervencionar a ligação entre lóbulos e perceber se existiria alguma alteração dos processos de enchimento entre lóbulos. A sondagem abrangeu uma área de 2,5x3,5m, encontrando-se o enchimento já parcialmente escavado nos primeiros 50cm de profundidade, decorrente das intervenções realizadas no século passado. Como tal, as observações realizadas apenas se referem à metade inferior da estratigrafia.

A limpeza e remoção da vegetação acumulada (uma vez que a área não se encontrava protegida) expôs imediatamente quatro depósitos distintos: [141] e [143] que ladeavam por Norte e Sul, ou seja, junto às paredes, os depósitos [142] e [146]. Estes, que se desenvolviam na área central do fosso, seguindo a orientação do seu percurso, correspondiam aos depósitos iniciais do que viriam a ser dois *recuttings* identificados nesta sondagem, cada um deles relacionável com um lóbulo distinto (Figura 6.6).

O depósito [142] corresponde a uma grande concentração de elementos pétreos e nódulos argilas, que preenchia o recorte [144], relacionável com o primeiro lóbulo. Este tipo de recortes, como veremos, não foi identificado na restante parte deste lóbulo nos trabalhos realizados na Secção 2, o revela que enchimento deste mesmo lóbulo não é continuado, mas sim seccionado. A reforçar esta diferenciação está igualmente a componente material, nomeadamente no que se refere aos nódulos de argila: só da [142] é proveniente um total de 81 litros, uma quantidade e tipologia de deposição ainda não registada em nenhum outro contexto intervencionado no projecto (Figura 6.7).

Por sua vez, o depósito [146], identificado no limite Oeste da sondagem, corresponde a um depósito muito solto, mais acinzentado, incluindo pontuais elementos pétreos, caliços e grão de geológico. Este é o terceiro depósito do recorte [147], cuja orientação é na direcção oposta, prolongando-se pelo segundo lóbulo. Este depósito cobre um segundo momento de enchimento do recorte, o [159] (Figura 6.6), no qual foram identificados blocos pétreos de pequena e média dimensão, com o surgimento de nódulos de argila, alguns queimados, envoltos num sedimento castanho, que contrastava com o cinzento da [146]. Finalmente, o primeiro momento de enchimento do recorte [147], o [160], diferenciava-se do anterior [159] pelo desaparecimento das pedras e pela proliferação dos nódulos de argila. Estes, pontualmente queimados, originavam um sedimento bastante avermelhado.

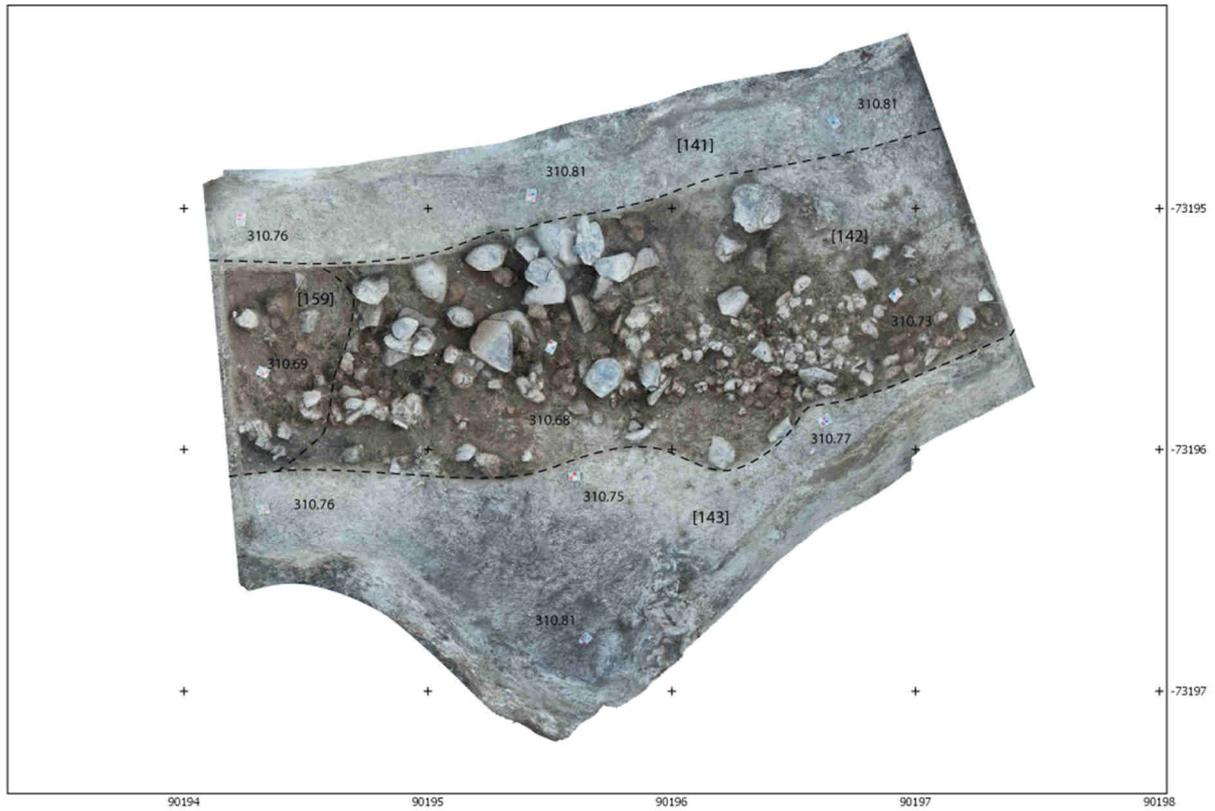


Figura 6.6 - Topo das [141], [142], [143] e [159]



Figura 6.7 – Concentração de nódulos de argila na [142], ao centro do fosso, num recorte na colmatação subjacente.

Ainda que com dinâmicas deposicionais internas muito distintas entre si, ambos os recortes afectaram três unidades estratigráficas comuns. As já mencionadas [141] e [143] que os ladeavam a Norte e Sul, que apresentavam a mesma matriz arenosa, acinzentada, com uma possível incorporação de material de erosão das paredes do fosso, e o depósito [145] (Figura 6.8), que é por elas coberto, e que corresponde a um nível argiloso, bastante heterogéneo, que mistura na sua composição nódulos de argila laranja e nódulos de caliço.

A remoção deste depósito [145] evidenciou a presença de núcleos de enchimento diferenciados, principalmente concentrados junto à parede Sul do fosso. A [148], apenas presente na área central da estrutura, na junção dos dois lóbulos, incluía bastantes fragmentos de argila, alguns queimados, não tendo sido possível compreender nenhum tipo de estruturação nos blocos depositados (Figura 6.9). Cobria o depósito [150], do qual se diferenciava pela concentração de blocos pétreos de dimensão média, com alguns artefactos arqueológicos misturados, mas com já escassos blocos de argila. Mais a Este, junto ao limite da área trabalhada, definiu-se a [149], que incluía igualmente um conjunto de elementos pétreos, sem materiais arqueológicos, mas com alguns nódulos de caliço.

Tanto a [148], como a [149] e a [150] assentavam no depósito [151], o qual abrangia toda a área sondada, com uma tonalidade castanho-escura, muito argiloso, principalmente nas áreas de contacto com o [148]. Pontualmente, e de forma dispersa, apresentava nódulos de caliço e, junto às paredes do fosso uma alteração pelo contacto com o geológico, que tornava o depósito mais aclarado nestas áreas.

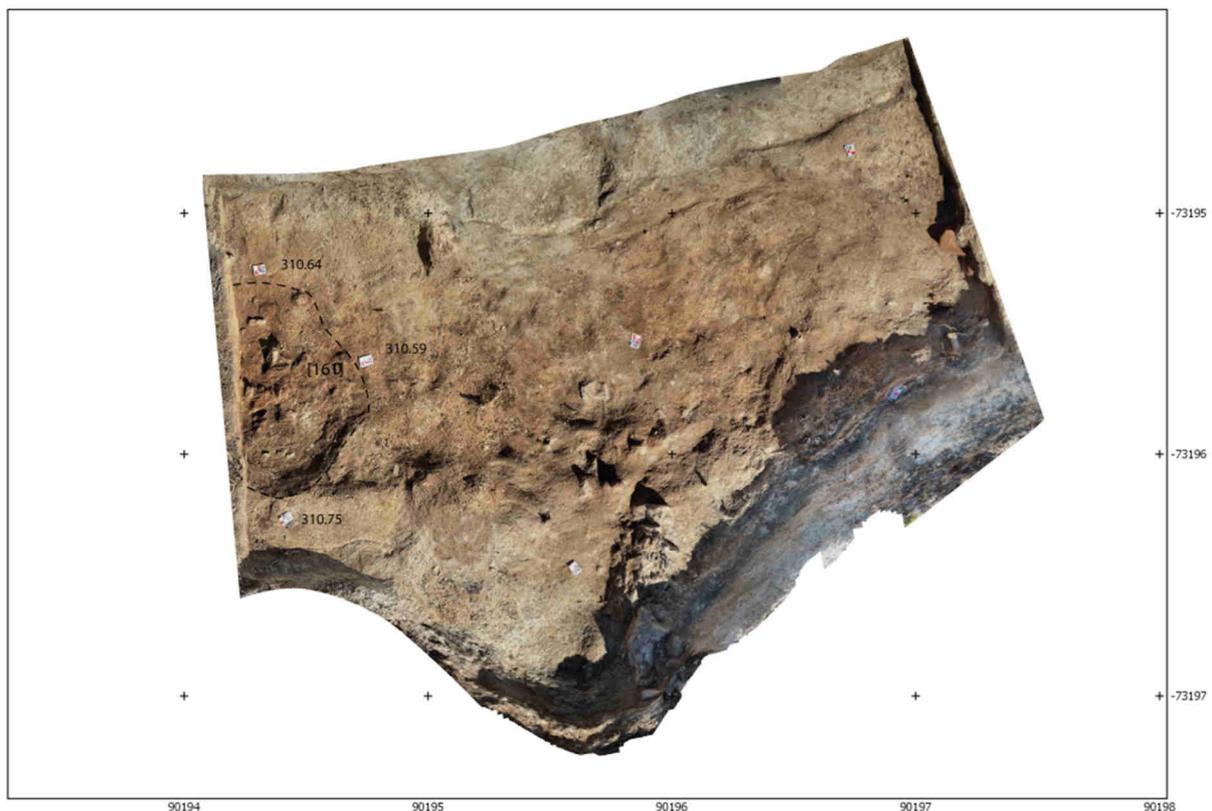


Figura 6.8 – Aspecto do depósito [145], vendo-se à esquerda ainda a base do recorte [147] e o seu preenchimento de base [160].

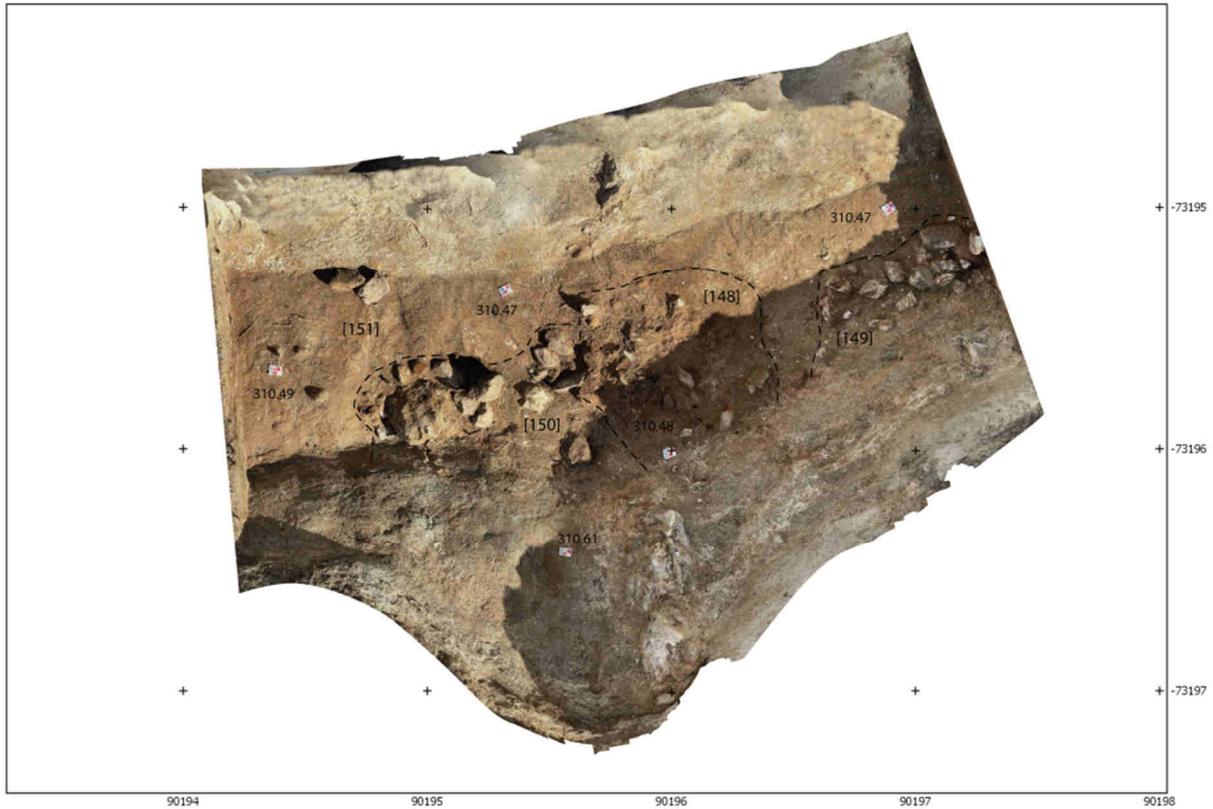


Figura 6.9 – Aspecto dos depósitos [148], [140], [150] sobre o depósito [151].

Sob a [151] definiram-se mais quatro depósitos (Figura 6.10).

O depósito [158], ao centro, foi interpretado como um momento de desagregação da parede do Fosso 1, uma vez que continha uma quantidade significativa de nódulos de geológico. A [153] era, por sua vez, era uma concentração de argila branca, muito depurada, localizada exclusivamente entre a [158] e a parede Sul do fosso.

Para cada um dos lados da [158] definiam-se depósitos distintos, que se revelaram preencher dois aprofundamentos distintos (como que recortes) na rocha de base do fosso, o [155] abrangendo o primeiro lóbulo e o [156] entrando pelo segundo lóbulo. Estes aprofundamentos distintos, cria uma segmentação na base do fosso que se encontra precisamente na ligação dos dois lóbulos e na zona onde passa um filão de rocha com bastantes diáclases (Figura 6.11), não sendo claro se se trata de uma compartimentação intencional, ou se resulta da própria existência do filão. Contudo, a situação de seccionamento da base do fosso registada na intervenção do Fosso 2 (ver adiante) permite colocar aqui a possibilidade de este seccionamento ser intencional, aproveitando a presença do filão como elemento de demarcação entre os lóbulos.

O aprofundamento [155] era preenchido por um único depósito, o [152] caracterizado pela presença de nódulos de calicho e pedras de pequena dimensão, enquanto o [156] era preenchido por duas realidades distintas. No topo definiu-se a [154], um aglomerado pétreo e de alguns nódulos de calicho de desagregação das paredes do fosso e, na base, o depósito [157], também com algum calicho desagregado. O sedimento em que estes blocos estão integrados é o típico que surge na base dos fossos de Santa Vitória, apresentando-se solto e incluindo grão de geológico, com uma tonalidade acinzentada. Assim, ao longo da sequência escavada a separação entre os lóbulos é por várias vezes bem marcada e em apenas dois momentos, na formação da [145] e da [151], um mesmo depósito abrange toda a extensão longitudinal da sondagem.

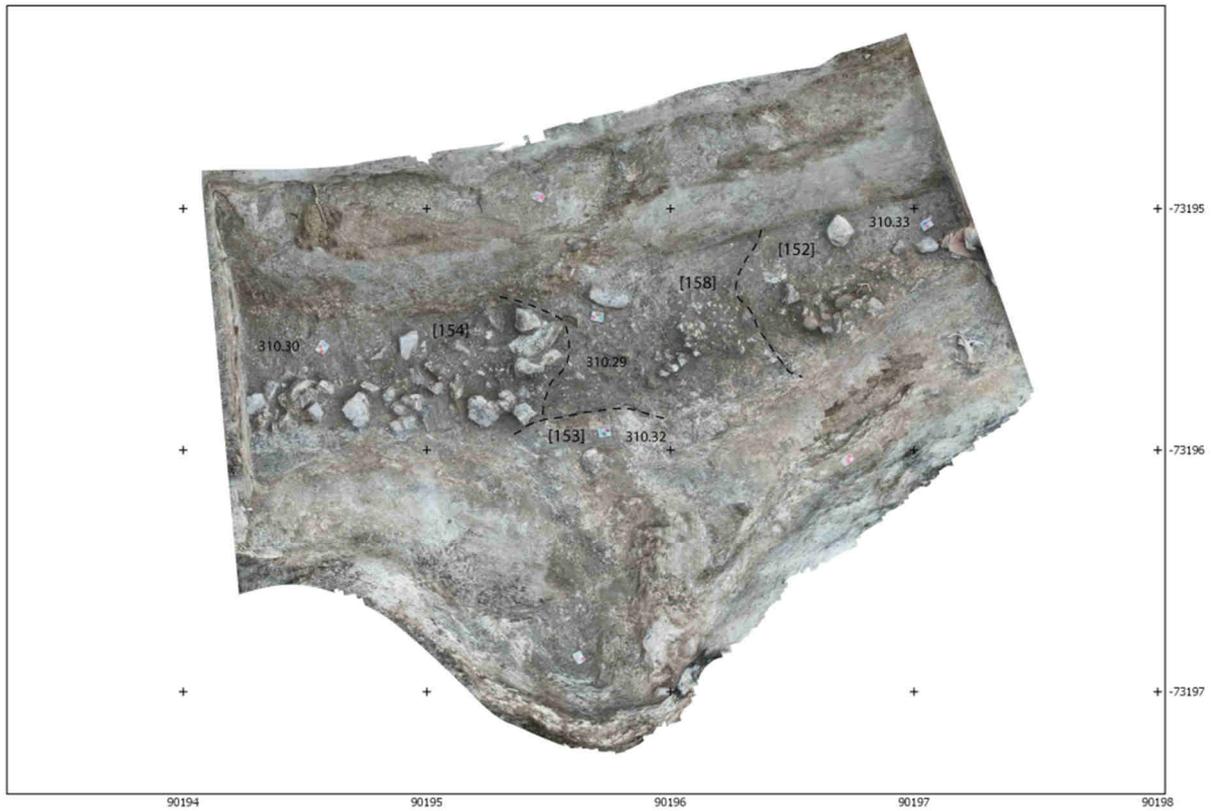


Figura 6.10 – Preenchimento seccionado da base do fosso.



Figura 6.11 – Base do fosso seccionada, sendo visível o filão ao meio.

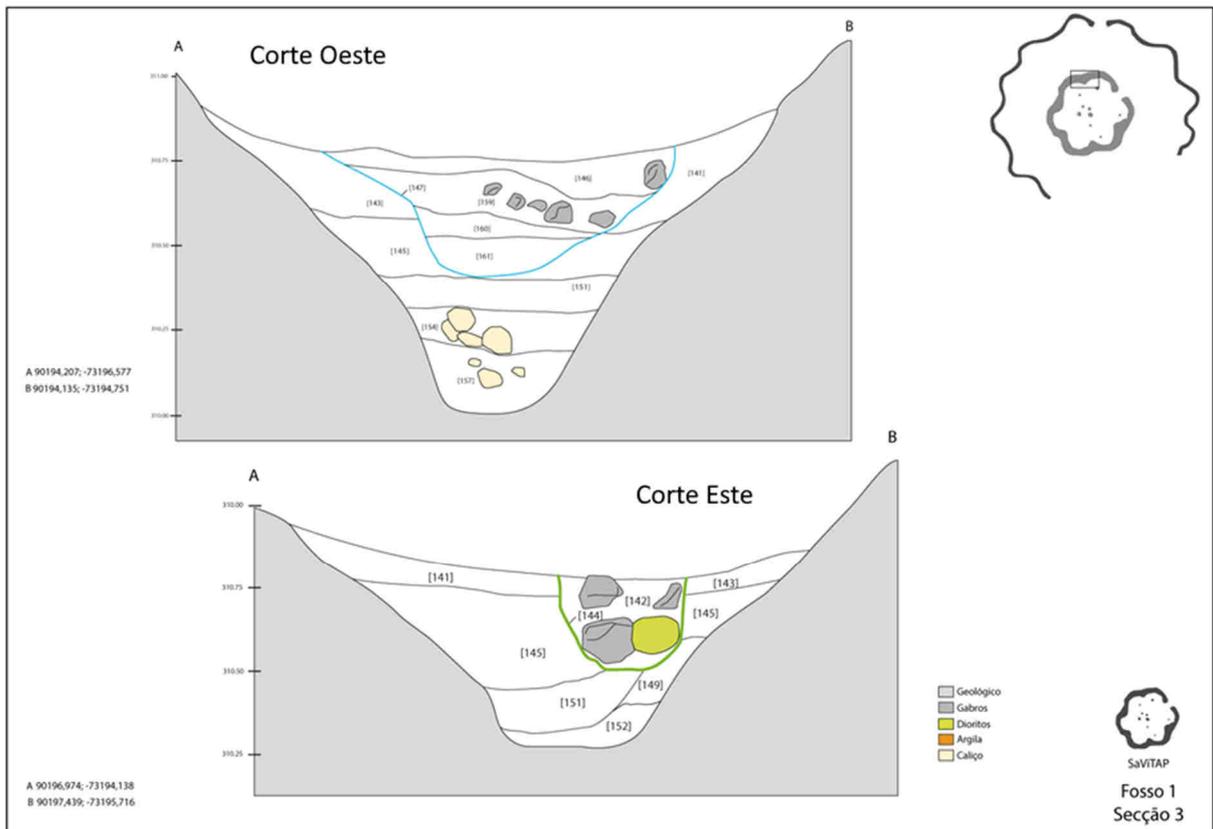
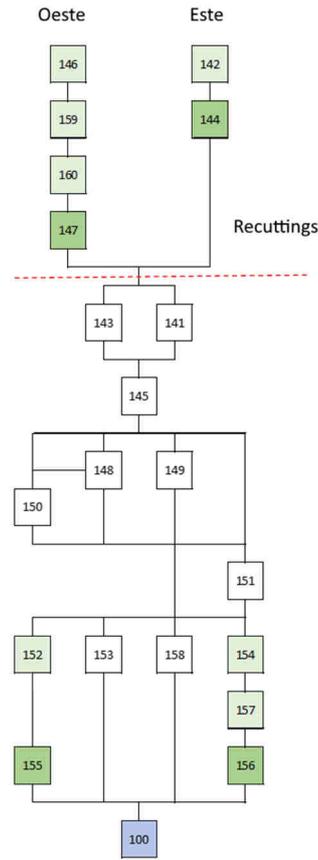


Figura 6.12 – Matriz de Harris e perfis estratigráficos da Secção 3 do Fosso 1.

### 6.1.3 – FOSSO 1, SECÇÃO 2

O Sector 2 foi implantado abrangendo grande parte do primeiro lóbulo à direita da entrada do Fosso 1 (lado Norte), numa extensão de cerca de 7m. Nesta área, o fosso apresenta uma largura média de 1/1,2 m e uma profundidade de 1,2m. O seu enchimento encontrava-se já parcialmente escavado nos primeiros 50cm no âmbito das intervenções realizadas no século passado, pelo que os trabalhos agora realizados apenas abarcaram a metade inferior da estratigrafia.

O primeiro depósito a ser removido, [130], era composto por sedimentos cinzento-claros, arenosos, apresentando-se muito soltos e com abundantes raízes, resultado da desagregação das paredes do fosso e da acumulação de sedimentos ocorridos ao longo do tempo desde a escavação parcial anterior (já que a área não se encontrava recoberta e protegida). Trata-se, portanto, de um depósito de colmatação recente que cobria o primeiro depósito propriamente arqueológico, [131]. Este depósito, de cor castanho-claro, integrava a meio do troço de fosso intervencionado um pequeno aglomerado de pedras de tendência semi-circular, [135], com alguma argila e restos de fauna.

A remoção deste depósito expôs uma situação que documentava um preenchimento por três secções com enchimentos de características distintas: uma na extremidade do fosso (subsecção A), junto à interrupção da entrada, outra intermédia (subsecção B) e uma terceira no outro extremo da sondagem que corresponde à parte média do lóbulo (subsecção C).

O troço da subsecção A era preenchido por um aglomerado de pedras numa matriz argilosa compacta [133], onde se recolheram alguns fragmentos cerâmicos, uma falange de cavalo, uma presa de javali e um fragmento de ídolo de cornos. A subsecção B era, por sua vez preenchida pelo depósito [132], compacto, incorporando alguns nódulos de caliche e de argila, mas sem pedras e com raros materiais (apenas alguns fragmentos cerâmicos). Já a subsecção C era preenchida pelo depósito [134] de coloração cinzento-claro e incorporando pedras de média dimensão, fauna e alguns fragmentos cerâmicos de maiores dimensões.

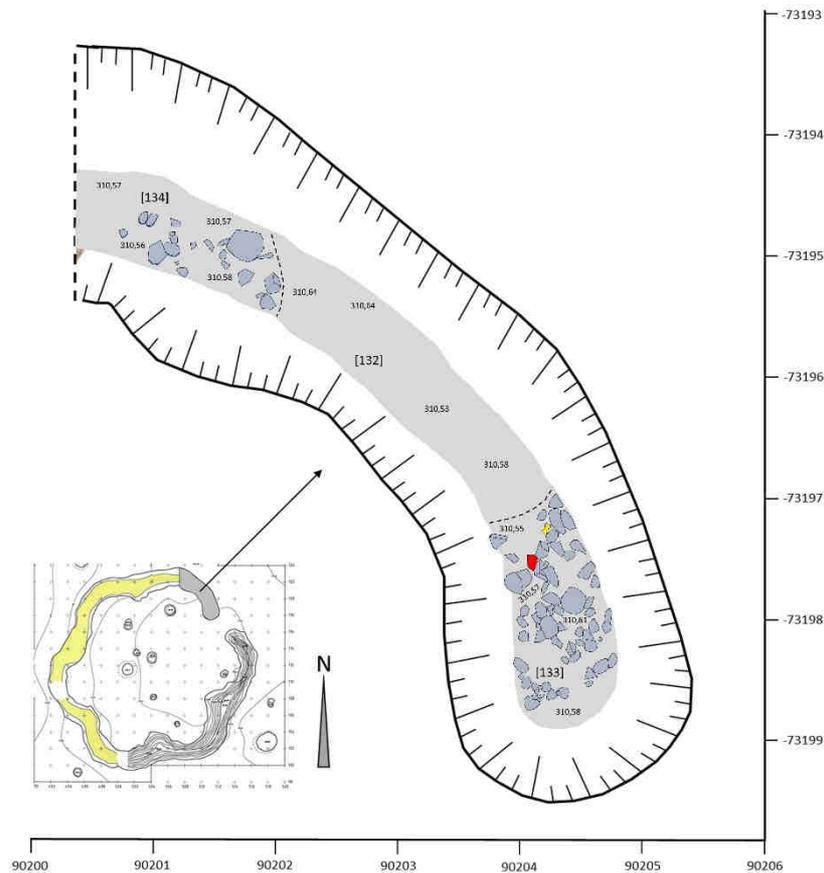


Figura 6.13 - - Plano do preenchimento seccionado da Secção 2 do Fosso 1.



Figura 6.14 – Aspecto do enchimento seccionado da Secção 3: à esquerda o depósito de pedras [113] e parte do enchimento intermédio; à direita o enchimento intermédio [132] e o enchimento [134].

Esta compartimentação do enchimento continuava em profundidade. Assim, na subsecção C, sob a [134], foi definido o depósito [138], castanho-claro, compacto, continuando a apresentar a presença de pedras de médias dimensões, fauna (menos elementos) e fragmentos cerâmicos, assentando já no fundo do fosso. Na parte intermédia definiu-se, sob o [132], o depósito [137] de tonalidade castanho mais escura, incorporando algum cascalho, escassos elementos faunísticos e cerâmicos e um ídolo de cornos inteiro, assentando igualmente na base do fosso. Na secção A, junto à entrada, registou-se o enchimento [139], caracterizado por sedimentos cinzento-claros e arenosos envolvendo o topo de um novo aglomerado pétreo [140]. Forneceu alguma cerâmica, uma concha perfurada (pendente), um seixo de rio em forma de bucrânio e dois fragmentos de ídolos de cornos que remontam entre si e com um fragmento recolhido no depósito [133]. O aglomerado pétreo numa matriz de sedimento castanho-claro [140] corresponde ao início das deposições na base do fosso neste troço inicial do lóbulo, tendo fornecido alguma cerâmica e três falanges de cavalo.



Figura 6.15 – Depósito [140] à esquerda e vista da base do fosso à direita.

Desta forma, nesta secção observou-se um processo de enchimento semelhante ao registado na Secção 3, o qual se caracteriza por uma colmatação por segmentos com características e componentes distintos, reveladores da sua origem antrópica. Destaca-se o troço junto à entrada, onde se registaram níveis de acumulação de pedras juntamente com deposições de materiais específicos, como são os fragmentos de um mesmo ídolo de cornos em momentos distintos, quatro falanges de cavalo, uma presa de javali, o seixo em forma de bucrânio e um recipiente cerâmico quase inteiro.

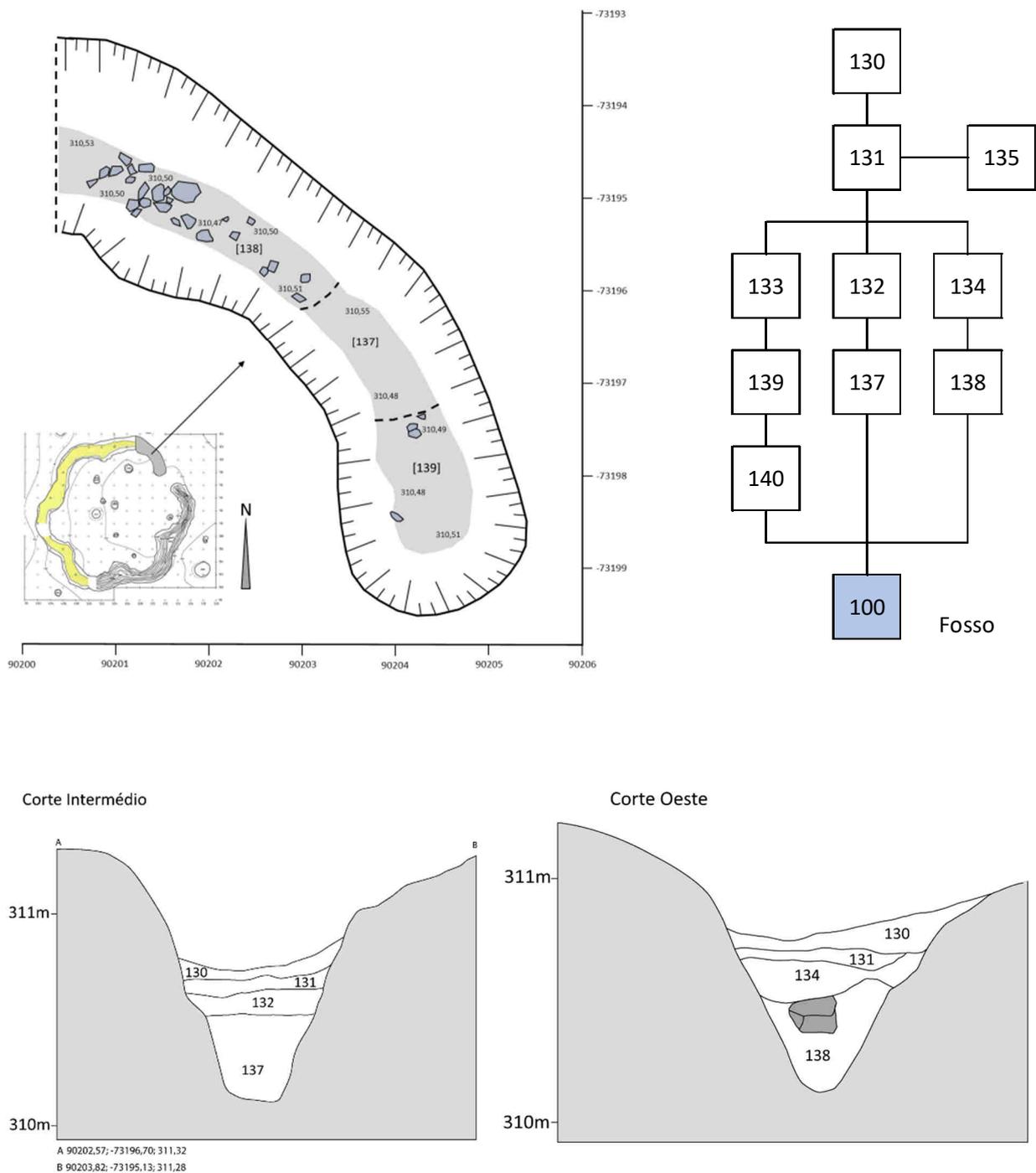


Figura 6.16 – Plano dos depósitos [137], [138] e [139], Matriz de Harris e perfis do Fosso 1 na Secção 2.

## 6.2 – AS INTERVENÇÕES NO FOSSO 2 (SECTOR 2)

As intervenções realizadas no Fosso 2 no âmbito do projecto SANVIT localizaram-se em ambos os lados da entrada norte existente neste fosso. Do lado Oeste abrangendo a parte inicial do primeiro lóbulo e na parte Este cobrindo a quase totalidade do primeiro lóbulo e o arranque do segundo.

### 6.2.1 – FOSSO 2, SECÇÃO 1

A Secção 1 foi localizada na área anteriormente exposta do primeiro lóbulo do lado Oeste da entrada localizada a norte (Figura 6.1), a única área em que as intervenções antigas tinham incidido sobre este fosso. Assim, os trabalhos começaram com uma limpeza e acerto de cortes, o que permitiu perceber que aquelas intervenções haviam escavado uma secção do fosso de cerca de dois metros de comprimento a cerca de três metros da sua interrupção pela entrada, mas não tinham chegado integralmente à base. Em face desta observação, decidiu-se concluir a escavação da área anteriormente aprofundada, decapar todo o resto do topo do fosso até à entrada, e fazer um aprofundamento no seu extremo, deixando uma banqueteta entre os dois espaços.

No caso da área já anteriormente parcialmente escavada foi possível perceber, através do acerto do corte Oeste e da escavação da remanescente área Este, que os dois lados desta sondagem apresentavam estratigrafias diferenciadas entre si (Figura 6.17).

O acerto do Corte Oeste permitiu individualizar o que parece ser um *recutting* [214], preenchido pela [207], que incluía alguns elementos pétreos. Na abertura do interface [214] os depósitos [208], [209] e [210] foram cortados. Todos apresentavam uma grande percentagem de caliços incluídos na sua composição, diferenciando-se entre si por uma combinação de compacidade e tonalidade e pela presença de nódulos de argila no caso específico da [210]. A este conjunto de realidades seguiam-se os dois depósitos de base do Fosso 2, correspondendo ao [211] e [212] que encostam entre si, contendo na sua composição nódulos de caliço, segundo a leitura possível de retirar a partir do corte.

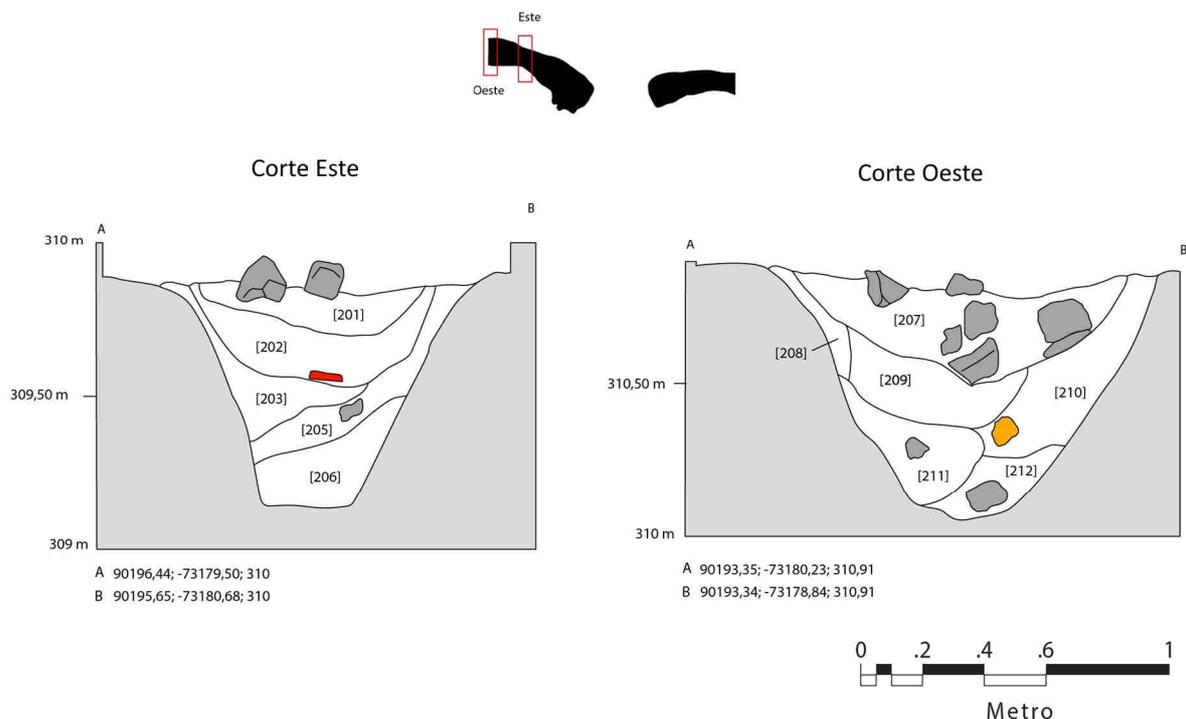


Figura 6.17 – Perfis estratigráficos da área sondada do Fosso 2 no século XX.

Na limpeza do corte do lado Este, foi identificado o aglomerado pétreo [201] que preenchia uma depressão aberta no depósito [202], insinuando a presença de um possível *recutting*, eventualmente correspondente ao observado no perfil oposto. Já depósito [202] preenchia um interface abaulado sobre duas realidades detectadas desde o topo do enchimento do fosso, a [203] no seu lado Norte e [205] do lado Sul. A partir daqui, e numa extensão de 0.96m. foram escavados depósitos que não tinham sido intervencionados anteriormente. Assim, foi identificado um aglomerado longitudinal de pedras [204] (Figura 6.18) que se encontrava sob a [203] e encostado à [205], concentrado particularmente no centro do fosso, estéril no que toca a materiais arqueológicos. Finalmente, o depósito da base do fosso [206] também não forneceu materiais arqueológicos, sendo composto por abundantes nódulos de calião.

A realização da decapagem na restante extensão do fosso para Este até à interrupção da entrada, área que não havia sido aprofundada nos trabalhos antigos, permitiu expor todo o enchimento pétreo [201], que se confirmaria como o preenchimento de um *recutting* [213] (Figura 6.18). Procedeu-se, então, ao aprofundamento numa extensão de dois metros na extremidade do fosso, a Oeste da entrada.

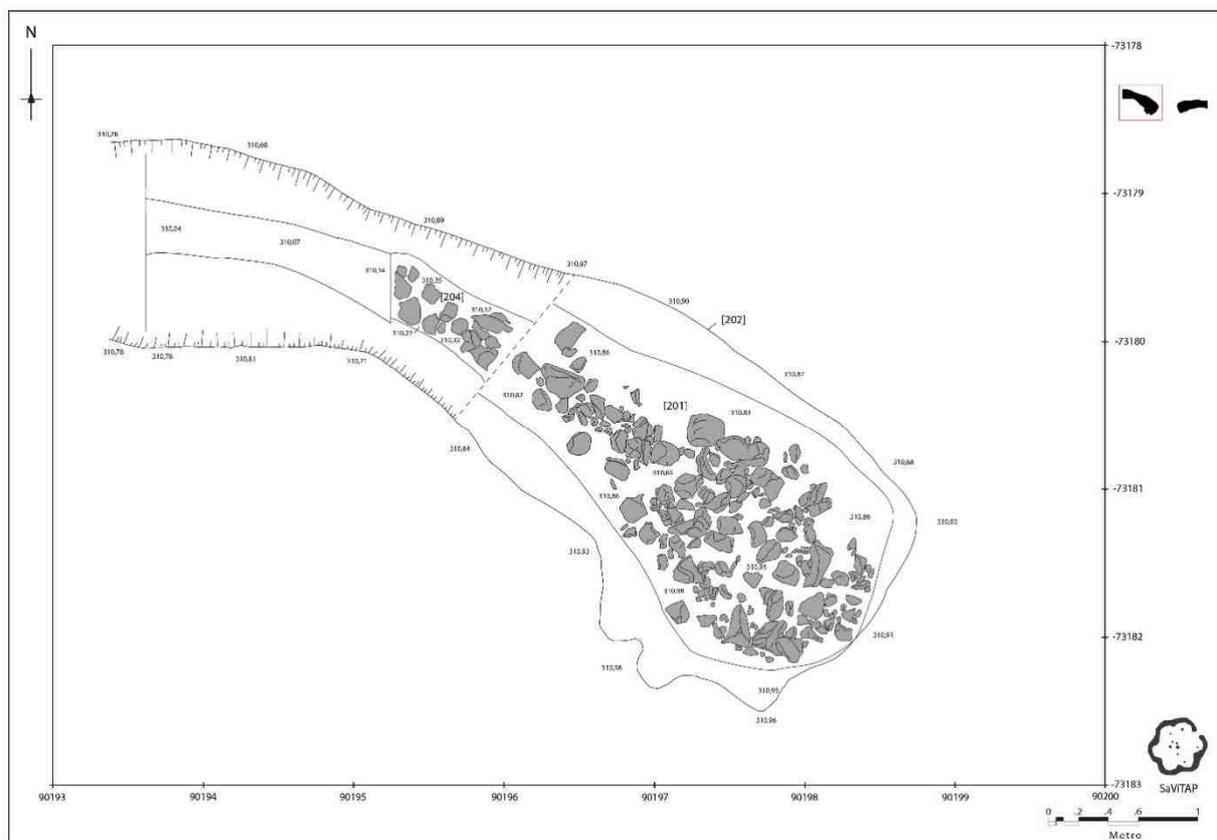


Figura 6.18 – Plano do enchimento pétreo [201] e, na área sondada nos anos oitenta do século XX, do empedrado [204].

Removida a [201], ficou exposto o interface de corte do *recutting*, com os lados definidos pelo depósito cortado [215] e na base já aflorando o depósito inferior [216]. O depósito cortado [215] era composto por um sedimento castanho, granuloso, semelhante à matriz que envolvia as pedras da [201]. Do lado norte cobre a [203] e do lado Sul cobre a [216] e encosta à [205], um depósito castanho mesclado com caliços e que se desenvolve na diagonal ao longo da parede do fosso.

O enchimento [216] preenche a zona central do fosso e corresponde a um sedimento argiloso, castanho acinzentado escuro que serve de matriz a um aglomerado pétreo de pedras de pequenas e

médias dimensões e nódulos de argila. Forneceu cerâmica e fauna. Encosta a norte à [203] e a Sul à [205], assentando na [207] (Figura 6.19). Preenche o que parece ser um primeiro momento de *recutting*, o qual foi referenciado como [218].

Já o depósito [203] desenvolvia-se ao longo da parede Norte do fosso, com uma disposição diagonal, caracterizando-se por um sedimento cinzento claro, compacto, com algum caliço do geológico. Também assenta na [217], depósito que corresponde ao primeiro preenchimento do fosso nesta extremidade e corresponde a um sedimento castanho, igualmente com nódulos de argila. Junto ao corte Oeste apresenta algumas pedras e junto à parede norte alguns nódulos de caliço. Forneceu alguma fauna e parte de um recipiente cerâmico.

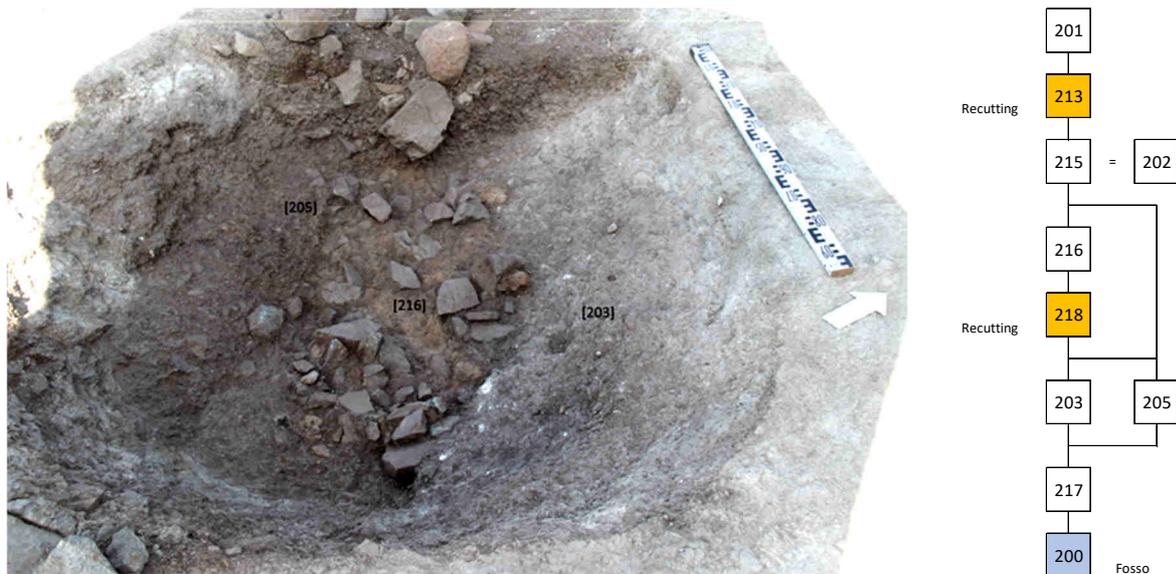


Figura 6.19 – Aspecto do depósito 216, preenchendo a área central do fosso e matriz de Harris da área aprofundada na extremidade do Fosso 2, do lado Oeste da entrada.

### 6.2.2 – FOSSO 2, SECÇÃO 2

A Secção 2 foi implantada do lado Este da entrada norte do Fosso 2, tendo sido decapada numa área de 4m de extensão, mas aprofundada numa secção de apenas 2m (a uma distância de um metro do limite do fosso na entrada). Esta área não tinha sido intervencionada anteriormente, pelo que todo o enchimento do fosso foi sondado.

Na decapagem foi removido o depósito superficial [220], correspondendo a sedimentos cinzento claro, granulados e relativamente soltos, que forneceram alguns, escassos, fragmentos cerâmicos. Uma vez removido este depósito ficou visível aglomerado pétreo [221] ao longo do centro do fosso, o qual que preenchia um *recutting* [222] realizado em depósitos pétreos. No topo desse aglomerado foram identificadas, a distâncias regulares, três depressões tendencialmente circulares, semelhantes a alvéolos, e que poderia corresponder a assentamentos de pedras verticalizadas de tipo menir ou estela (Figura 6.20).

Removido o aglomerado pétreo verificou-se que o *recutting* cortava dois depósitos sobrepostos, que embora registados com números de unidade diferentes de cada lado, são equivalentes. O primeiro [223=224] correspondia a um depósito cinzento claro, arenosos e granular, que não forneceu materiais arqueológicos. Este depósito assentava num outro [225=227], composto por sedimento argiloso, castanho acinzentado, com grãos de caliço e escassa cerâmica. Do lado norte, o depósito [225] integrava uma mancha de sedimentos cinzentos, com muito caliço e compacta [226].



Figura 6.20 – Aglomerado pétreo [221], numa matriz de sedimento mais escuro, preenchendo o *recutting* [222] e apresentando um conjunto de possíveis alvéolos circulares (assinalados pelas setas à esquerda).

Estes depósitos foram identificados lateralmente ao longo do fosso, pois foram cortados pelo *recutting*, em cuja base surgia já um novo aglomerado pétreo [228], o qual era coberto lateralmente pelo depósito [225=227]. Este aglomerado preenchia a totalidade da sondagem e assentava em dois depósitos distintos, uma a Oeste e outro a Este (Figura 6.21). Esta diferença fica a dever-se ao facto de a base do fosso se apresentar seccionada em dois troços mais profundos separados por uma zona menos profunda que se localizava precisamente a meio da área sondada (Figura 6.22). Assim, a secção mais profunda a Oeste [232] era preenchida pelo depósito [230] cinzento, fino e arenoso e compacto, enquanto a secção mais profunda a Este [231] era preenchida pelo depósito [229], de cor castanho claro, arenoso e compacto, no qual foram recolhidos escassos fragmentos cerâmicos.



Figura 6.21 – Aspecto do aglomerado pétreo [228], sendo bem visível na secção o *recutting* preenchido pelo outro aglomerado [221] na área central do enchimento do fosso.



Figura 6.22 – Aspecto da base seccionada do Fosso 2 e matriz de Harris da Secção 2.

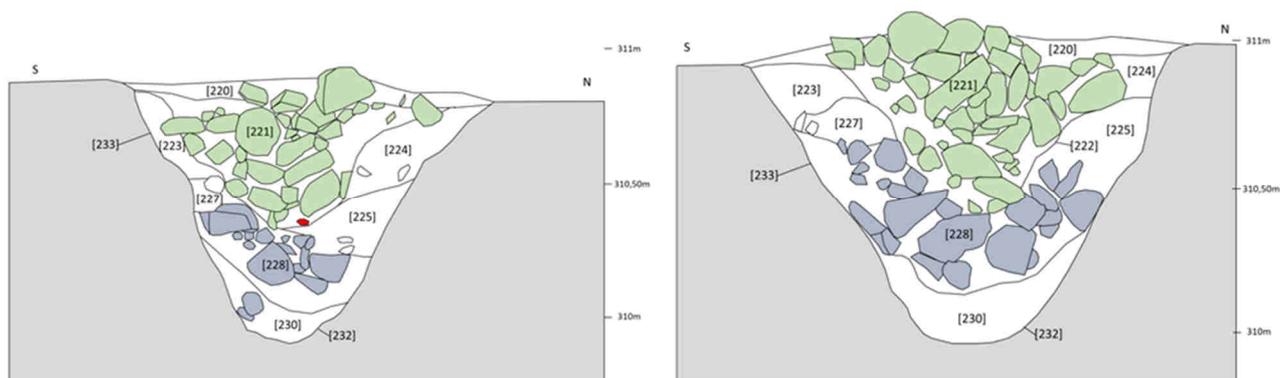


Figura 6.23 – Perfis Oeste (esquerda) e Este (direita) da Secção 2 do Fosso 2.

### 6.2.3 – FOSSO 2, SECÇÕES 3/4

Na campanha de 2019 procedeu-se à decapagem da restante parte do primeiro lóbulos e início do segundo do lado Este da entrada. Esta decapagem permitiu documentar que o empedrado de topo e o *recutting* por ele preenchido se prolongavam até ao final do primeiro lóbulos, terminando numa interrupção que parece ter sido um outro alvéolo e que se encontra na zona de separação entre lóbulos. Existia, pois, uma clara separação relativamente a um outro *recutting* preenchido por outro aglomerado pétreo e que arrancava no início do segundo lóbulos. A diferença entre os dois aglomerados pétreos de enchimento era logo bem visível ao nível do topo, tanto no que respeita às pedras, como da matriz sedimentar que as envolvia: mais dioritos alterados e desagregados, envolvidas numa matriz de sedimentos mais escuros no arranque do segundo lóbulos, mais gabros angulosos numa matriz mais clara no primeiro lóbulos, semelhante ao que se havia documentado na Secção 2 (Figuras 6.24 e 6.25).

Foram então implantadas mais duas secções com dois metros de extensão, a Secção 3 situada sensivelmente a meio do primeiro lóbulos e a Secção 4 abrangendo o final deste primeiro lóbulos e o arranque do segundo, ou seja, a zona de interrupção entre os dois empedrados, onde se localizava o possível alvéolo (Figura 6.25).



Figura 6.24 – Vista dos enchimentos de *recuttings* distintos do primeiro lóbulo e arranque do segundo no topo do Fosso 2.

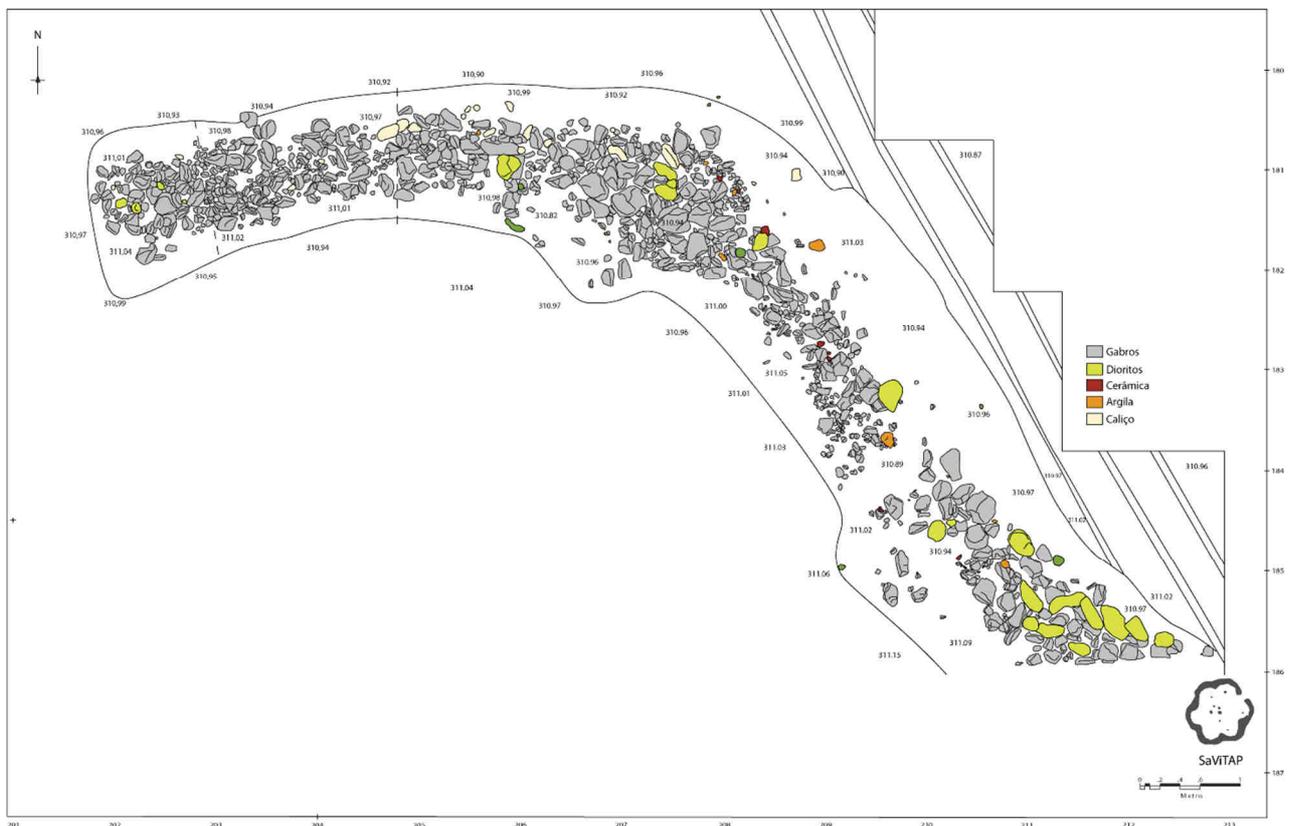


Figura 6.25 – Plano dos enchimentos de *recuttings* distintos do primeiro lóbulo e arranque do segundo no topo do Fosso 2, com localização das zonas das Secções 2 e 3.

A Secção 3 revelou uma estratigrafia homogénea em toda a sua área, ainda que os enchimentos apresentem uma pendente na direcção do centro do lóbulos.

Após a decapagem que removeu a [220] foi identificado um primeiro momento de *recutting*, [237], que se encontrava preenchido por um aglomerado pétreo de pedras de média e grande dimensão numa matriz de sedimento pouco compacto e de cor cinzento [236], contendo numa área restrita um aglomerado de pequenas pedras [246]. Este *recutting* e respectivo enchimento corresponderão à continuação da realidade observada no topo da Secção 2.

O *recutting* [237] cortou o depósito [252], solto e de tonalidade castanho escuro, o qual cobria um *recutting* anterior, [265], que revelou dois momentos de enchimento. O superior, [258], corresponde a um novo aglomerado de pedras de grande e média dimensão, envoltas num sedimento castanho escuro, compacto, o qual cobre o depósito [266] sem pedras e argiloso, com presença de caliços e bastantes fragmentos cerâmicos (praticamente ausentes do enchimento desta secção até à identificação desta unidade estratigráfica).

Este *recutting* [265] cortou, no lado Este, os depósitos [254] e o [261], ambos extremamente compactos, que se distinguem entre si pela tonalidade cinzenta escura e pela presença de pedras de pequena dimensão no [254]. No lado Oeste foram truncados os depósitos [279] e os [255] diferentes tanto no que toca a tonalidade como na compactação: o [279] mais escuro e mais solto e o [255] extremamente compacto, com abundantes fragmentos de caliço, que podem justificar a sua cor mais clara. Por sua vez, estas realidades cobriam o depósito [272/273] (ainda parcialmente tocado pelo *recutting* [265]), que forneceu um fragmento de placa de xisto, e que se sobrepunha parcialmente aos depósitos mais compactos [270] e [271].



Figura 6.26 – *Recutting* [265] (à direita) e o seu segundo preenchimento por um aglomerado pétreo [258] (à esquerda).



Figura 6.27 – Depósito [272/273] (à esquerda), e o aglomerado pétreo [274] que cobria (à direita).

Sob estes depósitos foi registado um novo momento de *recutting*, [291], preenchido por dois níveis de aglomerados pétreos, [274] no topo (Figura 6.27), composto por blocos de média e grande dimensão e o [290] na base, correspondendo a pedras de menor dimensão. Este *recutting* foi escavado nos sedimentos que preenchiam o fosso até à sua base, [292] (Figura 6.28), os quais apresentavam a inclusão caliço.

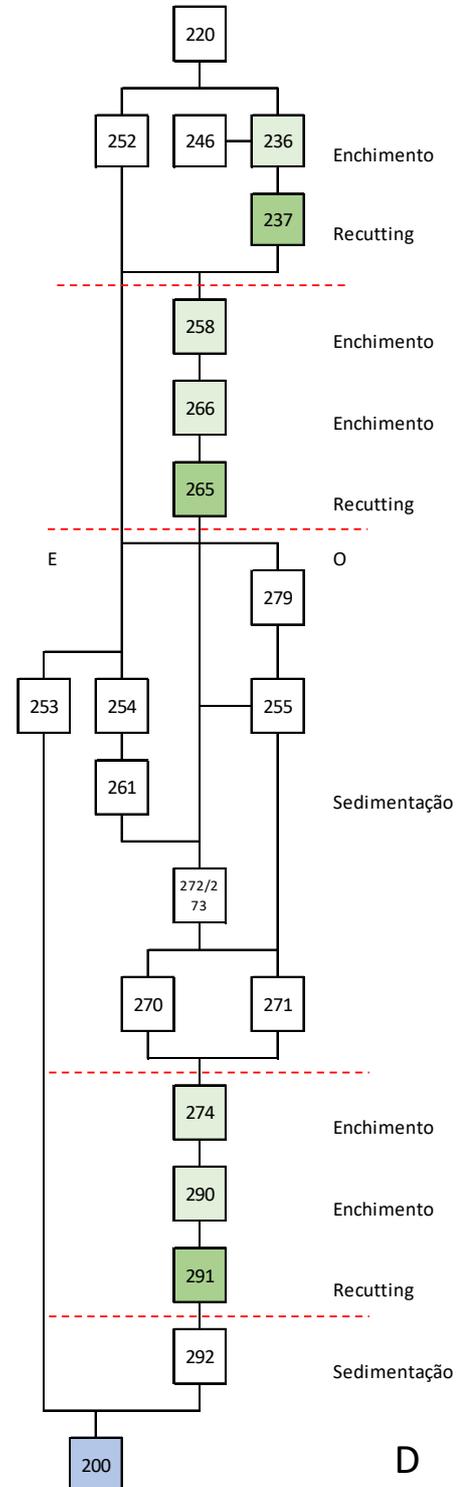


Figura 6.28 – A. Base do recutting [291] aberto no depósito [292]; B. perfil Sul da Secção 3 do Fosso 2; C. perfil Norte da Secção 3 do Fosso 3; D. matriz de Harris.

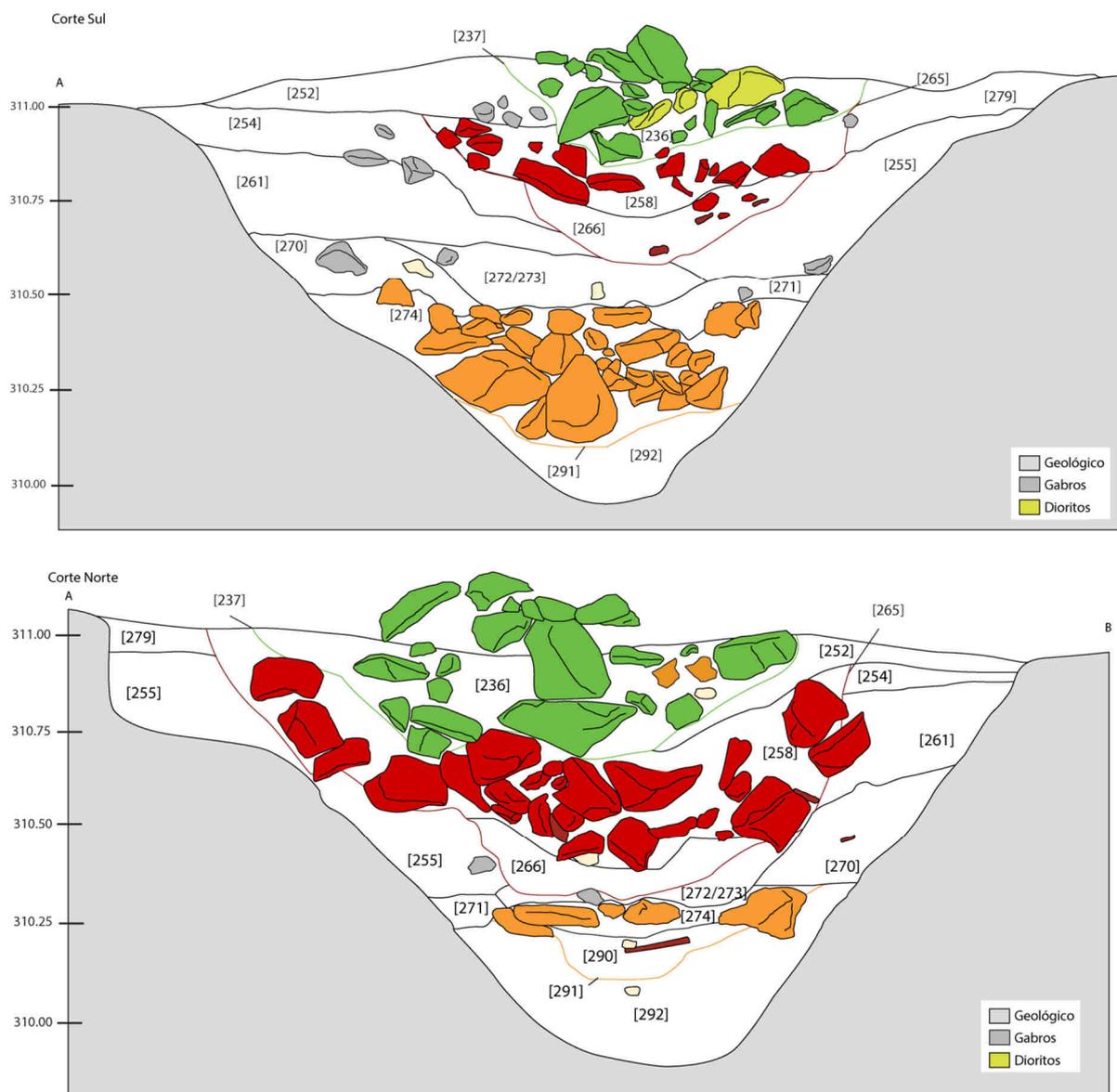


Figura 6.29 – Perfis Sul (em cima) e Norte (em baixo) da Secção 3 do Fosso 2.

Sintetizando, a sequência de enchimento da Secção 3 do Fosso 2 apresenta cinco grandes fases de enchimento. A primeira corresponde a sedimentação da base do fosso de um depósito argiloso pouco espesso com algumas inclusões de calço. Nestes sedimentos é escavado o primeiro *recutting* que é preenchido, em dois momentos distintos. Segue-se uma nova fase de sedimentação. A este momento é atribuível o único fragmento de placa de xisto gravada recuperada nas intervenções do projecto SANVIT. Segue-se um segundo *recutting* também preenchido em dois momentos. Após ligeira sedimentação, volta a abrir-se um novo *recutting*, o terceiro detectado nesta secção, apenas com um enchimento.

Ao contrário do que acontece no Fosso 1, onde os *recuttings* registados têm preenchimentos com pedras de pequenas dimensões, fragmentos cerâmicos e nódulos de argilas, no primeiro lóbulo do Fosso 2 a Este da entrada Norte, estas reescavações que foram sendo realizadas ao longo da colmatação do fosso, e registadas nas Secções 2 e 3, são preenchidas sobretudo com pedras de grandes e médias dimensões, sendo os materiais arqueológicos mais raros, numa situação que parece replicar o que se passa no primeiro lóbulo do lado Oeste do mesmo fosso, tendo em conta as observações realizadas na Secção 1. Diferente, contudo, foi a situação registada na Secção 4 deste mesmo fosso.

A secção 4, localizada precisamente na área de inflexão que liga o primeiro ao segundo lóbulos do lado Este da porta, revelou uma estratigrafia em grande parte diferente entre um e outro lado da sondagem, o que sugere que o preenchimento terá sido segmentado de acordo com os próprios lóbulos.

Assim, do lado sul, o topo do enchimento, para além de duas marcas de afectação agrícola ([240] e [283]) apresentava um recorte pouco profundo e estreito ao centro do fosso [235]. Este *recutting* era preenchido por um aglomerado pétreo numa matriz de sedimentos castanho escuro [234], o qual continha abundantes pedras de diorito em desagregação. Do lado norte observava-se igualmente um *recutting* estreito e pouco profundo [237], mas mais descentrado para Oeste. Era preenchido pelo um aglomerado de pedras [236] (que se prolongava por todo o topo do primeiro lóbulos), o qual já quase não apresentava pedras de diorito em desagregação. Estes recortes cortavam sedimentos de enchimento anteriores: os depósitos [247] e [282] do lado Sul e o depósito [286] do lado Norte, que já não chegava ao corte Sul.

Ao centro da sondagem, separando estes dois recortes e respectivos enchimentos, registou-se uma depressão circular [244] com pequenas pedras na base, preenchida por um depósito argiloso [239] (Figura 6.30). Esta depressão poderá corresponder a um alvéolo de uma eventual pedra verticalizada que marcaria a transição entre lóbulos e respectivos enchimentos, facto que se observa em toda a estratigrafia escavada nesse ponto. Lembremos que já na extremidade oposta do primeiro lóbulos, junto à entrada Norte, se observaram possíveis alvéolos no topo dos enchimentos empedrados do último *recutting*.



Figura 6.30 – Possível alvéolo, servindo de separação entre os enchimentos do primeiro e segundo lóbulos.

Imediatamente abaixo, observou-se a abertura de dois outros *recuttings* que, mais uma vez, não se contactam ao centro da sondagem e apresentam características diferentes nas extremidades das secções. Do lado Sul observa-se um *recutting* central [284], imediatamente por baixo do anteriormente descrito desse lado, igualmente estreito e preenchido por um aglomerado pétreo mantendo dioritos desagregados numa matriz de sedimento castanho [263] (Figura 6.31). Do lado Norte observou-se um *recutting* mais largo e aberto [287], mas igualmente descentrado para Oeste, preenchido por pedras [259] onde continuava a registar-se a ausência dos dioritos desgregados, e, sob estas, um fino depósito [260] de sedimentos escuros que embalavam pequenas pedras e fragmentos cerâmicos depositados na horizontal (Figura 6.31). Estes *recuttings* sucediam-se a um momento prévio de sedimentação, com a formação dos depósitos [248], [249], [252], [256], [257] e [262], sendo que apenas este último abrangia a sondagem de Norte a Sul.

Abaixo, novo duplo *recutting*. Do lado sul, o *recutting* [285], mantendo a centralidade anterior, era preenchido por um aglomerado pétreo [281] que se sobrepunha a um fino depósito muito escuro e com carvões e cerâmica [264]. Já do lado norte registou-se o *recutting* [288], uma vez mais amplo, aberto e descentrado para Oeste, o qual era preenchido pelo aglomerado pétreo [267] e, sob este, o depósito [275] com fragmentos cerâmicos.



Figura 6.31 – Aglomerado pétreo [263], no lado Sul (à esquerda), depósito [260] no lado Norte da Secção 4.

Este momento de *recuttings* era foi subsequente a um outro momento de sedimentação, com a formação de depósitos arenosos com grão de geológico do lado Sul ([277], [268]) e de depósitos mais argilosos e com grão de caliço do lado Norte ([268] e [276]) sendo o [269] o único comum aos dois lados da secção).

Sob os depósitos [268], [276] e [269], que se haviam formado antes da abertura do recorte acima descrito, foi registado um aglomerado pétreo [289], que começa sensivelmente a meio da sondagem e se vai alargando até ao corte Norte, prosseguindo pelo seu interior. As pedras encontravam-se envoltas num sedimento também ele argiloso e alaranjado, com a presença de nódulos de caliço branco, evidenciando uma alteração na matriz em relação à realidade anterior.

Após a remoção da [289], e da adjacente [268], três realidades foram reconhecidas: o aglomerado pétreo [293], junto ao corte Norte; um segundo aglomerado, o [296], desta vez junto ao corte Sul e o depósito [294], no qual estas realidades pareciam assentar. Esta relação confirmou-se no caso da [296], mas não na [293], uma vez que esta correspondia ao enchimento de um primeiro *recutting* ([297]). Tendo em conta a sua altimetria e a composição dos elementos pétreos (de grande e média dimensão), é possível avançar que o *recutting* [297] da secção 4, deverá materializar o início do *recutting* [291], identificado na Secção 3.

Este último *recutting* da Secção 4 foi aberto no depósito de base [294], que incluía na sua matriz alguns elementos de caliço e grão de geológico, equivalente ao depósito de base [292] da Secção 3.



Figura 6.32 – Aglomerados pétreos [296] e [293] (à esquerda) e *recutting* [297] aberto no depósito de base [294] (à direita).



Figura 6.33 – Perfis Norte da secção 4 do Fosso 2, à esquerda e Corte Sul, à direita.

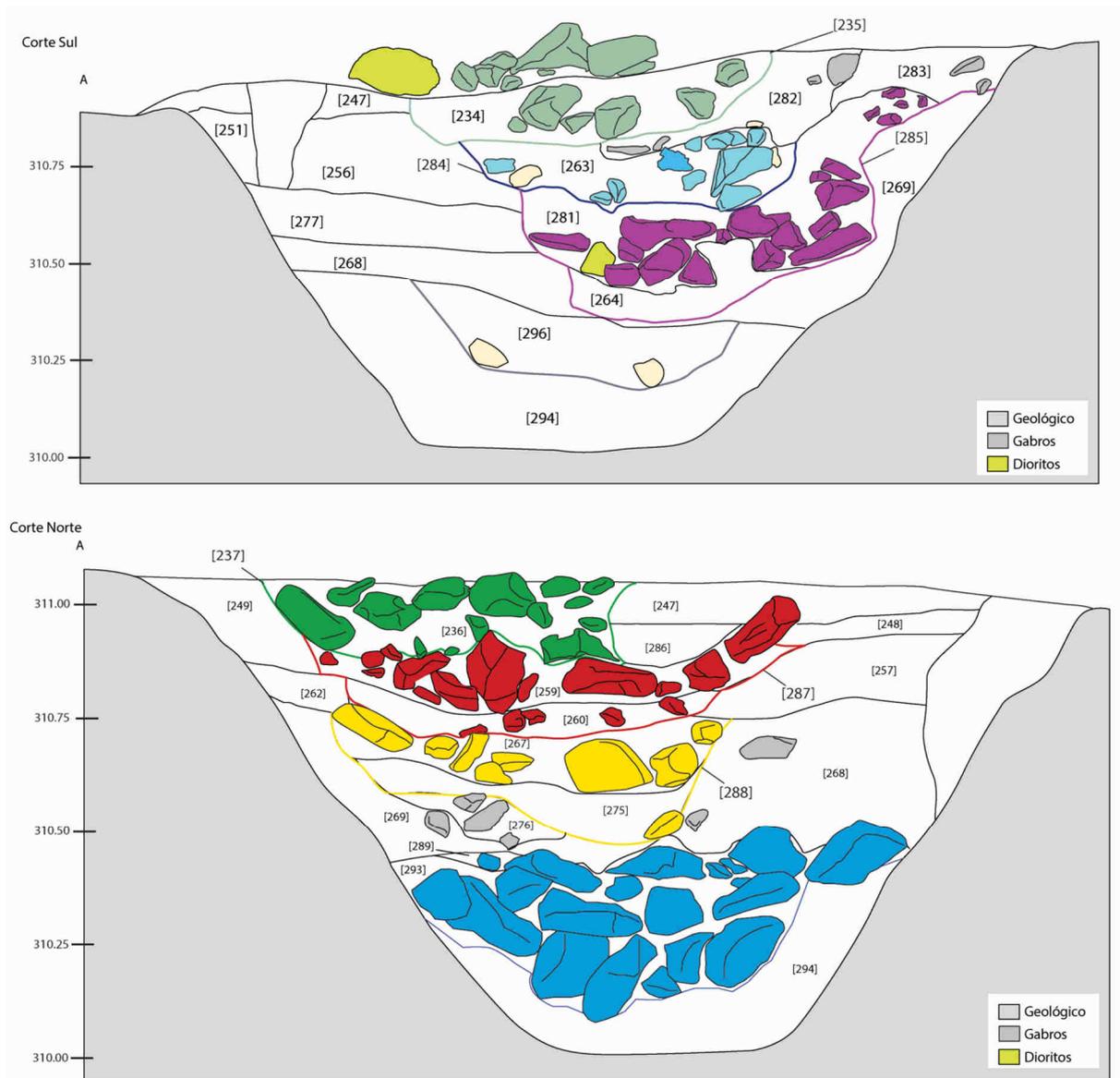


Figura 6.34 – Perfis Norte e Sul da secção 4 do Fosso 2.

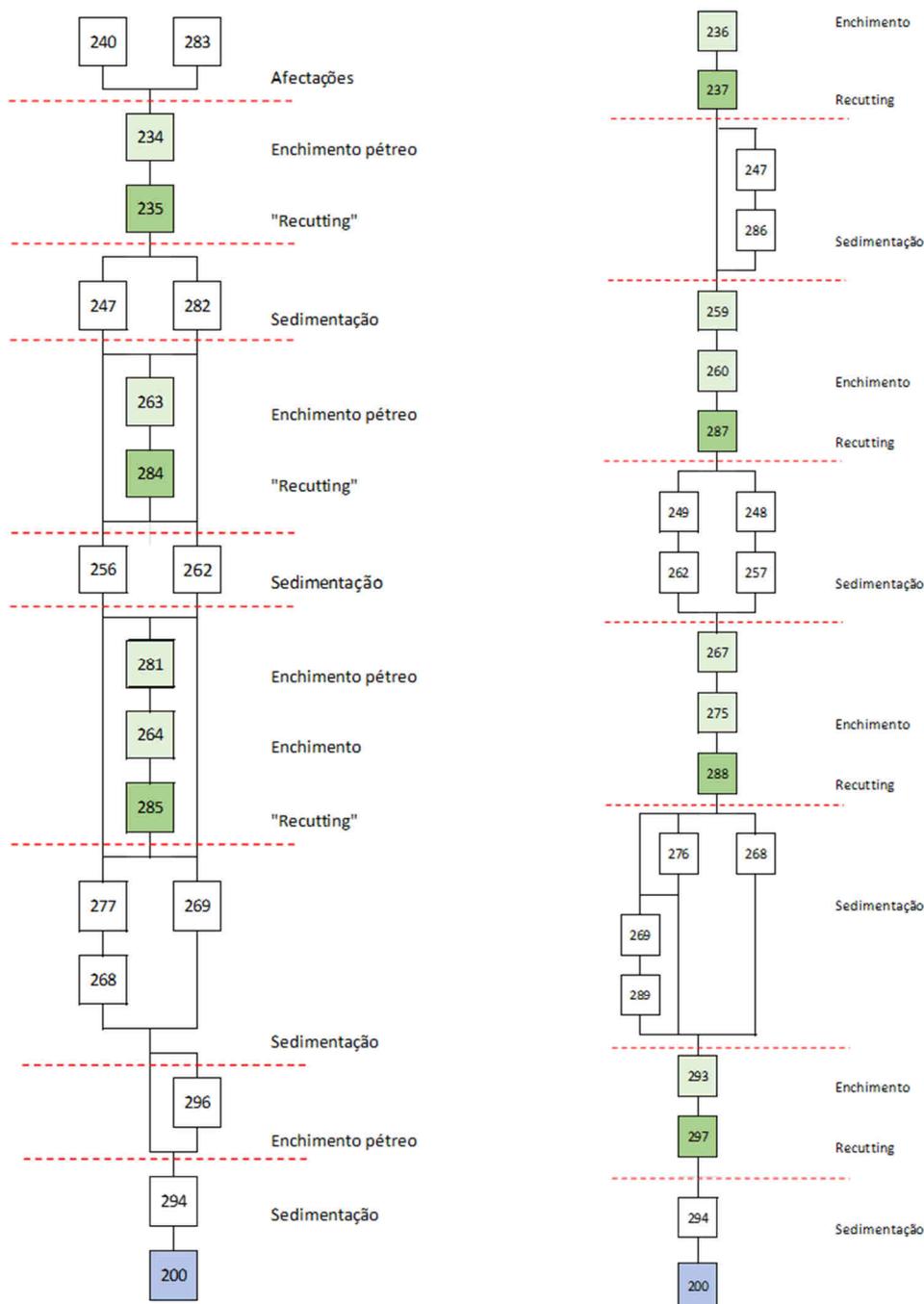


Figura 6.35 - Matrizes de Harris da Secção 4 do Fosso 2, lado Sul à esquerda e do lado Norte à direita.

Resumindo, as dinâmicas de enchimento detectadas na Secção 4 do Fosso 2, são bastante complexas. Isto deve-se, sobretudo, ao local de implantação desta sondagem numa área que abarca a junção de dois lóbulos que, baseando-nos nas diferenças registadas nesta secção, têm preenchimentos distintos, documentando vários momentos de sedimentação seguidos de episódios de *recutting* e respectivos preenchimentos. O primeiro, comum a toda a secção, é o da sedimentação de base (depósito [294]). Este inclui alguns elementos de geológico desagregado misturados com sedimento, podendo, como no caso da Secção 3, indiciar alguma erosão parcial das paredes do fosso durante o processo de sedimentação. Este processo de sedimentação é quebrado, no lóbulo Sul, pela deposição do aglomerado pétreo [296] e, no lado Norte, pela abertura do primeiro *recutting* preenchido por pedras.

Um segundo momento de sedimentação é detectado, individualizando-se depósitos que abrangem a extensão total da secção ([268] e [269]), mas igualmente dinâmicas de enchimento particulares a cada um dos lados: a Norte o [289] e o [276] e, no lado Sul, o [277]. Estes contextos criam a base, na qual serão escavados os dois *recuttings* que marcam o início do quarto momento de enchimento, desta secção da estrutura: o *recutting* [288] no lado Norte e o [285] no lado Sul, os quais voltam a evidenciar preenchimentos com blocos pétreos.

Segue-se novamente uma fase de sedimentação e posterior abertura de dois novos *recuttings*, o [287] na metade Norte e o [284] na metade Sul. Um breve destaque vai para a deposição horizontalizada de materiais e pequenas pedras [260], no lado Norte, sendo este tipo de realidade bastante rara em todas as secções intervencionadas no Fosso 2. Em ambas as metades, os recortes são selados com dois enchimentos pétreos.

Finalmente, acumulam-se os sedimentos que concluem a colmatação do Fosso 2 e são abertos os últimos *recuttings*, preenchidos, uma vez mais, por blocos de média e grande dimensão. A este momento é também atribuída a depressão circular [244], que poderá corresponder a um alvéolo de uma eventual pedra verticalizada que marcaria a transição entre lóbulos e respectivos enchimentos.

### 6.3 – AS SONDAGENS EXTRA FOSSAS (SECTORES 3 A 6)

Nos quatro sectores abertos na área exterior ao Fosso 2 (Figura 6.1), ou seja, fora da área cercada por fossos, apenas no Sector 6 se registaram contextos preservados. Nos restantes verificou-se que os depósitos revolvidos de superfície assentavam directamente sobre sedimentos argilosos arqueologicamente estéreis ou sobre o geológico (que apresentava marcas de arado), não tendo fornecido materiais arqueológicos.

No Sector 6, ainda que se tenha verificado uma situação semelhante relativamente ao depósito de cobertura, foi possível identificar e escavar uma fossa (Fossa 18), localizada a cerca de 5m da entrada Norte do Fosso 2.

#### 6.3.1 – A FOSSA 18 (SECTOR 6)

A Fossa 18 corresponde a uma estrutura negativa de planta circular, com aproximadamente 1,10 m de diâmetro e apenas 28 cm de profundidade. Junto à base da fossa, em contacto directo com o geológico, encontrava-se um pequeno grupo de pedras (quatro blocos de caliços e gabros). Esta deposição encontrava-se coberta por apenas um depósito arqueológico, o [300], com uma tonalidade acinzentada e compacto, que forneceu alguns materiais cerâmicos e faunísticos, bastante afectados por concreções.

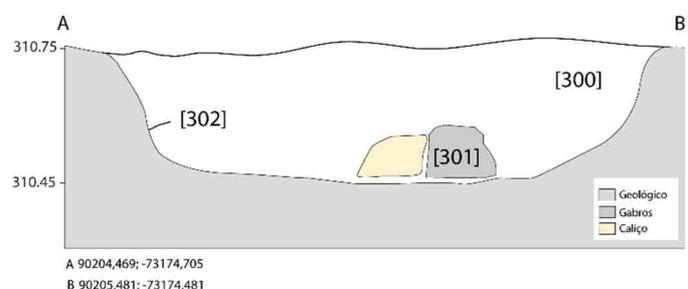


Figura 6.34 – Aspecto da Fossa 18 e da respectiva secção.



ARTEFACTOS,  
FAUNAS E  
CRONOLOGIA





# 7

## **OS CONJUNTOS ARTEFACTUAIS DO RECINTO DE SANTA VITÓRIA: DINÂMICAS GERAIS E DISTRIBUIÇÕES CONTEXTUAIS DAS MATERIALIDADES**

Ana Catarina Basílio  
António Carlos Valera

O Recinto de Fossos de Santa Vitória encontrava-se, até ao início do projecto SANVIT, pouco presente na bibliografia nacional, quer no que concerne as suas dinâmicas construtivas, arquitectónicas e temporais, quer a nível das suas materialidades. Sobre este recinto, contudo, foram-se perpetuando percepções que não se encontravam baseadas em dados empíricos sólidos.

Relativamente à componente artefactual, com o início e o decurso dos trabalhos do projecto SANVIT foi perceptível que, comparativamente a outros sítios tipologicamente e cronologicamente coetâneos, como é o caso do Complexo de Recintos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) ou do vizinho Monte da Contenda (Arronches), o conjunto artefactual de Santa Vitória era numérica e proporcionalmente mais modesto, com uma significativamente menor diversidade tipológica de artefactos, o que contribui para pensar em distintas funcionalidades e agências para o recinto em estudo. Este panorama vem enfatizar a já esperada diferenciação entre os grandes recintos e sítios como Santa Vitória, que parecem ter temporalidades mais concisas.

### **7.1 – PANORAMA GERAL DOS MATERIAIS DE SANTA VITÓRIA**

Considerando o Recinto de Santa Vitória como um todo, ao longo dos quatro anos de projecto, foram recuperados 2015 artefactos. Destes, 163 são fragmentos de argilas e 1907 bojos, com 9,108 kg e 31,565 kg respectivamente. Os restantes 364 registos correspondem a materiais classificáveis, com um destaque muito claro para a categoria dos elementos cerâmicos, com 321 peças (88% do conjunto classificável).

As restantes categorias artefactuais são residuais, com 6% das peças classificáveis a enquadrarem-se na Pedra Talhada, 2% na Pedra Polida e Pedra Afeiçãoada e as restantes 4% integráveis na categoria dos “Outros artefactos” (cf. Tabela 7.1).

Tabela 7.1 – Distribuição geral dos artefactos por estrutura e fase.

	Fosso 1		Fosso 2		Fossa 18	Sup.	Total
	Fase I	Fase II	Fase I	Fase II			
Bordos de recipientes	71	87	101	49	3	4	315
Elementos de tear	-	1	2	2	1	-	6
Pedra Polida	-	-	1	2	-	-	3
Pedra Afeiçãoada	2	1	1	-	-	-	4
Pedra Talhada	2	8	6	6	-	-	22
Elementos simbólicos	11	-	1	-	-	-	12
Elementos de adorno	1	-	1	-	-	-	2
Argila	14*	92	43	14	-	-	163*
Bojos	495	263	555	552	32	10	1907
<b>Total</b>	596	452	711	625	36	14	2434*

\*Mais 81 litros de nódulos de argila, não contabilizados individualmente.

### 7.1.1 – A COMPONENTE CERÂMICA

Ao nível da componente cerâmica de Santa Vitória, registaram-se 315 fragmentos classificáveis de recipientes e seis elementos de tear.

Tabela 7.2 – Distribuição dos fragmentos pelas tipologias cerâmicas por estrutura e fase.

Tipologia cerâmica	Fosso 1		Fosso 2		Fossa 18	Sup.	Total
	Fase I	Fase II	Fase I	Fase II			
<b>1. Pratos</b>							
1.1	8	3	16	3	-	-	30
1.2	1	5	9	2	-	-	17
1.3	4	6	5	3	1	-	19
1.4	-	1	7	4	-	-	12
1.5	-	1	-	-	-	-	1
<b>2. Taças</b>							
2.1	6	12	7	-	-	-	25
2.2	1	1	-	-	-	-	2
2.3	-	1	-	-	-	-	1
2.4	1	2	-	1	1	-	5
<b>3. Taças Carenadas</b>		1	-	-	-	-	1
<b>4. Tigelas</b>							
4.1	4	7	4	4	-	-	19
4.2	8	6	7	5	-	-	26
4.3	1	-	1	-	-	-	2
<b>5. Esféricos</b>	1	4	9	4	-	1	19
<b>6. Globulares</b>	2	2	-	-	-	1	5
<b>7. Recipientes tipo saco</b>							
7.1	-	1	-	1	1	1	4
7.2	1	-	-	-	-	-	1

8. Troncocónico com estrangulamento	-	-	1	-	-	-	1
9. Mini Vaso	-	-	1	-	-	-	1
Indeterminados	31	34	32	21	-	1	119
Carenas/Ombros	2	-	1	-	-	-	3
Pegas	-	-	1	1	-	-	2
<b>Total</b>	<b>71</b>	<b>87</b>	<b>101</b>	<b>49</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>315</b>

O pequeno conjunto enquadrável na categoria da tecelagem - ainda que se reconheça o carácter limitativo que esta categorização aporta, considerando que este tipo de artefactos pode apresentar distintas funcionalidades - é composto pelas formas esperadas para o Calcolítico alentejano. Isto significa que cinco das peças são placas rectangulares e o último exemplar um crescente, cuja análise foi impossibilitada pelo seu estado de conservação muito degradado. As placas correspondem a dois fragmentos mesiais e a fragmentos distais, dois com perfuração central e o último exemplar com dupla perfuração.

Dos 315 fragmentos classificáveis de recipientes cerâmicos, 306 elementos correspondem a fragmentos de bordos, um a um mini vaso, três a recipientes parcialmente conservados (possíveis metades de recipientes, duas taças e uma tigela, as três de bordo simples), três exemplares são carenas ou carenas ombreadas e, por fim, duas pegas. Em nenhum dos fragmentos foram identificados motivos decorativos. Esta ausência não é particularmente estranha em contextos Alentejanos, onde as decorações são sempre residuais ou minoritárias. Nas campanhas do século XX o número de cerâmicas decoradas é igualmente residual, tendo sido referida a presença de decoração plástica à base de mamilos, de pastilhas repuxadas, de um recipiente com uma banda de cinco linhas de puncionamentos (Figura 7.1) e de um recipiente com decoração incisa com canelura junto ao bordo e ligação ao fundo por três linhas zigzagueantes (Dias, 1996). É de sublinhar, em função das cronologias obtidas (ver capítulo 10), a total ausência de cerâmicas campaniformes. Estas, contudo, estão presentes no vizinho recinto do Monte da Contenda, cerva de 4km a norte (Valera *et al.*, 2022).

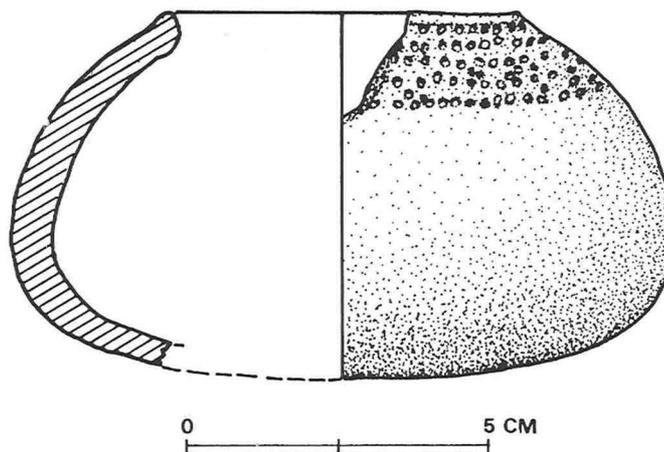


Figura 7.1 – Recipiente decorado proveniente de Santa Vitória, segundo Dias, 1996.

De forma a caracterizar o conjunto de materiais cerâmicos de Santa Vitória foi levada a cabo uma análise formal de todos os fragmentos classificáveis, à qual se adicionou um estudo e caracterização macroscópica das respectivas pastas e tratamentos de superfície. A análise das características tecnológicas das peças foi levada a cabo em todos os 320 artefactos em cerâmica (bordos e pesos), com excepção do peso de tear do Fosso 1 que, pelo seu estado de conservação, foi

manuseado o mínimo possível. A análise macroscópica seguiu os critérios definidos para a análise da tecnologia produtiva dos recipientes cerâmicos estabelecidos por vários autores, em muito complementares entre si - Shepard (1971); Silva e Soares (1976-77); Séronie-Vivien (1982); Balfet *et al.*, (1985); Senna-Martinez (1989); Soares (2013); Valera (1997; 2006). Desta forma, é possível compreender diferenciações e alterações nos comportamentos entre os próprios materiais e as suas formas, mas principalmente na sua relação com a estratigrafia e com a temporalidade do sítio.

A nível formal, e seguindo a tabela tipológica desenvolvida de raiz para e com materiais de Santa Vitória, individualizaram-se nove morfologias principais, correspondentes às formas típicas do Calcolítico regional, com variações internas relacionadas com modificações na orientação e forma geral dos bordos, ou com a presença de estrangulamentos (como é o caso da forma 7.2). Todavia, ainda que em 59% do conjunto tenha sido possível proceder, com sucesso, a esta análise formal, 119 fragmentos apresentavam-se demasiado fragmentados ou pouco definidos, impossibilitando o seu enquadramento numa das tipologias.

O tipo predominante é o prato (79 elementos), em 30 casos na sua variante mais simples (1.1), num caso na sua variante baixa (1.5) e em 48 casos com espessamentos no bordo. Nestes últimos, a distribuição é relativamente homogénea entre os distintos tipos de bordo, com um ligeiro relevo para os pratos bi-espessados (19 registos), seguidos pelos exemplares espessados internamente e, por fim, pelas peças com espessamento externo, com 17 e 12 exemplares respectivamente. Contudo, os pratos de Santa Vitória parecem apresentar uma particularidade, uma vez que, ainda que os espessamentos sejam visíveis nos perfis dos fragmentos cerâmicos, são apenas ligeiros, partindo sempre de bordos planos (Tabela 7.3). Desta forma, ainda que se mantenham as denominações genericamente utilizadas nos estudos cerâmicos regionais, mantendo o potencial comparativo deste trabalho, não foram encontradas peças com os espessamentos mais tradicionais, como acontece noutros sítios como Porto das Carretas (Soares, 2013), Moinho de Valadares 1, Monte do Tosco (Valera, 2013) ou nas cerâmicas do Complexo de Recintos dos Perdigões (Valera, 1998; Basílio, 2022).

Tecnologicamente, os pratos apresentam consistências e texturas diversas, sendo um tipo bastante heterogéneo. A maioria dos exemplares foi realizado com pastas de consistência média (29 – 37%) ou compacta (44 – 35%), de texturas homogéneas (29 – 37%) e granulares (38 – 48%). As pastas apresentam elementos não plásticos com dimensões inferiores a 1 mm ou maiores que 5 mm, ainda que predomine a categoria de dimensão média (igual ou inferior a 3mm, mas superior a 1mm). Nesta categoria predominam as cozeduras oxidantes (65%) e os fragmentos apresentam-se genericamente bem preservados, permitindo a identificação de engobes em 25 peças (18 dos quais engobes internos). Os restantes pratos foram meramente alisados, seis deles ainda permitindo discernir marcas de molde.

Aos pratos segue-se o Tipo 4, as Tigelas. A esta forma foram atribuídos 47 fragmentos, contando apenas com três variantes. 19 dos fragmentos correspondem a tigelas simples, 26 a tigelas ligeiramente fechadas e apenas duas peças com bordo simples, mas com volume considerável (recipientes de grandes dimensões). As pastas utilizadas na produção das tigelas são, tal como nos pratos, heterógenas, tanto na consistência, como na textura, ainda que predominem pastas consistentes e homogéneas (ambas com uma representatividade de 67%). Os elementos não plásticos encontram-se numa proporção baixa e com dimensões iguais ou inferiores a 3mm. No que respeita à cozedura, não foi possível detectar uma preferência para nenhuma técnica, ainda que em 48% dos casos (23 peças) se note uma cozedura redutora, versus 40% (19 exemplares) de cozeduras oxidantes. Também as tigelas se encontram com superfícies bem preservadas, com seis registos de engobes completos, um caso de engobe externo e os restantes fragmentos com evidências de alisamentos.

As taças (tipo 2) são o terceiro grupo mais representado no conjunto: 33 recipientes. Tal como nos pratos, também as taças contam com variações no espessamento nos bordos (dois fragmentos de taças de bordo espessado externamente, um com espessamento interno e cinco bi-espessados), ainda que o grupo dominante, com 74% das taças individualizadas, corresponda a recipientes de bordo simples (25 registos). A nível tecnológico, as taças parecem mais próximas dos pratos, sem um tipo predominante de consistência ou textura das pastas (45% de pastas compactas, 48% de consistência média, 48% com textura homogéneas e 45% granulares). Esta heterogeneidade estende-se também aos elementos não plásticos, com uma ligeira prevalência dos exemplares com presença média de

componentes (em 18 peças) e dimensões entre os 1mm e inferiores a 5mm (74%). Tal como nos pratos, também nas taças são mais comuns os fragmentos com cozedura oxidante (84% das vezes) e os tratamentos, tendo em conta que esta forma é aberta, passam por engobes internos num caso, por engobes totais em três peças e por alisamentos (87% do conjunto de taças).

Os esféricos (tipo 5), que se seguem às taças, contabilizam 19 elementos, todos eles com um ligeiro estrangulamento do colo. Estas peças foram realizadas com pastas homogéneas e compactas (14 exemplares ambas), com inclusões de elementos não plásticos de dimensões heterogéneas, mas principalmente inferiores a 5mm (96% das vezes). Em 95% dos fragmentos a cozedura é feita com recurso a um ambiente oxidantes, com fragmentos a preservarem ainda engobes externos (4 peças). A maioria dos esféricos é alisado (74%).

Por fim, os restantes 13 fragmentos distribuem-se por cinco tipos residuais: globulares e recipientes de tipo saco (ambos com cinco bordos cada), um exemplar de um recipiente troncocónico com ligeiro estrangulamento do colo, um mini vaso e ainda uma taça carenada. Estes tipos, pela reduzida quantidade de elementos que cada um evidencia, não justificam uma caracterização específica das características tecnológicas, sendo que no geral não se afastam das observadas para a restante cerâmica.

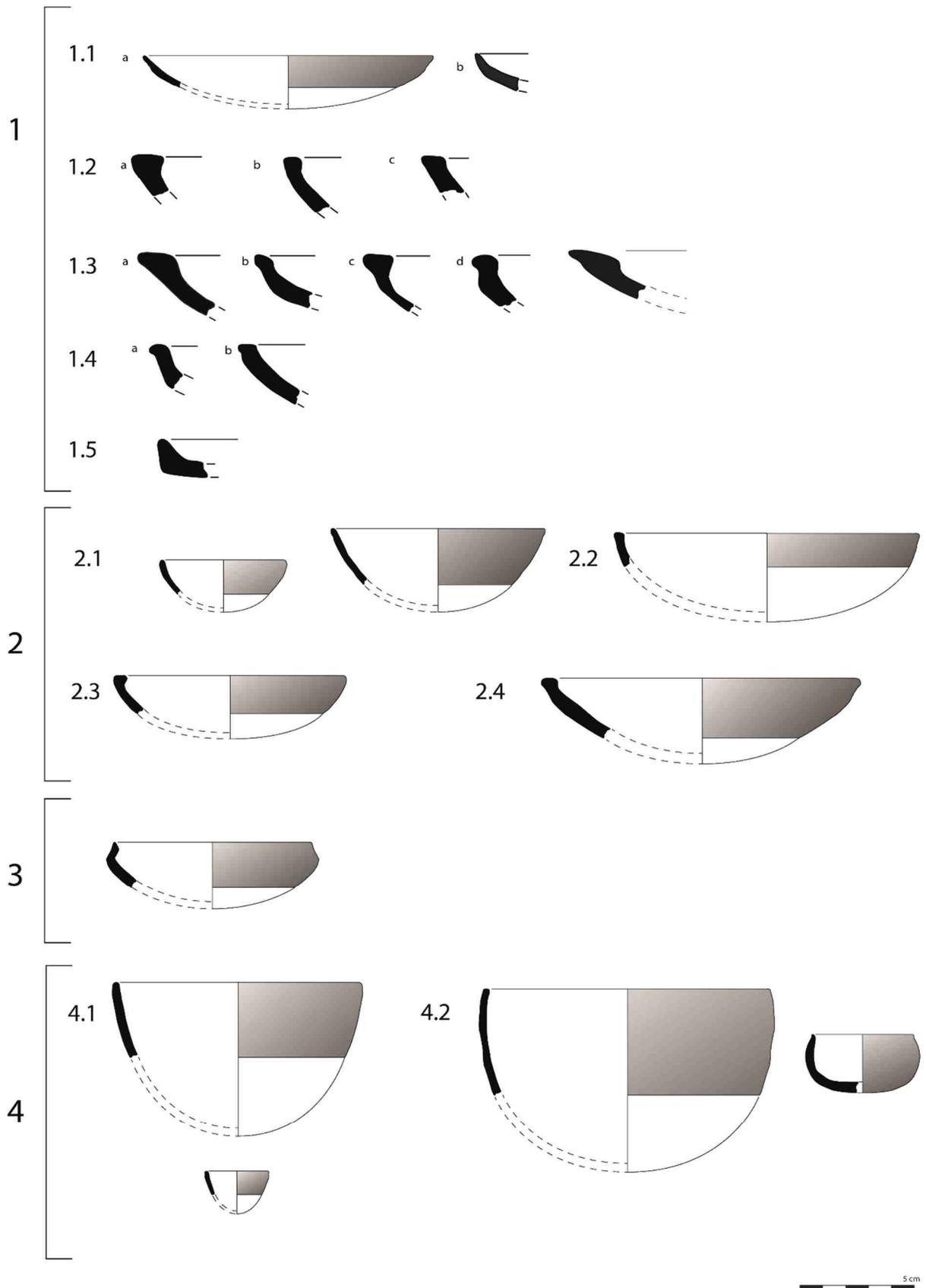
Avaliando tecnologicamente o conjunto cerâmico no seu todo, verifica-se que as peças se encontram num bom estado de preservação (81%), com 46% das pastas de natureza compacta e 37% com uma consistência média. Este padrão contrasta com sítios como o Moinho de Valadares 1, Monte do Tosco (Valera, 2013) ou mesmo os Perdigões (Basílio, 2022), onde os elementos de consistência média não ultrapassam 11% do conjunto total, apresentando ainda peças com elementos não plásticos de pequenas dimensões e com uma proporção baixa (Valera, 2013; Basílio, 2022). As pastas friáveis em Santa Vitória são reduzidas (17%), ainda que com uma representatividade muito superior ao detectado para os sítios supracitados (Valera, 2013; Basílio, 2022).

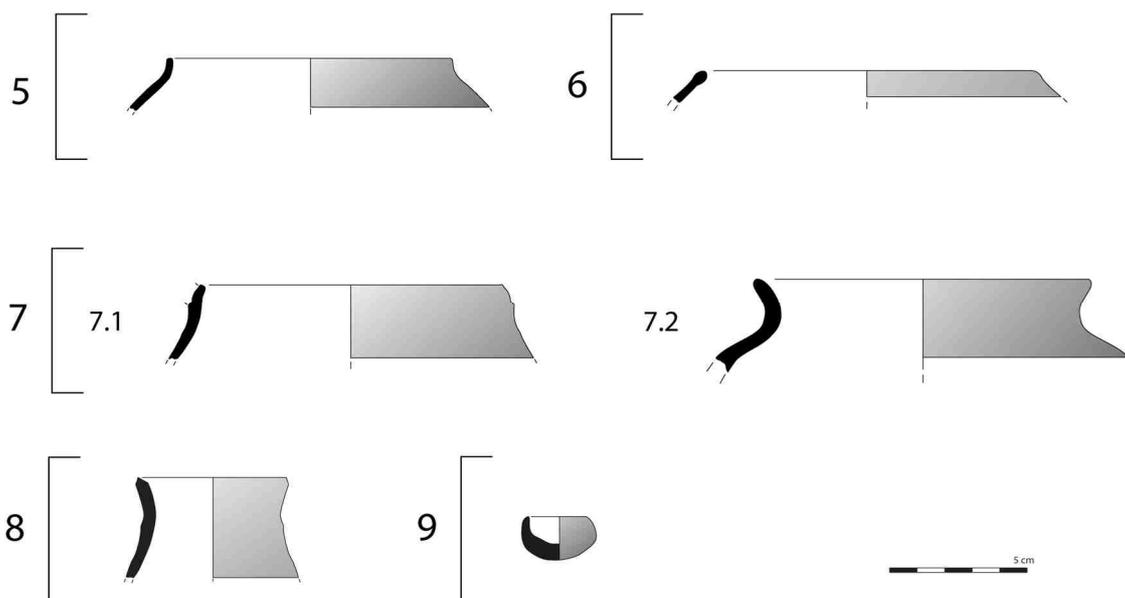
As texturas, replicando o comportamento já notado na consistência das peças, voltam a distribuir-se por dois tipos principais: os fragmentos com textura homogénea (47%), maioritariamente correspondentes às peças de consistência compacta, e exemplares com textura granular (41%), intimamente relacionados com as cerâmicas de consistência média e friável. No entanto, se era espectável que a proporção de componentes não plásticos voltasse a repetir o padrão já notado, em 42% das peças estes elementos são iguais ou inferiores a 3mm. Ainda assim, não deixar de ser relevante referir que em 21% das peças a proporção dos componentes é baixa, contrastando com 29% onde estes elementos são abundantes. Este cenário aponta para a existência de cerâmicas com uma produção aparentemente muito cuidada e de boa qualidade, realizada com argilas previamente trabalhadas e depuradas. Simultaneamente é possível salientar cerâmicas que parecem ter sido realizadas com menor cuidado, ou com um tratamento prévio mais expedito, podendo ser questionado se este aparente desinvestimento reflecte uma descontinuidade na tradição produtiva de cerâmica Calcolítica, na linha do que foi notado nos Perdigões (Basílio, 2022).

As cozeduras dividem-se equitativamente entre as pastas oxidantes (47%) e as reductoras (42%). As variantes oxidantes com arrefecimento reductor, e vice-versa, são sempre minoritárias, com 4% e 6% respectivamente. Note-se, contudo, que este parâmetro é exclusivamente referente ao fragmento analisado, não devendo ser vinculativo nem replicado para a hipotética peça completa, uma vez que se reconhece a grande variabilidade de tonalidades que as superfícies e o interior das cerâmicas podem adquirir, consoante a proximidade e o controlo da fonte de calor, a posição da peça no acto da cozedura e o contacto com materiais orgânicos.

O tratamento das superfícies é a única característica intrínseca onde foi possível reconhecer padrões relacionáveis com as formas cerâmicas previamente descritas, ainda que de forma muito incipiente. Isto significa que em formas abertas se nota uma maior presença de tratamentos nas superfícies internas, como ocorre nos pratos e nas taças, e, por sua vez, as superfícies externas nas tipologias fechadas, como os esféricos. Ainda assim, o tratamento dominante no universo trabalhado é o alisamento, presente em 78% dos fragmentos estudados, com pouca diversidade nos tratamentos presentes. Estão ausentes brunidos ou polimentos, tendo sido detectados casos pontuais com engobe total (11% dos exemplares), engobe interno (7%) e ainda engobe externo (4%).

Tabela 7.3 – Tabela de formas dos recipientes cerâmicos recolhidos no projecto SANVIT





Relativamente aos bojos recuperados, estes apresentam dimensões relativamente reduzidas, evidenciando um elevado índice de fragmentação (Tabela 7.4). Verifica-se que o número de bojos é relativamente similar entre os registos dos dois fossos em ambas as fases (com excepção da fase 2 do Fosso 1, cujos contextos apenas foram intervencionados na secção 1). Contudo, no Fosso 1 verifica-se um peso maior na Fase II relativamente à Fase I, reflectindo um menor índice de fragmentação. Já no Fosso 2 a situação é a inversa, com os fragmentos de maiores dimensões a ocorrerem na Fase I.

Tabela 7.4 – Nível de fragmentação dos bojos por estrutura e fase.

	Fosso 1		Fosso 2		Fossa 18	Sup.	Total
	Fase I	Fase II	Fase I	Fase II			
Nº Bojos	495	263	555	552	32	10	1907
Peso Bojos	11316	8230	16426	7955	300	220	31565
Peso médio Bojos (gr)	23	31	30	14	9	22	21

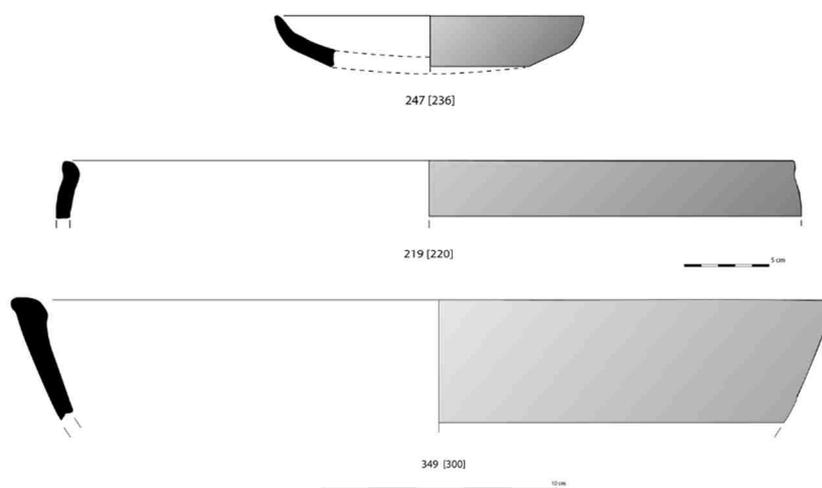


Figura 7.2 – Recipientes de Santa Vitória

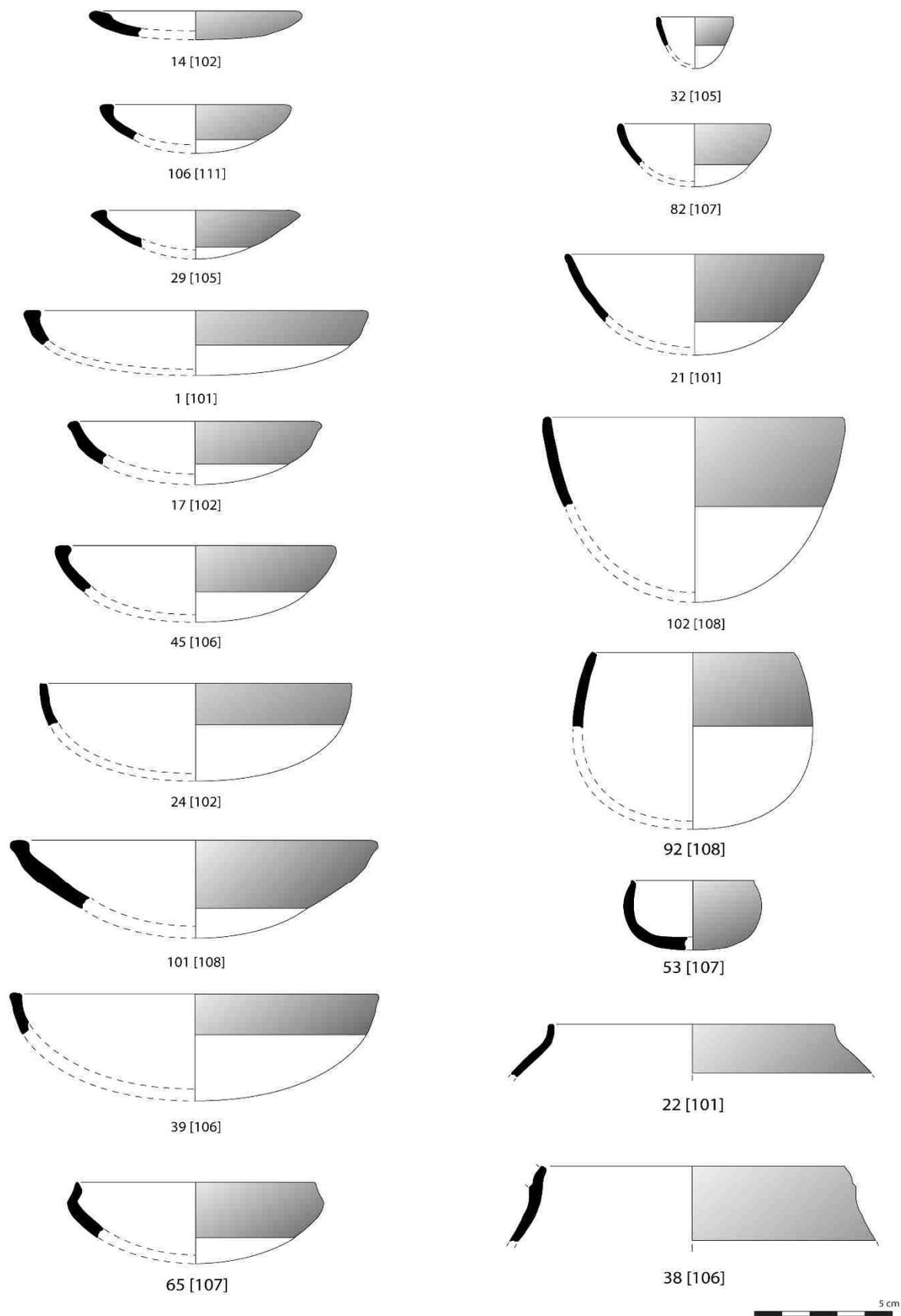


Figura 7.3 – Recipientes cerâmicos de Santa Vitória.

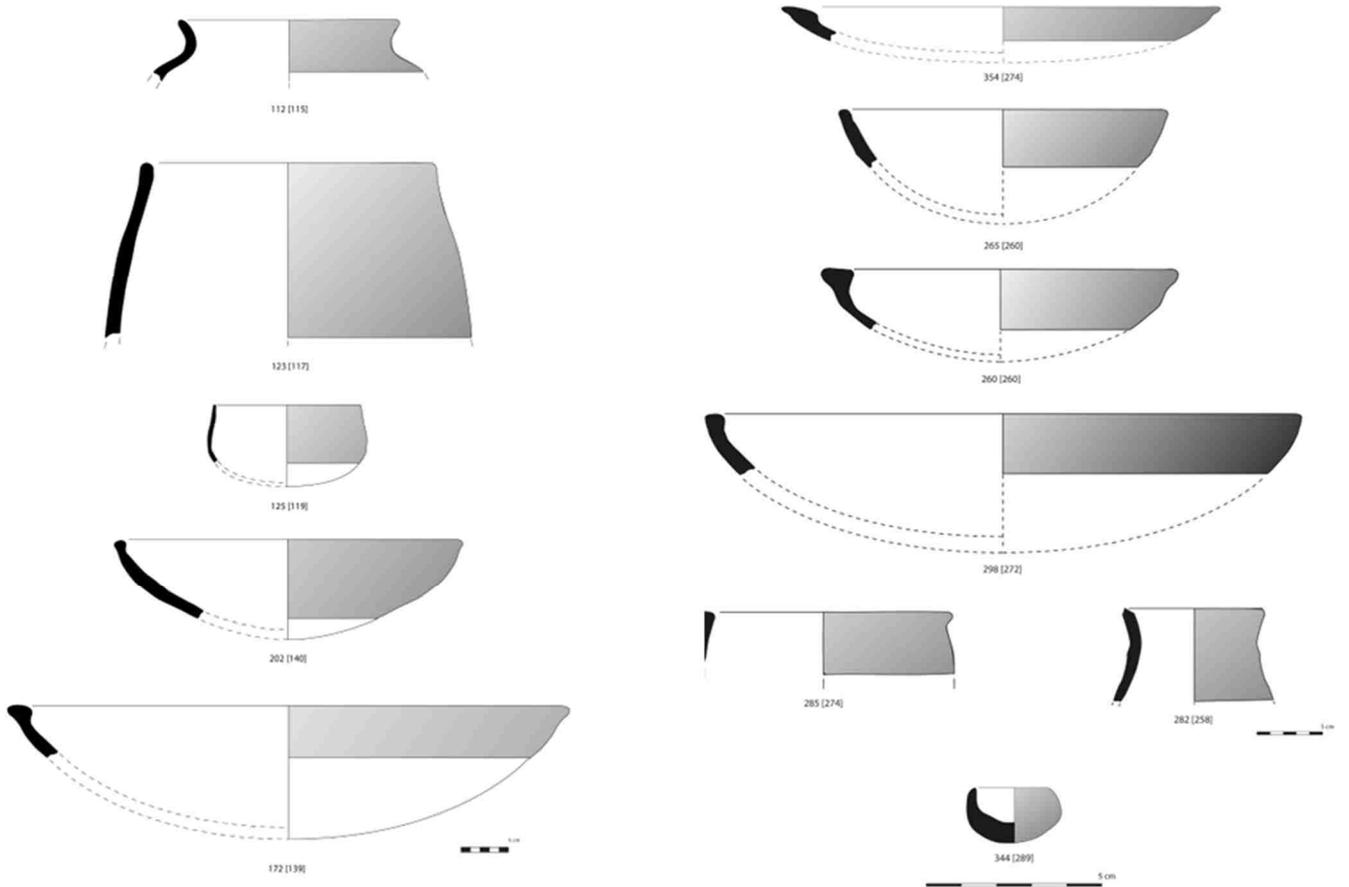


Figura 7.4 – Recipientes cerâmicos de Santa Vitória.



Figura 7.5 – Fragmento de peso placa.

Finalmente, e ainda no âmbito dos materiais produzidos em cerâmica, cabe referir que nas intervenções do projecto SANVIT não se recolheram fragmentos de queijeiras. Contudo, este tipo de material está presente nos registos antigos, tendo sido apresentada a reconstituição de perfil completo de um exemplar (Figura 7.6).

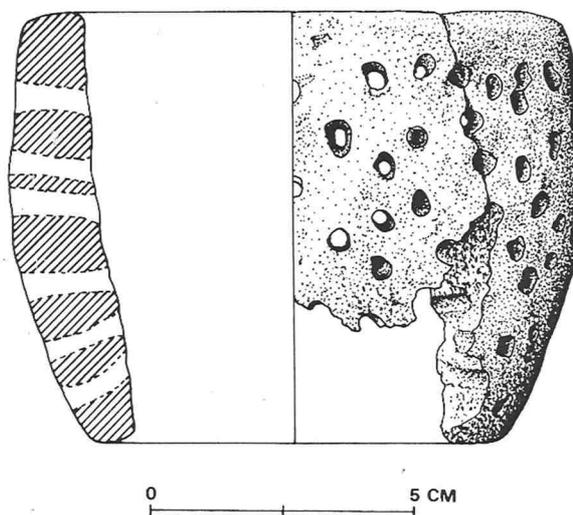


Figura 7.6 – Fragmento de queijeira, segundo Dias, 1996.

### 7.1.2 – LÍTICOS E RESTANTES CATEGORIAS ARTEFACTUAIS

A indústria lítica recolhida em Santa Vitória no âmbito de projecto SANVIT é composta por 29 registos, dos quais 22 são em Pedra Talhada, distribuindo-se os restantes sete pela Pedra Polida (3) e da Pedra Afeiçãoada (1) e Moagem (3).

No que toca à Pedra Talhada, é de notar que nem todas as etapas das cadeias operatórias de produção foram identificadas nos contextos intervencionados, com uma quase total ausência de determinadas categorias de produtos debitados (como lâminas ou lamelas) ou artefactos sobre eles produzidos. São igualmente residuais matérias-primas claramente exógenas, como seria o caso do sílex. No âmbito dos utensílios, apenas uma ponta de seta de xisto foi individualizada. As restantes peças correspondem a matérias-primas locais, mais concretamente a nove seixos de quartzito (três com marcas de talhe) ou dois pequenos fragmentos de xisto azulado. Outros elementos com evidências de alguma manipulação antrópica foram também identificados: seis lascas de quartzito, uma lasca de quartzo, um núcleo de quartzo e ainda dois restos de talhe. Esta escassez permite pensar que, segundo os dados dos contextos intervencionados, a utilização de elementos líticos em pedra talhada, frequentemente conectados com actividades quotidianas das comunidades pré-históricas, não parecem ter sido parte integrante das práticas que estariam a ser desenvolvidas em Santa Vitória.

Relativamente aos elementos de moagem, apenas se registaram três elementos: um grande dormente no topo da Secção 1 do Fosso 1, aparentemente integrado no empedrado de encerramento ali registado, um movente proveniente do Fosso 1 e um segundo dormente do Fosso 2, ambos depositados em níveis intermédios dos enchimentos das estruturas. Para além destes elementos, no Fosso 1, registou-se um seixo de quartzito, com marcas de uso numa das suas superfícies, que foi interpretado como percutor.

Os elementos de pedra polida são todos provenientes da zona onde se desenvolve o Fosso 2, sendo um deles de superfície. Dos três artefactos recuperados, dois são fragmentos distais de machados e o terceiro um fragmento de Enxó. Um dos machados foi recuperado nos depósitos superficiais. No que concerne as matérias-primas, os três exemplares foram realizados em Anfibolito.



Figura 7.7 – Elemento de moagem, fragmentos de utensílios de pedra polida e conta de colar.

Os remanescentes 14 registos materiais agrupam-se na categoria de “Outros artefactos”. Esta nomenclatura foi criada com o intuito de reunir peças residuais no conjunto material de Santa Vitória, agilizando a sua inventariação, bem como a análise expedita do conjunto. Todavia, estas peças podem-se organizar-se em duas categorias: Elementos do sagrado (12) e Elementos de adorno (2).

Os elementos de adorno, um de cada um dos fossos de Santa Vitória, correspondem a uma concha perfurada de *Ruditapes decussatus* (amêijoa-boia) (Fosso 1), possivelmente utilizada como um pendente, e uma conta de cerâmica (Fosso 2). No caso da possível concha perfurada, são ainda necessários estudos complementares que permitam confirmar a natureza da perfuração detectada, considerando que esta pode resultar de processos de erosão natural.

Já no que toca aos elementos que mais directamente podem remeter para o mágico-religioso, 11 provêm do Fosso 1 e um do Fosso 2. Esta categoria é composta por quatro primeiras falanges de equídeos, quatro fragmentos de “ídolos de cornos” (três dos quais colam entre si), um “ídolo de cornos” completo, uma presa de javali e ainda um seixo de rio em forma de bucrânio.

A este conjunto soma-se um único fragmento de Placa de Xisto, proveniente da Secção 3 do Fosso 2. Trata-se de um fragmento mesial de placa, que resultou do reaproveitamento de uma placa maior fragmentada, tendo sido levado a cabo um polimento na zona da fractura, formando um novo bordo. A nível decorativo conta com motivos ziguezagueantes preenchidos por reticulados, numa temática comum no mundo dos ídolos placa alentejanos. No reverso apresenta uma série de traços incisos diagonais, com várias orientações e zonas de cruzamento, mas que não parecem formar qualquer tipo de padrão inteligível (Figura 7.8).

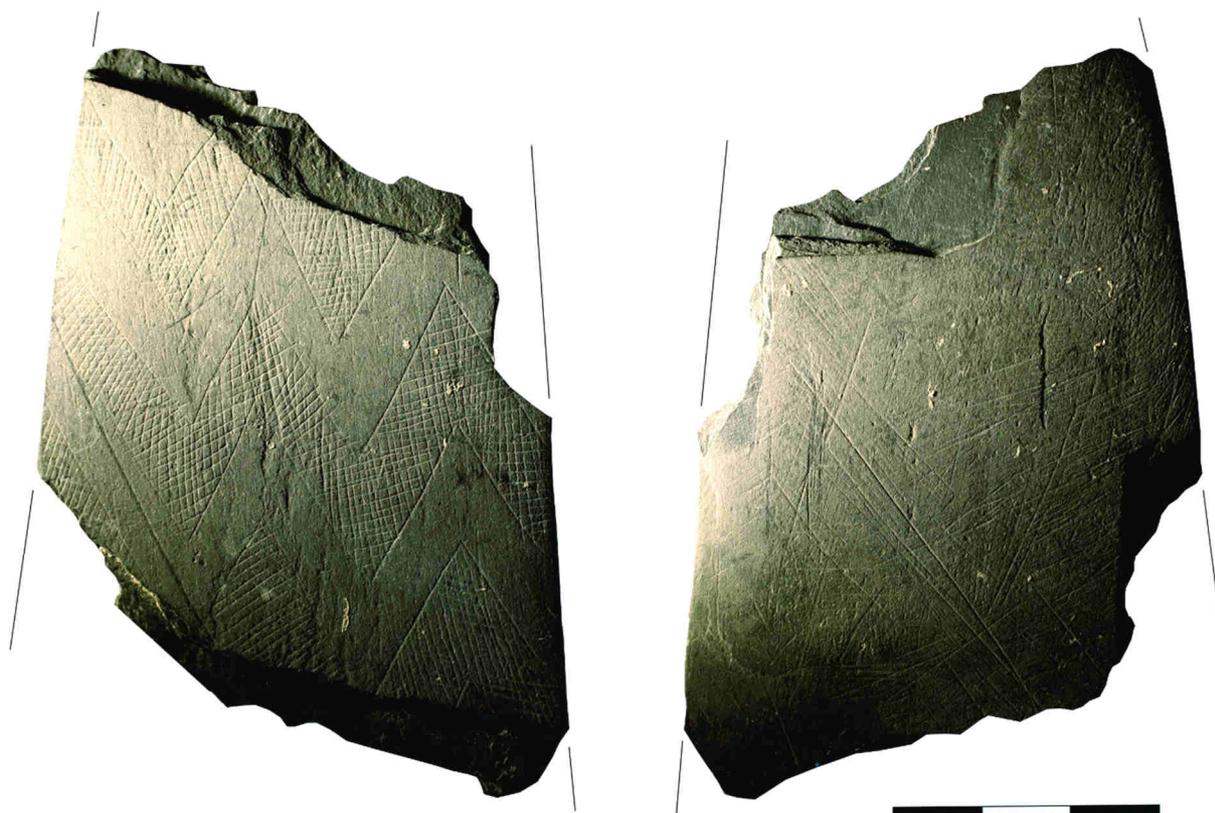


Figura 7.8 – Fragmento de placa de xisto decorada recolhido na Secção 3 do Fosso 2.

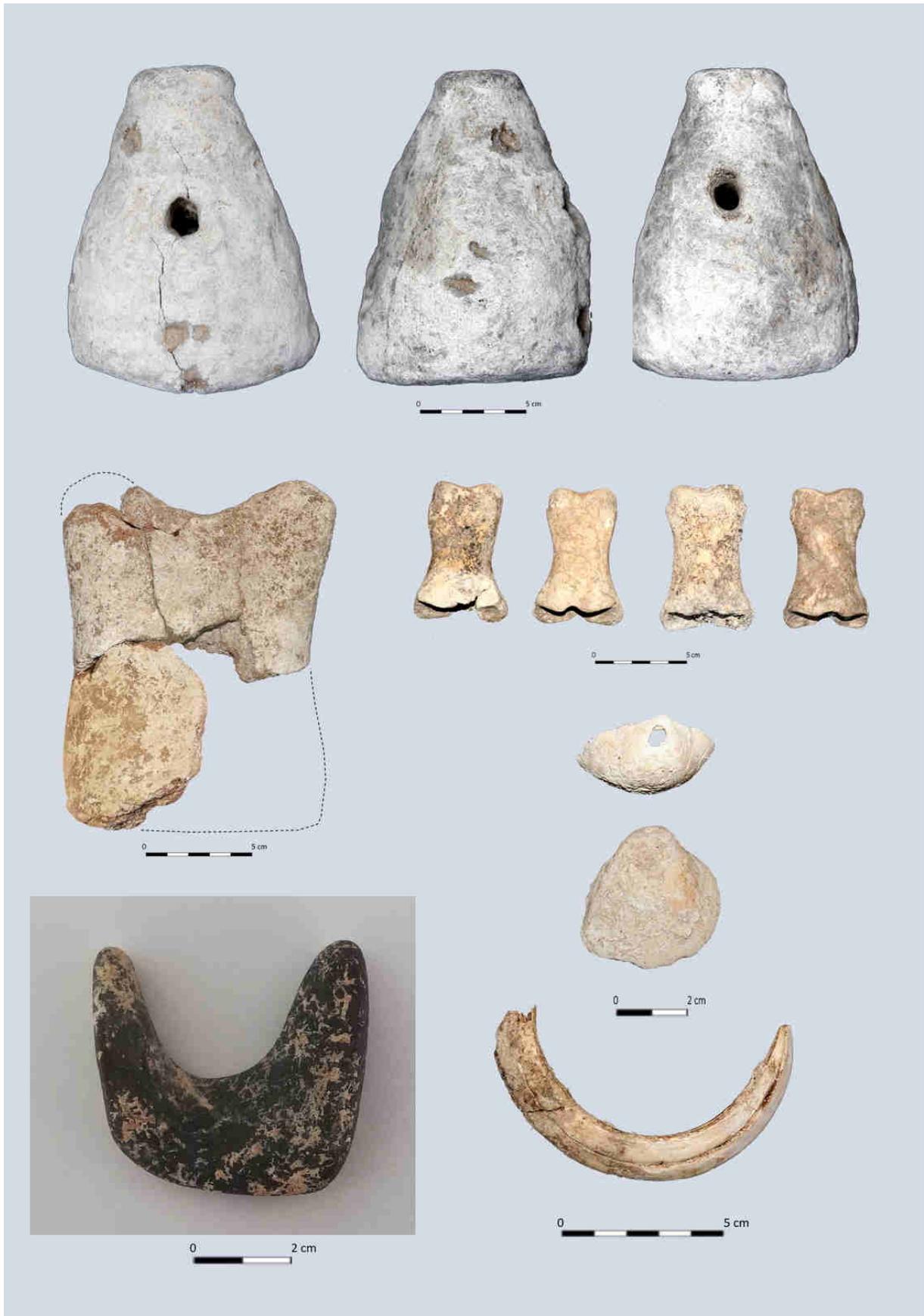


Figura 7.9 – “Ídolos de Cornos”, falanges de equídeo, cocha perfurada, seixo em forma de bucrâneo e presa de javali.

## 7.2 – FOSSOS E FOSSA: ANÁLISE DE MATERIAIS POR ESTRUTURA E FASE

A primeira abordagem aos materiais de Santa Vitória, como um todo, sem particularização contextual, permitiu construir um quadro de referência geral que, segundo os resultados obtidos, apresenta um conjunto de artefactos reduzido, predominantemente composto por elementos cerâmicos, com os recipientes a apresentarem tipologias e características comuns no Calcolítico da região. Salientou-se a escassez da cerâmica decorada e a total ausência de Campaniforme, o carácter muito pouco representativo da pedra polida e sobretudo da pedra talhada e do adorno, estando os elementos do sagrado presentes, mas também em número pouco expressivo.

Sem o conhecimento dos conjuntos artefactuais não cerâmicos dos trabalhos antigos é difícil avaliar este padrão, mas o mesmo parece apontar para que determinadas categorias artefactuais, como as mós ou a utensilagem lítica talhada e polida, não estejam bem representadas, circunstância importante no contexto da discussão sobre a funcionalidade deste recinto e sobre que práticas sociais acolheria.

Todavia, no decurso dos trabalhos, foram também detectadas variações e diferenciações entre e dentro das próprias estruturas arqueológicas, que permitiram estabelecer faseamentos e, juntamente com as observações estratigráficas já descritas (ver capítulo 6), avançar algumas considerações sobre a natureza do sítio.

### 7.2.1 – FOSSO 1

Nas três áreas sondadas no Fosso 1 foram registadas 184 peças classificáveis, as quais seguem as tendências gerais observadas em Santa Vitória, com todas as categorias artefactuais representadas, excepto a Pedra Polida. 158 peças correspondem a recipientes cerâmicos, aos quais se soma um único elemento de tear. As restantes categorias estão representadas por apenas 25 registos: dez artefactos talhados, três exemplares de pedra afeçoada (mós e percutor), uma concha perfurada e 11 elementos do sagrado.

Relativamente ao faseamento estratigráfico identificado (Capítulo 6), a análise está dificultada pelo facto de apenas na Secção 1 ter sido possível escavar os depósitos da segunda fase. Ainda assim, alguns aspectos merecem ser sublinhados. Ao nível da distribuição das morfologias dos recipientes cerâmicos (Figura 7.10), o comportamento é semelhante entre ambas as fases, apenas se diferenciando o maior número de pratos de bordo simples na Fase I e a total ausência de carenas na Fase 2 (sendo que estas na Fase I são vestigiais).

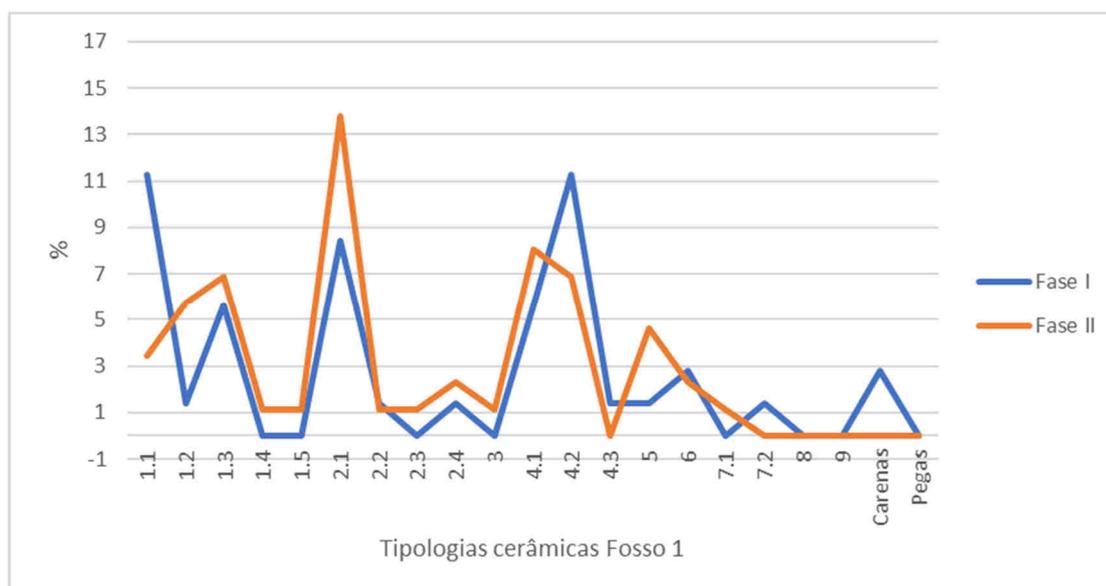


Figura 7.10 – Frequência dos tipos dos recipientes cerâmicos no Fosso 1 por fase.

Tabela 7.5 – Distribuição dos materiais pelas secções intervencionadas no Fosso 1.

	Fosso 1			Total
	Sec.1	Sec.2	Sec.3	
Recipientes cerâmicos	116	39	3	158
Elementos de tear	1	-	-	1
Pedra Polida	-	-	-	0
Pedra Afeiçãoada	1	1	1	3
Pedra Talhada	9	-	1	10
Elementos simbólicos	-	11	-	11
Elementos de adorno	-	1	-	1
Argila	92	4	10	106
Bojos	557	187	14	758
<b>Total</b>	698	85	29	812

No que respeita às pastas, contudo, as diferenças são assinaláveis. Na Fase 1 são essencialmente compactas ou de consistência média, com a distribuição dos componentes não plásticos relativamente homogénea (41%) ou, em 40% das situações, formando pequenos grânulos. Todavia, mesmo que com consistências médias, os elementos plásticos adicionados são em baixa proporção e maioritariamente com dimensões iguais ou inferiores a 3mm, indicando pastas bem depuradas, com um bom nível de preservação das superfícies, as quais se apresentam bem alisadas e com preponderância de tonalidades escuras. Na Fase II há uma muito maior variabilidade dos tipos de pasta e dos respectivos tratamentos. Os exemplares compactos correspondem a 36%, as pastas médias a 41% e as peças friáveis, com um incremento significativo em relação ao momento anterior do fosso, com 23% do conjunto total. No que concerne a textura, o destaque vai para a representatividade que as peças arenosas ganham, presentes também em 23% dos elementos analisados. Esta realidade traduz a dimensão dos elementos não plásticos detectados, de tamanho superior a 3mm na maioria do conjunto (60%). Também nas cozeduras são visíveis algumas alterações ao padrão geral da Fase I, com as peças oxidantes a afirmarem-se (40%), ainda que se mantenha o predomínio dos elementos redutores (52%). Em suma, as pastas da Fase I parecem ser mais depuradas e mais compactas, com maior variabilidade nos tratamentos de superfície, enquanto na Fase 2 a cerâmica se apresenta mais friável, com elementos não plásticos mais abundantes e de maior tamanho, revelando uma produção menos cuidada, à imagem do que se tem registado nos momentos mais tardios dos Perdígões (Basílio, 2022).

No que respeita às restantes categorias artefactuais, o relativamente escasso número de elementos de pedra talhada e polida não permite estabelecer diferenciações significantes, o mesmo acontecendo com os elementos de tecelagem, com apenas um registo na Fase 2. De facto, a mais notável diferença, para além das distinções tecnológicas sublinhadas, está na maior preponderância das peças relacionáveis com o sagrado, que se fica a dever às deposições realizadas na primeira fase na Secção 2 (extremidade junto à interrupção da entrada), as quais compreendem quatro falanges de equídeos, a quatro fragmentos de “íolos de cornos” (com três a colarem entre si), um ídolo de cornos completo, uma presa de javali e um seixo de rio em forma de bucrânio, conjunto a que se soma um possível pendente em concha. Trata-se de uma deposição ritmada, em que em diferentes cotas se depositam de forma associada falanges e fragmentos do ídolo de cornos que remonta e que, conjuntamente com os restantes elementos formam um contexto com características não identificadas em mais nenhuma das secções intervencionadas.

O mesmo se pode dizer também relativamente à Secção 3 no que respeita à presença de nódulos de argila (Tabela 7.5), os quais estão ausentes ou são vestigiais na Secção 2 e na Secção 1 (em ambas as fases), evidenciando, uma vez mais, um preenchimento diferenciado do fosso por secções.

7.2.2 – FOSSO 2

A componente artefactual proveniente do Fosso 2 é numericamente um pouco mais expressiva do que a recuperada no Fosso 1, o que poderá ficar-se a dever ao facto de em duas sondagens realizadas no Fosso 1 a parte superior dos enchimentos já ter sido escavada no Século XX. Mais significativa será a distribuição muito desigual que se observa entre as quatro áreas sondadas no Fosso 2 (Tabela 7.6).

Tabela 7.6 - Distribuição dos materiais pelas secções intervencionadas no Fosso 2.

	Fosso 2					Total
	Sec.1	Sec.2	Sec.3	Sec.4	Sup.	
Recipientes cerâmicos	18	8	69	46	9	150
Elementos de tear	-	-	3	1	-	4
Pedra Polida	-	-	1	1	1	3
Pedra Afeiçãoada	-	-	1	-	-	1
Pedra Talhada	2	-	8	2	-	12
Elementos simbólicos	-	-	1	-	-	1
Elementos de adorno	-	-	1	-	-	1
Argila	10	3	10	34	-	57
Bojos	222	318	392	175	-	924
<b>Total</b>	<b>174</b>	<b>224</b>	<b>486</b>	<b>259</b>	<b>10</b>	<b>1153</b>

Estas disparidades entre sondagens relativamente próximas entre si revelam, uma vez mais, que há uma clara falta de homogeneidade e correspondência nas quantidades e nas próprias categorias artefactuais presentes em cada uma das secções escavada nos lóbulos de ambas as estruturas, facto que vai de encontro à ideia de um preenchimento antrópico selectivo e segmentado, que a própria estratigrafia registada documenta.

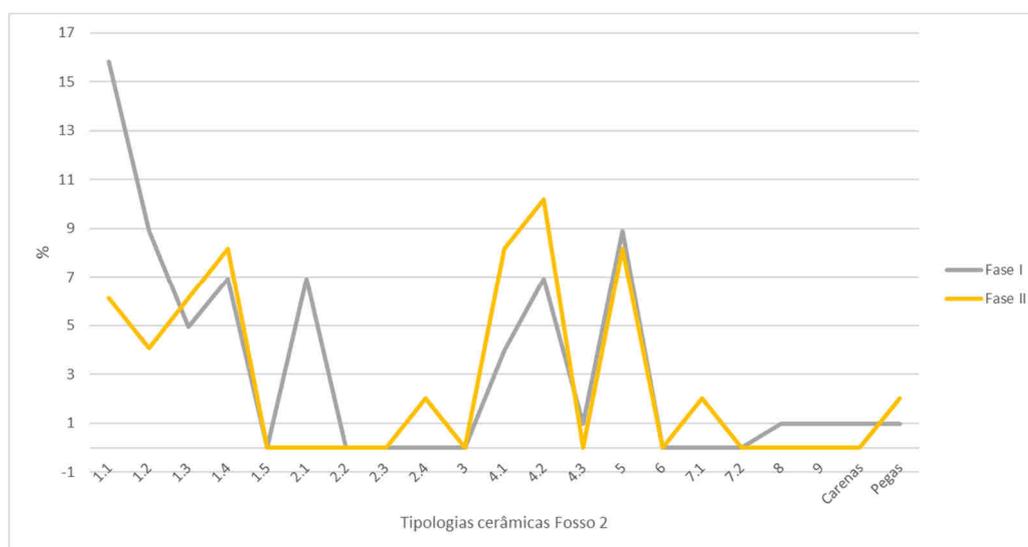


Figura 7.11 - Frequência dos tipos dos recipientes cerâmicos no Fosso 2 por fase.

Já na comparação entre as duas fases de enchimento registadas, e no que à componente cerâmica respeita, observa-se um número ligeiramente maior de disparidades do que no Fosso 1. A mais significativa ocorre uma vez mais na redução dos pratos de bordo simples na segunda fase, mas agora acompanhada do quase desaparecimento das taças (onde apenas ocorrem as de bordo bi-espessado, ausentes na Fase 1) e do aumento das tigelas, sendo as restantes flutuações pouco significativas em face do reduzido número de exemplares por tipo (Figura 7.11).

Do ponto de vista tecnológico, a Fase I deste fosso apresenta grande homogeneidade. 56% dos exemplares analisados são compostos por pastas compactas e homogéneas, com componentes não plásticos de dimensão igual ou inferior a 3mm (71%), relativamente bem distribuídos na composição da cerâmica (74%). As cozeduras são em 58% de tipo oxidante e em 92% do conjunto os fragmentos apresentavam-se bem conservados. Nestes, destacam-se as peças com alisamentos (74%), com a presença pontual de engobe em 27% dos artefactos. Contrariamente, a Fase II revela uma situação heterogénea no que respeita à componente tecnológica, em linha com o observado entre as duas fases do Fosso 1. Na consistência das pastas identificaram-se peças compactas, de consistência média e ainda elementos friáveis, estes últimos com alguma expressão no universo em estudo (43%, 31% e 25% respectivamente), com texturas homogéneas (22%) e granulares (20%). Os componentes não plásticos ocorrem com uma presença média (45%) ou forte (39%), tanto com dimensões reduzidas (45%) ou tamanhos superiores a 5mm (25%). As cozeduras mimetizam as tendências da Fase I – domínio de fragmentos oxidantes (57%) – ainda que o conjunto se apresente consideravelmente em pior estado de conservação (44% com evidentes sinais de erosão). A degradação das superfícies dificulta a preservação de possíveis engobes (detectados em 24% das peças), sobressaindo, uma vez mais, as peças meramente alisadas (76%).

Quanto às restantes categorias artefactuais, uma vez mais regista-se a mesma situação observada no Fosso 1, agora reforçada pelo facto de em todas as secções se terem intervencionado as duas fases: não existindo diferenças significativas, o número de exemplares por categoria é extremamente reduzido (Tabela 7.1), não suportando grandes inferências comparativas. A excepção é uma vez mais a dos nódulos de argila, os quais também surgem em maior quantidade na Fase I e também com uma distribuição heterogénea entre secções, com uma clara concentração na Secção 1, no lado Oeste da entrada (Tabela 7.6).

### 7.2.3 – A FOSSA 18

A Fossa 18 foi a única estrutura, para além dos dois fossos, a ser intervencionada no decurso do projecto SANVIT. Forneceu um conjunto bastante modesto de materiais, composto por 32 bojos (300g), um bordo bi-espessado de prato com marcas de molde, um bordo de recipiente tipo saco e um bordo bi-espessado de taça. Tecnologicamente, o prato apresenta cozedura redutora, uma pasta friável e arenosa, com elementos não plásticos abundantes e de dimensão média. O recipiente de tipo saco e a tigela apresentam pastas compactas e homogéneas, com elementos plásticos pequenos e bem distribuídos. No caso do primeiro recipiente, a cozedura é redutora com arrefecimento oxidante. Já no caso da tigela, as superfícies são avermelhadas, revelando um ambiente de cozedura oxidante.

Registou-se ainda um fragmento distal de elemento de tear, do tipo placa rectangular, o único registado em Santa Vitória com perfuração dupla nas extremidades.

A pasta do elemento de tear é tecnologicamente semelhante à do prato, com as únicas distinções relacionadas com a cozedura (redutora com arrefecimento oxidante no elemento de tear) e com o tratamento de superfície alisado. Ainda assim, a nível de preservação, todos os fragmentos apresentavam um certo nível de concreções nas suas superfícies, o que criou alguma dificuldade na análise macroscópica das pastas.

### 7.2.4. - SINTETIZANDO

A componente artefactual registada no projecto SANVIT apresenta as seguintes linhas de força:

- O conjunto de materiais é relativamente reduzido, apresentando pouca variedade tipológica (ainda que várias categorias tipológicas estejam presentes), onde os fragmentos de recipientes cerâmicos predominam largamente. Neste capítulo sublinhe-se a ausência de metais e evidências de metalurgia.
- A nível das tipologias dos recipientes, procurou-se, sem sucesso, fazer corresponder os tipos e variantes referentes aos trabalhos dos anos 80/90 do século XX com as formas agora definidas. No entanto, este exercício encontrou dificuldades, uma vez que há formas que não se encontram graficamente representadas ou descritas de forma suficiente para estabelecer uma associação segura. No estudo agora realizado, contudo, as formas presentes não apresentam significativas diferenças relativamente ao quadro geral traçado em Dias (1996), tendo sido considerados nove tipos, que abarcam as morfologias mais comuns no Calcolítico regional - pratos de bordo simples e espessado, taças igualmente de bordo simples e espessado, tigelas, esféricos, entre outros menos representados. Os pratos de Santa Vitória parecem apresentar uma especificidade própria, com um espessamento sempre ligeiro no perfil da peça, que parte de bordos alisados. De notar ainda a raridade de carenas e elementos plásticos.
- A decoração cerâmica é rara e está ausente nos fragmentos registados no projecto SANVIT. Existem apenas algumas referências na documentação acedida relativa às escavações antigas. Neste contexto, e em face do espectro cronológico do sítio e da sua proximidade ao recinto do Monte da Contenda, é de sublinhar a ausência de cerâmica campaniforme.
- A indústria lítica talhada recuperada é escassa e apresenta um carácter expedito, com a ausência de utensílios sobre produtos alongados (lâminas e lamelas), um carácter vestigial das pontas de seta (um registo). Da mesma forma, utensilagem relacionada com a actividade de talhe ou restos desta actividade são muito raros, o mesmo acontecendo com matérias-primas exógenas como o sílex.
- A pedra polida e os elementos de moagem são estão igualmente muito pouco representados.
- Os elementos de tecelagem são em número igualmente muito reduzido, e, ainda que referenciados anteriormente, não foram identificados outro tipo de cerâmicas “industriais”, como queijeiras (para as registadas no anos 80-90 existe um estudo preliminar de resíduos (Alves, 1996).
- No Fosso 1, na primeira fase identificada, salienta-se a presença do importante conjunto de deposições de objectos relacionáveis com o sagrado, concentrados num espaço restrito. Em termos de categorias artefactuais e práticas deposicionais, esta é a principal diferença detectada entre os dois fossos (no Fosso 2 apenas o fragmento de ídolo placa se pode enquadrar nesta categoria).
- Já no que respeita às duas fases identificadas estratigraficamente, as principais diferenças, estatisticamente sustentadas, são a alteração evidenciada na produção cerâmica, verificando-se um claro desinvestimento na segunda fase, onde as pastas se apresentam mais friáveis e com elementos não plásticos de maiores dimensões, e a presença de nódulos de argila, bastante mais frequentes na primeira fase.
- Tanto no Fosso 1 como no Fosso 2 foi observado que as deposições foram feitas por secções e de forma faseada.

- A única estrutura intervencionada, para além de ambos os fossos, não apresenta um conjunto artefactual de dimensão suficiente para construir interpretações ou identificar padrões distintos. Ainda assim, o único elemento de tear placa com perfuração dupla em Santa Vitória é precisamente proveniente da Fossa 18.

Naturalmente, os a elações a retirar deste conjunto de materiais e das suas circunstâncias contextuais terão de ser futuramente reavaliadas quando um estudo global dos materiais recolhidos nas campanhas do século XX for realizado, ainda que diferenças e dificuldades de correlação sejam espectáveis. Até lá teremos de trabalhar e pensar com os dados que agora se publicam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **ALVES, 1996**

Alves, R. (1996) – Determinação de resíduos orgânicos em cerâmicas arqueológicas. Relatório Preliminar. In, Dias, A.C., *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Anexo 1. Policopiado.

### **BALFET et al., 1985**

Balfet, H.; Fauvet-Berthelot, M.-F.; Monzon, S. (1985) - Pour la Normalisation de la description des poteries. *L'Homme*. 25:93: 138-139.

### **BASÍLIO, 2022**

Basílio, A.C. (2022) – Dinâmicas Ocupacionais na segunda metade do 3º milénio a.C. nos Perdigões: Continuidades e descontinuidades. Monografias AAP. 12. Lisboa. Museu Arqueológico do Carmo e Associação dos Arqueólogos Portugueses. 86p.

### **DIAS, 1996**

Dias, A.C. (1996) – *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

### **SENNA-MARTINEZ, 1989**

Senna-Martinez, J.C. (1989) – *Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

### **SÉRONIE-VIVIEN, 1987**

Séronie-Vivien, M.R. (1987) - *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Bordeaux. Société spéléologique et préhistorique. 103 p.

### **SHEPARD, 1971**

Shepard, A. O. (1971) – *Ceramics for the Archaeologist*. 7ªed. Washington

### **SILVA, SOARES, 1976-77**

Silva, C. T.; Soares, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. 2-3: 179-272.

### **SOARES, 2013**

Soares, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Memórias d'Odiana. Lisboa: EDIA, DRCAL e MAEDS.

### **VALERA, 1997**

Valera, A.C. (1997) - *O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da Bacia do Alto Mondego*. Lisboa. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.

### **VALERA, 1998**

Valera, A.C. (1998) – A componente cerâmica. In: LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1: 45-152.

### **VALERA, 2006**

Valera, A.C. (2006) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC. *Era Arqueologia*. 7: 136-210.

**VALERA, et al., 2022.**

Valera, A.C.; Basílio, A.C.; Gorga, A.; Almeida, N.; Ferraz, J. (2022) – O grande complexo de recintos de fossos pré-histórico do Monte da Contenda (Arronches): abordagem a partir de distribuições de superfície. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 16: 33-41.

# 8

## **CARACTERIZAÇÃO COMPOSICIONAL DE CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO FOSSO 1. RESULTADOS PRELIMINARES**

Rosa Marques  
Ana Luísa Rodrigues  
Dulce Russo  
Katalin Gméling  
M. Isabel Dias  
António Valera  
Ana Catarina Basílio

### **8.1 – INTRODUÇÃO**

As abordagens arqueométricas ao sítio arqueológico de Santa Vitória encontram-se numa fase inicial de trabalho, existindo ainda uma enorme lacuna nos estudos dos materiais encontrados nas escavações. Os artefactos cerâmicos, importante expressão da humanidade desde a pré-história, constituem um dos vestígios mais importantes e que levantam sempre muitas questões, nomeadamente relacionadas com proveniência, matérias-primas e tecnologias de produção, bem como, significado social e redes de distribuição de objetos e/ou ideias.

Os estudos arqueológicos e os dados composicionais fornecem resultados significativos que são muito úteis para responder a algumas dessas questões.

Neste trabalho aplicaram-se pela primeira vez abordagens analíticas, que incluem a caracterização química e mineralógica das pastas cerâmicas, em diversos fragmentos de cerâmicas recolhidos em Santa Vitória. Com os métodos de análise utilizados, nomeadamente a Análise por Ativação com Neutrões e a Difração de raios-X, pretende-se a identificação e quantificação dos elementos químicos presentes na pasta da cerâmica, assim como a identificação de fases minerais onde poderão estar incorporados.

Com esta caracterização composicional dos materiais cerâmicos visa-se contribuir para a contextualização dos artefactos, e melhor compreender a sua mobilidade, proveniência, e processos ou tecnologias de produção, ou seja, uma melhor compreensão do sítio de Santa Vitória.

## 8.2 – MATERIAIS E MÉTODOS

Os fragmentos de artefactos cerâmicos (25 amostras) foram recolhidos no Fosso 1 (Sector 1) do recinto de Santa Vitória, em duas secções distintas e em diferentes campanhas de amostragem (Figura 8.1). A secção 1, localizada no lado Oeste, aparentava não ter sofrido qualquer intervenção nos seus enchimentos, destacando-se duas fases distintas de colmatação do fosso (capítulo 6 desta publicação). Os 10 fragmentos de cerâmica recolhidos em 2018 nesta secção encontravam-se na parte superior do fosso nas unidades estratigráficas [101], [105], [106], [107] e [108]. As restantes 15 amostras de cerâmica foram recolhidas na secção 2, a Norte; note-se que apenas a parte inferior do preenchimento foi escavada em 2019, sendo que as cerâmicas correspondem à 1ª fase do enchimento e encontravam-se nas unidades estratigráficas [137], [138], [139] e [140] (ver Figura 6.16, capítulo 6). As amostras de cerâmicas correspondem a bordos e uma taça, e a descrição dos seus tipos e sub-tipos encontram-se na Tabela 8.1.

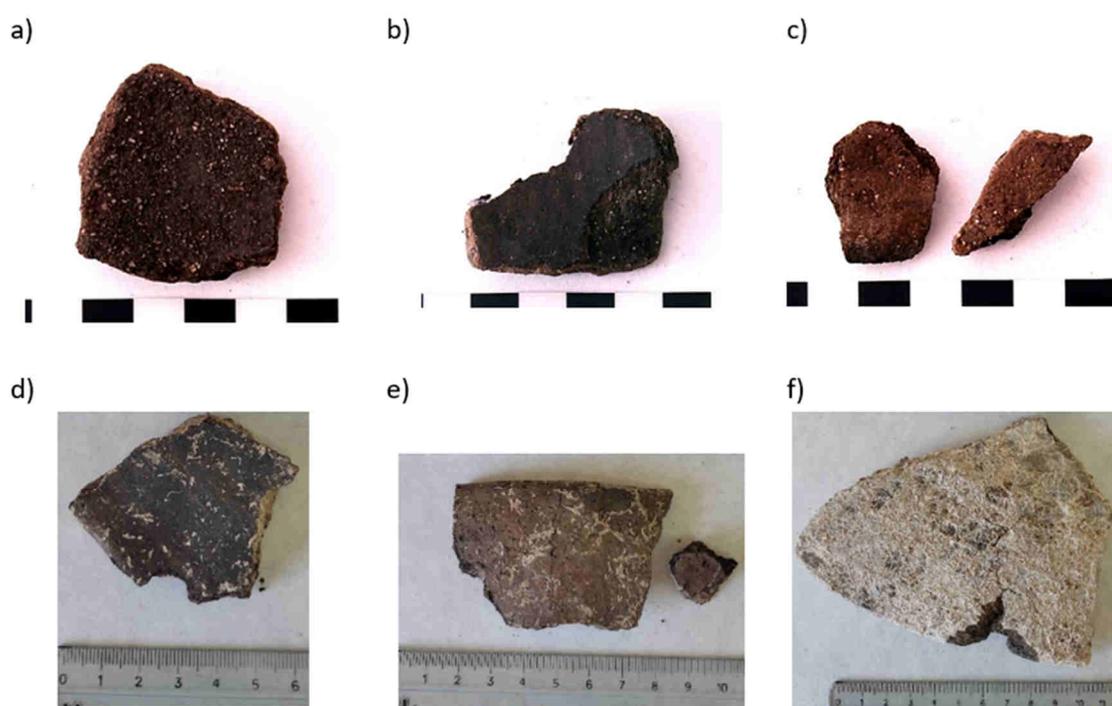


Figura 8.1 - Fotografias de fragmentos de cerâmicas recolhidas no Fosso 1 do recinto de Santa Vitória: Secção 1 – a) amostra 21 (tipo 2), amostra 38 (tipo 7), c) amostra 45 (tipo 2); e Secção 2 – d) amostra 163 (tipo 4), e) amostra 183 (tipo 4), f) amostra 188 (tipo 1).

A caracterização composicional dos artefactos cerâmicos teve por base a análise química e mineralógica, pelo que as amostras foram submetidas a procedimentos laboratoriais prévios a fim de diminuir ou eliminar eventuais alterações resultantes de processos que possam ter ocorrido durante o uso e enterramento. Assim, de cada amostra de cerâmica é retirado um pequeno fragmento cuja superfície é limpa recorrendo a um escopro de carboneto de tungsténio puro, por forma a eliminar todos os contaminantes externos a que a amostra esteve sujeita durante o seu enterramento. Depois de limpos, os fragmentos são colocados em copos com água destilada durante 24 horas, sendo posteriormente fervidos para uma melhor limpeza. De seguida, os fragmentos são secos em estufa a 80°C durante uma semana. Após secagem, as amostras são moídas em moinhos de ágata.

Tabela 8.1 – Referência e descrição das amostras de artefactos cerâmicos recolhidos no Fosso 1 do recinto de Santa Vitória (Portugal).

Referência	U.E.	Estrutura	Secção	Descrição	Tipo	Sub-tipo
21	101	Fosso 1	1	Bordo	2	2.1
22	101	Fosso 1	1	Bordo	5	5.1
29	105	Fosso 1	1	Bordo	1	1.3
38	106	Fosso 1	1	Bordo	7	
45	106	Fosso 1	1	Bordo	2	2.3
52	107	Fosso 1	1	Bordo	4	4.2
53	107	Fosso 1	1	Bordo	4	4.2
65	107	Fosso 1	1	Bordo	3	3.1
101	108	Fosso 1	1	Bordo	1	1.3
102	108	Fosso 1	1	Bordo	4	4.1
163	138	Fosso 1	2	Bordo	4	4.1
172	139	Fosso 1	2	Bordo	1	1.3
174	138	Fosso 1	2	Bordo	1	1.3
182	137	Fosso 1	2	Bordo	4	4.2
183	137	Fosso 1	2	Bordo	4	4.1
187	139	Fosso 1	2	Bordo	1	1.1
188	139	Fosso 1	2	Bordo	1	1.1
191	139	Fosso 1	2	Bordo	1	1.1
192	139	Fosso 1	2	Bordo	1	1.1
200	140	Fosso 1	2	Bordo	1	1.3
201	140	Fosso 1	2	Bordo	ind.	
202	140	Fosso 1	2	Bordo	2	2.4
203	140	Fosso 1	2	Bordo	4	4.2
204	140	Fosso 1	2	Bordo	4	4.2
205	140	Fosso 1	2	Taça	2	2.1

A análise química da pasta das cerâmicas foi realizada recorrendo à Análise por Ativação com Neutrões (AAN), pelo método  $K_0$ , realizada no Budapest Neutron Center (Hungria). Com este método de análise foi possível determinar a concentração de 24 elementos químicos. Cerca de 100-150 mg de pó das amostras de cerâmicas foram colocados em ampolas de quartzo e irradiadas no reator de Investigação de Budapeste, com um fluxo de neutrões térmicos de  $1.86 \times 10^{13} \text{ n cm}^{-2} \text{ s}^{-1}$ , com  $f \approx 45$ . De seguida foram efetuadas medidas de espectrometria gama, usando detectores gama ORTEC PopTop 55195-P HPGe, Canberra GC3618 HPGe, e Canberra GC1318 HPGe com uma FWHM de 800–900 eV a 59.5 keV e 1750–1800 eV a 1332 keV. Mais detalhes do método de análise podem ser encontrados em trabalhos anteriores (Gméling et al., 2014; Szentmiklósi et al., 2010, 2016).

A composição mineralógica foi obtida por difração de raios-X, após preparação de agregados não orientados dos pós das cerâmicas, usando um equipamento Bruker D2 Phaser de radiação  $K\alpha$  Cu ( $\lambda = 1,5406 \text{ \AA}$ ), operando a 30 kV e 10 mA. Os difractogramas de pó foram obtidos explorando uma área de 4–70° 2 $\theta$ , usando uma fenda de divergência de 1°, e velocidade de goniómetro de 1° 2 $\theta$ /min. A identificação e semi-quantificação das fases minerais foi efetuada com base no Brindley e Brown (1980).

Foi realizada uma análise estatística multivariada utilizando como variáveis as concentrações dos elementos químicos, para identificar semelhanças / dissemelhanças entres as diferentes amostras de cerâmica estudadas.

## 8.3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da observação macroscópica dos fragmentos de cerâmica recolhidas nas duas secções do Fosso 1 salienta-se uma diferença relacionada com a textura das pastas, sendo esta mais grosseira nas amostras da secção 1. Os resultados obtidos para a composição química e mineralógica permitiram evidenciar de forma mais detalhada semelhanças/dissemelhanças entre as diferentes pastas.

### 8.3.1 - COMPOSIÇÃO MINERALÓGICA

De um modo geral a composição da pasta das cerâmicas recolhidas na secção 1 é essencialmente constituída por plagióclases às quais se associam quartzo, filossilicatos e anfíbola em diferentes proporções. Feldspatos potássicos e hematite ocorrem também, mas em quantidades vestigiais. Destacam-se duas amostras (38 e 45) recolhidas na U.E. [106], que têm como mineral principal os filossilicatos, sendo que na amostra 38 não foi detetada hematite. Mais se refere que a única amostra recolhida na U.E. [105] (amostra 29) apresenta como minerais principais a plagióclases e o quartzo em igual proporção.

Relativamente aos fragmentos de cerâmica da secção 2, a associação mineralógica das pastas é idêntica à encontrada para as cerâmicas da secção 1, sendo as plagióclases preponderantes na maioria das amostras. No entanto, existe uma maior proporção de anfíbolos nas amostras da secção 2. Destaca-se a amostra 183, por apresentar menores proporções de filossilicatos. O quartzo é o mineral mais abundante em apenas quatro amostras.

Do conjunto de cerâmicas analisadas destaca-se a amostra 163 que apresenta uma composição mineralógica completamente distinta de todas as outras, predominando o quartzo, associado a feldspatos alcalinos, filossilicatos e traços de plagióclases. Não foram detetados nesta amostra nem anfíbola nem hematite.

### 8.3.2 – COMPOSIÇÃO QUÍMICA

Os resultados da análise química dos 25 fragmentos de cerâmica (10 cerâmicas da secção 1, e 15 cerâmicas da secção 2) mostram uma composição química semelhante para a maioria dos elementos químicos. Em algumas amostras recolhidas na secção 1, foi detetado Br na sua constituição química, enquanto que na secção 2 apenas se detetou na amostra 163.

Relativamente às terras raras (TR), os perfis de distribuição têm uma tendência semelhante para todas as amostras, tendo-se verificado que (i) secção 1 - a amostra 65 destaca-se por apresentar os menores teores de TR ( $\Sigma TR = 60.4$ ) e (ii) secção 2 - a amostra 163 apresenta os teores mais elevados destes elementos ( $\Sigma TR = 128.5$ ). Além disso, encontra-se um pequeno fracionamento entre TR leves (TRL) e TR pesadas (TRP) nas amostras de ambas as secções ( $(La/Yb)_N = 5.25-7.80$ ). Observa-se ainda uma ligeira anomalia positiva de Eu ( $Eu/Eu^* = 1.01-1.39$ ) na maioria das cerâmicas.

Tendo por base as diferentes tipologias das cerâmicas, e para as que foram analisadas neste trabalho em maior número (tipo 1 - pratos e tipo 4 - tigelas), verifica-se que existe uma maior heterogeneidade na composição da pasta das cerâmicas da tipologia 4 para a maioria dos elementos químicos estudados, com especial relevo para o K, Ba, Hf, Ta e Th.

Os teores dos elementos químicos obtidos neste trabalho foram normalizados a um elemento químico conservativo (Sc) (Dias e Prudêncio, 2008), determinado com boa precisão e exatidão por AAN, o que permite a compensação de efeitos naturais (granulométricos e mineralógicos) bem como de efeitos antropogénicos (processos de produção) na composição química das amostras. Verifica-se que os fragmentos de cerâmica da secção 1 se distinguem por terem valores menores de Fe e de Na que os fragmentos da secção 2 (Figura 8.2). Observa-se ainda que, a amostra 163 (secção 2) apresenta os teores normalizados mais elevados de K, As, Rb, Cs, Ba, Hf, Ta e Th, e os teores mais baixos de Na, Cr e Co. Da secção 2, foi ainda identificado um fragmento de cerâmica (amostra 183) que apresenta o teor mais elevado de Na e o mais baixo de Cr. Note-se que o teor mais elevado de K na amostra 163 e o teor mais elevado de Na na amostra 183 estão de acordo com a maior proporção de feldspatos alcalinos relativamente às plagióclases presentes nesta amostra.

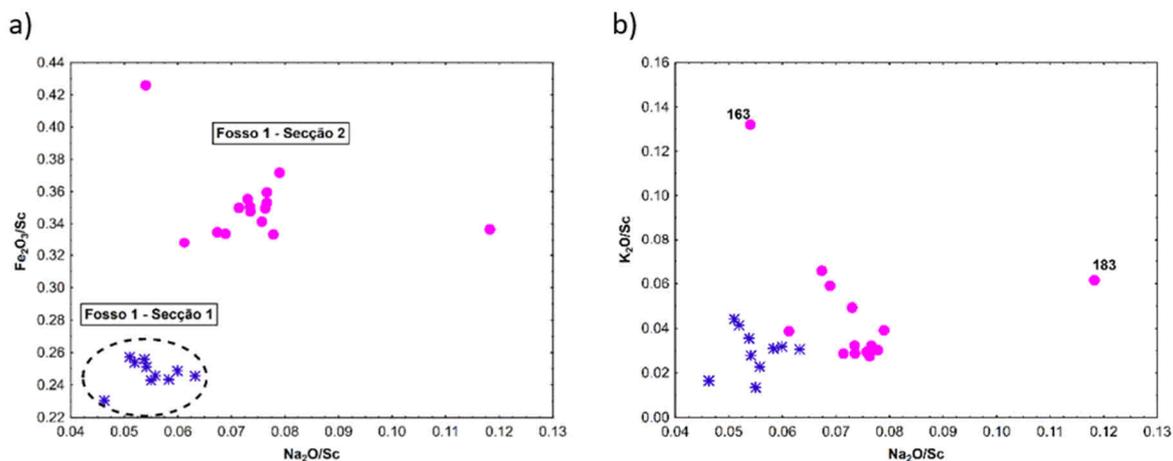


Figura 8.2 – Representação gráfica dos teores de Fe (a) e de K (b) vs os teores de Na (normalizados ao Sc) nas amostras de cerâmica do Fosso 1 do recinto de Santa Vitória.

A análise grupal hierárquica das amostras de cerâmica de Santa Vitória, utilizando os elementos químicos normalizados ao Sc como variáveis e a distância euclidiana média como coeficiente de semelhança, confirma que a amostra 163 se destaca das restantes, comportando-se como um “outlier” (Figura 8.3 a). Retirando esta amostra da matriz de dados e usando o mesmo método estatístico de análise, observa-se que a amostra 183 também se comporta como um “outlier” (Figura 8.3 b), confirmando os resultados anteriores.

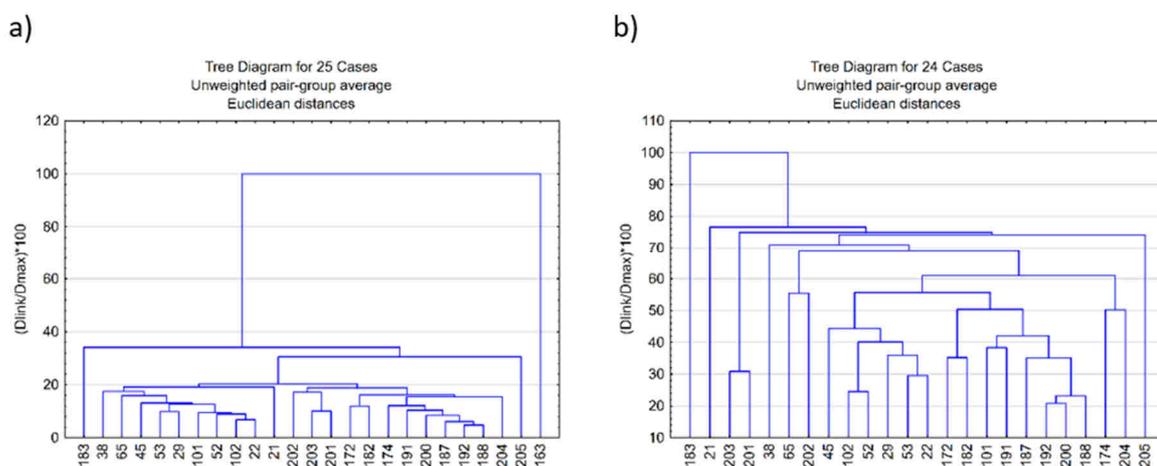


Figura 8.3 – Dendrogramas resultantes da análise grupal hierárquica para as amostras de cerâmica do Fosso 1 do recinto de Santa Vitória usando a distância euclidiana média: a) amostra 163 como “outlier”; e b) amostra 183 como “outlier”.

De forma a determinar a correlação entre as restantes amostras de cerâmica estudadas (23), efetuou-se a análise grupal recorrendo ao coeficiente de correlação de Pearson como coeficiente de semelhança. Verifica-se a formação de dois grupos principais: um composto pelas cerâmicas da secção 1, e outro pelas cerâmicas da secção 2 (Figura 8.4). Este resultado está de acordo com as observações feitas acima do ponto vista textural, mineralógico e geoquímico.

A mineralogia e geoquímica das pastas das cerâmicas aponta para a utilização de matérias primas locais resultantes da meteorização de rochas básicas (como o complexo gabro diorítico), na forma de solos residuais ou depósitos.

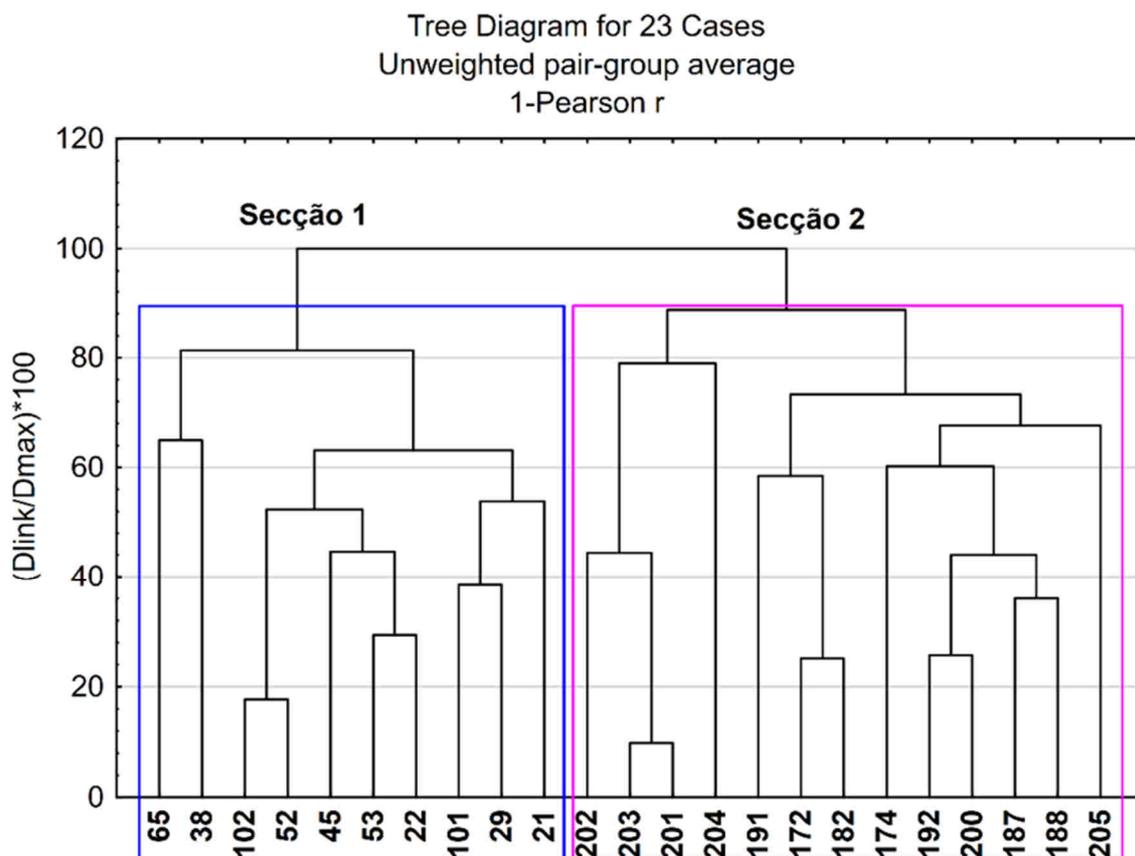


Figura 8.4 – Dendograma resultante da análise grupal hierárquica das 23 cerâmicas do recinto de Santa Vitória usando o coeficiente de correlação de Pearson (sem as amostras 163 e 183).

## 8.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de neste primeiro estudo não terem sido analisadas potenciais matérias primas, atendendo ao contexto geológico da região de Santa Vitória (ver capítulo 2) pode inferir-se uma utilização de matérias primas locais para o fabrico das cerâmicas recolhidas, tendo por base o estudo composicional, em particular a mineralogia e os perfis de TR.

A composição mineralógica dos fragmentos cerâmicos do Fosso 1 é semelhante com uma maior proporção de anfíbulas nas amostras da secção 2. O facto de existirem filossilicatos, em diferentes proporções, em todas as amostras e não terem sido detetados minerais de alta temperatura, poderá indicar que as condições de produção/utilização não terão excedido 750-850°C.

A diferenciação geoquímica mais expressiva entre os materiais recolhidos nas duas secções do Fosso 1 reside na proporção de Fe e Na. Note-se que os fragmentos considerados como “ouliers” apresentam uma composição mineralógica e química distinta, nomeadamente pelos teores de K e Na, e nas proporções de feldspatos alcalinos e plagióclases, respetivamente. Nas amostras da secção 2 existem teores mais elevados de Fe, e relativamente à mineralogia existe maior proporção de anfíbulas e alguma hematite, quando comparadas com as cerâmicas da secção 1.

Este estudo preliminar das cerâmicas de Santa Vitória mostra uma distinção entre os fragmentos cerâmicos recolhidos nas duas secções do Fosso 1, nomeadamente as diferentes fases de enchimento, e a textura e qualidade dos artefactos, sendo as da secção 1 mais friáveis e grosseiras.

Os resultados obtidos neste trabalho vêm confirmar a necessidade de se proceder a trabalhos mais alargados a fim de confirmar produções locais e identificar potenciais materiais importados. Com efeito, a caracterização composicional das pastas das cerâmicas indica o recurso a matérias primas resultantes essencialmente da meteorização de rochas básicas que ocorrem na região, tendo-se

identificado no entanto alguns “outliers”. Um estudo com um maior número de amostras de cerâmicas e a análise de matérias primas locais/regionais, estabelecendo grupos de referência de produção local, poderá contribuir para um maior conhecimento do impacto do sítio de Santa Vitória nas diferentes comunidades Calcolíticas locais e regionais.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o suporte da FCT através dos projetos UID/Multi/04349/2020, e SFRH/BPD/114986/2016. Este trabalho foi possível pelo financiamento no âmbito do H2020 da plataforma IPERION CH Projeto nº. 654028 (VISUAL, 2018) e IPERION HS - NFRAIA-01-2018-19 – FINGERCHALC (2021).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **BRINDLEY, BROWN, 1980**

Brindley, G.W.; Brown, G. (1980) – *Crystal Structures of Clay Minerals and their X-ray Identification*. Mineralogical Society. London.

### **DIAS, PRUDÊNCIO, 2008**

Dias, M.I.; Prudêncio, M.I. (2008) – On the importance of using scandium to normalize geochemical data preceding multivariate analyses applied to archaeometric pottery studies. *Microchemical Journal*. 88: 136–141.

### **GMÉLING *et al.*, 2014**

Gméling, K.; Simonits, A.; Sziklai László, I.; Párkányi, D. (2014) – Comparative PGAA and NAA results of geological samples and standards. *Journal of Radioanalytical and Nuclear Chemistry*, 300(2), 507–516. <https://doi.org/10.1007/s10967014-3032-2>

### **SZENTMIKLÓSI *et al.*, 2010**

Szentmiklósi, L.; Belgya, T.; Révay, Z.; Kis, Z. (2010) – Upgrade of the prompt gamma activation analysis and the neutron-induced prompt gamma spectroscopy facilities at the Budapest research reactor. *Journal of Radioanalytical and Nuclear Chemistry*. 286: 501–505. <https://doi.org/10.1007/s10967-010-0765-424>

### **SZENTMIKLÓSI *et al.*, 2016**

Szentmiklósi, L.; Párkányi, D.; Szilai-László, I. (2016) – Upgrade of the Budapest neutrón activation analysis laboratory. *Journal of Radioanalytical and Nuclear Chemistry*. 309(1): 91–99. <https://doi.org/10.1007/s10967-016-4776-7>



# 9

## OS DADOS ARQUEOFAUNÍSTICOS

Nelson Almeida

### 9.1 – INTRODUÇÃO

A bibliografia publicada sobre análises arqueofaunísticas de conjuntos localizados em actual território português tem aumentado consideravelmente nas últimas duas décadas. Focando cronologias calcolíticas, isto permitiu começar a caracterizar mais consistentemente as dinâmicas económicas inter- e intra-regionais (Valente, Carvalho, 2014; Almeida, Valera, 2021). Paralelamente, questões atinentes a condutas que não as meramente economicistas ou utilitaristas também têm sido discutidas e propostas. É o caso da associação de faunas a enterramentos ou da importância das deposições estruturadas em contextos da pré-história recente e proto-história alentejanas (Costa, Cabaço, 2012; Costa, Valera, 2013; Costa, Baptista, 2014; Costa *et al.*, 2019; Almeida, 2020; Valera *et al.*, 2020; Almeida *et al.*, 2021a).

Ao olhar as evidências publicadas, salientam-se os conjuntos de maiores dimensões de sítios da Estremadura, como o Castro de Zambujal (Driesch, Boessneck, 1976), Leceia (Cardoso, Detry, 2001/2002) e Penedo do Lexim (Driesch, Richter, 1976; Sousa, 2010; Moreno-García, Sousa, 2015), assim como os conjuntos alentejanos dos Perdigões (Cabaço, 2012, 2017; Costa, 2013; Almeida, 2020; Valera *et al.*, 2020; Almeida, Valera, 2021), Mercador (Moreno-García, 2013) e, provavelmente, Porto Torrão (Arnaud, 1993; Pereira, 2016). Outros conjuntos permitiram obter dados importantes, ainda que quantitativamente menos relevantes, tanto para a área estremenha (Driesch, 1973; Carvalho *et al.*, 2010/2011; Correia, 2015; Costa, Correia, 2015; Pereira *et al.*, 2017; Davis *et al.*, 2018; Detry *et al.*, 2020; Francisco *et al.*, 2020; Cardoso *et al.*, 2021) como para a alentejana (Antunes, 1987; Davis, Mataloto, 2012; Mataloto *et al.*, 2012; Cardoso, 2013; Costa, Mataloto, 2017; Delicado *et al.*, 2017; Pereiro *et al.*, 2021; Almeida *et al.*, 2021a).

Sendo um dos poucos recintos de fossos objecto de escavação arqueológica com arqueofaunas estudadas, o conjunto arqueofaunístico de Santa Vitória apresenta um especial interesse e importância, permitindo comparações com outros com localizações geográficas e âmbitos cronológicos similares. Não havendo informações sobre as faunas recuperadas nos trabalhos de campo decorridos entre 1986 e 1993, iremos restringir-nos aos materiais exumados durante o projecto SANVIT 2018-2022, preliminarmente retratados em Almeida *et al.* (2020a) e Basílio *et al.* (2021) e que aqui se apresentam e discutem integralmente e de forma mais aprofundada.

## 9.2 – MATERIAIS E MÉTODOS

Os materiais em análise correspondem ao total de restos arqueofaunísticos provenientes do fosso 1, fosso 2 e fossa 18, independentemente da sua proveniência estratigráfica dentro destas estruturas negativas. De forma a compreender as dinâmicas diacrónicas, optou-se por agrupar o conjunto por fases (Tabela 9.1). A fase 2 agrupa os restos identificados no preenchimento do *recutting* superior, as unidades estratigráficas do topo dos fossos e o total das unidades identificadas na fossa, totalizando 144 restos. Esta fase enquadra-se cronologicamente na transição do 3º para o 2º milénio a.C. A fase 1, englobando os demais registos, apresenta 301 restos e, cronologicamente, corresponde a uma fase calcolítica. O fosso 1 apresenta uma grande abundância de restos da fase 1, enquanto o fosso 2 tem um maior equilíbrio, apesar da superioridade quantitativa da fase 2 (Figura 9.1). Os escassos materiais exumados na fossa foram agrupados à fase 2.

Tabela 9.1 – Dispersão dos restos arqueofaunísticos conforme a sua proveniência com indicação do *Number of Specimens* (NSP) por proveniência e fase cronológica.

Estrutura	UE	NSP	Fase 2	Fase 1	Estrutura	UE	NSP	Fase 2	Fase 1
Fosso 1	101	14	57	245	Fosso 2	201	8	81	56
	102	12				202	1		
	105	9				216	29		
	106	11				220	2		
	107	8				221	2		
	108	3				234	26		
	111	7	236			11			
	133	2	237			1			
	115	1	239			1			
	117	1	217			19			
	119	5	223			1			
	121	6	245			4			
	131	24	247			3			
	132	10	251			1			
	133	3	260			1			
	134	70	261			1			
	135	2	263			1			
	136	2	268			2			
	137	11	269			2			
	138	13	272			4			
139	12	273	6						
140	68	274	2						
145	1	275	1						
150	1	276	1						
151	5	290	3						
152	1	292	2						
		294	2						
		Fossa 18	600	6	6				
NSP <sub>fase</sub>	Fase 1: 301				Fase 2: 144				
NSP <sub>total</sub>	445								

Seguiram-se metodologias comuns em estudos zooarqueológicos e tafonómicos (Lyman, 1994; Reitz, Wing, 2008), com os resultados apresentados através dos índices *Number of specimens* (NSP), *Number of identified specimens* (NISP), *Minimum number of elements* (MNE) e *Minimum number of individuals* (MNI) (Grayson, 1984; Lyman, 2008). O último índice foi calculado tanto diferenciando as unidades estratigráficas (MNI<sub>UE</sub>) como sem as diferenciar, como tal representando um cálculo geral (MNI<sub>g</sub>).

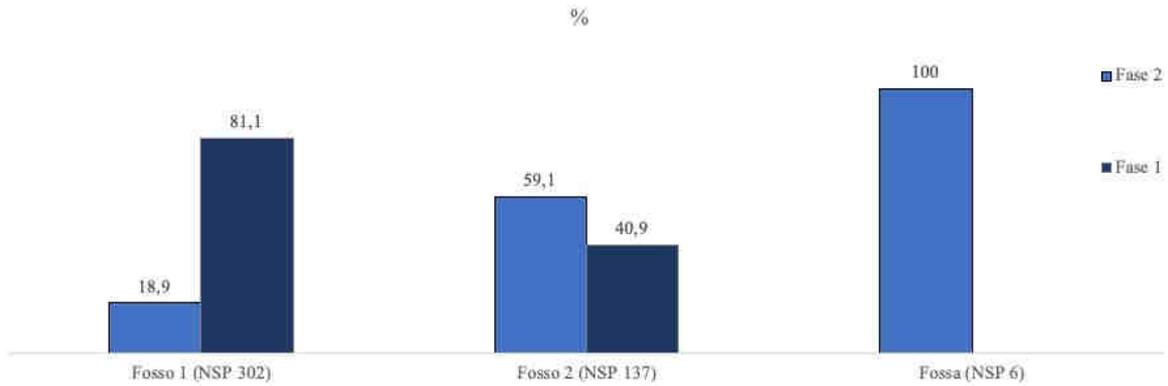


Figura 9.1 – Proporção de materiais arqueofaunísticos (%) das fases 1 e 2 de Santa Vitória, segundo a sua proveniência.

Seguiram-se metodologias comuns em estudos zooarqueológicos e tafonómicos (Lyman, 1994; Reitz, Wing, 2008), com os resultados apresentados através dos índices *Number of specimens* (NSP), *Number of identified specimens* (NISP), *Minimum number of elements* (MNE) e *Minimum number of individuals* (MNI) (Grayson, 1984; Lyman, 2008). O último índice foi calculado tanto diferenciando as unidades estratigráficas (MNI<sub>UE</sub>) como sem as diferenciar, como tal representando um cálculo geral (MNI<sub>g</sub>).

Quando possível, a par da análise morfológica, obtiveram-se dados biométricos com um paquímetro digital Lux para tentar especificar a identificação taxonómica de espécies similares de bovinos, suínos, caprinos (Zeder, Lapham, 2010; Zeder, Pilaar, 2010) e leporídeos (Callou, 1997). As medições seguiram as sugestões de Driesch (1976), Payne e Bull (1988), Davis (1996) e Albarella *et al.* (2005). Os dados obtidos foram comparados com os existentes para outros sítios, dando preferência a contextos de maior proximidade cronológica e geográfica. Os restos indeterminados taxonomicamente foram tentativamente classificados por grupos de peso (Brain, 1981; Bunn, 1983, 1986): porte desconhecido (GP0), porte muito pequeno (GP1, <20 kg), porte pequeno (GP2, 20-100 kg), porte médio (GP3, 100-300 kg) e porte grande (GP4, >300 kg).

As idades de abate estimaram-se através de dados esqueleto-cronológicos (ossificação geral e fusão epifisária) e de séries dentárias (erupção, substituição e desgaste) que foram comparados com informações publicadas para as principais espécies documentadas no conjunto (Payne 1973, 1987; Bull, Payne 1982; Grant, 1982; Zeder, 2006; Lemoine *et al.*, 2014; Zeder *et al.*, 2015). Os resultados foram agrupados por classes de idade, a saber, perinatal, infantil, juvenil, sub-adulto, adulto e senil.

Os padrões de fractura de porções diafisárias de ossos longos foram analisados conforme a sua completude diafisária, considerando a longitude (<25%, 25-50%, 50-75%, >75%) e a secção (<25%; 25-75%, >75%). A delineação (oblíqua, longitudinal, transversal), ângulo (misto, oblíquo, recto) e superfície (irregular, suave) dos planos de fractura foi registada (Villa, Mahieu 1991).

As superfícies ósseas foram alvo de análise macro e/ou microscópica de forma a verificar a existência de possíveis modificações associáveis ao processamento e consumo. Foram consideradas i) a presença de indicadores de fractura antropogénica (*e.g.*, percussão, fractura por flexão, fissuras, esmagamento), ii) marcas de corte (*e.g.*, incisões, golpes, raspados, serrados, seccionamentos), iii) marcas de dentes por carnívoros, omnívoros, herbívoros osteófagos e roedores (*e.g.*, perfurações, depressões, mordiscos, bordos crenulados), e iv) alterações térmicas (dano por queima, fervura) (Binford, 1978, 1981; Brain, 1981; Shipman, 1981; Stiner *et al.*, 1995; Solari *et al.*, 2015). Quando identificados, a sua localização, disposição, relações, morfo-tipologia, dimensões e intensidade foram registadas (Almeida, 2017). A existência de dano por queima sob a forma de coloração múltipla e possíveis diferenças entre as partes internas e externas dos restos foi registada. Para a fervura, considerou-se a análise dos planos de fractura e as características das superfícies ósseas (textura, cor e aparência).

Quanto ao ambiente sedimentar, o registo de i) meteorização seguiu Behrensmeyer (1978), enquanto outros indicadores tafonómicos, como ii) a presença de vermiculações (Lyman, 1994), iii) pisoteio (Behrensmeyer *et al.*, 1986), iv) precipitação de óxidos (López-González *et al.*, 2006), v) e

concreções (Courty *et al.*, 1989) foram registados quantitativamente e qualitativamente segundo a sua intensidade e área de afectação (<25%, 25-50%, 50-75%, >75%) (Almeida, 2017).

## 9.3 – RESULTADOS

### 9.3.1 – FASE 1

#### 9.3.1.1 – Espectro arqueofaunístico

O conjunto é dominado por restos de suínos, englobando javali e outros não identificados especificamente (Tabelas 9.2 e 9.3). Os elementos de javali foram identificados pelas suas dimensões (metatarso IV: GL 109 mm) e morfologia no caso dos dentes, relacionáveis com um indivíduo adulto. Na sua maioria, os restos de suínos não foram passíveis de uma identificação específica. Contudo, a pequena dimensão dos restos mensuráveis sugere que se trata sobretudo da variedade domesticada. Este é o caso do SLC (21 / 24 / 16 mm) de três escápulas direitas, BpP (25 / 33 mm) de rádios, e das escassas medidas em dentes superiores (M<sup>2</sup>: L 17 mm, Wp 14 mm; M<sup>1</sup>: L 14 mm, Wa 12 mm, Wp 12; M<sup>1</sup> L 14 mm). Assim, confirma-se a existência de javali e porco no conjunto calcolítico, em concordância com o que ocorre em outras amostras coetâneas alentejanas. Os restos de *Sus* sp. acrescentam indivíduos infantis/juvenis e sub-adultos.

Tabela 9.2 – Caracterização do conjunto da fase 1 de Santa Vitória, com valores absolutos e relativos para o *Number of identified specimens* (NISP), *Minimum number of elements* (MNE), *Minimum number of individuals* (MNI<sub>g</sub>) sem diferenciar Unidades Estratigráficas e *Minimum number of individuals* (MNI<sub>UE</sub>) diferenciando Unidades Estratigráficas. Incluem-se os restos determinados unicamente por grupo de peso.

	NISP	NISP%	MNE	MNE%	MNI <sub>g</sub>	MNI <sub>g</sub> %	MNI <sub>UE</sub>	MNI <sub>UE</sub> %
<i>Bos taurus</i> (vacca)	1	1,1	1	1,4	1	5,6	1	1,9
<i>Capra hircus</i> (cabra)	1	1,1	1	1,4	1	5,6	1	1,9
<i>Ovis aries</i> (ovelha)	2	2,1	2	2,8	2	11,1	2	3,8
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	26	27,7	14	19,7	2	11,1	9	17,3
<i>Cervus elaphus</i> (veado-vermelho)	4	4,3	4	5,6	1	5,6	4	7,7
<i>Sus scrofa</i> (javali)	3	3,2	2	2,8	1	5,6	3	5,8
<i>Sus</i> sp. (javali/porco)	34	36,2	27	38,0	2	11,1	15	28,8
<i>Equus</i> sp. (equídeo)	5	5,3	5	7,0	1	5,6	3	5,8
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho-bravo)	2	2,1	2	2,8	1	5,6	1	1,9
Bivalvia (bivalve)	10	10,6	7	9,9	1	5,6	7	13,5
<i>Glycymeris</i> sp. (castanhola)	1	1,1	1	1,4	1	5,6	1	1,9
<i>Ruditapes decussatus</i> (amêijoia-boa)	2	2,1	2	2,8	1	5,6	2	3,8
<i>Scrobicularia plana</i> (lamejinha)	2	2,1	2	2,8	2	11,1	2	3,8
<i>Pecten</i> sp. (vieira)	1	1,1	1	1,4	1	5,6	1	1,9
porte desconhecido	107	51,7						
porte muito pequeno	6	2,9						
porte muito pequeno/pequeno	14	6,8						
porte pequeno	56	27,1						
porte pequeno/médio	11	5,3						
porte médio	6	2,9						
porte médio/grande	3	1,4						
porte grande	4	1,9						
total Mammalia	78	83,0	58					
total Bivalvia	16	17,0	13					
total Mammalia+Bivalvia	94	100	71	100	18	100	52	100
total indeterminável	207							
total geral	301							

Tabela 9.3 – *Number of identified specimens e (Minimum number of elements)*, incluindo restos determinados unicamente por grupo de peso. BT = *Bos taurus*, CH = *Capra hircus*, OA = *Ovis aries*, O/C = *Ovis/Capra*, CEE = *Cervus elaphus*, SS = *Sus scrofa*, S = *Sus sp.*, EQ = *Equus sp.*, ORC = *Oryctolagus cuniculus*, BIV = *Bivalvia*, GLY = *Glycymeris sp.*, RDE = *Ruditapes decussatus*, SPL = *Scrobicularia plana*, PEC = *Pecten sp.*, GP0 (porte indeterminável), GP1 (porte muito pequeno), GP1/2 (porte muito pequeno/pequeno), GP2 (porte pequeno), GP2/3 (porte pequeno/médio), GP3 (porte médio), GP3/4 (porte médio/grande), GP4 (porte grande).

	BT	CH	OA	O/C	CEE	SS	S	EQ	ORC	BIV	GLY	RDE	SPL	PEC	GP0	GP1	GP1/2	GP2	GP2/3	GP3	GP3/4	GP4	Total
<b>esqueleto axial craniano</b>																							
crânio (maxila)				4(3)			2(2)								14	2	2						24(5)
mandíbula		1(1)	2(2)	3(2)		1(1)			1(1)														8(7)
incisivo solto							1																1
canino solto						1	2																3
pré-molar solto							1																1
molar solto				10			2										1						13
dente solto															4		1						5
<b>esqueleto axial pós-craniano</b>																							
vértebra				1(1)			3(2)								3	5	8		1			1	22(3)
costela																1	2	1				1	5
<b>esqueleto apendicular</b>																							
escápula				2(2)			1(1)										1						4(3)
úmero																	1						1
rádio				1(1)			3(3)																4(4)
ulna				2(2)			1(1)																3(3)
pélvis				1(1)													2						3(1)
fémur																	1						1
tíbia							2(2)		1(1)								2						5(3)
fibula							1(1)																1(1)
metacarpo							2(2)																2(2)
metatarso						1(1)																	1(1)
metápodo							3(3)										1						4(3)
astrágalo				1(1)																			1(1)
calcâneo					1(1)		1(1)																2(2)
carpal/tarsal									1(1)														1(1)
falange 1					2(2)		3(3)	4(4)															9(9)
falange 2	1(1)			1(1)	1(1)		2(2)														1		5(5)
falange 3							4(4)																4(4)
<b>outro</b>																							
osso longo															2	6	4	34	9	5	1	2	63
osso plano															33	1		1					35
indeterminado															51	1					1		53
concha									10(7)	1(1)	2(2)	2(2)	1(1)										16(13)
<b>Total</b>	1(1)	1(1)	2(2)	26(14)	4(4)	3(2)	34(27)	5(5)	2(2)	10(7)	1(1)	2(2)	2(2)	1(1)	107	6	14	56	11	6	3	4	301(71)

Os caprinos são o segundo grupo taxonómico mais relevante, abrangendo fragmentos de mandíbulas de ovelha (um juvenil e um sub-adulto/adulto) e cabra (um adulto). Os outros restos foram identificados como *Ovis/Capra*; trata-se principalmente de partes do esqueleto axial craniano, dos quais se destacam fragmentos de molares soltos, mas também do esqueleto axial pós-craniano e apendicular de um indivíduo juvenil e outro sub-adulto/adulto.

Identificaram-se uma mandíbula e uma tíbia de coelho-bravo adulto. Ainda nos mamíferos, cabe salientar a presença de gado bovino, representado por uma falange 2 (Bp aproximado 30? mm) de um indivíduo adulto; algo similar ocorrendo com os restos de equídeo, que correspondem a um escafóide e quatro falanges I completamente ossificadas. As falanges foram comparadas com dados métricos existentes, conforme metodologia proposta por Davis *et al.* (2008), que sugerem a sua identificação como cavalo, não sendo, contudo, discernível se selvagem ou doméstico (Tabela 9.3, Figura 9.2). Por sua vez, o veado-vermelho está presente através de extremidades apendiculares distais, a saber, duas falanges I, uma falange II e um calcâneo de indivíduos adultos.

Os restos considerados indetermináveis corresponderão sobretudo a fauna mamalógica, destacando-se, entre os determinados pelo seu porte, a macrofauna de porte muito pequeno/pequeno, pequeno e pequeno/médio. Tal é concordante com o espectro arqueofaunístico identificado, com uma maior relevância de animais com 20-100 kg, em detrimento de macrofauna de menor ou maior porte.

Os moluscos estão comparativamente bem representados, ainda que se tratem em grande parte de *Bivalvia* indeterminados devido a uma baixa preservação destes restos. Quando possível uma caracterização mais aprofundada, identificaram-se lamejinha, amêijoia-boia, castanhola e vieira. Estas

espécies são associadas a *habitats* nos andares mediolitorais inferiores e/ou infralitorais superiores, como os estuários, rias e lagos litorais, preferencialmente infralitorais e circalitorais arenosos no caso da castanhola, ou infralitorais em meios oceânicos no caso da vieira.

Tabela 9.4 – Medidas (mm) obtidas para as falanges proximais de equídeo conforme Driesch (1973).

#	GL	BFp	Bp	Dp	SD	BFd	Bd
82	78	44	47	32	32	39	41
227	76	50	35	45	31	39	40
228	82	52	36	48	36	42	46
229	77	52	36	49	33	39	40

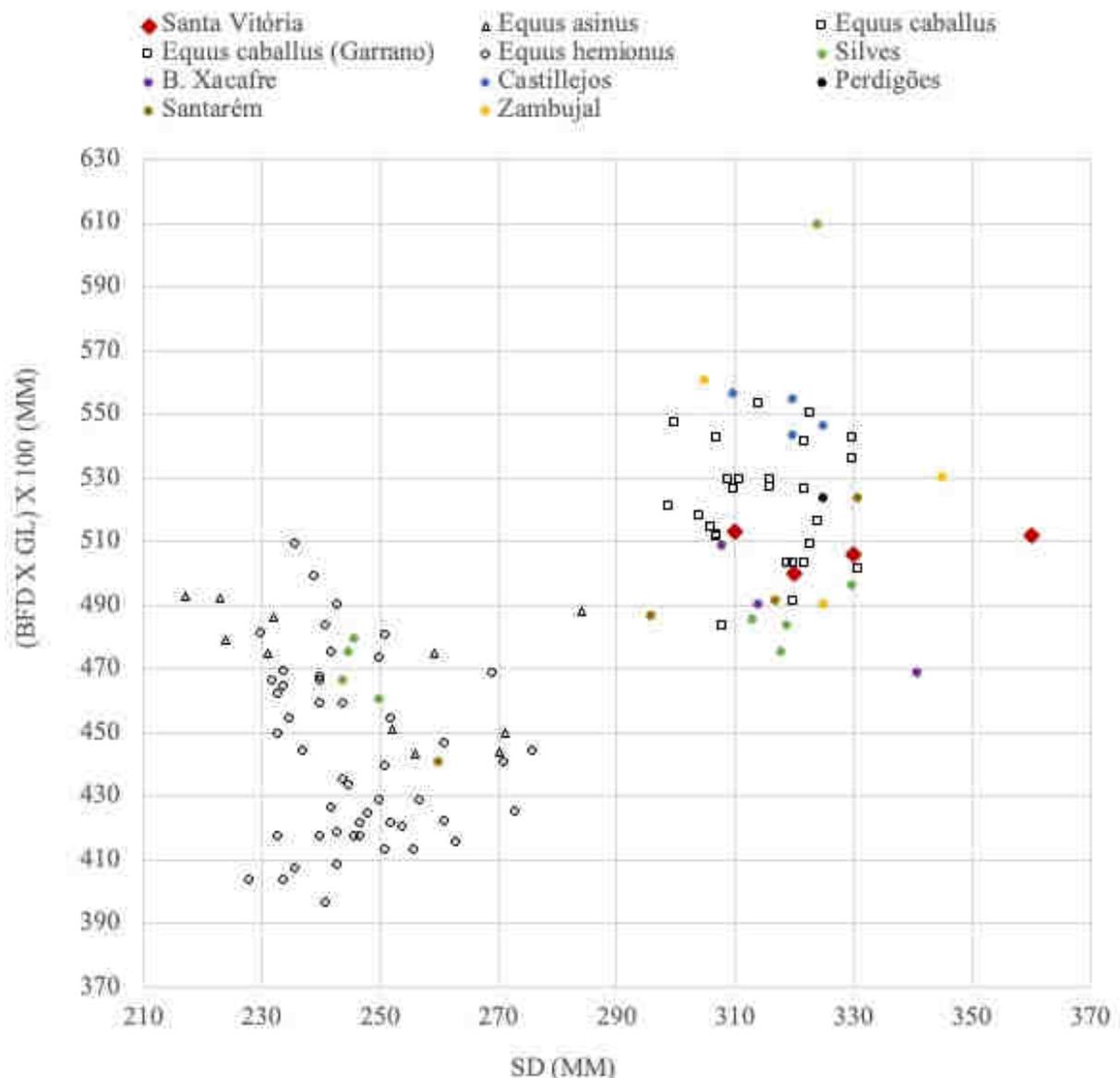


Figura 9.2 – Gráfico de dispersão de *shaft width* (SD) e *distal width* (BFd) em relação ao *greatest length* (GL). Comparam-se os espécimes de Santa Vitória representado por losangos vermelhos com dados osteométricos de espécimes modernos (Davis *et al.*, 2008) de cavalo (*Equus caballus*), asno (*Equus asinus*) e hemíono (*Equus hemionus*), espécimes arqueológicos de *Equus hydruntinus* (Pleistocénico final, Itália – Davis *et al.*, 2008) e equídeo de Barranco do Xacafre (Neolítico final – Aleixo, 2018), Cerro I de “Los Castillejos” (Calcolítico – Castaños, 1997), Zambujal (Calcolítico – Driesch, Boessneck, 1976), Perdigões (transição Calcolítico/Idade do Bronze – Almeida, Valera, 2021), lixeira de Silves (Islâmico – Davis *et al.*, 2008) e Alcáçova de Santarém (Medieval – Davis, 2006).

### 9.3.1.2 – Indicadores tafonómicos

As dimensões máximas dos restos analisados demonstram a alta fracturação, fragmentação e quebra recente (57%) neste conjunto dominado por macrofauna. Efectivamente, 82% do mesmo tem <5 cm de dimensão máxima, não se registando restos com mais de 14 cm (Figura 8.3a). Este aspecto, em conjunto com a existência de outros indicadores que afectam a leitura das superfícies ósseas, terá afectado a análise tafonómica (Tabela 9.5).

Tabela 9.5 – Indicadores tafonómicos registados no conjunto arqueofaunístico da Fase 1 de Santa Vitória.

Indicador	N	%
marca de corte	5	1,7
fractura antropogénica	6	2,0
queimado	0	0,0
fervura	5	1,7
carnívoro	3	1,0
vermiculações	21	7,0
meteorização	25	8,3
concreções	26	8,6
óxido de manganês	12	4,0
corrosão química	8	2,7
completo	22	7,3
fractura recente	171	56,8

Os restos completos são escassos (7%), salientando-se entre estes as falanges (n10, 46% - n7 são falanges I), os dentes soltos (n4, 18%) e os metápodos de suíno (n3, 14%). A completude diafisária foi analisada em 31 ossos, destacando-se a baixa preservação de completudes e secções diafisárias, maioritariamente com valores <25% (Figura 8.3b). Nos planos de fractura (n92) identificados em 40 fragmentos diafisários, são mais comuns as delineações oblíquas e longitudinais, os ângulos rectos e mistos, e as superfícies suaves (Figura 9.3c). Estes resultados, e a escassez de indicadores de alteração térmica, sugerem uma predominância de fragmentação em estado semi-seco/seco.

O processamento antropogénico de porções das carcaças dos animais verifica-se sob a forma de marcas de corte e fractura antropogénica. As marcas de corte correspondem a golpes oblíquos agrupados na norma ventral de um atlas de ovelha/cabra, incisões agrupadas paralelas oblíquas e transversais na norma medial proximal de um rádio de suíno, golpe no processo transversal de uma vértebra de animal de porte médio e incisões isoladas oblíquas em fragmentos diafisários de ossos longos de macrofauna de porte pequeno/médio e médio. As suas morfo-tipologias e localizações sugerem actividades de segmentação do esqueleto axial e descarnar, ainda que a possível desconexão seja de considerar no caso do rádio de suíno. Os indicadores de fracturação antropogénica foram registados em fragmentos diafisários de porte pequeno/médio (n2), médio (n3) e grande (n1), estando melhor representados os impactos isolados (n2) ou consecutivos (n2), pontualmente associados a estrias (n1) e lasca parasita (n1); também se registou um cone de percussão e uma extracção cortical.

O dano por queima está ausente do conjunto, mas a fervura foi identificada em fragmentos diafisários de porte muito pequeno (n1), pequeno (n3) um fragmento de osso indeterminado, todos com <4 cm de dimensão máxima e provenientes da [131] (n1) e [134] (n4). Finalmente, foi identificada uma escápula de suíno com possível consumo gradual e perfurações consecutivas em planos de fractura de osso longo de porte muito pequeno e muito pequeno/pequeno.

Os restantes indicadores tafonómicos que podem ser associados ao ambiente sedimentar apresentam uma baixa incidência (<9%). As vermiculações e concreções encontram-se sobretudo em graus iniciais (1+2), algo similar ocorrendo com a meteorização, porém registaram-se graus 3 (20%) e 4 (4%) em restos do fosso 1 ([121], [131], [132], [134] e [139]), que demonstram uma exposição mais

demorada, a sua re-exposição ou inclusão de restos previamente meteorizados (Figura 9.4). A precipitação de óxidos de manganês, apesar de se destacar pelos graus iniciais (1+2=67%), apresenta restos com grau 3, provenientes da secção 3 do fosso 1 ([150], [151] e [152]). A corrosão química, apesar de comparativamente mais escassa, tem os diferentes graus de afectação das superfícies.

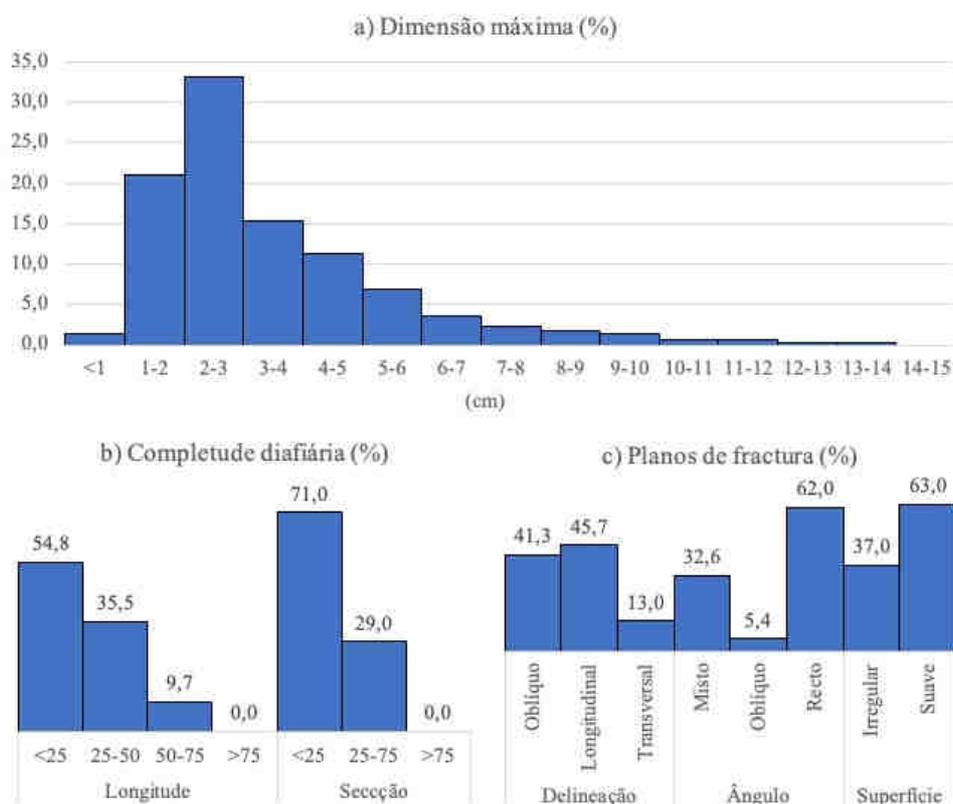


Figura 9.3 – Histogramas de frequências (%) dos restos analisados por a) dimensão máxima, b) completude diafiária e c) planos de fractura.

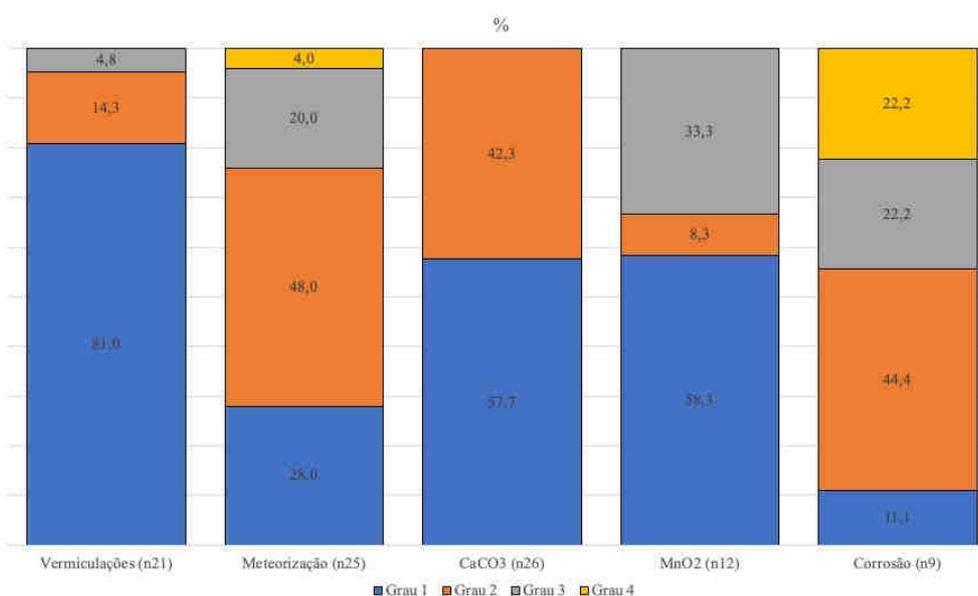


Figura 9.4 – Indicadores tafonómicos e seus grau de afectação.

9.3.2 – FASE 2

9.3.2.1 – Espectro arqueofaunístico

Os suínos são o grupo mais relevante numericamente, ainda que sejam ultrapassados pelos leporídeos no MNE (Tabelas 8.6 e 8.7). Um astrágalo de suíno com um GLI mínimo de aproximadamente 42-43 mm foi considerado como pertencendo a um javali adulto após a sua comparação com outros espécimes enquadrados entre o Mesolítico e a Idade do Ferro de contextos alentejanos, estremenhos e extremenhos (Figura 9.5).

Entre os registos de porco/javali, identificaram-se restos do esqueleto axial craniano e apendicular de indivíduos sub-adultos e adultos, porém, os dados métricos escasseiam. Destaca-se um rádio proximal de suíno com um BpP aproximado de 24 mm e um úmero distal com a linha de fusão ainda visível (Bd 38 mm, BT 27 mm, HTC 17 mm). Pelas suas dimensões, deverão corresponder à variante domesticada, provavelmente estando ambas presentes neste conjunto. O HTC é considerado menos dependente da idade do indivíduo (Albarella, Payne, 2005) pelo que, apesar de pertencer a um espécime com a linha de fusão visível, não é espectável uma grande variação nesta medida, assim caindo na variabilidade da variedade domesticada (Figura 8.6).

Os leporídeos estão representados somente por ossos do esqueleto apendicular, contando com um fémur de Leporidae e vários ossos de coelho-bravo que indicam indivíduos adultos, mas também um juvenil/sub-adulto. Foram recuperados um astrágalo e três molares soltos de um caprino sub-adulto/adulto, assim como uma falange II de vaca adulta. Os registos indetermináveis pertencerão essencialmente a mamíferos, com uma maior relevância de macrofauna de porte desconhecido seguida por porte pequeno. Neste conjunto, destaca-se o maior número de porte médio/grande comparativamente à fase 1.

Tabela 9.6 – Caracterização do conjunto da Fase 2 de Santa Vitória, com valores absolutos e relativos para o *Number of identified specimens* (NISP), *Minimum number of elements* (MNE), *Minimum number of individuals* (MNI<sub>g</sub>) sem diferenciar Unidades Estratigráficas e *Minimum number of individuals* (MNI<sub>UE</sub>) diferenciando Unidades Estratigráficas. Incluem-se os restos determinados unicamente por grupo de peso.

	NISP	NISP%	MNE	MNE%	MNI <sub>g</sub>	MNI <sub>g</sub> %	MNI <sub>UE</sub>	MNI <sub>UE</sub> %
<i>Bos taurus</i> (vaca)	1	2,3	1	3,2	1	11,1	1	4,8
<i>Ovis/Capra</i> (ovelha/cabra)	4	9,3	1	3,2	1	11,1	2	9,5
<i>Sus scrofa</i> (javali)	1	2,3	1	3,2	1	11,1	1	4,8
<i>Sus sp.</i> (javali/porco)	18	41,9	10	32,3	1	11,1	7	33,3
<i>Oryctolagus cuniculus</i> (coelho-bravo)	13	30,2	13	41,9	3	33,3	7	33,3
Leporidae (coelho/lebre)	1	2,3	1	3,2	0	0,0	0	0,0
Bivalvia (bivalve)	3	7,0	2	6,5	0	0,0	1	4,8
<i>Cerastoderma edule</i> (berbigão)	1	2,3	1	3,2	1	11,1	1	4,8
<i>Ruditapes decussatus</i> (amêijoia-boa)	1	2,3	1	3,2	1	11,1	1	4,8
porte desconhecido	42	41,6						
porte muito pequeno	5	5,0						
porte muito pequeno/pequeno	3	3,0						
porte pequeno	33	32,7						
porte pequeno/médio	5	5,0						
porte médio	0	0,0						
porte médio/grande	12	11,9						
porte grande	1	1,0						
total Mammalia	38	88,4	27					
total Bivalvia	5	11,6	4					
total Mammalia+Bivalvia	43	100	31	100	9	100	21	100
total indeterminável	101							
total geral	144							

Quanto a Mollusca, identificaram-se três fragmentos de Bivalvia indeterminado, um de berbigão e outro de amêijoia-boa. Estas espécies são encontradas em habitats mediolitorais inferiores a infralitorais superiores, como lagunas e estuários, ou ainda rias e lagoas litorais no caso da amêijoia-boa.

Tabela 9.7 – *Number of identified specimens e (Minimum number of elements)*, incluindo restos determinados unicamente por grupo de peso. BT = *Bos taurus*, O/C = *Ovis/Capra*, SS = *Sus scrofa*, S = *Sus sp.*, ORC = *Oryctolagus cuniculus*, L = Leporidae, BIV = Bivalvia, CED = *Cerastoderma edule*, RDE = *Ruditapes decussatus*, GP0 (porte indeterminável), GP1 (porte muito pequeno), GP1/2 (porte muito pequeno/pequeno), GP2 (porte pequeno), GP2/3 (porte pequeno/médio), GP3/4 (porte médio/grande), GP4 (porte grande).

	BT	O/C	SS	S	ORC	L	BIV	CED	RDE	GP0	GP1	GP1/2	GP2	GP2/3	GP3/4	GP4	Total
<b>esqueleto axial craniano</b>																	
chifre/haste										1							1
crânio (maxila)										2							2
mandíbula				1(1)													1(1)
incisivo solto				2													2
canino solto				2													2
pré-molar solto				2													2
molar solto		3		2													5
<b>esqueleto axial pós-craniano</b>																	
vértebra										1			3				4
costela													1				1
sacrum													1				1
<b>esqueleto apendicular</b>																	
úmero				1(1)	1(1)												12(2)
rádio				1(1)													1(1)
ulna				1(1)													1(1)
pélvis					4(4)									1			5(4)
fémur						1(1)											1(1)
tíbia					3(3)								1				4(3)
metatarso					3(3)												3(3)
metápodo				2(2)													2(2)
astrágalo		1(1)	1(1)														2(2)
calcâneo					1(1)												1(1)
carpal/tarsal				1(1)						1							2(1)
falange 1					1(1)												1(1)
falange 2	1(1)																1(1)
falange 3				3(3)													3(3)
<b>outro</b>																	
osso longo											2	2	24	3	11	1	43
osso plano										8	1	1	4				14
indeterminado										30	1				1		32
concha							3(2)	1(1)	1(1)								5(4)
<b>Total</b>	1(1)	4(1)	1(1)	18(10)	13(13)	1(1)	3(2)	1(1)	1(1)	42	5	3	33	5	12	1	144(31)

### 9.3.2.2 – Indicadores tafonómicos

Os fragmentos deste conjunto têm <9 cm de dimensão máxima, com 94% destes a ter <5 cm, estando ausentes restos mensuráveis com >9 cm (Figura 9.7a). Isto estará relacionado com a quebra recente (42%), com um pequeno conjunto de elementos estando completos (7%), i.e., carpais/tarsais (n3), falanges (n3), dentes soltos (n3) e um úmero de coelho-bravo (Tabela 8.8). Um total de 24 registos passíveis de análise de completude diafisária demonstram a baixa preservação do conjunto, bastante fracturado e fragmentado. Quanto aos planos de fractura diafisários (Figura 9.7b), sem espécimes epifisários, contabilizaram-se 25 registos com 69 planos analisáveis, nos quais se destacam as delineações longitudinais e oblíquas, os ângulos rectos, e as superfícies irregulares (Figura 9.7c).

Duas incisões em metáfise distal de úmero de suíno dever-se-ão a actividades de desconexão e/ou descarte. A fracturação antropogénica está representada por impactos de percussão isolados em úmero de suíno e dois fragmentos diafisários de macrofauna de porte pequeno e pequeno/médio. Registou-se um pequeno cilindro diafisário em fémur de leporídeo, todavia, como tem menos de 3 cm de comprimento máximo, poderá ser devido a agentes não-antrópicos ou outros processos de origem pós-deposicional. Um astrágalo de cabra/ovelha da [105] e um calcâneo de coelho-bravo da [234] apresentam dano devido a digestão por um carnívoro.

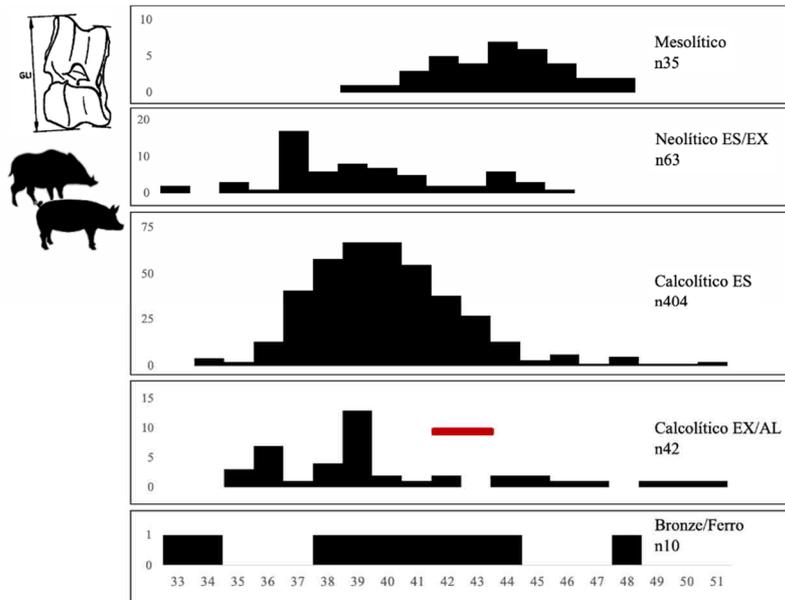


Figura 9.5 – Comparação da *greatest length of the lateral half* GLI do astrágalo de Santa Vitória identificado por uma barra vermelha relativa ao seu valor de intervalo mínimo. Este é comparado com exemplares do Mesolítico de Muge (Detry, 2007), Neolítico da Estremadura e Extremadura (Lameiras – Davis *et al.*, 2018; Los Barruecos – Almeida *et al.*, 2021b; Gruta de Nossa Senhora das Lapas – Almeida, 2017; Espargueira/Serra das Éguas – Encarnação, Almeida, 2017), Calcolítico da Estremadura (Leceia – Cardoso, Detry, 2001/2002; Penedo do Lexim – Moreno-García, Sousa, 2015; Columbeira – Correia, 2015; Zambujal – Driesch, Boessneck, 1976; Vila Nossa de São Pedro – Detry *et al.*, 2020), Calcolítico da Extremadura e Alentejo (Cerro de la Horca – Castaños, 1992; Cerro I de “Los Castillejos” – Castaños, 1997; Atalaya de Torrequemada – Rodríguez-Hidalgo, Cabezas, 2011; São Pedro – Davis, Mataloto, 2012; Herdade do Álamo – Pereiro *et al.*, 2021; Perdigões – Almeida, Valera, 2021; Mercador – Moreno-García, 2013; Chibanes – Cardoso *et al.*, 2021; Monte das Cabeceiras 2 – Almeida *et al.*, 2021a), e da Idade do Bronze e Ferro (Outeiro do Circo – Almeida *et al.*, 2020b; Alcáçova de Santarém – Santarém, 2006).

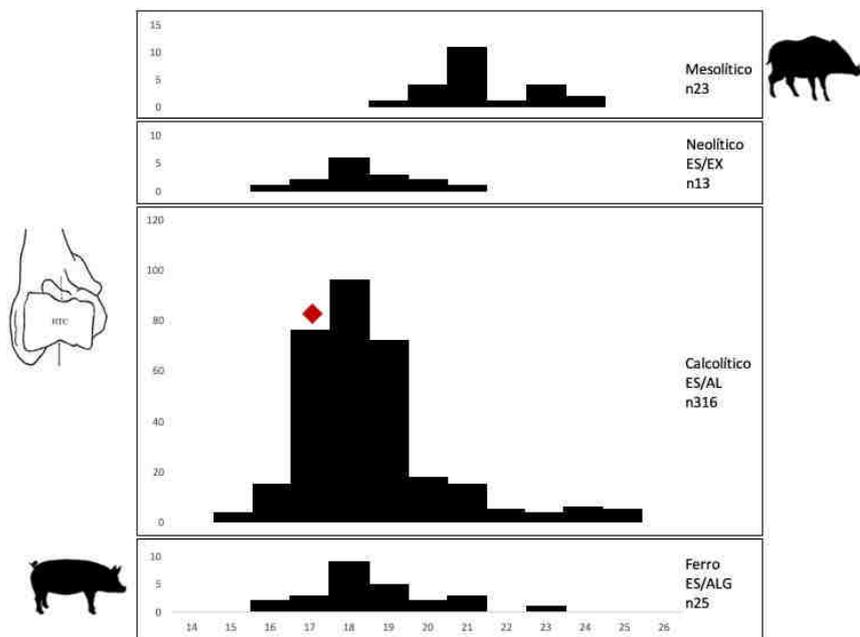


Figura 9.6 - Comparação do *diameter of trochlear constriction* HTC do úmero de Santa Vitória identificado por um losango vermelho. Este é comparado com exemplares do Mesolítico (Muge – Detry, 2007; Forno da Telha – Rowley-Conwy, 1993), Neolítico da Estremadura e Extremadura (Lameiras – Davis *et al.*, 2018; Los Barruecos – Almeida *et al.*, 2021b; Gruta do Cadaval – Almeida, 2017), Calcolítico da Estremadura e Alentejo (Leceia – Cardoso, Detry, 2001/2002; Columbeira – Correia, 2015; Zambujal – Driesch, Boessneck, 1976; São Pedro – Davis, Mataloto, 2012; Porto Torrão (Davis *et al.*, 2018; Paraíso – Mataloto *et al.*, 2012; Perdigões – Almeida, Valera, 2021; Mercador – Moreno-García, 2013; Monte das Cabeceiras 2 – Almeida *et al.*, 2021a), e da Idade do Ferro da Estremadura e Algarve (Alcáçova de Santarém – Santarém, 2006; Castro Marim – 2007).

Duas incisões em metáfise distal de úmero de suíno dever-se-ão a actividades de desconexão e/ou descarte. A fracturação antropogénica está representada por impactos de percussão isolados em úmero de suíno e dois fragmentos diafisários de macrofauna de porte pequeno e pequeno/médio. Registou-se um pequeno cilindro diafisário em fémur de leporídeo, todavia, como tem menos de 3 cm de comprimento máximo, poderá ser devido a agentes não-antrópicos ou outros processos de origem pós-deposicional. Um astrágalo de cabra/ovelha da [105] e um calcâneo de coelho-bravo da [234] apresentam dano devido a digestão por um carnívoro.

Tabela 9.8 – Indicadores tafonómicos registados no conjunto arqueofaunístico da Fase 2 de Santa Vitória.

Indicador	N	%
marca de corte	1	0,7
fractura antropogénica	3	2,1
queimado	16	11,1
fervura	1	0,7
carnívoro	2	1,4
vermiculações	19	13,2
meteorização	39	27,1
concreções	3	2,1
óxido de manganês	41	28,5
corrosão química	1	0,7
completo	10	6,9
fractura recente	60	41,7

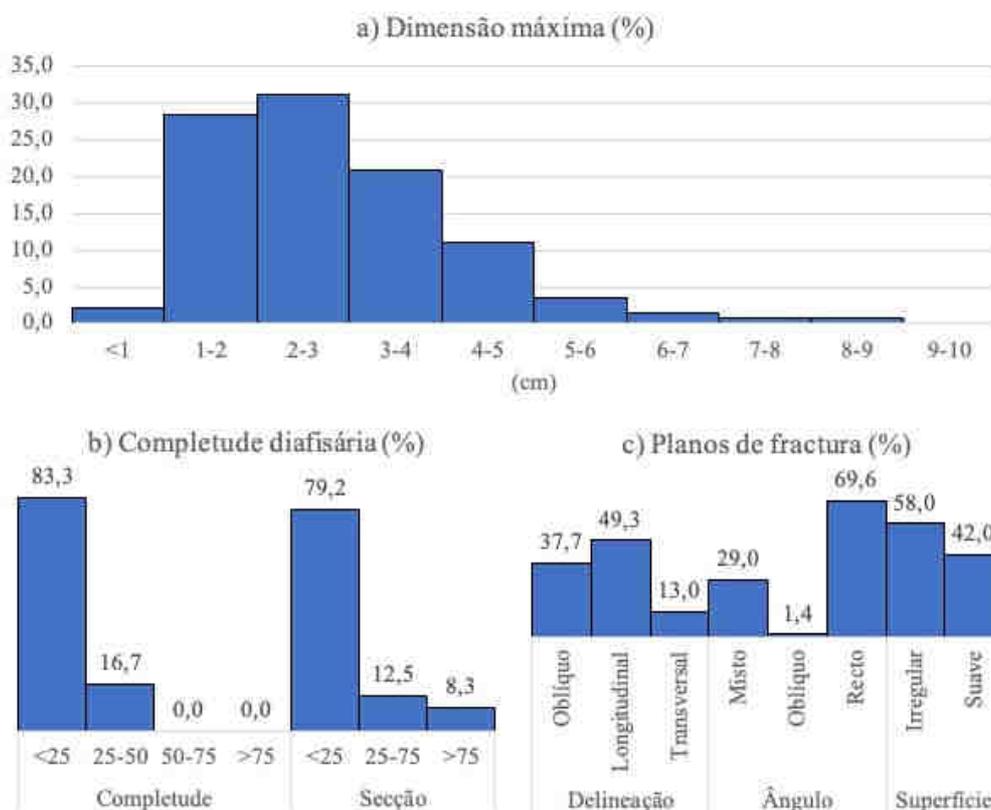


Figura 9.7 – Histogramas de frequências (%) dos restos analisados por a) dimensão máxima, b) completude diafisária e c) planos de fractura.

O dano por queima verifica-se em falange distal de suíno, vértebra de porte pequeno, um fragmento indeterminado e fragmentos diafisários de porte pequeno (n2), pequeno/médio (n1) e médio/grande (n9). Uma parte importante destes (9 em 16, 56%) são provenientes da [216], apresentando-se bastante boleados e com dano de grau 2 na face externa e 3 na interna. Como tal, provavelmente tratar-se de algum osso incorporado no registo durante a sua colmatação. Algo similar sucede com os dois fragmentos diafisários da [201], os quais estão meteorizados e boleados. Os restantes, apresentam graus 2 (n3), 3 (n1) e coloração dupla com grau 2 e 3 (n1). Um fragmento de metáfise de osso longo de porte muito pequeno/pequeno tem indicadores de fervera.

Enquanto a corrosão e concreções apresentam representatividades vestigiais, as vermiculações estão comparativamente melhor representadas, com uma maior incidência de graus iniciais (1+2=95%) (Figura 8.8). Cerca de 26% dos restos com indicadores de vermiculações são da [101] e outros 26% da [102]. Para a meteorização, os graus 2 e 3 são mais abundantes relativamente ao grau 1 e, sobretudo, grau 4. Não parece existir uma tendência para a concentração de graus mais ou menos avançados em qualquer unidade estratigráfica, mas se a afectação não for considerada, uma importante parte dos restos meteorizados provém das [216] (n9), [234] (n7) e [236] (n8). Finalmente, a precipitação de óxidos, melhor representada em grau 1, seguido pelo 2 e 3, tem ainda alguns restos com graus máximos. Uma importante parte deste indicador foi registado na [234] (n18), contando com cerca de 78% (7 em 9) dos restos com graus 3 e 4.

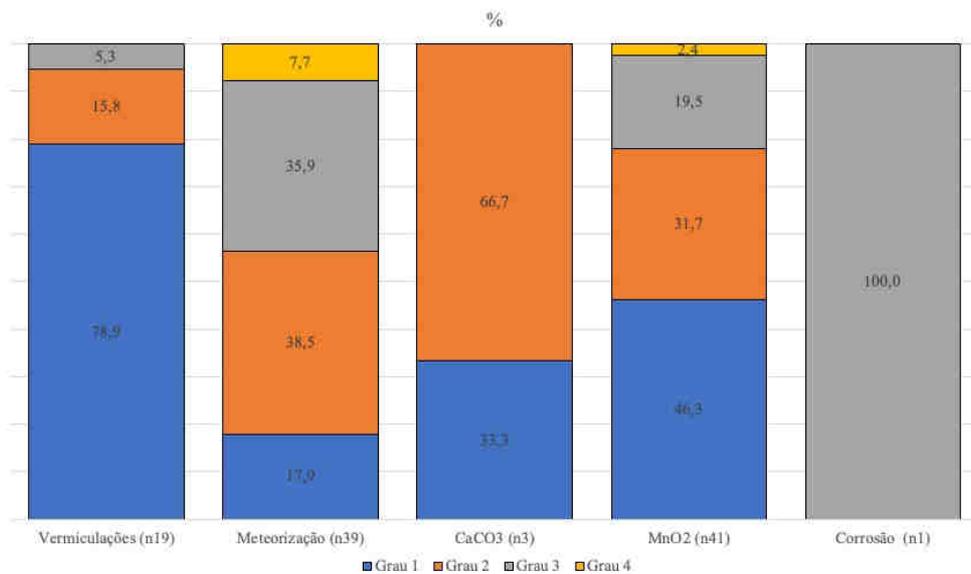


Figura 9.8 – Indicadores tafonómicos e seus grau de afectação.

## 9.4 – DISCUSSÃO

### 9.4.1. O REGISTO ARQUEOFAUNÍSTICO DE SANTA VITÓRIA

Os conjuntos analisados para as fases 1 e 2 de Santa Vitória apresentam fauna mamalógica e malacológica (Figura 9.9a). Parece-nos razoável presumir, dado as espécies representadas, as suas características biológicas e o histórico de pesquisa existente, que nem todos os espécimes identificados representam uma componente alimentar.

Em ambas as fases foi possível registar moluscos que, quando passíveis de identificação específica, são sempre de ambientes marinhos/estuarinos. Identificou-se castanhola, amêijoia-boia, lamejinha, vieira e berbigão na fase 1 e amêijoia-boia e berbigão na fase 2. Trata-se de espécies que

podem ser recuperadas em ambientes infralitorais superiores, mediolitorais inferiores ou circalitorais. Se algumas poderão ser encontradas em estuários, rias e lagos litorais, outras, como é o caso da vieira, ocorrem em meios infralitorais.

A presença de moluscos em contextos da Pré-história recente é comumente associada a uma dimensão ideológica e simbólica do seu uso como alimento ou do uso das conchas (Valera, André 2016/2017), o que poderá ser o caso dos restos recuperados neste recinto de fossos, ou pelo menos de alguns deles. Em casos como a vieira, provavelmente apenas teríamos a circulação das conchas, enquanto outros, como a amêijoia-boia, poderiam ter uma circulação em condições que permitiriam o seu posterior consumo (Valera, André 2016/2017). De todas as formas, a presença da valva convexa de vieira, de uma concha-adorno de bivalve perfurada com orifício circular de contorno pouco regular e abrasão, assim como de outros bivalves exógenos com valor bromatológico, mas que teriam uma expressão reduzida na subsistência destes grupos, remetem para a interação e circulação de elementos exógenos, como terá ocorrido em outros contextos coetâneos (*e.g.*, Coelho, 2006, 2008, 2013; Soares, 2013; Delicado *et al.*, 2017; Valera, André 2016/2017; Almeida, Valera, 2021).

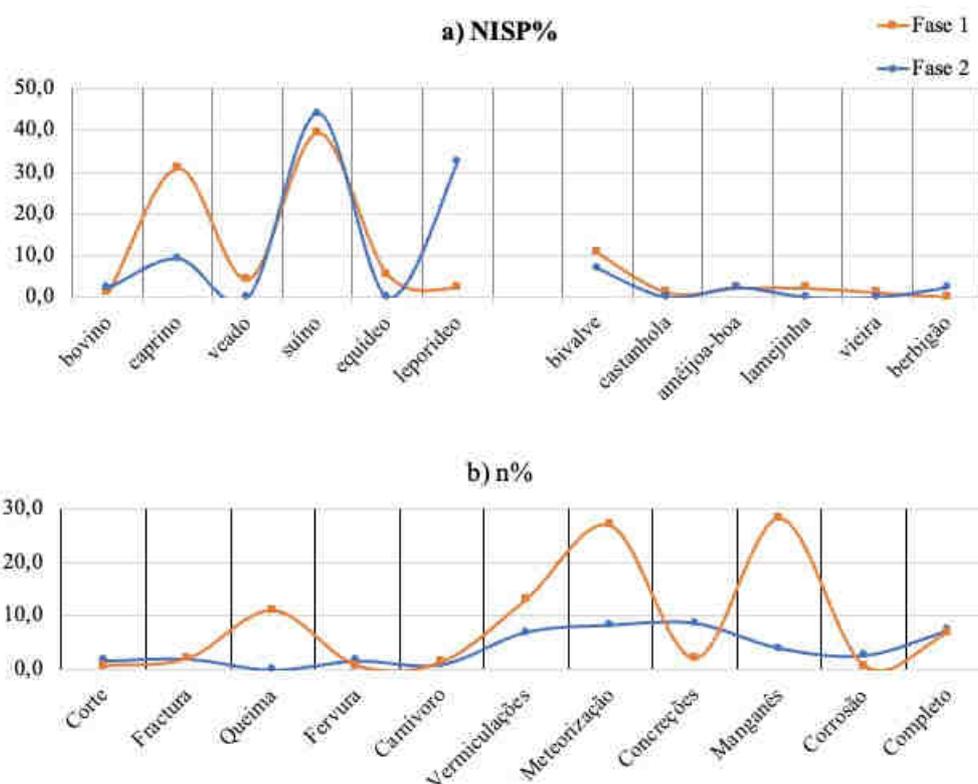


Figura 9.9 – Comparação entre os resultados obtidos para as fases 1 e 2 de Santa Vitória: a) valores NISP%; b) incidência de indicadores tafonómicos (%).

Quanto aos mamíferos, os suínos são preponderantes em ambas as fases, seguidos pelos caprinos, na fase 1. Estes, tornam-se residuais na fase 2, face à importância dos leporídeos. A vaca tem valores mínimos em ambas as fases, enquanto o veado-vermelho e os equídeos apenas existem na fase 1. Este aspecto remete para um factor relevante que se prende com a representatividade anatómica de mamíferos, mais visível nos animais de porte médio e grande. Na fase calcolítica, a vaca, o veado-vermelho e os equídeos estão representados unicamente por elementos das extremidades apendiculares, em especial pelas falanges. Assim, a vaca apresenta uma falange II, o veado-vermelho duas falanges I e uma II, e os equídeos quatro falanges I; estes elementos correspondem a 100%, 75% e 75% do NISP de cada uma destas espécies, respectivamente. As falanges, carpais/tarsais e metápodos são também uma parte importante dos restos de suíno (15 em 34; 44%), porém, à

semelhança dos caprinos, estes estão representados pelas diversas partes anatómicas. Quanto à fase 2, uma vez mais a vaca apresenta uma falange II; os caprinos um astrágalo e três fragmentos de molar solto. Os suínos apresentam 37% (7 em 19) de elementos das extremidades e 42% (8 em 19) de dentes ou fragmentos de dentes soltos. Os leporídeos apenas têm restos apendiculares, dos quais 36% (5 em 14) são das extremidades.

Estamos face a uma importância de elementos das extremidades apendiculares, sobretudo no caso das falanges. Esta importância é inferida mais facilmente nos veados-vermelhos, vacas e equídeos, visto corresponderem unicamente, ou quase unicamente, aos restos destas espécies. Nos restantes taxa a situação não é tão clara, apesar de as falanges e outros ossos das extremidades apendiculares terem algum destaque nos valores NISP e MNE. As falanges de animais de maior porte são usualmente fracturadas para aceder ao tutano, mas isso não é o caso em Santa Vitória, da mesma forma que não sucede em outros conjuntos similares regionais, sendo inclusive comuns os ídolos feitos com falanges (Valera, 2015). Em Santa Vitória, apesar de não se registarem ídolos falange, as falanges assumem especial relevância, como o demonstram as suas abundâncias e carácter de “excepcionalidade” no âmbito das espécies a que pertencem, ou até as associações que as englobam (Almeida *et al.*, 2020a; Basílio *et al.*, 2021). As falanges de equídeo foram recuperadas separadamente, mas cada uma delas junto de um fragmento de um mesmo “ídolo de cornos”.

Quanto aos padrões demográficos, os espécimes selvagens de javali, veado-vermelho e coelho-bravo da fase 1 são adultos. O mesmo ocorre com o equídeo e com a vaca. Os suínos de estatuto indeterminado representam-se por indivíduos infantis/juvenis e sub-adultos, o que poderá sugerir que se trata de espécimes domesticados. Os caprinos abrangem indivíduos juvenis, sub-adultos e adultos, estando apenas em falta os mais jovens e mais velhos. Algo similar ocorre na fase 2, com o javali e vaca adultos, o porco/javali sub-adulto, os caprinos sub-adulto/adulto e, finalmente, o coelho-bravo juvenil/sub-adulto e adulto. Estes padrões de idade podem relacionar-se com a aquisição de recursos primários em indivíduos adultos e um aproveitamento mais alargado nos indivíduos domesticados, sobretudo no caso dos caprinos e provavelmente dos suínos.

Também interessantes são as questões tafonómicas registadas (Figura 8.9b). A fracturação e fragmentação é relevante em ambos os conjuntos, sobretudo na fase 2, com os restos completos a terem <8% em ambas as fases. Esta baixa preservação é visível na completude de fragmentos diafisários e, ainda que alguma fracturação em estado fresco tenha ocorrido conforme indicam os planos de fractura, existe um mascaramento da mesma de ordem pós-deposicional ou por fragmentação em estado seco/semi-seco. Não se pode descartar que algumas delineações indiquem uma fractura pós-fervura, identificada com valores de <1% ou <2%. O dano por queima está ausente na fase 1, enquanto na fase 2, mais recente, ocorre em 11% do conjunto. A presença de marcas de corte é inferior aos indicadores de fractura antropogénica em ambas as fases, o que é mais visível na fase 2. Este aspecto é usual em conjuntos com uma importante fracturação/fragmentação e/ou alteração das superfícies ósseas. Não obstante, para além de fractura associável à extração de tutano, identificam-se etapas de processamento de carcaças: separação ou segmentação do esqueleto axial, desconexão e descarnar em macrofauna de porte pequeno.

A acção de carnívoros, também ela de baixo impacte, abrange indicadores de digestão, possível consumo gradual e perfurações em plano de fractura, que deverão dever-se a um acesso secundário a restos previamente processados.

Para a fase 1, cabe referir a maior incidência de vermiculações, meteorização e concreções, enquanto na fase 2, com valores mais expressivos, destacam-se as vermiculações e especialmente a precipitação de óxidos e a meteorização. A importância das concreções na fase 1 dever-se-á ao facto de tratar-se da base da estratigrafia, onde ocorreu a precipitação de carbonatos secundários, a qual é residual no topo da estratigrafia e no *recutting* superior. Neste sentido, explica-se ainda a maior relevância de vermiculações, precipitação de óxidos ou a meteorização no topo da estratigrafia e preenchimento do *recutting* superior. A meteorização apresenta graus iniciais e intermédios em ambas as fases, mas no topo regista-se uma maior abundância de graus 3 e 4 comparativamente à fase 1. De todas as formas, a exposição ou re-exposição de restos terá ocorrido em ambos os casos, ainda que não tenha sido de longa duração em nenhum.

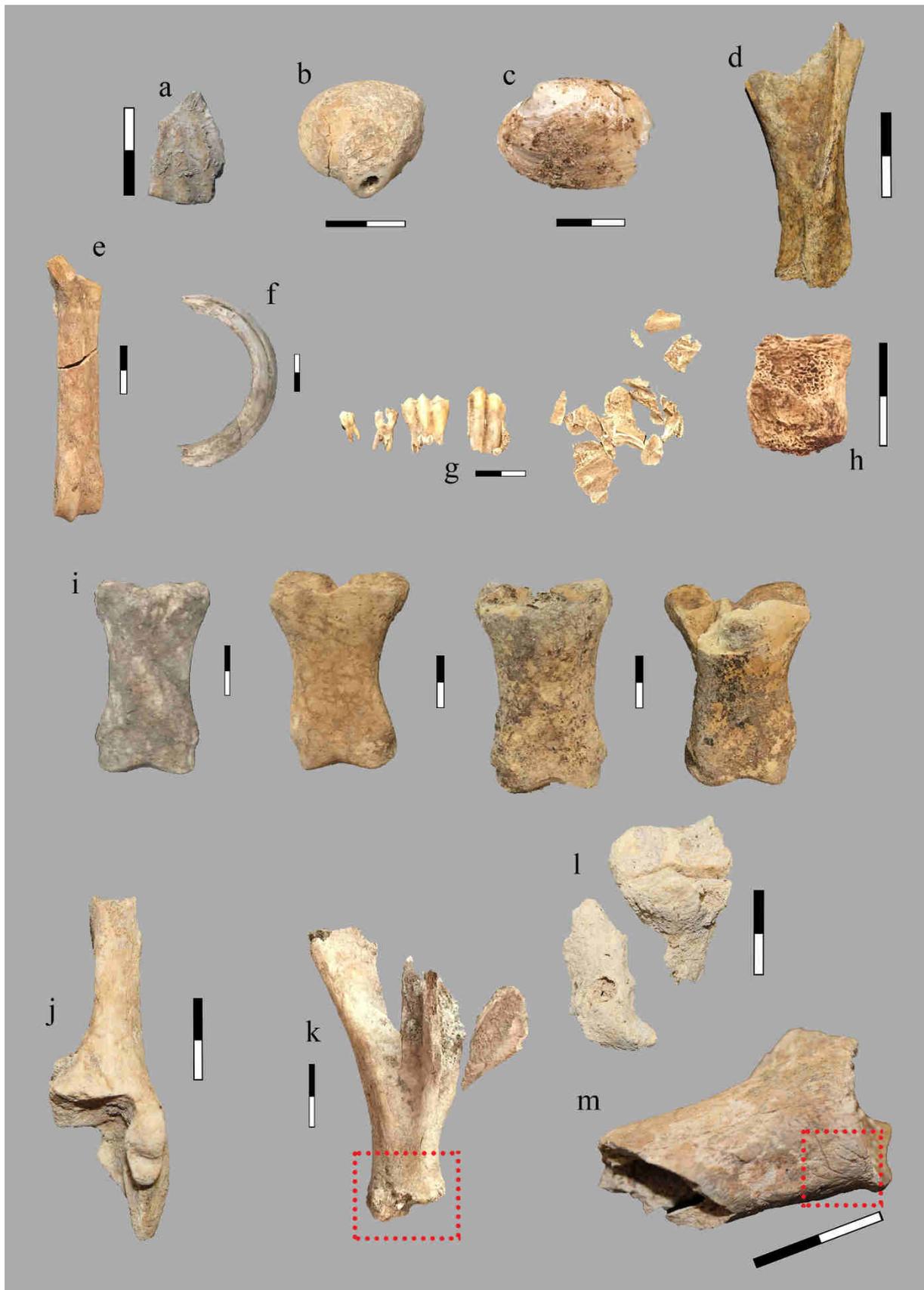


Figura 9.10 – Selecção de materiais de Santa Vitória recuperados no decorrer do projecto SANVIT: valvas de vieira (a), bivalve com perfuração (b) e de amêijoia-boa (c); escápula de ovelha/cabra (d); metatarso IV (e) e canino inferior de javali (f); mandíbula de ovelha (g) e astrágalo digerido de ovelha/cabra (h); falanges I de equídeo (i); calcâneo de veado-vermelho (j); consumo gradual em escápula de suíno (k); falange II de vaca (l); e rádio de suíno com incisões oblíquas paralelas (m).

9.4.2. SANTA VITÓRIA E AS ARQUEOFAUNAS NO CALCOLÍTICO DO CENTRO E SUL DE PORTUGAL

Os conjuntos arqueofaunísticos de Santa Vitória podem, ainda que tendo em conta as suas restrições quantitativas, ser comparados com outros registos publicados para o Alentejo e datados do 3º milénio a.C. Actualmente, estas colecções são provenientes sobretudo de recintos de fossos e sítios murados, apresentando restos de zonas de detritos e de preenchimento de estruturas em negativo, sejam eles decorrentes de descarte de restos alimentares, no âmbito de actividades mais mundanas, ou com preceitos e normas, incluindo deposições estruturadas (Tabela 9.9).

Tabela 9.9 – Contextos arqueológicos com conjuntos faunísticos publicados para o 3º milénio a.C. no Alentejo. Legenda: EQ = *Equus*, BO = *Bos*, CA = *Capra* e ou *Ovis*, SU = *Sus*, CE = Cervidae. Referências: [1] Delicado *et al.*, 2017; [2] Arnaud, 1993; [3] Almeida *et al.*, 2021; [4] Pereira, 2016; [5] Cardoso, 2013; [6] Costa, Mataloto, 2017; [7] Moreno-García, 2013; [8] Antunes, 1987; [9] Costa, 2013; Cabaço 2017; Valera *et al.*, 2020; Almeida, Valera, 2021; [10] Davis, Mataloto, 2012. \* POSACs or *Parts of the skeleton always counted*.

Sítio	EQ	BO	CA	SU	CE	NISP	Ref
Alto de Brinches 3	0	16	72	27	30	145	[1]
Porto Torrão	1	29	18	43	3	?	[2]
Monte das Cabeceiras 2	0	41	24	77	26	168	[3]
Porto Torrão	8	79	71	119	20	297	[4]
Porto das Carretas	3	8	5	8	5	29	[5]
Montoito 2	0	1	6	31	10	48	[6]
Mercador	53	130	258	846	132	1419	[7]
Monte da Tumba	4	32	98	140	44	318	[8]
Perdigões	17	211	465	350	139	1182	[9]
São Pedro I-IV	25	43	41	198	166	473*	[10]
São Pedro V	5	7	9	32	41	94*	[10]
Porto das Carretas	5	17	3	10	8	43	[5]
Porto Torrão	4	19	14	37	23	?	[2]
Monte da Tumba	13	1	11	5	0	30	[8]
Perdigões	35	92	87	226	184	624	[9]

Na Figura 9.11 apresentam-se os dados de Santa Vitória em comparação com os apresentados na Tabela 9.9. Os cervídeos e equídeos são geralmente menos abundantes, sobretudo em conjuntos maiores, porém, na fase V de São Pedro e no conjunto da transição Calcolítico-Idade do Bronze dos Perdigões, assumem uma especial relevância. Os suínos são o grupo mais relevante na generalidade dos contextos, contendo ambas as variedades domesticadas e selvagens, enquanto os bovinos e os caprinos assumem papéis secundários. Contudo, no conjunto numericamente mais importante dos Perdigões, os caprinos são mais relevantes que os suínos, com o período transitivo a demonstrar a relevância de suínos e cervídeos.

Ora, o conjunto da fase 1 de Santa Vitória, com uma maior relevância de suínos e caprinos segue as tendências existentes, ainda que a escassez de restos de bovino seja de relevar, à semelhança do que ocorre nos materiais provenientes do fosso de Montoito 2. Neste sítio, os equídeos estão ausentes; na fase 1 de Santa Vitória, a maior relevância dos equídeos detém a importância que os bovinos apresentam em outros contextos. A fase 2 de Santa Vitória não permite considerações, para além de mencionar a ausência de equídeos e cervídeos e a enorme relevância de suínos. Cabe, contudo, reforçar que se trata de um conjunto reduzido.

Se focarmos os grupos taxonómicos da tríade suínos-bovinos-caprinos, nos quais existirão restos de variedades selvagens, provavelmente mais no caso dos suínos do que nos bovinos, o conjunto da fase 1 de Santa Vitória apresenta um distanciamento marcado pela escassez de gado bovino e pelo aparente equilíbrio entre caprinos e suínos, enquanto a fase 2 se assemelha uma vez mais ao conjunto de Montoito 2 (Figura 9.12).

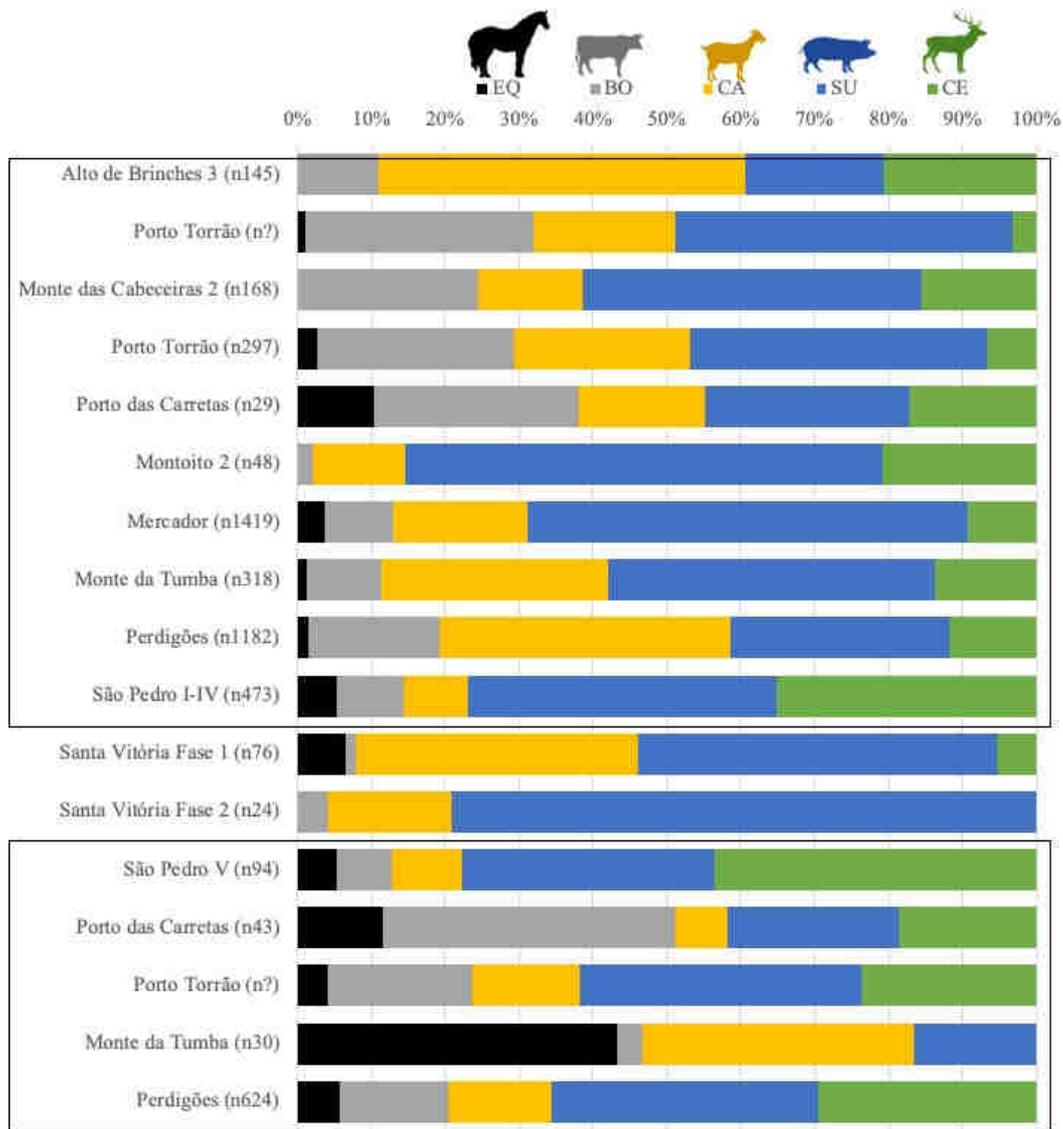


Figura 9.11 – Comparação dos resultados obtidos para as duas fases de Santa Vitória com os contextos indicados na tabela 9. Legenda: EQ = *Equus*, BO = *Bos*, CA = *Capra* e ou *Ovis*, SU = *Sus*, CE = *Cervidae*.

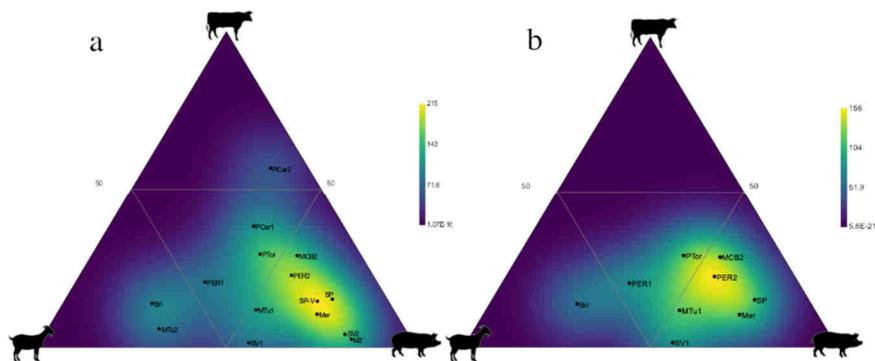


Figura 9.12 – Diagrama ternário com os resultados obtidos para as duas fases de Santa Vitória e os contextos indicados na tabela 9 (a), ou apenas os contextos com um NISP>100 para bovinos, suínos e caprinos.

## 9.5. CONCLUSÕES

A fauna recuperada no recinto de fossos de Santa Vitória, no decorrer do projecto SANVIT, permite pela primeira vez enquadrar esta componente do registo arqueológico e comparar os dados obtidos a uma escala regional. Não havendo informações publicadas acerca dos restos arqueofaunísticos recuperados nos trabalhos anteriores, essa comparação encontra-se truncada e, como tal, deve ser analisada tendo em conta a sua natureza. Todavia, face ao discutido, podemos concluir que:

1. Com algumas diferenças entre eles, os conjuntos apresentam um predomínio de restos de fauna mamalógica (suínos, caprinos, leporídeos, equídeos, bovinos, cervídeos), acompanhada por fauna malacológica (castanhola, amêijoia-boa, lamejinha, vieira, berbigão);
2. Os restos de suínos e caprinos destacam-se na fase 1, calcolítica, e os de suínos e leporídeos na fase 2, de transição 3º/2º milénio a.C.;
3. Uma aproximação contextual leva-nos a relevar o particular interesse dos elementos de extremidades, em especial as falanges de equídeos, bovinos e cervídeos;
4. Os padrões de idade de abate demonstram a presença de indivíduos selvagens adultos, enquanto os indivíduos com um estatuto incerto, ou domesticados, a terem idades mais abrangentes, desde infantis a adultos;
5. Os indicadores de processamento são escassos, provavelmente devido, pelo menos em parte, à baixa preservação do conjunto. Identificaram-se marcas de corte e fractura antropogénica, uma reduzida acção secundária por carnívoros, e termo-alterações. As últimas demonstram diferenças entre as fases 1 e 2;
6. De sublinhar a existência de diferenças nas abundâncias dos principais indicadores tafonómicos do ambiente sedimentar e nos seus graus de afectação entre os conjuntos da fase 1 e 2.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **ALBARELLA et al., 2005**

Albarella, U.; Davis, S.; Detry, C., Rowley-Conwy, P. (2005) – Pigs of the “Far West”: the biometry of *Sus* from archaeological sites in Portugal. *Anthropozoologica*. 40: 27-54.

### **ALBARELLA, PAYNE, 2005**

Albarella, U.; Payne, S. (2005) – Neolithic pigs from Durrington Walls, Wiltshire, England: a biometrical database. *Journal of Archaeological Science*. 32: 589-599.

### **ALEIXO, 2018**

Aleixo, P. (2018) – Estudo zooarqueológico do sítio do Neolítico Final do Barranco do Xacafre, Ferreira do Alentejo. Dissertação de Mestrado. Universidade do Algarve, Faro.

### **ALMEIDA, 2017**

Almeida, N.J. (2017) – *Zooarqueologia e tafonomia da transição para a agro-pastorícia no baixo e médio vale do Tejo*. Arkeos 44, Mação, Instituto Terra e Memória.

### **ALMEIDA, 2020**

Almeida, N.J. (2020) – As faunas presentes no Sepulcro 4 dos Perdigões. In: A.C. Valera (ed.). O Sepulcro 4 dos Perdigões. Um tholos da segunda metade do 3º milénio a.C. Perdigões Monográfica 02. Lisboa. NIA/ERA Arqueologia S.A.: 113-128.

### **ALMEIDA et al., 2021a**

Almeida, N.J.; Basílio, A.C.; Silva, C.; Soares, A.M.; Borges, N. (2021) – Faunal remains manipulation during the Chalcolithic in pits 13, 16 and 54 from Monte das Cabeceiras 2 (Beja, Southern Portugal)". *Zephyrus*. 88: 41-65.

### **ALMEIDA et al., 2020a**

Almeida, N.J.; Basílio, A.C.; Valera, A.C. (2020) – The faunal record from Santa Vitória (Campo Maior): an initial appraisal based on the remains from 2018 and 2019 excavations. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 9-16.

**ALMEIDA et al., 2021b**

Almeida, N.J.; Cerrillo-Cuenca, E.; Saladié, P. (2021b) – Framing agricultural intensification in western Iberia during the Late Neolithic: A new insight through the faunal record from Los Barruecos site. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 36: 102815.

**ALMEIDA et al., 2020b**

Almeida, N.J.; Dias, I.; Detry, C.; Porfírio, E.; Serra, M. (2020b) – As faunas do final da Idade do Bronze no sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)". In J. Arnaud, C. Neves, A. Martins (eds.). III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Porto, AAP/CITCEM: 1041-1054.

**ALMEIDA, VALERA, 2021a**

Almeida, N.J.; Valera, A.C. (2021a) – Animal consumption and social change: the vertebrates from Ditch 7 in the context of a diachronic approach to the faunal remains at Perdigões enclosure (3400-2000 BC). *Archaeofauna*. 30: 75- 106.

**ANTUNES, 1987**

Antunes, M.T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV – Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*. VIII: 103-144.

**ARNAUD, 1993**

Arnaud, J.M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*. 2: 41-60.

**BASÍLIO et al., 2021**

Basílio, A.C.; Almeida, N.J.; Valera, A.C. (2021) – O Recinto de Santa Vitória (Campo Maior). Trabalhos realizados em 2019 e 2020 (Projecto SANVIT). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 15: 9-27.

**BEHRENSMEYER, 1978**

Behrensmeyer, A.K. (1978) – Taphonomic and ecologic information from bone weathering. *Paleobiology*. 4(2): 150-162.

**BEHRENSMEYER et al., 1986**

Behrensmeyer, A.K.; Gordon, K.D., Yanagi, G.T. (1986) – Trampling as a cause of bone surface damage and pseudo-cutmarks. *Nature*. 319(27): 768-771.

**BINFORD, 1978**

Binford, L.R. (1978) – *Nunamiut Ethnoarchaeology*. New York, Academic Press.

**BINFORD, 1981**

Binford, L. (1981) – *Bones. Ancient men and modern myths*. New York, Academic Press.

**BRAIN, 1981**

BRAIN, C.K. (1981) – The Hunters or the Hunted? An Introduction to African Cave Taphonomy. Chicago, Chicago University Press.

**BULL, PAYNE, 1982**

Bull, G.; Payne, S. (1982) – Tooth eruption and epiphyseal fusion in pigs and wild boar. In: B. Wilson, C. Grigson, S. Payne, S. (eds.). *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. B.A.R. (British Series) 109. Oxford, Archaeopress: 55-72

**BUNN, 1983**

Bunn, H.T. (1983) – Comparative analysis of a modern bone assemblages from a San Hunter- Gatherer Camp in the Kalahari Desert, Botswana, and from a spotted hyena den near Nairobi, Kenya. In: J. Vlutton-Brock; C. Grigson (eds.). *Animals and Archaeology, Hunters and their Prey*. BAR International Series 163. Oxford, Archaeopress, vol. 1: 143-148.

**BUNN, 1986**

Bunn, H.T. (1986) – Patterns of skeletal representation and hominid subsistence activities at Olduvai Gorge, Tanzania, and Koobi Fora, Kenya. *Journal of Human Evolution*. 15: 673-690.

**CABAÇO, 2012**

Cabaço, N. (2012) – Restos faunísticos em contexto funerário nos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (Sepulcros 1 e 2). In: C. Cascalheira; C. Gonçalves, C. (eds.). *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Promontória Monográfica 16(1). Faro, Universidade do Algarve: 259-267.

**CABAÇO, 2017**

Cabaço, N. (2017) – A fauna depositada sob o “cairn 1” dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 12: 23-35.

**CALLOU, 1997**

Callou, C. (1997) – *Diagnose différentielle des principaux elements squelettiques du lapin (genre Oryctolagus) et du lièvre (genre Lepus) en Europe occidentale*. Fiches d’ostéologie animale pour l’archéologie. Série B: Mammifères. 8. CNRS.

**CARDOSO, 2013**

Cardoso, J.L. (2013) – A fauna do povoado calcolítico do Porto das Carretas. In: J. Soares (ed.). *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal. O Povoado do Porto das Carretas*. Memória d’Odiana 2ª Série. EDIA/DRCALEN: 502-505

**CARDOSO, DETRY, 2001/2002**

Cardoso, J.L.; Detry, C. (2001/2002) – Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 10 131-182.

**CARDOSO et al., 2021**

Cardoso, J.L.; Silva, C.T.; Soares, J.; Martins, F. (2021) – A economia alimentar em Chibanés (Palmela) – Horizonte Campaniforme. *Ophiussa*. 5: 103-129.

**CARVALHO et al., 2010/2011**

Carvalho, A.F.; Nunes, A.; Gonçalves, C.; Pereira, J. (2010/2011) – A ocupação calcolítica do Castelo de Ourém: contextos, cultura material, zooarqueologia, cronologia absoluta e integração regional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18: 407–18.

**CASTAÑO, 1997**

Castaño, P. (1997) – Estudio de la fauna del Cerro I de “Los Castillejos” (Fuente de Cantos, Badajoz). *Norba*. 14: 11-45.

**COELHO, 2006**

Coelho, M. (2006) – *A fauna malacológica de Porto Torrão. Os moluscos no Neolítico Final/Calcolítico do Sul de Portugal*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade de Lisboa.

**COELHO, 2008**

Coelho, M. (2008) – A fauna malacológica proveniente do Sector I do recinto calcolítico dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3: 35-40.

**COELHO, 2013**

Coelho, M. (2013) – Faunas malacológicas do povoado do Mercador. In: A.C. Valera (coord.), *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana*. Memórias d’Odiana 2ª Série. EDIA/DRCALEN: 365-376.

**CORREIA, 2015**

Correia, F. (2015) – *O Castro da Columbeira (Bombarral): A exploração dos Recursos Faunísticos no Calcolítico Estremenho*. Dissertação de Mestrado. Faro, Universidade do Algarve.

**COSTA, 2013**

Costa, C. (2013) – *Tafonomia em contexto pré-histórico. A zooarqueologia como recurso para a compreensão das “estruturas em negativo” da Pré-história Recente*. Tese de doutoramento. Faro, Universidade do Algarve.

**COSTA, BAPTISTA, 2014**

Costa, C.; Baptista, L. (2014) – The inclusion of faunal remains in Bronze Age funerary practices in Southern Portugal. Montinhos 6 - a case study. In: C. Detry; R. Dias (eds.). *Proceedings of the First Zooarchaeological Conference in Portugal*. BAR International Series S2662. Oxford, Archaeopress: 33-36.

**COSTA et al., 2019**

Costa, C.; Bettencourt, A.M.S.; Senra, M. (2019) – The symbolic meaning of cattle and sheep/goat in the Bronze Age: Faunal inclusions in funerary contexts of South-Western Iberia. *International Journal of Osteoarchaeology*. doi: 10.1002/ao.2756

**COSTA, CABAÇO, 2012**

Costa, C.; Cabaço, N. (2012) – Associação de restos de animais vertebrados a contextos funerários da Pré-História recente: o caso do Outeiro Alto 2. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 8: 43-47.

**COSTA, CORREIA, 2015**

Costa, C.; Correia, F. (2015) – A componente animal no Calcolítico Pleno da Estremadura portuguesa: o conjunto de fauna do Alto de Santo Antão (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22: 281-290.

**COSTA, MATALOTO, 2017**

Costa, C.; Mataloto, R. (2017) – Contributos para o conhecimento da componente animal dos recintos de fossos calcolíticos. A fauna vertebrada de Montoito 2. In: J. Arnaud; A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão. Actas do II Congresso da AAP*. Lisboa, AAP: 741-751.

**COURTY et al., 1989**

Courty, M.; Goldberg, P.; Macphail, R. (1989) – *Soils and micromorphology in archaeology*. Cambridge, University Press.

**DAVIS, 1996**

Davis, S. (1996) – Measurements of a group of adult female Shetland sheep skeletons from a single flock: a baseline for zooarchaeologists. *Journal of Archaeological Science*. 23: 593-612.

**DAVIS, 2006**

Davis, S. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Trabalhos de Arqueologia 32. Lisboa, IPA.

**DAVIS, 2007**

Davis, S. (2007) – *Mammal and bird remains from the Iron Age and roman periods at Castro Marim*. Trabalhos do CIPA 107. Lisboa, IPA.

**DAVIS et al., 2008**

Davis, S.; Gonçalves, M.J.; Gabriel, S. (2008) – Animal remains from a Moslem period (12<sup>th</sup>/13<sup>th</sup> century AD) *lixreira* (garbage dump) in Silves, Algarve, Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(1): 183-258.

**DAVIS, MATALOTO, 2012**

Davis, S.; Mataloto, R. (2012) – Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15: 47-85.

**DAVIS et al., 2018**

Davis, S.; Gabriel, S.; Simões, T. (2018) – Animal remains from Neolithic Lameiras, Sintra: the earliest domesticated sheep, goat, cattle and pigs in Portugal and some notes on their evolution. *Archaeofauna*. 27: 93-172.

**DELICADO et al., 2017**

Delicado, C.S.; Santos, A.B.; Porfírio, E.; Serra, M.; Detry, C. (2017) – Alto de Brinches 3 (Serpa): estudo da fauna recuperada nos contextos do 3<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> milénios a.n.e. *Cadernos do GEEVH*. 6(1): 28-55.

**DETRY, 2007**

Detry, C. (2007) – *Paleoecologia e Paleoconomia do Baixo Tejo no Mesolítico Final: o contributo do estudo dos mamíferos dos concheiros de Muge*. Tese de Doutoramento. Salamanca/Lisboa, Universidad de Salamanca/Universidade Autónoma de Lisboa.

**DETRY et al., 2020**

Detry, C.; Francisco, A.C.; Diniz, M.; Martins, A.; Neves, C.; Arnaud, J.M (2020) – Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018. In: J. Arnaud; C. Neves; A. MARTINS (eds.), *Arqueologia em Portugal/2020 – Estado da Questão*. Porto, AAP/CITCEM: 943-958.

**DRIESCH, 1973**

Driesch, A. (1973) – Tierknochenfunde aus dem kupferzeitlichen Castro da Fórnea. In: K. Spindler; G. Gallay, (eds.), *Kupferzeitliche siedlung und begräbnisstätten von Matacães in Portugal*. Madrid, Madrider Beitrage: 55-63.

**DRIESCH, 1976**

Driesch, A. (1976) – *A Guide to the Measurement of Animal Bones from Archaeological Sites (as developed by the Institut für Palaeoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin of the University of Munich)*. Peabody Museum Bulletin 1. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University.

**DRIESCH, BOESSNECK, 1976**

Driesch, A.; Boessneck, J. (1976) – Die Fauna vom Castro do Zambujal (Fundmaterial der Grabungen von 1966 bis 1973 mit Ausnahme der Zwingerfundstücke). In: A. Driesch, A.; J. Boessneck (eds.): *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel* 5. Institut für Palaeoanatomie, Domestikationsforschung und Geschichte der Tiermedizin der Universität München. Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid, München: 4-129.

**DRIESCH, RICHTER, 1976**

Driesch, A.; Richter, B. (1976) – Tierknochenfunde aus Penedo de Lexim. In: A. Driesch; J. Boessneck (eds.), *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*. München, Universität München: 144-157.

**ENCARNAÇÃO, ALMEIDA, 2017**

Encarnação, G.; Almeida, N.J. (2017) – *O povoado da Espargueira / Serra das Éguas. Trabalhos arqueológicos realizados entre 2003 e 2008*. Amadora, Portugal: Amadora, Associação de Arqueologia da Amadora/Câmara Municipal da Amadora.

**FRANCISCO et al., 2020**

Francisco, A.C.; Detry, C.; Neves, C.; Martins, A.; Mariana, D.; Arnaud, J.M. (2020) – As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967. In: J. Arnaud; A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: AAP: 943-957.

**GRANT, 1982**

Grant, A. (1982) – The use of tooth wear as guide to the age of domestic ungulates. In: B. Wilson, C. Grigson; S. Payne (eds.), *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. B.A.R. (British Series) 109. Oxford, Archaeopress: 91-108.

**GRAYSON, 1984**

Grayson, D. (1984) – *Quantitative Zooarchaeology*. London, Academic Press.

**LEMOINE et al., 2014**

Lemoine, X.; Zeder, M.A.; Bishop, K.J.; Rufolo, S.J. (2014) – A new system for computing dentition-based age profile in *Sus scrofa*. *Journal of Archaeological Science*. 47: 179-193.

**LÓPEZ-GONZÁLEZ et al., 2006**

López-González, F.; Grandal-D'Anglade, A.; Vidal-Romaní, J.R. (2006) – Deciphering bone depositional sequences in caves through the study of manganese coatings. *Journal of Archaeological Science*. 33: 707-17.

**LYMAN, 1994**

Lyman, R. (1994) – *Vertebrate Taphonomy*. Cambridge, Cambridge University Press.

**LYMAN, 2008**

Lyman, R. (2008) – *Quantitative Paleozoology*. Cambridge, Cambridge University Press.

**MATALOTO et al., 2012**

Mataloto, R.; Costeira, C.; Davis, S.; Clemente, R.; Santos, I. (2012) – Os povoados de fossos do Paraíso: Uma ocupação do III/IV<sup>o</sup> milénio a.C. na região de Elvas. Balanço das intervenções 2009-2010. In: M. Deus (ed.), *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, Almodôvar 18 a 20 de Novembro de 2010*. Almodôvar, Câmara Municipal de Almodôvar: 39-72.

**MORENO-GARCÍA, 2013**

Moreno-García, M. (2013) – Estudo arqueozoológico dos restos faunísticos do povoado calcolítico do Mercado (Mourão). In: A.C. Valera (ed.), *As sociedades agropastoris na margem esquerda do Guadiana (2<sup>a</sup> metade do IV aos inícios do II milénio AC)*. EDIA/DRCALEN: 319-349.

**MORENO-GARCÍA, SOUSA, 2015**

Moreno-García, M., Sousa, A.C. (2015) – Para além das muralhas, uma perspectiva dos recursos faunísticos no Calcolítico da Estremadura: o conjunto arqueofaunístico do *Locus 5* do Penedo do Lexim (Maфра). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18: 101-124.

**PAYNE, 1973**

Payne, S. (1973) – Kill-off pattern in sheep and goats: the mandibles of Asvan kale. *Anatolian Studies*. 23: 281- 303.

**PAYNE, 1987**

Payne, S. (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular cheek tooth of sheep and goats. *Journal of Archaeological Science*. 14: 609-614.

**PAYNE, BULL, 1987**

Payne, S., Bull, G. (1988) – Components of variation in measurements of pig bones and teeth, and the use of measurements to distinguish wild from domestic pig remains. *ArchaeoZoologia*. II(1-2): 27-66.

**PEREIRA, 2016**

Pereira, V. (2016) – Repastos alentejanos: dados preliminares da fauna de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). In: R. Vilaça; M. Serra, M. (eds.), *Matar a fome, alimentar a alma, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*. Coimbra, Instituto de Arqueologia/CEPBA/Palimpsesto: 39-53.

**PEREIRA et al., 2017**

Pereira, V.; Soares, J.; Tavares da Silva, C. (2017) – Understanding the First Chalcolithic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanes, Portugal. Preliminary Results. *Papers from the Institute of Archaeology*. 27(1): 1-11.

**PEREIRO et al., 2021**

Pereiro, T.; Almeida, N.J.; Valera, A.C. (2021) – O recinto de fossos calcolítico da Herdade do Álamo (São Brissos, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 15: 29-36.

**REITZ, WING, 2008**

Reitz, E.; Wing, E.S. (2008) – *Zooarchaeology*. Cambridge, Cambridge University Press.

**RODRÍGUEZ-HIDALGO, CABEZAS, 2011**

Rodríguez-Hidalgo, A.J.; Cabezas, M.G. (2011) – Datos preliminares sobre la fauna del yacimiento calcolítico de la Atalaya (Torrequemada, Cáceres). In: P. Bueno Ranirez; E. Cerrillo-Cuenca; A. Gonzalez-Cordero (eds.), *From the origins: the Prehistory of the inner Tagus region*. BAR International Series 2219. Oxford, Archaeopress: 233-240.

**ROWLEY-CONWY, 1993**

Rowley-Conwy, P. (1993) – Appendix – Mesolithic animal bones from Forno da Telha, Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 33(1-2): 45-48.

**SHIPMAN, 1981**

Shipman, P. (1981) – Applications of Scanning Electron Microscopy to taphonomic problems. *Annals of the New York Academy of Sciences*. 376(1): 357-385.

**SOARES, 2013**

Soares, J. (2013) – *Transformações sociais durante o III milénio no Sul de Portugal. O povoado do Porto das Carretas*. Memórias d’Odiana 2ª Série, 5. EDIA/DRCALEN.

**SOLARI et al., 2015**

Solari, A.; Olivera, D.; Gordillo, I.; Bosch, P.; Fetter, G.; Lara, V.H.; Novelo, O. (2015) – Cooked bones? Method and practice for identifying bones treated at low temperature. *International Journal of Osteoarchaeology*. 25: 426-440.

**SOUSA, 2010**

Sousa, A.C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento. Lisboa, Universidade de Lisboa.

**STINER et al., 1995**

Stiner, M.C.; Kuhn, S.L.; Weiner, S.; Bar-Yosef, O. (1995) – Differential burning, recrystallization, and fragmentation of archaeological bone. *Journal of Archaeological Science*. 22: 223-237.

**VALENTE, CARVALHO, 2014**

Valente, M.J., Carvalho, A.F. (2014) – Zooarchaeology in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. *Environmental Archaeology*. 19(3): 226-240.

**VALERA, 2015**

Valera, A.C. (2015) – “Ídolos” falange, cervídeos e equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 10: 7-20.

**VALERA, ANDRÉ, 2016/2017**

Valera, A.C.; André, L. (2016/2017) – Aspectos da interação transregional na Pré-História recente do Sudoeste Peninsular: interrogando as conchas e moluscos nos Perdigões. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 23: 189-218.

**VALERA et al., 2020**

Valera, A.C.; Basílio, A.C.; Almeida, N.J. (2020) – The fragment, the half, and the whole: approaching pottery and fauna depositions in pit 50 of Perdigões enclosure (first half of the 3rd Millennium BC). *Estudos do Quaternário*. 20: 11-33.

**VALERA, COSTA, 2013**

Valera A.C.; Costa, C. (2013) – Animal limbs in funerary contexts in southern Portugal and the question of segmentation. *Anthropozoologica*. 48(2):263–275.

**VILLA, MAHIEU, 1991**

Villa, P.; Mahieu, E. (1991) – Breakage patterns of human long bones. *Journal of Human Evolution*. 21: 27-48.

**ZEDER, 2006**

Zeder, M.A. (2006) – Reconciling rates of long bone fusion and tooth eruption and wear in sheep (*Ovis*) and goat (*Capra*). In: D. Ruscillo (ed.), *Recent advances in ageing and sexing animal bones*. Oxford, Oxbow Books: 87-118.

**ZEDER, LAPHAM, 2010**

Zeder, M.A.; Lapham, H.A. (2010) – Assessing the reliability of criteria used to identify postcranial bones in sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*. 37(11): 2887-2905.

**ZEDER, PILAAR, 2010**

Zeder, M.A.; Pilaar, S.E. (2010) – Assessing the reliability of criteria used to identify mandibles and mandibular teeth in sheep, *Ovis*, and goats, *Capra*. *Journal of Archaeological Science*. 37: 225-242.

**ZEDER et al., 2015**

Zeder, M.A.; Lemoine, X.; Payne, S. (2015) – A new system for computing long-bone fusion age profiles in *Sus scrofa*. *Journal of Archaeological Science*. 55: 135-150.



# 10

## A CRONOLOGIA DOS RECINTOS DE SANTA VITÓRIA

Ana Catarina Basílio  
António Carlos Valera

Para o estabelecimento da cronologia absoluta de Santa Vitória foram seleccionadas treze amostras de fauna, das quais quatro não foram datadas por falta de colagéio. Das restantes nove amostras, quatro são relativas ao Fosso 1 (uma da fase 1 e três da fase 2) e cinco são provenientes do Fosso 2 (três da sua fase 1 e duas da sua fase 2). Os resultados (Tabela 10.1), tomados na globalidade e modelados como uma fase, enquadram os enchimentos dos fossos e as actividades a eles associadas na segunda metade do 3º milénio a.C. (Figura 10.1), revelando uma cronologia mais tardia do que aquela que tradicionalmente se propunha para o sítio, com base exclusivamente na sua cultura material.

Naturalmente, não sabemos quanto tempo terá mediado entre a abertura dos fossos e o início do seu preenchimento, mas a inexistência de datações anteriores a meados do 3º milénio a.C. na série analisada sugere que a sua construção seja dessa altura, tendo os complexos processos de enchimento, com os seus sucessivos “recuttings” (ver Capítulo 6), decorrido ao longo da segunda metade desse milénio.

Tabela 10.1 – Datações de radiocarbono para o recinto de Santa Vitória

Estrutura	U.E.	Fase	Amostra	Ref.Lab	Data BP	$\sigma$	cal 2 $\sigma$	d13C	d15n	C%	N%	C:N
Fosso 1	134	1	Fauna Ind.	Wk56310	3876	18	2460-2290 (95,4%)	-21.72	4.67	43.94	15.81	3.24
Fosso 1	101	2	Fauna Ind.	18B/1002	3620	30	2118-2097 (3,8%); 2040-1894 (91,6%)					
Fosso 1	107	2	Fauna Ind.	18B/1003	3630	30	2127-2090 (9%); 2045-1905 (86,4%)					
Fosso 1	108	2	Fauna Ind.	18B/1104	3950	30	2556-2521 (19,7%); 2499-2346 (75,7%)					
Fosso 2	202	2	Fauna Ind.	18B/1001	3670	30	2139-1957 (95,4%)					
Fosso 2	274	1	<i>Sus sp.</i>	Wk55395	3846	15	2460-2420 (3,7%); 2410-2370 (9,1%); 2360-2270 (54,7%); 2260-2200 (27,9%)	-20.08	5.31	43.55	15.66	3.24
Fosso 2	276	1	<i>Cervus elaphus</i>	Wk55398	3873	15	2460-2290 (95,4%)	-20.4	4.86	43.96	16.03	3.2
Fosso 2	273	1	Fauna Ind.	Wk56309	3848	20	2460-2370 (19%); 2360-2270 (51,2%); 2260-2200 (25,2%)	-19.96	6.01	41.83	14.89	3.28
Fosso 2	234	2	<i>Sus sp.</i>	Wk55394	3825	15	2350-2200 (95,4%)	-19.14	5.76	40,54	15,66	3,26

Modelando os fossos como fases (Figura 10.2), verifica-se que o espectro cronológico de ambos se sobrepõe, sugerindo que as suas dinâmicas de enchimento foram contemporâneas, com um eventual maior prolongamento no Fosso 1, essencialmente sugerido por duas datas relativamente tardias (transição para o 2º milénio a.C. obtidas no laboratório ICA).

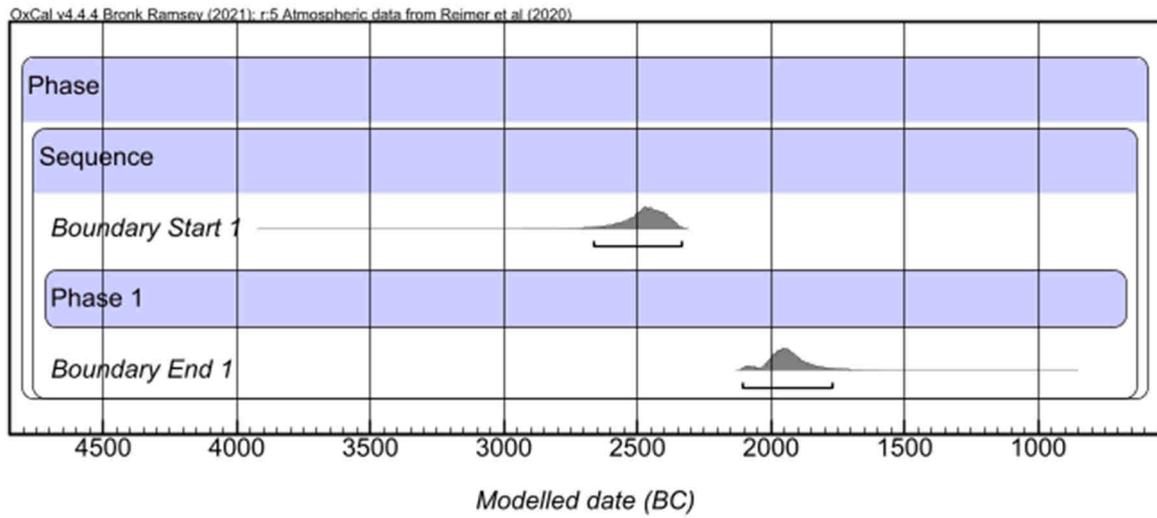


Figura 10.1 – Espectro cronológico para Santa Vitória, modelado como uma fase, com uma concordância de  $A_{\text{model}}=93.5$ .

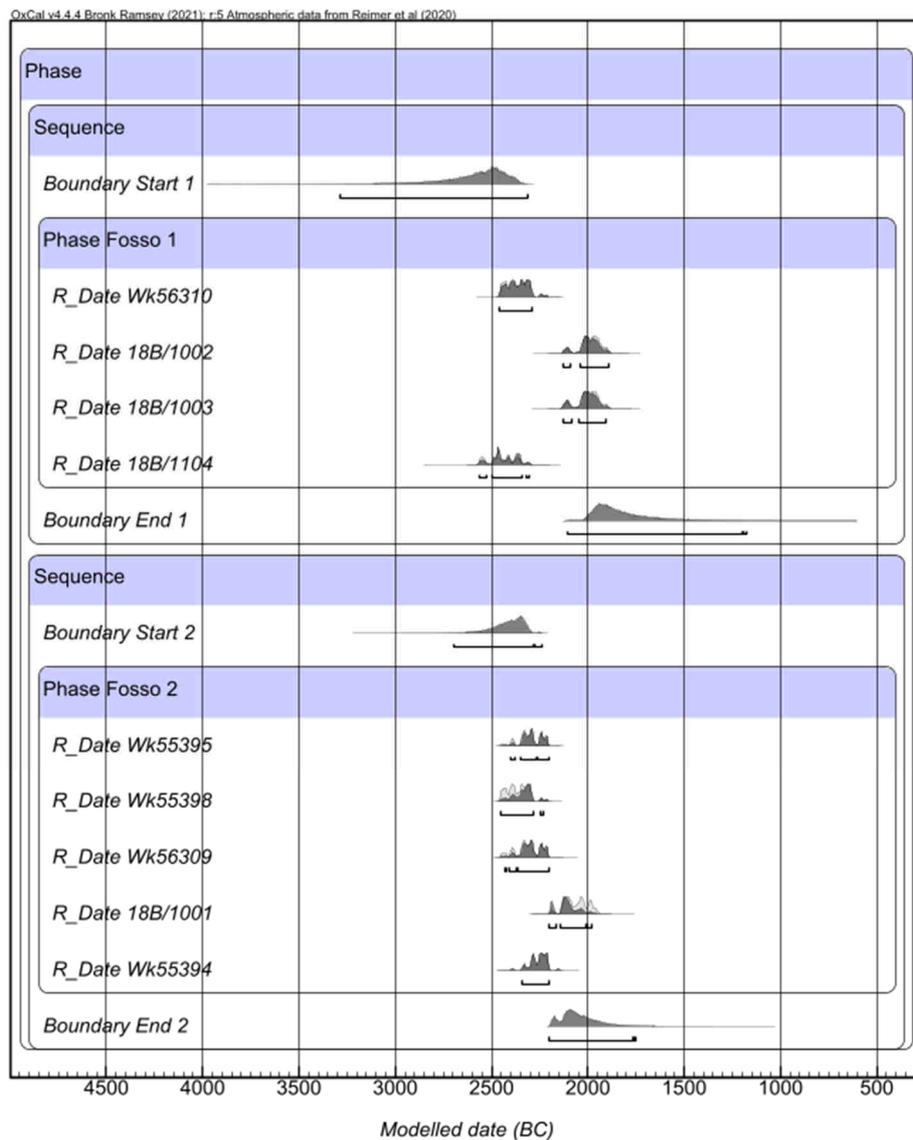


Figura 10.2 – Datações para os fossos de Santa Vitória modelados como fases sobrepostas ( $A_{\text{model}} = 97.5$ ).

Por outro lado, se modelarmos as datas pelas fases de enchimentos dos fossos (Figura 10.3), observa-se que a Fase 1 cobre essencialmente o terceiro quartel do 3º milénio a.C., enquanto a Fase 2 cobre predominantemente o seu quarto quartel. O modelo, contudo, apresenta uma baixa concordância ( $A_{\text{model}} = 54.9$ ), o que fica a dever-se preponderantemente à data 18B/1104, a qual abrange o terceiro quartel, sobrepondo-se às da Fase 1. Tal poderá relacionar-se como facto da amostra que forneceu esta data poder ser um *outlier*, ou seja, um osso mais antigo que foi introduzido num enchimento mais recente. De facto, se a excluirmos do modelo, a concordância sobe significativamente ( $A_{\text{model}} = 120.4$ ).

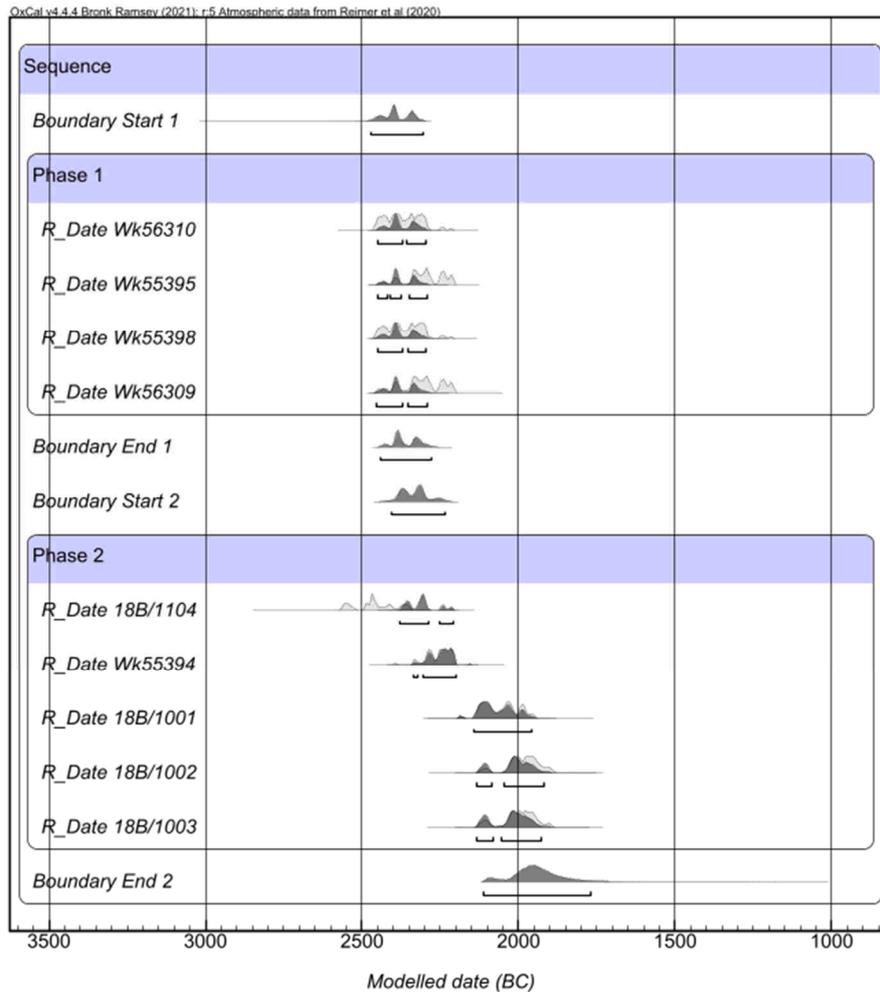


Figura 10.3 – Datas modeladas por fase, como sequência. ( $A_{\text{model}} = 54.9$ ).

Por último, não podemos deixar de chamar a atenção para a necessidade de olhar com alguma reserva crítica para as três datas mais tardias, que colocam a segunda fase de enchimentos a chegar ao final do 3º / inícios do 2º milénio a.C.. É certo que essa cronologia tardia se observa em enchimentos de outros recintos de fossos, como Bela Vista 5 (Valera, 2014), no Porto Torrão (Valera, 2013a) ou nos Perdigões (Valera *et al.*, 2014) e sem significativa alteração da cultura material, sendo, portanto, aceitável que o mesmo possa acontecer em Santa Vitória. Contudo, aquelas três datas mais tardias foram obtidas no laboratório ICA, não tendo sido facultados os valores de C13 e N15. Acresce ainda o facto de que este laboratório já tem um histórico de fornecer datas tardias que, quando reprocessadas, se revelam um pouco mais antigas. Assim, não podemos deixar de considerar a possibilidade de o espectro cronológico da segunda fase de enchimentos dos fossos de Santa Vitória ser um pouco mais curto, eventualmente não atingindo o final do milénio.

Esta circunstância, porém, não altera significativamente o posicionamento cronológico do sítio, claramente na segunda metade do 3º milénio a.C., nomeadamente no seu terceiro quartel, no que segue as datas existentes para outros pequenos recintos com plantas lobuladas padronizadas, como são os casos do Outeiro Alto 2 (Valera, 2013b) e da Horta do Albardão 3 (Santos *et al.*, 2009). Se é certo que ainda há vários recintos com este tipo de plantas não datados, as datas actualmente disponíveis parecem querer indicar o carácter tardio dentro do 3º milénio a.C. deste tipo de *layout* arquitectónico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **BRONK RAMSEY, 2001**

Bronk Ramsey C. (2001) – Development of the radiocarbon calibration program. *Radiocarbon*. 43(2): 355–363.

### **REIMER *et al.*, 2020**

Reimer, P.; Austin, W.; Bard, E.; Bayliss, A.; Blackwell, P.; Bronk Ramsey, C.; Butzin, M.; Cheng, H.; Edwards, R.; Friedrich, M.; Grootes, P.; Guilderson, T.; Hajdas, I.; Heaton, T.; Hogg, A.; Hughen, K.; Kromer, B.; Manning, S.; Muscheler, R.; Palmer, J.; Pearson, C.; van der Plicht, J.; Reimer, R.; Richards, D.; Scott, E.; Southon, J.; Turney, C.; Wacker, L.; Adolphi, F.; Büntgen, U.; Capano, M.; Fahrni, S.; Fogtmann-Schulz, A.; Friedrich, R.; Köhler, P.; Kudsk, S.; Miyake, F.; Olsen, J.; Reinig, F.; Sakamoto, M.; Sookdeo, A.; Talamo, S. (2020): The IntCal20 Northern Hemisphere radiocarbon age calibration curve (0–55 cal kBP). *Radiocarbon*. 62.

### **SANTOS, *et al.*, 2009**

Santos, F.J.; Soares, A.M.M.; Rodrigues, Z.; Queiroz, P.F.; Valério, P.; Araújo, M.F. (2009) - A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (São Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12(1): 53-71.

### **VALERA, 2013a**

Valera, A.C. (2013a) – Cronologia absoluta dos fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação de estruturas negativas tipo fossos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 7-11.

### **VALERA, 2013b**

Valera, A.C. (2013b) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. AAP: 335-343.

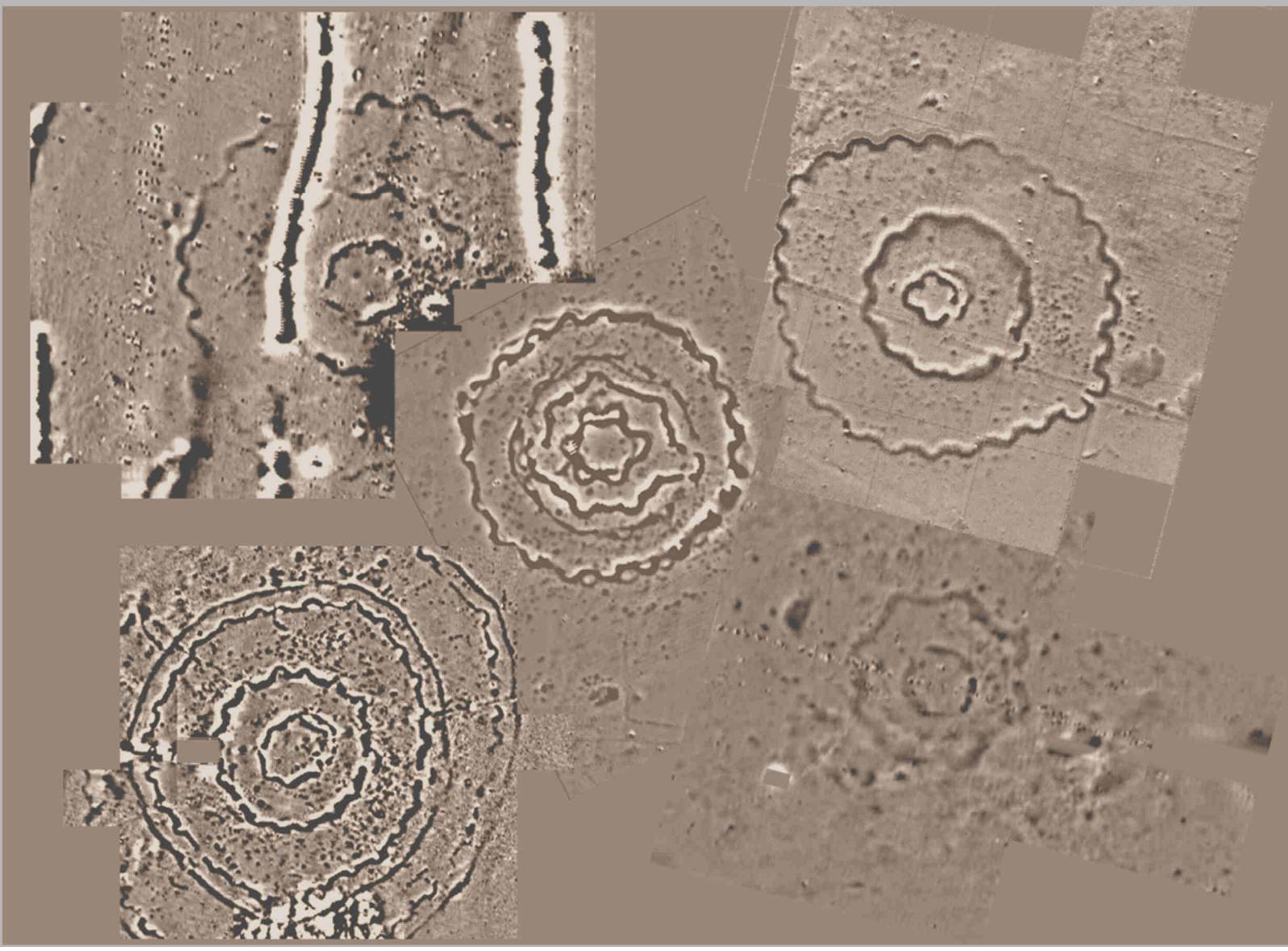
### **VALERA, 2014**

Valera, A.C. Coord. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Era Monográfica 2. Lisboa. Nia-Era.

### **VALERA *et al.*, 2014**

Valera, A.C.; Silva, A.M.; Márquez Romero, J.E. (2014) – The temporality of Perdigões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. SPAL. 23: 11-26.

SANTA VITÓRIA  
NO CONTEXTO LOCAL E REGIONAL





# 11

## CONTEXTUALIZANDO SANTA VITÓRIA: O SÍTIO, O LOCAL, O REGIONAL E... OS PERDIGÕES

António Carlos Valera  
Ana Catarina Basílio

### 11.1 – O SÍTIO: REINTERPRETAR SANTA VITÓRIA

O sul de Portugal, enquanto parte integrante do sudoeste peninsular, foi palco de um acelerado desenvolvimento da complexidade social entre 3500 e 2200 a.C., com impacto nas múltiplas variáveis do sistema social global. A construção de recintos foi parte integrante desse processo histórico. Primeiro os de fossos e depois, a par dos primeiros, os murados/muralhados (Valera, 2023).

No plano da investigação, contudo, o seu aparecimento foi inverso. Os primeiros a serem trabalhados, desde relativamente cedo no século XX, foram os murados/muralhados, desde logo vistos como fortificações. Inicialmente num contexto teórico dos anos 50 e 60, fortemente marcado pelo difusionismo, onde foram interpretados como colónias e feitorias, depois, no contexto de reacção indigenista dos anos 70 e 80, onde assumiram papel de relevo na investigação orientada pelos enquadramentos funcionalistas e do materialismo histórico, mantendo, contudo, o seu estatuto exclusivo de povoados fortificados.

A “explosão” dos recintos de fossos na investigação portuguesa (e, poderemos acrescentar, ibérica) ocorreu apenas no final da década de noventa / inícios do novo milénio, no momento em que as perspectivas pós-processuais e contextualistas já se faziam sentir e actuavam criticamente sobre o tradicional discurso relativo aos povoados fortificados (Jorge, 1994, 1998), facto que viria a reflectir-se decisivamente nas formas que a investigação e a interpretação dos recintos de fossos viriam a assumir daí em diante.

Santa Vitória, contudo, apareceu num momento anterior a essa explosão dos recintos de fossos (em meados da década de 80) e a essa abertura teórica. Toda a investigação de campo lhes foi

anterior e o único trabalho apresentado, uma tese de mestrado sobre material cerâmico (Dias, 1996), é genericamente coincidente no tempo com os textos emblemáticos de Susana Oliveira Jorge, que marcaram esse momento de alargamento do debate, naturalmente não o reflectindo ainda. Por outras palavras, e demonstrando a importância da compreensão do contexto (neste caso da investigação), Santa Vitória começou por ser trabalhado e lido à luz dos paradigmas vigentes nos anos oitenta do século passado.

### 11.1.1 – AS LEITURAS DAS DÉCADAS DE 80 E 90 DO SÉCULO XX

Como já várias vezes referido, as informações a que tivemos acesso sobre os trabalhos realizados no século passado em Santa Vitória resumem-se às descrições mais ou menos genéricas constantes no estudo de parte da componente cerâmica, que se reportam apenas aos contextos de proveniência da cerâmica estudada, e nos relatórios das Campanhas de 1986 a 1990 (Dias, 1987; 1988; Dias, Silva, 1889a, 1989b, 1990). Os trabalhos realizados em 2005, no âmbito da minimização da construção de infraestruturas associadas aos depósitos de águas existentes no cabeço, não revelaram contextos arqueológicos (Santos, 2005). A articulação desta informação, mais generalista e ainda não reflectida e trabalhada por investigação subsequente, com os dados proporcionados pelo projecto SANVIT não é, assim, tarefa fácil. Acresce ainda a dificuldade que deriva, naturalmente, da diferença de condicionantes de partida. Os enquadramentos teóricos e os questionários que constituíram os inquéritos de abordagem ao sítio, os quais beneficiam hoje de um conhecimento muito mais alargado sobre este tipo de contextos e das problemáticas que levantam, foram distintos.

Assim, podemos começar por dizer que Santa Vitória nos é apresentado como um povoado fortificado, onde a “(...) utilização do fosso (...) enquanto teve funções de delimitação/defesa dum recinto interior (...)” (Dias, 1986: 28-29) estaria associada a um talude de terra culminando com uma possível paliçada (Dias, 1996: 31). As fossas funcionariam como silos, ainda que às mais pequenas não se tenha atribuído funcionalidade. A ausência de contextos preservados fora das estruturas negativas ficava a dever-se exclusivamente a afectações agrícolas recentes e a processos erosivos antigos (Dias, 1996: 5), o que se traduziu em processos naturais de enchimento destas estruturas, de forma que “o que resta da sua cultura material é essencialmente produto da queda fortuita durante a fase final da sua utilização ou após abandono” (Dias, 1996: 5-6).

Em suma, o recinto interno (o Fosso 2 praticamente não foi intervencionado nas escavações antigas) seria formado por um fosso associado a um talude (presume-se que pelo interior do fosso, ainda que tal não se refira) que culminaria com uma paliçada. Existiriam outras estruturas em positivo e depósitos externos que foram erodidos e se acumularam no interior do fosso e fossas (e os que eventualmente tivessem sobrevivido foram arrasados pela agricultura moderna mecanizada, cujas marcas se observam no topo do geológico). Porém, para os contextos que preenchem o topo do fosso, e que são atribuídos a uma segunda fase de ocupação, atribui-se uma origem antrópica, correspondendo a uma utilização doméstica oportunista da estrutura negativa semipreenchida (com lareiras e arranques de cabanas em pedra). Existe, pois, uma lógica subjacente: sendo um povoado, o fosso tem que ser uma estrutura defensiva e, por sua vez, porque este é defensivo deve existir um talude associado e o seu preenchimento tem que ser essencialmente natural. Os contextos intervencionados foram questionados com esta matriz de leitura e eventuais discordâncias não terão sido valorizadas. Assim, mais tarde, no processo de divulgação pública, o sítio de Santa Vitória viria a ser representado como um povoado fortificado por um fosso e um talude (que mais que um talude parece uma parede, não estando a paliçada representada), com algumas fossas interpretadas como fundos de cabana (Figura 11.1) e com a fossa maior interpretada como cisterna. Trata-se de uma representação ainda hoje perpetuada, tanto em alguma literatura, como em actividades de divulgação pública, independentemente da escassa informação contextual até agora disponibilizada.

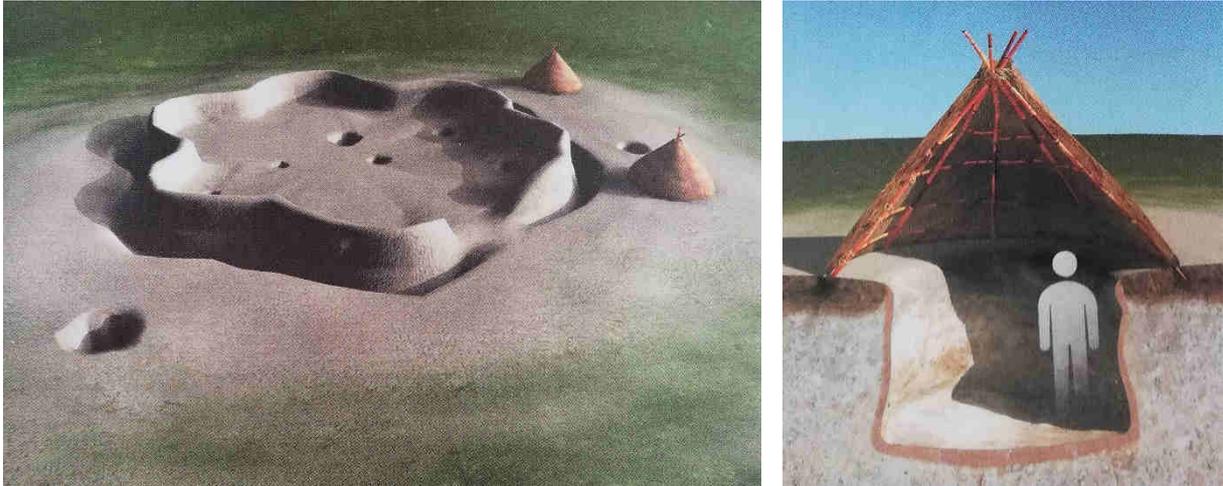


Figura 11.1 – Reconstituições do recinto interior de Santa Vitória como fortificação com fosso e talude e de uma fossa como fundo de cabana, presentes num folheto guia de divulgação do então Instituto Português do Património Arquitectónico (Dias, 2001).

#### 11.1.2 – SANTA VITÓRIA À LUZ DAS NOVAS ESCAVAÇÕES E DE PROBLEMÁTICAS ACTUAIS

As intervenções do projecto SANVIT colocaram, naturalmente, novas perguntas aos contextos preservados em Santa Vitória, as quais se relacionam com alguns dos problemas que hoje se investigam em torno aos recintos de fossos. Questões relacionadas com as formas de abertura e preenchimento dos fossos, orientações, desenho arquitectónico, deposições ou correlação da representatividade de categorias artefactuais ganharam protagonismo no inquérito de partida. Os dados obtidos parecem contrariar várias das ideias apresentadas anteriormente e corroborar algumas. Começamos, porém, por levantar algumas interrogações prévias à possibilidade de existência de taludes e à questão erosiva em relação ao enchimento dos fossos.

Os taludes associados a fossos, conhecidos em muitos contextos europeus e em diferentes períodos cronológicos, são normalmente realizados com os inertes resultantes da abertura dos próprios fossos. O mesmo seria espectável para um eventual talude em Santa Vitória, que até se situa no topo de uma elevação, onde a sedimentação nunca seria muito potente. Ora, acontece que os sedimentos que preenchem o fosso são essencialmente constituídos por terras, por vezes argilosas, misturadas com aglomerados pétreos e materiais arqueológicos. Se é certo que algum grão ou areão de caliço se encontra incorporado em vários depósitos, essa incorporação é claramente um elemento constituinte secundário, mais relacionável com pequenos eventos erosivos das paredes do fosso aberto, do que com qualquer talude construído à base desse material. Mais, sempre que se notou a presença de pequenos e restritos depósitos de erosão das paredes do fosso, como por exemplo nas nossas Secções 1 e 3 do Fosso 1, o contraste é gritante, pois são essencialmente constituídos por geológico desagregado de cor cinzento-claro e muito arenosos ou granulares, mostrando o que essencialmente deveria ser o enchimento do fosso como resultado da erosão de um talude construído com esses materiais. Circunstâncias idênticas puderam, por exemplo, ser identificadas na fase neolítica dos Perdígões, nos fossos 6, 11 e 12 (Valera, 2018). Ou seja, os sedimentos de enchimento dos fossos não corroboram a existência de um talude.

Por outro lado, a própria existência de um talude, o qual teria de ter alguma espessura na base para poder ter altura, ser sustentável e consolidar uma possível paliçada, restringiria consideravelmente a área interna, cujo diâmetro máximo é de 20m (na zona da curva externa dos lóbulos e de 16m nas zonas das curvas internas). Um talude reduziria esse espaço a um diâmetro de apenas uma dúzia de metros e as fossas mais próximas do fosso (como as fossas 4, 5 ou 11 – ver Figura

5.2) ficariam cobertas pelo talude, pelo que, nesta circunstância, teriam de lhe ser anteriores ou posteriores, o que não foi considerado.

Por outro lado, a presença de um talude interno funcionaria como barreira a um processo erosivo que permitisse que materiais presentes no interior fossem naturalmente arrastados para o fosso. A manter a ideia de que estes materiais se acumularam no Fosso 1 por acção natural, então eles teriam de ser provenientes do espaço entre os dois fossos (o que até foi sugerido para uma concentração específica – Dias, 1996: 29), não servindo então para caracterizar a ocupação do interior do recinto definido pelo Fosso 1.

Acresce que alguns dos depósitos que foram interpretados como evidência dessa erosão do talude e paliçada associada, como por exemplo o depósito [22] (Dias, 1996) identificado no primeiro lóbulo do lado sul da entrada nas escavações anteriores (e que vinha diagonalmente até ao topo do fosso, não tendo materiais arqueológicos, mas incorporando argila com marcas de caules), não ocorrem ao longo do fosso, documentando antes episódios específicos de preenchimento e não o derrube e erosão generalizada de um talude.

De facto, a situação documentada pelas escavações realizadas no projecto SANVIT revelou enchimentos, quer do Fosso 1 quer do Fosso 2, bastante variados e complexos, onde o factor antrópico se afigura predominante. São elas (ver Capítulo 6 para os detalhes estratigráficos):

- a) A presença de deposições de conjuntos artefactuais que revelam intencionalidade e selecção de materiais, como é o caso da base da Secção 2 do Fosso 1, junto à entrada, ou de fragmentos cerâmicos horizontalizados ao centro do preenchimento de alguns “recuttings” em ambos os fossos. As concentrações referenciadas nas escavações dos anos 80-90 como complexos de recolha (Dias, 1996) podem traduzir situações semelhantes, como por exemplo, a deposição de uma haste de cervídeo completa depositada junto ou sobre um aglomerado pétreo (Dias, Silva, 1990: fotos 7 e 8; Dias, 1996: fig.23) ou as referências à presença de remontagens de partes de vasos e de vasos completos (Dias, 1996:12).
- b) A clara evidência de um preenchimento segmentado, quer na primeira fase do Fosso 1, observável nas secções 2 e 3, quer nos “recuttings” e respectivos enchimentos do Fosso 2. Esta segmentação existe igualmente na escavação dos fossos ao nível da sua base, como se registou na secção 3 do Fosso 1 (aqui possivelmente relacionada com a existência de filão de rocha mais dura) e na secção 2 do Fosso 2 (aqui com inequívoca intencionalidade de segmentar). No Fosso 2 foi mesmo documentada uma segmentação dos preenchimentos bem demarcada na zona de contacto entre o primeiro e o segundo lóbulo do lado Este da entrada. É possível que estas deposições por segmentos, e não de forma continuada ao longo da trajectória dos fossos, possa corresponder aos tais complexos de recolha, e que, na documentação consultada, parecem corresponder efectivamente a concentrações espaçadas de materiais no interior do Fosso 1. Esta circunstância não é concordante com um preenchimento não intencional de origem natural.
- c) A recorrência em ambos os fossos, mas mais no Fosso 2, de sucessivos episódios de “recutting” e posterior preenchimento, normalmente por blocos pétreos. Estes episódios revelam uma prática de origem antrópica recorrente, a qual, uma vez mais, contraria a ideia de um enchimento de origem natural. Na realidade, a realização de “recuttings” e a sua posterior colmatação com pedras é uma prática que tem vindo a ser identificada noutros recintos de fossos, como Bela Vista 5 (Valera, 2014) e Perdigões (Fossos 1 e 7), podendo corresponder igualmente a situações identificadas noutros recintos e não identificadas como tal, caso do Alto do Outeiro 2 (Grilo, 2007). Nas próprias áreas escavadas nos trabalhos anteriores

realizados no Fosso 1 nos anos 80-90, esta situação, pelo que se pode observar nas imagens constantes na documentação consultada, parece estar presente, sendo identificável como “recuttings” alongados ao centro dos enchimentos prévios do fosso e preenchidos por pedras, ou como “recuttings” presentes em algumas das secções desenhadas e apresentadas em relatório (Dias, Silva, 1990) (Figura 11.2) ou presentes em registo fotográfico (Figura 11.3). Numa situação concreta chega mesmo a falar-se de “uma cova aberta para a utilização de uma área de combustão”, sendo a cova preenchida por cerâmicas, fauna e cerâmica de revestimento misturadas com pedras (Dias, 1996: 34).

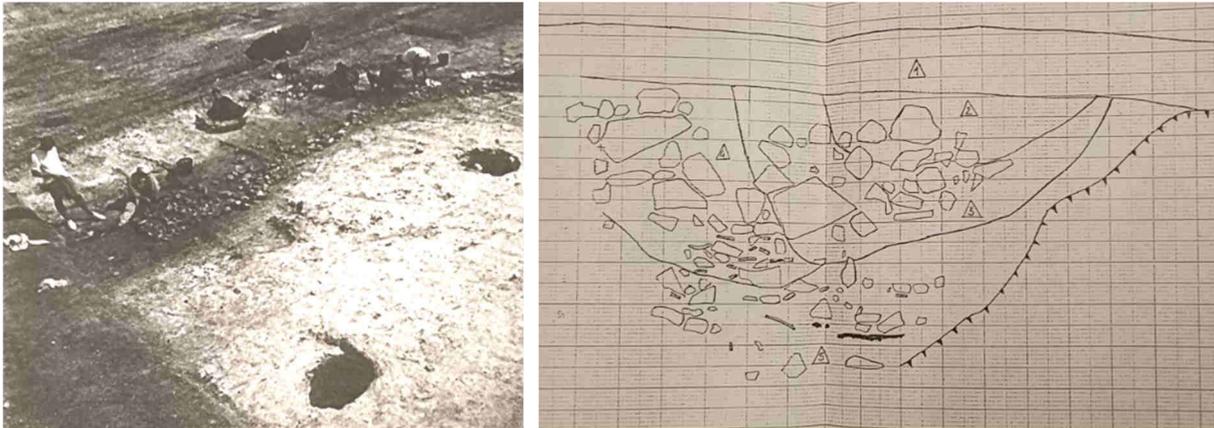


Figura 11.2 – Definição de preenchimento com pedras alongado no topo do Fosso 1 (à esquerda); perfil do Fosso 1, onde claramente se observa a presença de um ou dois “recuttings” preenchidos com pedras (imagens retiradas do relatório das escavações de 1990. Agradecemos a A.C.Dias a autorização para a publicação destas imagens).



Figura 11.3 – Imagem da escavação do Fosso 1 durante as campanhas do século XX. Em primeiro plano uma secção do fosso onde é bem visível um “recutting” ao centro do fosso preenchido por pedras. Foto cedida por Miguel Lago, a quem agradecemos.

- d) Finalmente, a própria possibilidade do preenchimento pétreo do último “recutting” realizado nos enchimentos do primeiro lóbulo do lado Este do Fosso 2 ter servido de base para a implantação de elementos pétreos verticalizados, hipótese retirada da presença do que parecem ser quatro alvéolos (Figura 11.4).

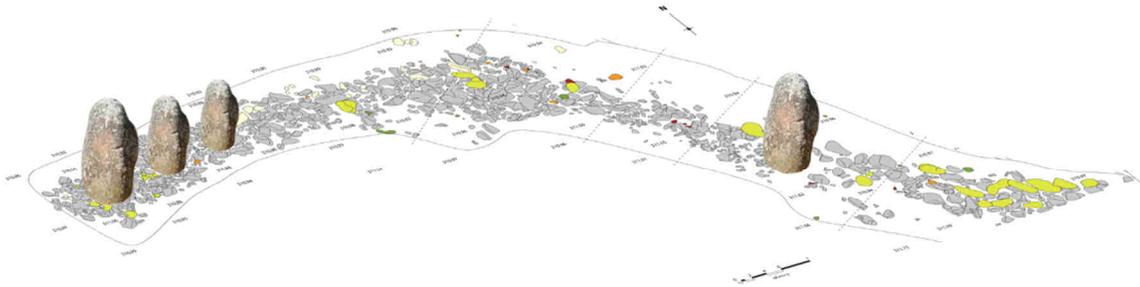


Figura 11.4 – Representação da hipotética implantação de pedras verticalizadas nos quatro espaços interpretados como possíveis alvéolos no topo do enchimento pétreo do último “recutting” realizado no primeiro lóbulo do lado Este do Fosso 2 (ver Capítulo 6, Figura 6.20 e Figura 6.30).

Foi, assim, documentado que os preenchimentos dos dois fossos, para além de apresentarem características diferentes entre si e ao longo dos seus trajectos, revelam processos complexos e recorrentes que não correspondem predominantemente a processos de sedimentação natural de origem erosiva, integrando diversificadas acções antrópicas de marcada intencionalidade, as quais, contudo, quer do ponto de vista estratigráfico, quer do ponto de vista artefactual, parecem permitir a definição de duas fases genéricas de colmatação, sendo concordantes com o faseamento proposto nos trabalhos mais antigos.

Outro aspecto relevante para a interpretação de Santa Vitória é a correlação entre categorias artefactuais e entre presenças e ausências. Neste âmbito, alguns aspectos devem ser sublinhados relativamente aos materiais registados no âmbito do projecto SANVIT:

- a) A cerâmica correspondente aos recipientes cerâmicos é relativamente abundante e apresenta números muito mais expressivos que a restante totalidade dos materiais, numa situação que só pode ser comparada com os registos faunísticos. A pedra talhada, a pedra polida e os elementos de moagem são raros, situação que é característica do sítio (informação de Miguel Lago) e os elementos de tecelagem ou os elementos de adorno são igualmente vestigiais. Já os materiais que mais directamente remetem para o sagrado, não sendo muito numerosos, estão presentes e com valores superiores aos de qualquer outra categoria que não a dos recipientes cerâmicos. A indústria sobre osso, a metalurgia e os metais estão totalmente ausentes. A valorização destas correlações, presenças e ausências poderá ser sempre questionável em face da inexistência de um estudo completo de todos os materiais até agora exumados em Santa Vitória. Contudo, e dada a distribuição e quantidade das áreas intervencionadas pelo projecto SANVIT, podemos assumir que a amostragem é significativa e que pode ser genericamente representativa do panorama global. Neste sentido, teremos de considerar que determinadas actividades que recorreriam aos materiais mais escassamente representados ou ausentes, teriam pouca expressão no recinto ou simplesmente ali não ocorriam.

- b) Neste contexto, é relevante, e à cronologia do sítio, a ausência de actividade metalúrgica, quando o cobre é um recurso que existe localmente, na zona em torno à povoação de Nossa Senhora de Degolados, a cerca de 8km a norte de Santa Vitória, onde são conhecidas várias minas, estando igualmente presente no vizinho e contemporâneo Monte da Contenda.
- c) Outro aspecto importante que resulta deste conjunto artefactual é a raridade de elementos que documentem a integração de Santa Vitória em redes de interacção de larga escala. De facto, as várias matérias-primas presentes são essencialmente locais, exceptuando-se apenas os escassos elementos em xisto, em anfibolito ou mármore (íbolos referidos no guia publicado pelo IPPAR – Dias, 2001), que teriam uma origem extra local. A nível da estilística, as morfologias dos recipientes presentes revelam padrões típicos das cerâmicas de todo o interior alentejano, não evidenciando atributos que apontem para influências ou proveniências exógenas. Apenas entre os escassos fragmentos cerâmicos decorados, alguns (não sabemos quantos) apresentam uma decoração que poderá traduzir contactos extra locais: trata-se de um fragmento decorado com pastilhas repuxadas. Apresentando uma distribuição de Norte a Sul em Portugal, esta técnica decorativa ocorre, porém, num número muito restrito de sítios e em número muito reduzido, frequentemente apenas com um único exemplar (Valera, em preparação). No Alentejo, e para além de Santa Vitória, apenas está registada nos Perdigões (*idem*). Está, contudo, bem representada na Extremadura e ao longo do médio e alto Tejo (*ibidem*), podendo representar uma relação com essas áreas, nomeadamente da vizinha Terra de Barros. A sua presença, porém, não mascara o forte localismo da cultura material presente em Santa Vitória e a clara ausência de objectos realizados em matérias-primas exóticas e de carácter prestigiante. Por outro lado, os primeiros dados relativos à mobilidade de animais (Basílio *et al.*, 2021: 23-24) sugerem que os três animais analisados terão uma proveniência exógena à envolvência de Santa Vitória, mas não necessariamente longínqua, uma vez que a geologia local é bastante heterogénea e apenas o substrato onde se implanta o recinto foi analisado para a determinação do espectro local. Trata-se de uma abordagem que seria necessário desenvolver, quer na amostragem dos diferentes substratos locais, quer na amostragem de mais animais, o que não foi possível fazer no âmbito do projecto devido à escassez de dentes.
- d) Esta ausência de indicadores claros de contactos transregionais é igualmente sublinhada pela não ocorrência de recipientes campaniformes, circunstância que ganha ainda mais relevância, quando a cronologia de Santa Vitória cobre o período de circulação destas cerâmicas no interior alentejano e elas estão presentes (juntamente com evidências de metalurgia) no recinto do Monte da Contenda (Valera, *et al.*, 2022), apenas 4,3km a Norte de Santa Vitória. Esta ausência tem vindo a ser assinalada em outros recintos de fossos de plantas igualmente sinuosas e com cronologias da segunda metade do 3º milénio a.C., como Horta do Albardão e Outeiro Alto 2, situação interpretada como representando eventuais expressões de resistência à integração do fenómeno campaniforme e condições sociais associadas (Valera, 2020).

Temos, assim, uma cultura material que, integrada no que é o padrão geral para o interior alentejano, revela que inúmeras actividades comuns em contextos de vida das comunidades calcolíticas terão tido uma expressão residual ou estado ausentes em Santa Vitória, traduzindo simultaneamente um baixo índice de integração e participação em redes de interacção de larga escala.

Outro elemento a considerar é a arquitectura dos recintos, quer no seu desenho, quer na orientação. Este é um aspecto sobretudo a desenvolver na comparação com outros recintos alentejanos no ponto 11.3. Aqui, apenas sublinharemos a orientação solsticial (de Verão) da entrada

do recinto central, o carácter altamente padronizado do desenho dos fossos, o qual praticamente não é perceptível ao nível do solo, e que, como demonstrado em exercício recente (Valera, 2020; 2023), parece responder a uma métrica que obedece a determinadas prescrições, possivelmente também elas relacionáveis com a questão solsticial. Um desenho arquitectónico que incorpora princípios cosmológicos, que vemos repetidos noutros recintos com características semelhantes na bacia do médio Guadiana, e que configuram uma construção e uma organização do espaço marcadas por forte simbolismo.

Quanto ao esforço envolvido na abertura dos fossos de Santa Vitória, uma estimativa poderá ser feita a partir dos volumes calculados a partir das secções intervencionadas. A escavação permitiu observar que existe alguma variação dos tamanhos e formas dos fossos ao longo dos seus traçados, situação comum nos recintos de fossos já intervencionados no Alentejo. Assim, para a estimativa do cálculo de volume total utilizámos para cada fosso a média das várias sondagens para o volume de uma secção de 1m, calculado a partir da área de cada secção registada (Tabela 11.1). Este volume de uma secção de um metro foi depois multiplicado pelo perímetro de cada fosso para obtenção de um volume total. Finalmente, o volume total foi multiplicado pela densidade da rocha ( $\text{Kg/m}^3$ ), para se obter a massa (peso) da totalidade da rocha removida. Como valor de densidade utilizou-se o disponível para os gabrodioritos da região de Arronches ( $2800 \text{ kg/m}^3$ ). Assim, os valores estimados para o Fosso 1 foram de  $80\text{m}^3$  com um peso de 224 toneladas e para o Fosso 2 de  $178 \text{ m}^3$  e um peso de 498 toneladas (Tabela 11.1).

Tabela 11.1 – Valores para a estimativa do volume e peso da rocha removida na abertura dos fossos

Fosso/Secção	Larg. (m)	Prof. (m)	Volume médio	Perímetro	Volume total ( $\text{m}^3$ )	Peso (t)		
Fosso 1 Secção 1	2.6	1.2						
Fosso 1 Secção 2	1.7	2	1.15	1.1	1.16	69	80	224
Fosso 1 Secção 3	1.9	1						
Fosso 2 Secção 1	1.2	0.8						
Sosso 2 Secção 2	1.5	1.8	1.1	1	1	178*	178	498
Fosso 2 Secção 3	2.4	1.1						
Fosso 2 Secção 4	2	1						

Recorrendo a coeficientes utilizados noutros estudos para a estimativa de conversão de volumes escavados em trabalho (Villalobos García, 2016), utilizou-se a relação  $1\text{m}^3 \times 2,6$  dias de trabalho por pessoa, com uma jornada de 8 horas. Assim, a estimativa é de 462.8 dias para a abertura do Fosso 2, correspondendo a 15, 4 pessoas durante 1 mês (ou 1,3 durante 1 ano), e de 208 dias para a abertura do Fosso 1, correspondendo a 6,9 pessoas durante 1 mês (ou 0,6 durante 1 ano).

Naturalmente, trata-se de uma aproximação que não tem em conta outras variáveis que certamente intervieram no processo, tais como o estado de maior ou menor alteração do substrato ou a natureza das ferramentas utilizadas, mas que permite ter uma noção aproximada do volume trabalho envolvido, o qual sugere que, em função das invariantes estabelecidas, a abertura inicial dos dois fossos, se em simultâneo, estaria ao alcance de 22 pessoas num período um mês. Funciona também como um termo de comparação para outros recintos.

Em suma, Santa Vitória afigura-se como um pequeno recinto definido por dois fossos que desenham uma planta muito padronizada, que incorpora referentes cosmológicos e cujo impacto visual do padrão desenhado não é perceptível ao nível do solo. Não apresenta evidências que demonstrem a existência de taludes ou paliçadas. Pelo contrário, os enchimentos dos fossos sugerem a sua inexistência, revelando antes uma intensa, complexa, intencional (significante) e recorrente acção humana nos seus processos. A hipótese de os fossos serem as únicas estruturas delimitadoras é, pois, uma forte possibilidade a considerar. Definem espaços onde várias actividades, normalmente

consideradas de carácter doméstico, parecem ter sido residuais ou inexistentes, mas onde os restos faunísticos e cerâmicos documentam o consumo alimentar, e onde a acumulação e amortização de objectos exóticos e prestigiantes não acontece.

Por outro lado, quase nada resta fora de estruturas negativas. Sobre as fossas nada podemos dizer, pois os dados resultantes das intervenções dos anos 80 e 90 do século passado não são conhecidos e a fossa escavada no âmbito do projecto SANVIT pouca informação produziu. Já sobre os fossos, os dados obtidos permitem colocar uma hipótese interpretativa que, em grande medida, poderá ajudar a explicar a ausência de vestígios fora dessas estruturas. A frequência registada de “recuttings” preenchidos por pedras e/ou nódulos de argila, para além de revelar acções antrópicas intencionais, sugere igualmente a existência de estruturas positivas construídas com aqueles materiais (eventualmente articuladas com alguns dos buracos de poste identificados nas escavações antigas), possivelmente cabanas ou outro tipo de construções associadas às actividades ocorridas no recinto ou em torno a ele. A presença destes materiais sucessivamente depositados em algumas áreas dos fossos (mas não em todas) pode ser interpretada como o desmonte intencional dessas estruturas e a sua amortização nos processos de colmatação dos fossos, funcionando como formas de encerramento. Esta hipótese interpretativa ganha mais crédito se tivermos em consideração que a prática de desmonte parcial de cabanas em pedra, com alguns sinais de ritualidade associados (como a deposição de um prato na extremidade de um desmonte e a sua fragmentação intencional com uma pedra nos Perdigões), tem vindo a ser documentada em vários contextos calcolíticos de meados / segunda metade do 3º milénio a.C, casos dos Perdigões, Monte do Tosco, S. Pedro, Mercador, Porto das Carretas (Valera *et al.*, 2019). Sobre estes desmontes escreveu-se o seguinte:

*This suggests a recurrent social practice and stratigraphy indicates that it still occurred during the 3rd millennium BC. Two interpretative approaches may be developed to explain this circumstance. One more functionalistic approach may favour the reuse of raw materials. The other may integrate this dismantling activity in the broader context of social practices of segmentation, closure and memorisation. This could also be related to the rhythms of the compounds' biographies, expressing the dynamics of the groups, like fissioning and re-forming (Hanson 1998). This might suggest deconstructive activity as being as socially powerful as the construction phases and to the awareness that dismantling could be a deliberate act of closure.” (Valera *et al.*, 2019: 19).*

A própria sucessão de reaberturas e colmatações com pedras, observadas sobre tudo no Fosso 2, permite pensar neste processo como algo que ocorreu com alguma periodicidade até ao encerramento final, sugerindo intermitência ocupacional ou, em contrapartida, um desfasamento nos processos, relacionáveis com as dinâmicas de vivência e circulação no sítio.

Tendo em conta o exposto, a interpretação de Santa Vitória como um pequeno recinto cerimonial, que serviria essencialmente comunidades locais, apresenta-se como a interpretação mais adequada às evidências empíricas e inferências por elas viabilizadas, assim como ao conhecimento que se tem vindo a obter relativamente a este tipo de recintos lobulados muito padronizados no interior alentejano (ver ponto 11.3). No seu desempenho social podemos ainda considerar uma deliberada impermeabilização ao fenómeno campaniforme, como se os princípios cosmológicos neolíticos expressos pela arquitectura e as práticas que ali ocorriam agissem como forma de resistência numa trajectória de progressiva afirmação de desigualdades sociais. Neste contexto, não deixa de ser interessante sublinhar a presença de um fragmento de uma placa de xisto decorada em cronologia tão tardia. Este fragmento corresponde à reutilização de um fragmento de uma placa maior e cuja fractura foi novamente polida, gerando um novo objecto, mas que manteria em si todo um lastro de tradição e de referências ancestrais.

Mas se o recinto de Santa Vitória, apesar da sua cronologia tardia dentro do 3º milénio a.C., parece exibir enraizamento e expressar um forte localismo, há agora que olhar ao que o rodeava, ou melhor, ao pouco que sabemos sobre o que rodeava.

## 11.2 – SANTA VITÓRIA E O POVOAMENTO DA BACIA DO CAIA

Para a contextualização a uma escala local foi eleita a bacia do médio e baixo Caia, tendo como limites a Este o vale do Xévora e de um troço do vale do Guadiana, a Sul a zona de Elvas, a Oeste um eixo Norte – Sul que liga Arronches, Barbacena e Vila Fernando e a Norte o início da elevação de S. Mamede (cujos abrigos já não foram considerados). No território assim delimitado foram localizados os sítios neolíticos e calcolíticos constantes no GeoPortal da Direcção Geral do Património Cultural, acrescidos de mais uns sítios identificados em prospecções realizadas no âmbito deste projecto e do projecto sobre detecção e inventariação de recintos de fossos desenvolvido pelo NIA-ERA (Valera, Becker, 2011). Ainda que a informação disponibilizada pelo GeoPortal nem sempre esteja correcta (nomeadamente no que concerne a coordenadas), não seja muito desenvolvida e detalhada e tenha pouca precisão relativamente a atribuições cronológicas, a sua utilização a esta escala de análise, juntamente com a informação recolhida em bibliografia, permite, ainda assim, algumas considerações relativas ao enquadramento local do recinto de Santa Vitória.

Assim, foram localizados neste território quatro tipos de sítios atribuíveis ao espectro cronológico considerado (Neolítico e Calcolítico): antas (50 registos), menires (3 registos), povoados/habitats abertos (17 registos) e recintos de fossos (10 registos), sendo que um dos últimos (Torrão) reúne também um monumento proto-megalítico e um cromeleque (Figura 11.5). Destes, cinco são já em território actualmente espanhol.

A mancha de distribuição obtida, para além de traduzir naturalmente apenas um conhecimento actual, representa igualmente um palimpsesto, reunindo sítios com espectros cronológicos distintos.

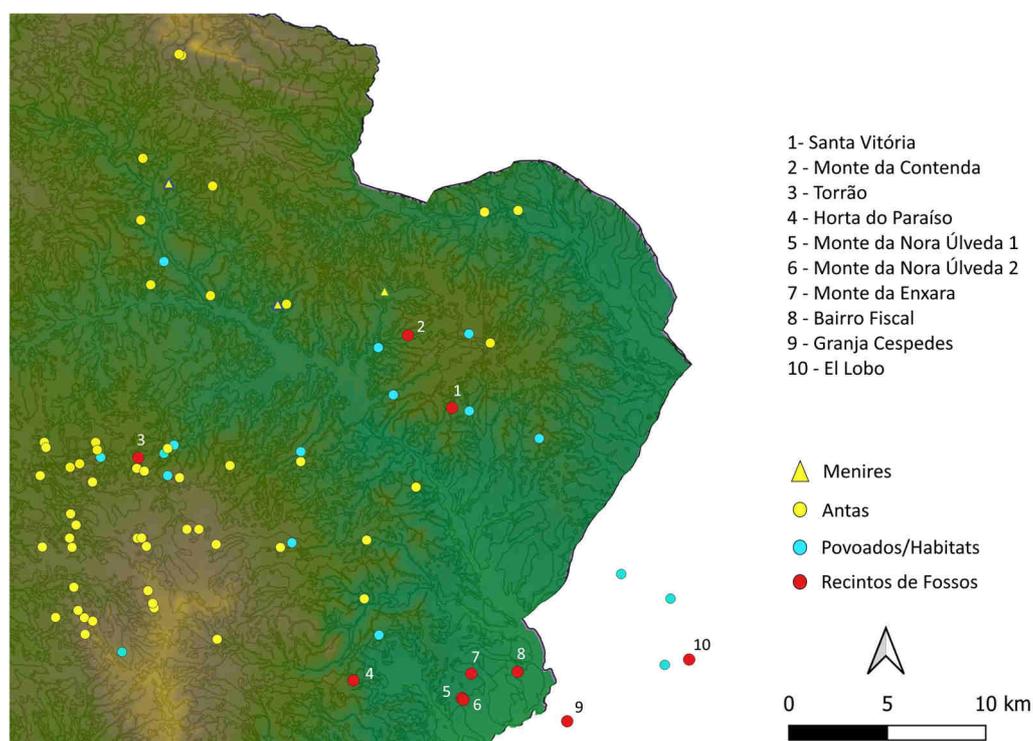


Figura 11.5 – Contextos atribuíveis ao Neolítico e Calcolítico no território definido.

Relativamente aos monumentos megalíticos, estes foram genericamente implantados em zonas de cotas mais altas, fugindo, com ligeiras excepções, ao vale do Caia, distribuindo-se em dois grupos, um a Norte e outro a Sul desse vale. Santa Vitória localiza-se na extremidade Sudeste do grupo Norte, onde apenas se regista um monumento megalítico (Horta do Mourato), situado a 3,900m para Nordeste do recinto. Sobre uma utilização tardia de algum destes monumentos, nomeadamente num momento contemporâneo com Santa Vitória, não existe, contudo, muita informação, ainda que a presença de algumas cerâmicas aponte para pontuais reutilizações já durante a Idade do Bronze, de que é exemplo o monumento 1 de S. Rafael, em Elvas (Albergaria, Dias, 2000). Assim, funcionariam sobretudo como elementos marcantes da paisagem local e referentes de ancestralidade.

Na região são também conhecidos alguns sítios interpretados como povoados ou possíveis povoados abertos, mas sobre os quais pouco se sabe e para os quais dispomos de atribuições cronológicas genéricas à Pré-História Recente ou mais especificamente ao Neolítico Final e / ou Calcolítico. São exemplo disso os sítios da Fontalva, Serra da Moura, Chão dos Picões, Atalaião, Castejo (Paço, Ferreira, Viana, 1957; Lago, Albergaria, 2001; Mataloto, Costeira, 2008) ou o Cabeço do Cubo, este último mesmo junto a Santa Vitória, com uma cronologia do Neolítico Final, eventualmente prolongando-se pelo início do Calcolítico, dada a referência à presença de pratos de bordo almendrado e pesos crescentes (Dias, 1983; 1984; 1985). São sítios reveladores de uma malha de povoamento local, porventura predominantemente prévio a Santa Vitória, mas que sobre ele nos dizem ainda pouco.

Quanto aos recintos de fossos conhecidos nesta região, e para além de alguns possíveis identificados em imagens aéreas na periferia de Elvas (Figura 11.6), vários têm já uma cronologia relativamente bem definida. Uns são enquadráveis no Neolítico Final, casos de El Lobo (Molina, 1980; Hurtado, 2008) e Torrão (Lago, Albergaria, 2001), ou seja, num momento bem anterior à eclosão de Santa Vitória. Outros são já calcolíticos, como a Granja Céspedes (atribuído à primeira metade do 3º milénio a.C. – Hurtado, 2008), ou, arrancando ainda no Neolítico, dentro do 4º milénio a.C., têm o seu desenvolvimento essencialmente durante o milénio seguinte, como o Paraíso (Mataloto, Costeira, 2008) ou o Monte da Contenda (Valera *et al.*, 2014a; Ribeiro *et al.*, 2009; Valera *et al.*, 2022).

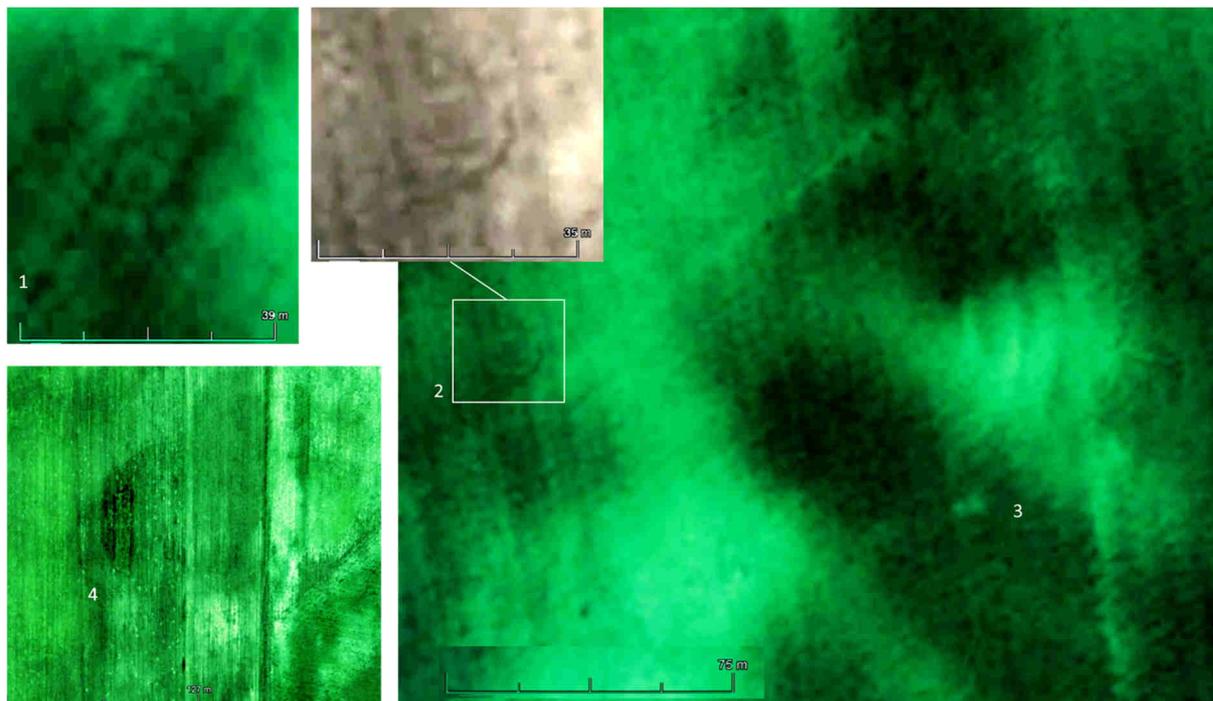


Figura 11.6 – Possíveis recintos de fossos identificados a Este de Elvas. 1. Monte da Enxara; 2. Monte da Nora Úlveda 1; 3. Monte da Nora Úlveda 2; 4. Bairro Fiscal.

Este último ganha particular relevância no contexto da interpretação de Santa Vitória, uma vez que se situa muito próximo (a 4.3km – Figura 11.7), tem uma longa cronologia que abarca a de Santa Vitória, tem uma planta integral definida pela geofísica (Figura 11.7) reveladora da sua grande dimensão e complexidade, e forneceu uma abundante quantidade de materiais de superfície que permitem alguns exercícios comparativos interessantes.



Figura 11.7 – Magnetogramas do Monte da Contenda publicados em Valera *et al.*, 2014<sup>a</sup> e em Ribeiro *et al.*, 2019 sobrepostos.

Para além de outras categorias artefactuais que se apresentam melhor representadas, como a pedra polida ou os pesos de tear, a circunstância mais relevante é a presença de cerâmica campaniforme (Figura 11.8) e de evidências de metalurgia, que faltam em Santa Vitória. Se muitas das disparidades artefactuais entre dois sítios vizinhos se podem explicar pelo facto de o Monte da Contenda ter um espectro cronológico muito mais amplo, iniciado no Neolítico, a ausência de campaniforme em Santa Vitória, quando a sua construção e utilização se enquadra totalmente no período de circulação destas cerâmicas, ganha relevância. Que significa a presença de campaniforme no Monte da Contenda e a sua ausência em Santa Vitória, a apenas 4.3km de distância, num momento de contemporaneidade entre estes dois sítios?

A resposta poderá passar por diferentes funções e distintos papéis sociais desempenhados por estes sítios em meados / segunda metade do 3º milénio a.C. naquele território. De facto, é interessante notar que em nenhum dos recintos de fossos lobulados padronizados foi registada a presença de cerâmica campaniforme, seja nos que já foram sondados (Outeiro Alto 2, Horta do Albardão, ambos datados do terceiro quartel do 3º milénio a.C.), seja nos que foram sujeitos a prospecções de superfície (Borralhos, Folha do Ouro 1, Rouca 7, Monte da Laje). Como já foi referido, as datações absolutas para este tipo de recintos (para já apenas para três) colocam-nos na segunda metade do 3º milénio a.C., em pleno “momento campaniforme”, mas estas cerâmicas parecem não integrar as actividades que neles ocorriam. Uma recorrência que parece começar a estabelecer um padrão, ou seja, uma exclusão deliberada e significativa.

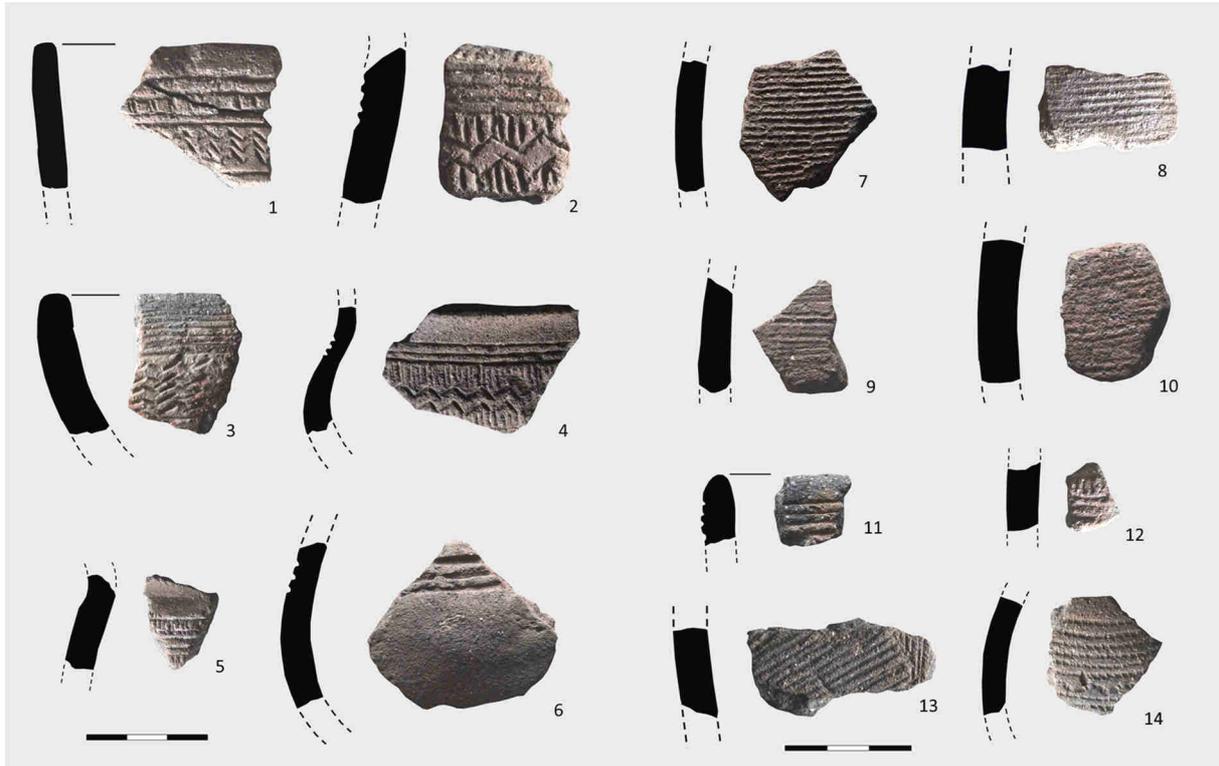


Figura 11.8 – Cerâmica campaniforme recolhida à superfície no recinto do Monte da Contenda.

### 11.3 – SANTA VITÓRIA NO CONTEXTO DOS RECINTOS DE FOSSOS DO ALENTEJO: UM GRUPO ESPECÍFICO?

De facto, a investigação desenvolvida nas últimas décadas sobre os recintos de fossos do sul de Portugal tem vindo a evidenciar um padrão de desenho arquitectónico específico, dentro do conjunto de recintos com fossos sinuosos (Valera, 2012), e do qual Santa Vitória é também representativo. São eles Xancra (Valera, Becker, 2011), Outeiro Alto 2 (Valera *et al.*, 2013), Borralhos (Valera, Pereira, 2020), Folha do Ouro 1 (Valera *et al.*, 2020a), Rouca 7 (Valera, Pereira, 2022) e Monte da Laje (Figura 11.9), a que poderemos acrescentar o Alto do Outeiro (Grilo, 2007), dada a coincidência do troço parcial exposto pelas escavações com o traçado dos recintos internos de Santa Vitória ou de Borralhos (Figura 11.10).

Este padrão é caracterizado por um traçado dos fossos formando lóbulos semi-circulares que arrancam uns dos outros (sem ou com reduzidos espaços lineares entre eles). Podem apresentar um único fosso (como no Outeiro Alto 2 – Figura 11.9: 3), dois fossos (como em Santa Vitória ou Rouca 7 – Figura 11.9: 2), três fossos (como em Xancra – Figura 11.9: 4) ou mais (casos de Monte da Laje, Borralhos ou Folha do Ouro 1 – Figura 11.9: 1, 5 e 6). Por vezes associam estes fossos sinuosos com lóbulos padronizados a fossos lineares, como acontece com o fosso interior de Rouca 7 e com os dois fossos duplos da Folha do Ouro 1, em que o interno é lobulado e o externo linear (Figura 11.9: 6).

Com alguma recorrência apresentam entradas com alinhamentos solsticiais, tanto ao solstício de Verão como ao de Inverno ao nascer do Sol, e, nos casos em que existem vários fossos, é frequente o alinhamento das entradas. Em ensaio recente (Valera, 2022; 2023), foi possível revelar a existência de uma padronização do tamanho (largura) dos lóbulos, no seu número e, nos casos em que existem vários fossos, nas distâncias entre os mesmos, sugerindo a existência de uma métrica específica, eventualmente também ela relacionável com fundamentos cosmológicos que estes desenhos arquitectónicos incorporavam.

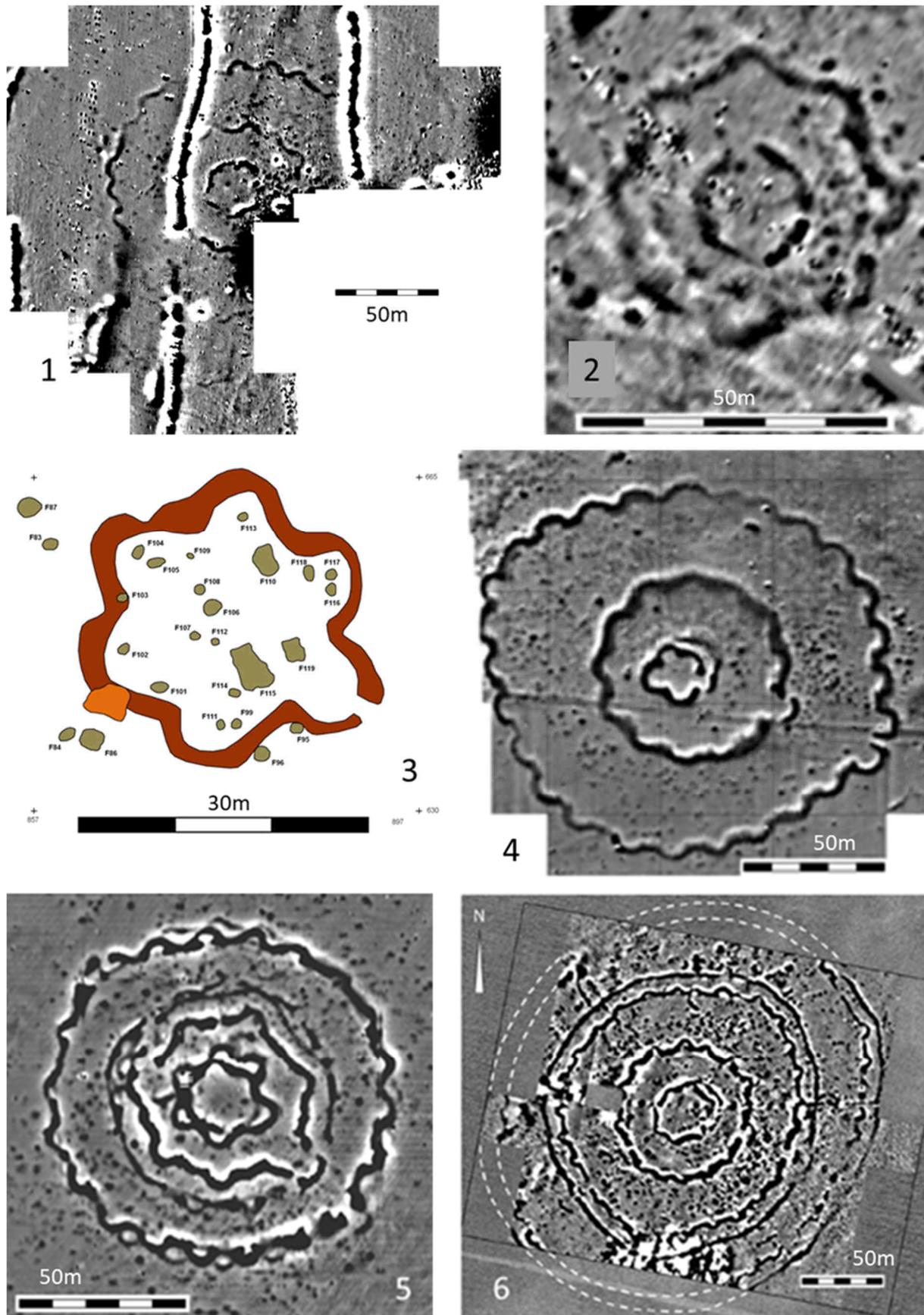


Figura 11.9 – Recintos de fossos sinuosos padronizados. 1. Monte da Laje; 2. Rouca 7; 3. Outeiro Alto 2; 4. Xanca; 5. Borrallhos; 6. Folha do Ouro 1.

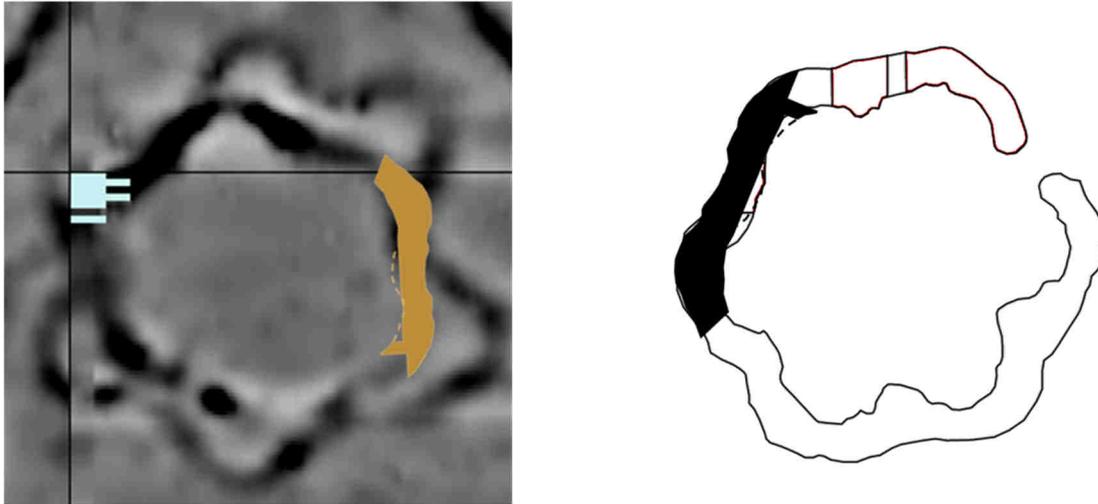


Figura 11.10 – Sobreposição do troço de fosso escavado no recinto do Alto do Outeiro (Grilo, 2007) aos fossos internos de Borralhos (esquerda) e Santa Vitória (direita), sugerindo tratar-se de uma planta lobulada semelhante.

Pelas datações existentes para Santa Vitória e Outeiro Alto 2 (Valera, 2013), a que poderemos juntar as da Horta do Albardão 3 (Santos *et al.*, 2009), estes recintos serão tardios dentro do 3º milénio a.C. (essencialmente terceiro quartel do milénio). Mas recuperam, ou dão continuidade, agora de forma mais padronizada e sujeita a prescrições, a uma tradição de construção de fossos sinuosos ondulantes ou com lóbulos espaçados presente na região desde o Neolítico. Esta cronologia tardia, associada à expressão de fundamentos cosmológicos de tradição neolítica (como as orientações solsticiais) e à aparente rejeição dos elementos campaniformes (e do que estes representariam em termos ideológicos), poderá indicar um papel específico desempenhado por este tipo de recintos no contexto das dinâmicas sociais de meados / segunda metade do 3º milénio a.C., eventualmente ligado a estratégias de resistência ou de conservadorismo, em face a uma crescente complexidade social. Poderemos, pois, estar em presença de um tipo de recintos de fossos particular, com um posicionamento cronológico próprio e uma funcionalidade mais específica.

#### 11.4 – A CAPELA E A CATEDRAL: UMA ABORDAGEM COMPARADA A SANTA VITÓRIA E PERDIGÕES

Um dos objectivos do projecto SANVIT foi também o de realizar uma análise comparativa entre Santa Vitória, enquanto pequeno recinto de fossos, e os Perdigões, como representante de um complexo de recintos de maior dimensão, temporalidade e complexidade. Por trás deste exercício comparativo está o problema da existência de uma categoria com potencial heurístico próprio englobando os recintos de fossos (Márquez Romero, Mata Vivar, 2016) independentemente da escala e de características específicas, ou se, contrariamente, estas poderão indicar uma pluralidade de situações, funcionalidades e significados, não remissíveis a uma mesma e única categoria. Por outras palavras, trata-se de saber se a diversidade observada entre estes dois recintos de fossos pode ser acomodada dentro da variabilidade interna de uma classe, ou se será melhor abordada e organizada de uma outra forma, preocupando-nos mais com as maneiras, diferentes ou similares, como estes dois recintos em concreto materializaram a diversidade social, económica e ideológica das comunidades neolíticas e calcolíticas.

Em texto recente foi já feito um exercício comparativo entre recintos de fossos e recintos murados/muralhados (Valera, 2023), onde se enumera toda uma série de características que evidenciam situações de grande diversidade e, simultaneamente, de convergência, questionando o

sentido operativo de categorias baseadas essencialmente na presença de determinado tipo de estruturas.

*“That is, if the focus on the type of structures, even if justified by the differences they present and allow, does not result in an impoverishing and simplifying categorization process, because it is excessive in homology. In fact, the homogeneity of these categories is today, to say the least, debatable, and significant differences within both walled and ditched enclosures could also be underlined.” (Valera, 2023: 298).*

Nesse trabalho foram analisadas variáveis como a localização, a diacronia, o tamanho, a presença de fossas, questões de planeamento e construção, visibilidades, práticas deposicionais, arquiteturas e comunicação ou relações com contextos funerários. Utilizaremos agora estas mesmas variáveis para a comparação “interna” entre estes dois recintos de fossos, acrescentadas dos dados relativos à cultura material presente e actividades que documentam, à mobilidade e à interacção de larga escala.

#### 11.4.1 – A LOCALIZAÇÃO

Santa Vitória e Perdigões têm dois tipos de implantação topográfica totalmente distintos, parecendo, assim, que respondem a propósitos não coincidentes.

Os Perdigões localizam-se num teatro natural aberto a Este, genericamente coincidente com os solstícios, e com a visibilidade restrita à paisagem desse quadrante. Tal enquadramento permitia-lhe estabelecer uma relação significativa com o ciclo diário e anual do Sol e com a grande mancha de monumentos megalíticos do Vale do Álamo, em Reguengos de Monsaraz, que se estende precisamente para poente do recinto (Valera, 2018). Claramente, a escolha do local de implantação procurou estas condições de visibilidade e as relações significantes que permitiam estabelecer, ajudando a construir uma paisagem que se constituía como metáfora de uma visão do mundo neolítica. Sublinhe-se que esta localização é estabelecida logo desde o início dos recintos, no final do Neolítico Médio, e que, portanto, não deriva da dimensão (no início tão pequena como Santa Vitória), da complexidade e da importância que o sítio viria a atingir, antes terá contribuído para elas.

Santa Vitória, pelo contrário, está implantado num cabeço de topo aplanado, com boa visibilidade sobre a paisagem em 360º, ainda que com menor extensão para Norte. Se nos Perdigões uma lógica de relação paisagística, um discurso, se nos impõem de forma particularmente evidente, em Santa Vitória nada que não seja a procura dessa ampla visibilidade circular nos é sugerido. O que não significa que não tenha existido, apenas acontecendo que eventuais códigos e referências nos são mais opacos neste caso. Talvez aqui, à visibilidade que se tem a partir do cabeço, se juntasse a importância de ser visto a partir de uma área mais ampla. Se nos Perdigões se privilegia a visibilidade a partir do sítio sobre uma específica área da paisagem envolvente, em Santa Vitória a situação é mais abrangente e recíproca, podendo corresponder a um leque mais amplo de intencionalidades.

Por outro lado, os Perdigões desempenham um claro papel estruturador na paisagem local, construindo uma “centralidade descentrada”, com a sua localização no extremo Oeste do Vale do Álamo e do seu povoamento, mas totalmente virado para ele (Valera, 2018). Santa Vitória, pelo contrário, é periférico a um outro grande recinto, o Monte da Contenda, sendo dele contemporâneo apenas numa fase final, já que aquele outro recinto recua, pelo menos, ao Neolítico Final (Valera *et al.*, 2014). Por outro lado, ao contrário dos Perdigões, parece afastar-se das zonas de maior concentração de monumentos megalíticos em termos locais.

Contudo, o que mais interessa para a questão da localização é o momento da escolha do lugar, não o devir que a partir daí se desenvolve. E nesse momento de escolha, mais que complexidade e

tamanho, é o intervalo de tempo de quase um milénio que estabelece a principal diferença entre os Perdigões e Santa Vitória. Existiram seguramente critérios e intenções distintos na escolha dos lugares de implantação destes dois recintos e os mesmos poderão estar relacionados com essas diferenças de cronologia na fundação de cada um deles. Ou seja, com as condições que, em cada um dos momentos, caracterizaria a trajectória de complexificação social seguida por estas comunidades entre meados do 4º e os finais do 3º milénio a.C.: no arranque do processo para os Perdigões e perto do final do mesmo para Santa Vitória. Cerca de um milénio medeia entre a origem destes recintos e das respectivas escolhas de lugar. O contexto histórico foi muito diferente em cada um destes momentos. E talvez aí resida uma parte da explicação para algumas das diferenças observadas. E a diacronia será, obviamente, uma delas.

#### 11.4.2 – A DIACRONIA

A diferença de complexidade entre os dois sítios é, naturalmente, decorrente das suas diferentes durações. Os Perdigões surgiram no momento de arranque da trajectória de complexificação social que se desenvolveu no Sudoeste Peninsular a partir de meados do 4º milénio a.C. e foram-na acompanhando até ao seu colapso, no final do 3º milénio a.C.. O seu desenvolvimento acarretou a “acumulação” das incidências que foram ocorrendo ao longo desse processo, com o prévio sempre a condicionar o novo. Os Perdigões “tiveram tempo” para crescer e tornar-se num centro agregador de escala regional e transregional, numa biografia que, de certa forma, se liga à própria lógica que terá presidido à fundação do sítio e à carga simbólica que esta assumia numa paisagem significante em construção. Santa Vitória surge perto do final desta mesma trajectória social e perto de um outro grande recinto, com um tempo de vida semelhante ao dos Perdigões. A sua relativamente curta biografia estará, pois, relacionada com o momento tardio em que aparece dentro desta trajectória, com os propósitos com que surgiu, e que estariam, também eles, necessariamente relacionados com as dinâmicas sociais do momento, caracterizadas pela desagregação de um sistema.

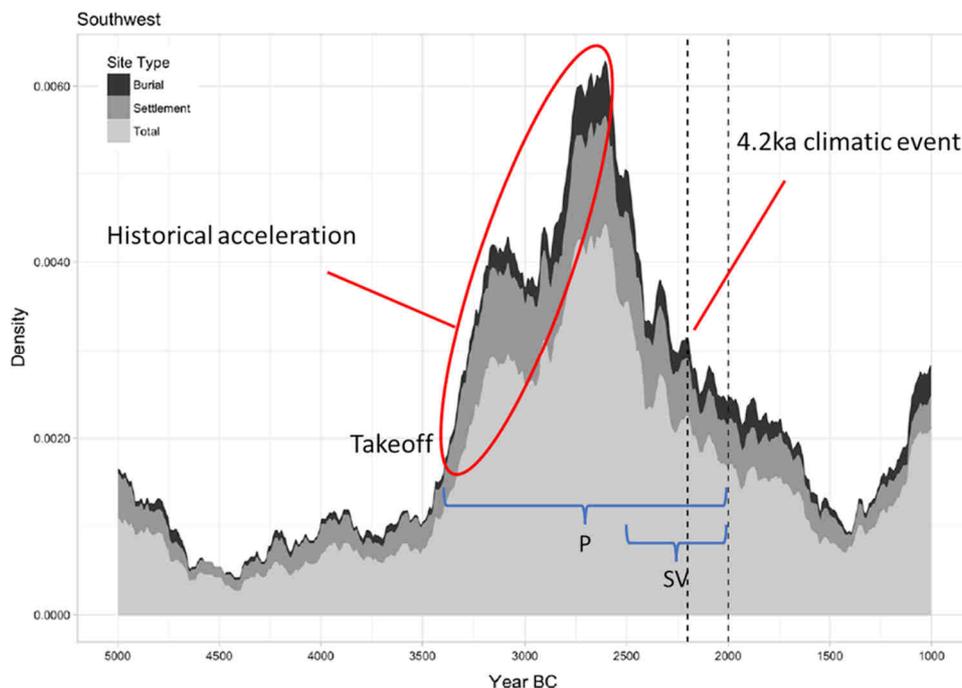


Figura 11.11 – Indicação dos espectros cronológicos dos Perdigões (P) e Santa Vitória (SV) na distribuição dos espectros de sumatório de datas calibradas para o Sudoeste utilizada como *proxy* ao comportamento demográfico (gráfico base segundo Blanco González *et al.*, 2018, adaptado).

#### 11.4.3 – O TAMANHO E DESENHO ARQUITECTÓNICO

Articulada com as diferenças de momento de origem e de espectro cronológico evidenciado pelos dois recintos está, naturalmente, uma grande disparidade ao nível das dimensões. Essa diferença, como referido, não surge nos momentos fundacionais. Os recintos dos Perdigões surgem, no final do Neolítico Médio, com pequenas dimensões no centro do teatro natural e os seus fossos iniciais até são bem mais pequenos que os de Santa Vitória. Mas logo no Neolítico Final se atinge uma grande dimensão no recinto exterior, os fossos tornam-se mais largos e profundos e surgem grandes estruturas negativas de tipo hipogeu (Valera, 2018). Ao longo do 3º milénio a.C. a escala de alguns fossos aumentaria, revelando um investimento de trabalho e recursos cada vez maior, atingindo a sua maior área encerrada em meados do milénio (com cerca de 16ha), próximo do momento em que o recinto de Santa Vitória seria construído, o qual nunca ultrapassou os 0,2ha de área cercada.

Às diferenças de tamanho, junta-se a diferença de desenho arquitectónico. Ainda que existam fossos sinuosos nos Perdigões (como por exemplo o 3 e o 4) e com lóbulos não padronizados (como o 7), o seu desenho é substancialmente diferente, nomeadamente nos fossos mais tardios, cuja abertura será genericamente contemporânea do arranque de Santa Vitória. Aos grandes fossos lineares exteriores que delimitam os recintos anteriores nos Perdigões e enquadram monumentos funerários prévios (Sepulcros 1 a 3), contrapõem-se em Santa Vitória fossos de dimensões mais modestas, mas com um desenho mais complexo e bem padronizado que, como vimos acima, parece obedecer a um conjunto de prescrições. Enquanto em Santa Vitória se está a inaugurar um discurso através de um *layout* arquitectónico específico, nos Perdigões está a adicionar-se de forma condicionada pelas materialidades e simbolismos prévios, já com cerca de um milénio de lastro. Por isso, de certa forma, poderemos considerar que o desenho de Santa Vitória, reproduzindo padrões da sua época, assume uma maior dimensão de “testemunho”, de “declaração” de momento.

Não deixam, contudo, de partilhar determinados princípios que revelam a sua integração num mesmo quadro ideológico e de práticas de ampla escala e de longa vigência cronológica. É o caso das orientações solsticiais das entradas, que se registam nos dois fossos externos dos Perdigões e no interno de Santa Vitória ou da construção segmentada, seja na escavação dos fossos, seja na escavação e preenchimento de “recuttings”.

#### 11.4.4 – AS ESTRUTURAS

Ao nível de outras estruturas que não fossos, a diferença de quantidade e densidade explica-se facilmente pela diferença de dimensão e de duração de ambos os sítios. Ambos apresentam fossas, contadas na casa das dezenas em Santa Vitória e do milhar nos Perdigões. No restante, contudo, as diferenças não são só de número.

Para a fase Calcolítica dos Perdigões existem várias estruturas de cabana já identificadas. As mais antigas definidas por sulcos com calços que sustentariam paredes de troncos com eventuais ramagens entrelaçadas; as mais recentes com embasamentos em pequenos muros de pedra, que sustentariam paredes em argila e madeira. Em Santa Vitória não existem vestígios deste tipo de estruturas preservados (e a interpretação de algumas fossas como cabanas subterrâneas não é credível, face às dimensões evidenciadas). Contudo, a presença de acumulações pontuais de fragmentos de cerâmica de revestimento e de grandes quantidades de pedra nos “recuttings” dos fossos permite colocar a possibilidade de estas acumulações resultarem do desmonte periódico de estruturas existentes em torno aos recintos. Esta prática de desmonte intencional e periódico está documentada nos Perdigões, onde, contudo, parte das estruturas pétreas desmontadas se preservaram (Valera *et al.*, 2019).

Já totalmente ausentes em Santa Vitória são estruturas de carácter funerário, as quais ocorrem nos Perdigões com diferentes arquitecturas: em fossa, com câmara, corredor e átrio ortostáticos e parcialmente escavados na rocha, com câmara em falsa cúpula e corredor e em fossa com cobertura perecível.

De igual forma estão ausentes outro tipo de arquitecturas de cariz cerimonial, como as recentemente identificadas na área central dos Perdigões, tanto em madeira (*timber circles*), como em pedra (formando cairns).

Se nos Perdigões estas estruturas tiveram um tempo de vida limitado, estando documentada uma recorrência da actividade construtiva, em Santa Vitória, a existirem, os seus ciclos de construção, utilização, desmonte poderiam ter tido uma maior periodicidade.

#### 11.4.5 – PRÁTICAS FUNERÁRIAS E MANIPULAÇÃO DE RESTOS HUMANOS

Esta é outra variável onde o contraste é total. Aos vários sepulcros já identificados e escavados nos Perdigões, e que no conjunto registam um número mínimo de indivíduos superior a cinco centenas, e às inúmeras evidências de manipulação não funerária de restos humanos neste grande recinto (Valera *et al.*, 2014b; Evangelista, Valera, 2019; Valera, 2020), Santa Vitória contrapõe a total ausência de registos de restos humanos (relembremos que não tivemos acesso aos restos osteológicos recuperados nas escavações dos anos 80/90 e que na documentação consultada não há qualquer informação relativamente à presença de restos humanos em Santa Vitória). Esta circunstância marca uma profunda diferença significativa nos estatutos de ambos os sítios, tanto mais que os contextos funerários dos Perdigões têm vindo a evidenciar um número significativo de restos humanos de indivíduos não locais (Valera *et al.*, 2020b).

Esta parece ser uma generalizada diferença entre os grandes recintos de fossos peninsulares (para além dos Perdigões temos Porto Torrão, Monte das Cabeceiras 2, Alcalar, Valencina de la Concepción, Pijotilla, San Blás, Los Marroquiés Bajos, Camino de las Yeseras) e os recintos mais pequenos. Trata-se, contudo, de um quadro que tem de levar em consideração que os recintos mais pequenos, nomeadamente portugueses, ou nunca foram escavados, ou foram sondados em áreas muito restritas, e que, pontualmente, ossos humanos têm sido registados em fossos de recintos de pequena/média dimensão, como por exemplo em Montoito (Mataloto *et al.*, 2023). Apesar desta necessária ponderação, a imagem que os dados actualmente disponíveis traçam é a de uma aparente pouca relevância das práticas funerárias e de manipulação de restos humanos nos recintos mais pequenos, com as inerentes diferenças de estatuto e agência que a presença/ausência desses contextos conferiria a estes sítios.

#### 11.4.6 – OUTRAS PRÁTICAS SOCIAIS

Existem, porém, um conjunto de outras práticas em que Santa Vitória e os Perdigões se aproximam, para além do já referido eventual desmonte de estruturas. Trata-se práticas de deposição estruturada e espacialmente segmentada em fossos, frequentemente associada à realização de “recuttings” nos sedimentos de enchimentos prévios. A mais comum é a deposição de fragmentos cerâmicos em níveis horizontalizados ao centro dos fossos, acompanhados por fragmentos de fauna e/ou pequenas pedras, mas nos relatórios das escavações antigas fala-se, inclusivamente, da deposição de vasos completos ou quase completos. Também ocorrem contextos de deposição de elementos mais relacionados com o sagrado, como acontece com os ídolos de cornos e falanges de equídeo na extremidade Norte do Fosso 1, ou com a deposição de hastes de cervídeo identificadas igualmente nas escavações da década de oitenta do século passado, situações com contextos paralelizáveis nos Perdigões desde o final do Neolítico.

O preenchimento de “recuttings” com pedras, resultantes ou não de desmonte de estruturas prévias, é outra das práticas que encontramos nestes dois recintos e que se encontram replicadas noutros, como Bela Vista 5 ou Alto do Outeiro, e que é particularmente intensa ao longo do preenchimento do Fosso 2 de Santa Vitória.

Por outro lado, nos Perdigões existem na sua área central várias evidências de práticas de *feasting*, com o consumo de grande quantidade de animais de várias espécies (Basílio, Cabaço, 2019; Almeida, Valera, 2022), situação que não encontra semelhança em Santa Vitória face ao reduzido conjunto faunístico recuperado no âmbito do projecto SANVIT (ver capítulo 9). Contudo, segundo informação pessoal de Miguel Lago, nas escavações antigas terá sido recolhida uma grande quantidade de fauna, a qual não se encontra publicada, o que contraria a situação documentada no projecto que agora se concluiu. Assim, teremos de considerar a possibilidade de o estudo completo da fauna recuperada em Santa Vitória e das suas circunstâncias contextuais poder vir a alterar a percepção sobre o consumo de animais e sobre o seu significado social.

#### 11.4.7 – CULTURA MATERIAL E ACTIVIDADES

Ao nível da cultura material, e centrando-nos numa comparação com os Perdigões de meados / segunda metade do 3º milénio a.C., os contrastes mais relevantes e com significado relacionam-se com a componente iconográfica, com a tecelagem, com adorno pessoal, com a metalurgia e com a cerâmica campaniforme, embora as pontas de seta, as lâminas ou segmentos de lâmina, a pedra polida, a indústria em osso e os elementos de moagem estejam igualmente muito mal representadas em Santa Vitória.

A diferença registada com os materiais mais relacionados com o sagrado e com o adorno não poderá deixar de ser relacionada com a questão funerária, já que, nos Perdigões, é nos contextos funerários que a maioria destes objectos ocorrem, nomeadamente no período aqui considerado. Esta circunstância deve matizar a relativamente baixa representatividade destes materiais em Santa Vitória, nomeadamente dos relacionados com o sagrado (já que o adorno é vestigial), os quais se resumem aos dois ídolos de cornos, às falanges de cervídeo, um seixo em forma de bucrânio e ao fragmento de placa de xisto (a que se somam os ídolos de calcário/mármore publicados em foto no guia publicado pelo IPPAR – Dias- 2001). Na realidade, se exceptuarmos os contextos funerários, as diferenças relativamente aos Perdigões podem ser explicadas pelas diferenças de tamanho e densidade de ocupação, e não por distinções de outra ordem.

Já no que respeita às outras três categorias de artefactos, a diferença é significativa a outros níveis. Os elementos de tear na fase calcolítica dos Perdigões, só na área central, contam-se na casa dos milhares, quando em Santa Vitória são residuais. Esta era uma actividade relevante nos Perdigões e muito pontual em Santa Vitória. Já no que respeita à metalurgia e à presença campaniforme, que nos Perdigões é muito importante (sobretudo na sua área central, onde os registos de metais e actividade metalurgia ultrapassam as cinco centenas e as deposições de recipientes e fragmentos campaniformes está próxima da centena), a sua total ausência em Santa Vitória é, como já foi sublinhado, particularmente significativa, nomeadamente face à presença de campaniforme e de vestígios de metalurgia no vizinho recinto do Monte da Contenda (Valera *et al.*, 2022).

Em suma, Santa Vitória parece apresentar uma menor diversidade artefactual e representatividades vestigiais em algumas categorias, o que revela que muitas das actividades em que estes objectos eram utilizados ou não ocorriam, ou tinha uma expressão residual no recinto, ao contrário do que aconteceria pela mesma altura nos Perdigões ou até no vizinho Monte da Contenda. Por outro lado, revela uma deliberada exclusão de dois elementos centrais da segunda metade do 3º milénio a. C.: o campaniforme, os metais e a metalurgia. Estas circunstâncias parecem apontar para um desempenho social mais específico e direccionado.

#### 11.4.8 – MOBILIDADE E INTERACÇÃO DE MÉDIA E LARGA ESCALA

No que respeita a questões de mobilidade de humanos e animais, a comparação está ainda inviabilizada. Primeiro, pela ausência de restos humanos em Santa Vitória, e em segundo, pelo reduzido número de animais analisados e falta de uma amostragem generalizada da diversidade geológica envolvente para o adequado estabelecimento do espectro isotópico local. Nesse sentido, a avaliação da interacção de média e larga escala centrou-se nas inferências realizadas a partir da cultura material em ambos os sítios.

Nos Perdigões, as evidências de interacção de larga escala são múltiplas, mas têm um comportamento diacrónico flutuante. Muito ténues na fase inicial (final do Neolítico Médio), começam a desenvolver-se no Neolítico Final (Valera, 2018). Porém, é durante o Calcolítico (2990-2200 a.C.) que assistimos à sua crescente intensificação e diversificação (Valera, 2017), para se notar uma significativa redução nos dois últimos séculos do 3º milénio a.C.. Durante a fase de apogeu, em torno a meados este milénio, chegam aos Perdigões, sob a forma de objectos acabados ou de matéria-prima, o marfim norte africano, o âmbar siciliano, o cinábrio da Meseta Sul (Almaden), o sílex oolítico andaluz, a variscite da Serra Morena, o mármore do norte do Alentejo Central, o calcário estremenho, as conchas e moluscos litorais e toda uma série de elementos estilísticos, nas cerâmicas e noutros objectos, que remetem para regiões litorais (Estremadura) ou do interior peninsular. Tal é particularmente evidente durante o período coberto pela cronologia disponível para Santa Vitória, revelando que, nesse momento, o grande recinto de fossos era um nó chave na rede de interacção de larga escala que operava no Sudoeste peninsular, enquanto o pequeno recinto de Campo Maior, estando espacialmente no seio dessa rede, parece dela afastado. De facto, como anteriormente referido, Santa Vitória pauta-se por uma significativa ausência de materiais e matérias-primas claramente exógenas e, do ponto de vista técnico e estilístico, apenas a presença da decoração com pastilhas repuxadas sugere algum contacto, mas de curta distância, dada a sua presença com alguma expressão na vizinha Extremadura, o mesmo acontecendo relativamente a alguns ídolos em mármore referidos no guia publicado pelo IPPAR (Dias, 2001).

Em suma, ao nível da interacção de larga escala, Santa Vitória e Perdigões apresentam situações muito díspares, concretamente no período em que foram contemporâneos. Revelam, uma vez mais, papéis diferentes. A integração activa dos Perdigões nestas redes, não só lhe confere um protagonismo e uma agência de maior expressão territorial (e que também se traduz na sua capacidade de agregação revelada pela alta percentagem de indivíduos não locais presentes – Valera *at al.*, 2020), como lhe impõe reflexivamente os efeitos de dinâmica e complexificação decorrentes dessa mesma participação (Valera, 2021). Os papéis sociais que Santa Vitória assumiu parecem não passar por essa rede. Não que o território local não estivesse nela integrado, como bem evidencia o vizinho Monte da Contenda, mas talvez porque, no seu localismo, algumas das suas razões de ser fossem precisamente o de resistir a certas influências e tendências sociais (como a já referida ausência de campaniforme) e excluir práticas (como a metalúrgica ou as funerárias) que mais facilmente as poderiam expressar. Para entender os papéis sociais que Santa Vitória assumiu, o que não está presente parece ser tão ou mais importante que o que lá ocorreu, na expressão de uma eventual manifestação consciente de resistência e de mecanismo de prevenção do incremento de desigualdades sociais (Scott, 2009; Rich, 2018). Uma linha interpretativa a exigir um desenvolvimento teórico que está já para além do carácter mais monográfico deste texto.

#### 11.4.9 – A CAPELA E A CATEDRAL: APENAS UMA QUESTÃO DE ESCALA?

Chegado a este ponto, podemos concluir que as diferenças entre Santa Vitória e os Perdigões, em parte, decorrem de uma questão de escala, mas que traduzem igualmente diferenças de

desempenho social. Não é difícil encontrar paralelismos que nos indicam que se tratam de contextos inseridos numa mesma visão do mundo, que materializam nas arquitecturas através de formas que nos começam a ser familiares (circularidade, concentricidade, orientações solsticiais, construções segmentadas) ou através de determinadas práticas deposicionais. Mas o recinto Santa Vitória não pode ser visto apenas como uma expressão de um Perdigões mais pequeno, que não teve a oportunidade conjuntural de crescer, ganhar escala e tornar-se num grande centro agregador, onde uma dimensão mais holística do mundo Neolítico se expressa. O seu momento de aparecimento, o desenho arquitectónico que exhibe (e que partilha com outros recintos que surgem na mesma altura), as actividades e materialidades que abarcou e as que rejeitou, concorrem para construir um quadro específico de desempenho social. Espaço cerimonial, eventualmente com construções habitacionais temporárias no exterior e que seriam periodicamente desmanteladas e amortizadas nos inúmeros “recuttings” identificados nos fossos, terá servido propósitos mais particulares e exclusivos, eventualmente evocativos de uma cosmogonia e organização social em desestruturação. E também por isto, dificilmente pode ser visto como um simples satélite do vizinho Monte da Contenda. Talvez antes como um monumento que o confronta.

No grande complexo de recintos praticamente todas as dimensões do social se expressam. Como centros de agregação, materializam as formas e movimentos da organização social e económica, estão inseridos nas grandes redes de interacção transregional e até extra peninsular, exprimem as tendências demográficas, acolhem as mais variadas formas de expressão ideológica e cosmológica, concentram grandes investimentos em trabalho e em exibição e negociação de poder e identidades. O seu desempenho social é, digamos, global. Santa Vitória é, parece-nos, deliberadamente mais orientado para uma dimensão comunicacional, no sentido de ser um palco onde o desenho da arquitectura, as formas como esta é usada, as actividades que acolhe e aquilo que exclui se conjugam num discurso evocador de tradição, que parece confrontar tendências do seu momento histórico, nomeadamente uma afirmação de desigualdades sociais, sustentadas num crescente consumo de bens exóticos e de prestígio.

Este efeito de confronto com a tendências dos tempos também o podemos encontrar, contudo, nos Perdigões, nomeadamente nas práticas funerárias colectivistas que diluem toda a individualidade em conjuntos de ossos agrupados em sepulcros. Se grande quantidade de materiais exóticos, obtidos através da participação em redes de interacção de larga escala, são amortizados nos contextos funerários dos Perdigões, são-no de forma a apenas sublinhar diferenças identitárias grupais em sepulcros e não a sublinhar a individualidade e estatuto de alguém, precisamente num tempo (meados / terceiro quartel do 3º milénio a.C.) em que o enterramento individual está a ressurgir como forma de diferenciação (Valera, 2021).

Num período de acelerada mudança, estas são discordâncias que podemos interpretar como sinais de resistência, mas que no caso de Santa Vitória, e possivelmente nos restantes recintos tardios do mesmo padrão arquitectónico, poderão constituir-se como uma das suas principais razões de ser.

Tal como a capela e a catedral partilham de uma mesma concepção do mundo e se enquadram numa mesma lógica de larga escala, também o grande complexo de recintos e o pequeno recinto padronizado partilham referências, práticas e uma trajectória histórica em que actuam e onde ganham sentido. Mas, também como acontece com a capela e a catedral, o seu desempenho social é diferente na abrangência, no impacto sistémico, na função. O que nos remete para o carácter operativo da categoria de recintos de fossos: Esta, se continua praticável a uma determinada escala ampla, essencialmente relativa a um tipo de arquitectura de clausura que vai evidenciando um conjunto de prescrições que traduzem uma forte fundamentação cosmológica e ideológica, começa, simultaneamente, a revelar dificuldades no que respeita ao seu potencial heurístico na abordagem ao desempenho social destes recintos ao longo do cerca de milénio e meio em que são construídos, vividos e abandonados. Há um desconforto que se começa a instalar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### **ALBERGARIA, DIAS, 2000**

Albergaria, J.; Dias, A.C. (2000) – *Antas de Elvas*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa. Lisboa. IPPAR.

### **ALMEIDA, VALERA, 2022**

Almeida, N.; Valera, A. (2022). Faunal Remains Associated with Human Cremations: The Chalcolithic Pits 16 and 40 from the Perdigões Ditched Enclosures (Reguengos de Monsaraz, Portugal). *Open Archaeology*. 8: 765–786.

### **BASÍLIO et al., 2021**

Basílio, A.C.; Almeida, N.; Valera, A.C. (2021) - O recinto de fossos de Santa Vitória (Campo Maior): trabalhos de 2019 e 2020 (projecto SANVIT). *Apontamentos de Arqueologia e Património*.15: 9-27.

### **BASÍLIO, CABAÇO, 2019**

Basílio, A.C.; Cabaço, N. (2019) - An end that perpetuates: a cairn from the end of the 3rd millennium BC at Perdigões. A.C. Valera (ed.) *Fragmentation and Depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisbon. NIA-ERA: 105-123.

### **BLACO-GONZÁLEZ et al., 2018**

Blanco-González, B.; Lillios, K.; López-Sáez, J.A.; Drake, B.L. (2018) – Cultural, Demographic and Environmental Dynamics of the Copper and Early Bronze Age in Iberia (3300–1500 BC): Towards an Interregional Multiproxy Comparison at the Time of the 4.2 ky BP Event. *J World Prehist.* 10.1007/s10963-018-9113-3.

### **DIAS, 1983**

Dias, A.C. (1983) – *Povoado do Cabeço do Cubo – Campo Maior. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1983*. Policopiado.

### **DIAS, 1984**

Dias, A.C. (1984) – *Povoado do Cabeço do Cubo – Campo Maior. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1984*. Policopiado.

### **DIAS, 1985**

Dias, A.C. (1985) – *Povoado do Cabeço do Cubo – Campo Maior. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1985*. Policopiado.

### **DIAS, 1987**

Dias, A.C. (1987) – *Povoado de Stª Vitória – Campo Maior. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1986*. Policopiado.

### **DIAS, 1988**

Dias, A.C. (1988) – *Povoado de Stª Vitória – Campo Maior. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos de 1987*. Policopiado.

### **DIAS, 1996**

Dias, A.C. (1996) – *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado de Santa Vitória*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Porto. Policopiado.

### **DIAS, 2001**

Dias, A.C. (2021) – *O povoado pré-histórico de Santa Vitória, Campo Maior*. Guia desdobrável. Lisboa. IPPAR.

### **DIAS, SILVA, 1989a**

Dias A.C.; Silva; M.L. (1989a) – *Povoado Calcolítico de Stª Vitória – Campo Maior. Relatório da Escavação*. Policopiado.

### **DIAS, SILVA, 1989b**

Dias A.C.; Silva; M.L. (1989b) – *Povoado Calcolítico de Stª Vitória – Campo Maior. Campanha de 1989*. Policopiado.

### **DIAS, SILVA, 1990**

Dias, A.C.; Lago, M.L. (1990) – *Relatório das Escavações. Stª Vitória. Campo Maior*. Policopiado.

**EVANGELISTA, VALERA, 2019**

Evangelista, L.S.; Valera, A.C. (2019) – Segmenting and depositing: the manipulation of the human body in ditched enclosures seen from Perdigões. In: A.C. Valera (Ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-Historic Portugal*. Lisboa. NIA-Era Arqueologia: 47-69.

**GRILO, 2007**

Grilo, Carolina (2007) – O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja. *Vipasca*. II Série. 2: 95-106.

**HURTADO, 2008**

Hurtado, V. (2008) – Los recintos con fosos de la Cuenca Media del Guadiana. *ERA Arqueologia*, 8: 182-197.

**JORGE, 1994**

Jorge, S.O. (1994) – Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*. XI. IIª série. Porto: 447-546.

**JORGE, 1998**

Jorge, S.O. (1998) – Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): breve genealogia duma interpretação. *Estudos Pré-Históricos*. VI: 279-293.

**LAGO, ALBERGARIA, 2001**

Lago, M.; Albergaria, J. (2001) – O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano. *ERA Arqueologia*. 4: 38-63.

**OLIVEIRA, DIAS, 1982**

Oliveira, J.; DIAS, A.C. (1982) – Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo – Campo Maior. Notícia da sua identificação. *Clio*. Lisboa. 4: 137-142.

**MÁRQUEZ ROMERO, MATA VIVAR, 2016**

Márquez Romero, J.E.; Mata Vivar, E. (2016) – ¿Qué es esa cosa llamada recinto de fosos? Una revisión crítica a un concepto arqueológico en formación. *Anejos a CuPAUAM*. 2: 39-48.

**MATALOTO, COSTEIRA, 2008**

Mataloto, R.; Costeira, C. (2008) – O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(2): 5-27.

**MATALOTO et al., 2021**

Mataloto, R.; Bispo, G.; Morais, H. (2021) – Ring of fire: intervenções nos fossos de Montaoito. Comunicação apresentada ao colóquio Vila Nova de São Pedro – 1971-2021. Cinquenta anos de investigação sobre o Calcolítico, no Ocidente Peninsular. Lisboa. FLUL.

**MOLINA, 1980**

Molina, L. (1980) - El Poblado del Bronce I de El lobo (Badajoz). *Noticiero Arqueológico Hispánico*. Madrid. 9: 93-127.

**PAÇO, FERREIRA, VIANA, 1957**

PAÇO, A. do; FERREIRA, O. da Veiga; VIANA, A. (1957) - Antiguidades de Fontalva. Neo-Eneolítico e época romana. *Zephyrus*. Salamanca. 8: 111-133.

**RIBEIRO et al., 2019**

Ribeiro, A.; Rinne, C.; Valera, A.C. (2019) – Geomagnetic investigations at Monte da Contenda, Arronches, Portugal - Results from the 2018 campaign. *Journal of Neolithic Archaeology*, 6 December 2019: 61-73. doi 10.12766/jna.2019.3

**RICH, 2018**

Rich, R. (2018) – Affluente societies of later prehistory. *Surplus without the State. Political forms in Prehistory*. 10. Mitteldeutsches Archäologenta. Vom 19.bis 21. Tagungen des Landesmuseums für Vorgeschichte Halle: 45-65.

**SANTOS, 2005**

Santos, S.C. (2005) – *Sondagens arqueológicas no povoado de Santa Vitória (Campo Maior). Relatório Final*. Policopiado.

**SANTOS et al., 2009)**

Santos, F.J.; Soares, A.M.M.; Rodrigues, Z.; Queiroz, P.F.; Valério, P.; Araújo, M.F. (2009) - A Horta do Albardão 3: um sítio da Pré-História Recente com fosso e fossas, na Encosta do Albardão (São Manços, Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12(1): 53-71.

**SCOTT, 2009**

Scott, J.C. (2009) – *The art of not being governed. An anarchist history of Upland Southwest Asia*. New Haven.

**VALERA, 2012**

Valera, A.C. (2012) – Fossos sinuosos na Pré-História Recente do Sul de Portugal: ensaio de análise crítica. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Município de Almodôvar: 25-38.

**VALERA, 2013**

Valera, A.C. (2013) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português. *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. AAP: 335-343.

**VALERA, 2014**

Valera, A.C. Coord. (2014) – *Bela Vista 5. Um recinto do Final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Era Monográfica 2. Lisboa. NIA-Era.

**VALERA, 2017**

Valera, A.C. (2017) – The ‘Exogenous’ at Perdigões Approaching Interaction in the Late 4th and 3rd Millennium BC in Southwest Iberia. In: M. Bartlheim; P. Bueno Ramírez; M. Kunst, *Key resources and sociocultural developments in the Iberian Chalcolithic*, RessourcenKulturen 6 (Tübingen Library Publishing) Tübingen: 201-224.

**VALERA, 2018**

Valera, A.C. ed. (2018) – *Os Perdigões Neolíticos. Génesis e desenvolvimento (de meados do 4º aos inícios do 3º milénio ac)*. Perdigões Monográfica, 1, Lisboa, NIA-ERA.

**VALERA, 2020**

Valera, A.C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the strange ditched enclosures of Chalcolithic South Portugal. in: A.B. Gebauer; L. Sørensen; A. Teather; A.C. Valera (eds.), *Monumentalising life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxford. Oxbow: 239-250.

**VALERA, 2021**

Valera, A.C. (2021) – Diversidade, circulação e desempenho social dos símbolos: as produções iconográficas neolíticas e calcolíticas nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz), In: Primitiva Bueno Ramírez, Jorge Soler (Coords.), *Ídolos. Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Lisboa. Imprensa Nacional: 201-211.

**VALERA, 2023**

Valera, A.C. (2023) – Ditched and walled enclosures of Late Prehistory in South Portugal: a brief comparative approach. In: M. Diniz; A. Martins; C. Neves; J. Arnaud, J. (Coords) - *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular - vol. 1*. Estudos & Memórias. 22. UNIARQ-FLUL: 287-301.

**VALERA, em preparação**

Valera, A.C. (em preparação) – Aspectos da interacção transregional no 3º milénio a.C.: nota a propósito da presença de pastilhas repuxadas nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz).

**VALERA, BECKER, 2011**

Valera, A.C.; Becker, H. (2011) – Cosmologia e recintos de fossos da Pré-História Recente: resultados da prospecção geofísica em Xanra (Cuba, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 7:23-32.

**VALERA, PEREIRO, 2020**

Valera, A.C.; Pereiro, T. do (2020) – O recinto de fossos pré-Histórico de Borralhos (Serpa): aproximação à sua arquitectura através da prospecção geofísica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 14: 17-28.

**VALERA, PEREIRO, 2022**

Valera, A.C.; Pereiro, T. do (2022) – Rouca 7 (Cano, Sousel): geofísica de um novo recinto de fossos pré-histórico. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 16: 15-20.

**VALERA et al., 2013**

Valera, A.C., Filipe, V. e Cabaço, N. (2013) – O recinto de fosso do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 9: 21-35.

**VALERA et al. 2014a**

Valera, A.C.; Becker, H.; Costa, C. (2014) – Os recintos de fossos Pré-Históricos de Monte da Contenda (Arronches) e Montoito 2 (Redondo). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21: 195-216.

**VALERA et al. 2014b**

Valera, A.C.; Silva, A.M.; Cunha, C.; Evangelista, L.S. (2014) – Funerary practices and body manipulations at Neolithic and Chalcolithic Perdigões ditched enclosures (South Portugal). In A.C.Valera (ed) *Recent Prehistoric Enclosures and Funerary Practices*. Oxford: BAR International Series 2676: 37-57.

**VALERA et al., 2019**

Valera, A.C.; Mataloto, R.; Basílio, A.C. (2019) – Beaker sites or sites with Beakers: the South Portugal perspective. In: A. Gibson (Ed.), *Bell Beaker settlement of Europe. The Bell Beaker phenomenon from a domestic perspective*. The Prehistoric Society. Oxford. Oxbow: 1-23.

**VALERA et al., 2020a**

Valera, A.C.; Pereiro, T.; Valério, P.; Soares, A.M. (2020) - O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos. *Arqueologia em Portugal / 2020 - Estado da Questão. Actas do 3º Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa. AAP: 29-42.

**VALERA et al., 2020b**

Valera, A. ; Žalaitė, I. ; Maurer, A.F.; Grimes, V.; Silva, A.M.; Ribeiro, S.; Santos, J.F.; Barrocas Dias, C. (2020) - Addressing human mobility in Iberian large prehistoric ditched enclosures: the case of Perdigões (South Portugal). *Journal of Archaeological Sciences Reports*. 30: 102264. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102264>

**VALERA et al., 2022**

Valera, A.C.; Basílio, A.C.; Gorga, A.; Almeida, N.; Ferraz, J. (2022) – O grande complexo de recintos de fossos pré-histórico do Monte da Contenda (Arronches): abordagem a partir de distribuições de superfície. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 16: 21-31.

**VILLALOBOS GARCÍA, 2016**

Villalobos García, R. (2016) – Una aproximación cuantitativa al trabajo destinado a la arquitectura monumental en la Prehistoria Reciente da la Meseta Norte Española. *SPAL*. 25: 43-66.



**NIA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

ISBN: 978-989-35314